

Ministério da Saúde

**FIOCRUZ**

**Fundação Oswaldo Cruz**



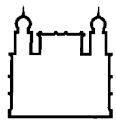
Instituto de Comunicação e Informação  
Científica e Tecnológica em Saúde

MARIANA SIMÕES BARROS

**O CAPITAL SOCIAL DA REDE BRASILEIRA DE  
BANCOS DE LEITE HUMANO SOB A  
PERSPECTIVA INFORMACIONAL**

Rio de Janeiro

2015



Ministério da Saúde

**FIOCRUZ**

**Fundação Oswaldo Cruz**



Instituto de Comunicação e Informação  
Científica e Tecnológica em Saúde

MARIANA SIMÕES BARROS

# **O CAPITAL SOCIAL DA REDE BRASILEIRA DE BANCOS DE LEITE HUMANO SOB A PERSPECTIVA INFORMACIONAL**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Informação e Comunicação em Saúde (ICICT) para obtenção do grau de Doutor em Ciências.

Orientador: Prof. Dr. João Aprígio Guerra de Almeida

Rio de Janeiro

2015

Ficha catalográfica elaborada pela  
Biblioteca de Ciências Biomédicas/ ICICT / FIOCRUZ – RJ

B277 Barros, Mariana Simões  
O capital social da Rede Brasileira de Bancos de Leite Humano sob a perspectiva informacional / Mariana Simões Barros. – Rio de Janeiro, 2015.  
xiv, 262 f. : il. ; 30 cm.  
Tese (Doutorado) – Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde, Pós-Graduação em Informação e Comunicação em Saúde, 2015.

Bibliografia: f. 146-161  
1. Bancos de leite. 2. Informação. 3. Leite humano. 4. Capital social. 5. Confiança. I. Título.

CDD 649.33

MARIANA SIMÕES BARROS

**O CAPITAL SOCIAL DA REDE BRASILEIRA DE BANCOS DE LEITE  
HUMANO SOB A PERSPECTIVA INFORMACIONAL**

Aprovado em 03 de junho de 2015.

Banca Examinadora:

---

Prof. Dr. João Aprigio Guerra de Almeida

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Angélica Baptista Silva

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Lecy Consuelo Rocha Neves

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Paula Xavier do Santos

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Adriana Kelly Santos

## **DEDICATÓRIA**

Às minhas filhas Yasmin e Giovanna, por estarmos completamente unidas neste projeto, por me darem sentido à vida e terem desenvolvido em mim um amor sem igual.

## AGRADECIMENTOS

- Ao Dr **João Aprígio Guerra de Almeida**, por ter me orientado com tanta dedicação;
- Aos Coordenadores de **Centros de Referência Estaduais de Bancos de Leite Humano** e demais membros da **Comissão Nacional**; por terem participado da pesquisa;
- Aos amigos do **Banco de Leite Humano do Instituto Nacional de Saúde da Mulher, da Criança e do Adolescente Fernandes Figueira** pela parceria, acolhimento e amizade;
- Ao chefe e amigo **Gilberto Vasquez** (*in memoriam*), que acreditou nas minhas ideias e me incentivou a prosseguir;
- À **Valéria Hartt**, jornalista maravilhosa, competente e amiga pra toda hora;
- Aos grandes amigos **Marcelo Vieira** e **Marcus Vinícius Silva**, grandes presentes deste doutorado, amigos de muitos futuros projetos;
- Aos demais amigos avassaladores do PPGICS e do IFF, pelo apoio;
- À **Lecy Consuelo Rocha Neves**, diamante recebido de herança;
- À minha mãe, **Martha Simões Cameron**, e minhas lindas irmãs **Renata Simões Barros** e **Luciana Simões Gripp Barros** pelas palavras de motivação;
- Aos meus avós **Aristheia** e **Eli Simões**, **minhas tias, tios, primos, primas, sogros e cunhados**, ao meu pai **Dalmo Gripp Barros**, que oraram muito por mim e pela conclusão deste trabalho.
- À **Cátia Nunes**, amiga dada por Deus;
- À **Renata Schneider Viaro**, mais uma vez, por todo apoio, incentivo e amizade verdadeira e para toda a vida;
- À **Shaiane** pelo apoio;
- Ao meu marido **Sérgio Ovídio W. Goulart**, pela paciência e suporte em momentos de crises e por tornar essa tese um projeto familiar;

– À minha filha **Yasmin S. B. W. Goulart**, por ter cedido o tempo que era dela, para que eu escrevesse esse trabalho, por sermos tão unidas e por ser uma filha tão maravilhosa que eu amo tanto;

– À minha filha **Giovanna S. B. W. Goulart** por ser minha companheira neste doutorado e para toda vida. Peço desculpas por estar escrevendo o projeto que nos levou a entrar nesta empreitada familiar, mesmo no hospital, você tendo horas de vida. Prometo que vocês (Yasmin e Giovanna) conhecerão uma mãe integral que as ama incondicionalmente.

## RESUMO

A Rede Brasileira de Bancos de Leite Humano (rBLH-BR) é a maior e mais bem estruturada rede de bancos de leite do mundo. Este estudo teve como objetivo conhecer o lugar da informação na rBLH-BR através das três dimensões do seu capital social: estrutural, relacional e cognitivo. Para tanto, foram realizadas entrevistas com todos os coordenadores de Centros de Referência Estaduais de Bancos de Leite Humano (CREs) e membros da Comissão Nacional em Bancos de Leite Humano (CN). Os dados foram organizados a partir de duas metodologias complementares: Análise de Redes Sociais e Análise de Conteúdo. Ao revelar o fluxo de informação, percebe-se que a rBLH-BR se encontra altamente interconectada. O Centro de Referência Nacional e alguns membros da CN possuem interlocução com os CREs de todas as regiões do país. Identifica-se a presença de vínculos de associação entre todos os atores da rBLH-BR, os quais possuem seu alicerce na confiança depositada na rede. Esta confiança foi explicitada através do sentimento de pertencimento, ajuda mútua, liberdade para se expressar e união. Além disso, foi verificada a presença de uma linguagem comum, concebida através da padronização e do acesso à informação. O intenso compartilhamento de informações entre os atores da rBLH-BR foi evidenciado pela coesão mapeada através do fluxo de informação na dimensão estrutural, confirmado pela presença de vínculo de associação, e revalidado pela presença de uma linguagem comum existente na rede.

Palavras Chave: 1. Bancos de leite. 2. Informação. 3. Leite humano. 4. Capital social. 5. Confiança



## **ABSTRACT**

The Brazilian Human Milk Banks Network (rBLH-BR) is the biggest and most well-structured network of milk banks in the world. This study is aimed to understand the place of information in rBLH-BR through the three dimensions of their social capital : structural, relational and cognitive. Therefore, we conducted interviews with all the coordinators of the State Reference Centers in Human Milk Banks (CRE) and members of the National Commission on Human Milk Banks (CN). Data was organized from two complementary methodologies: Social Network Analysis and Content Analysis. By analyzing the information flow, it is verified that rBLH-BR is highly interconnected. The National Reference Center and some members of CN have had relationships with the CRE in all regions of the country. Throughout this study, the ties inside of rBLH-BR were identified. These ties among actors base their foundation on the trust in the network. This trust was explained by the feeling of ownership, mutual aid, freedom for expression, and unity among the actors. Furthermore, it was noted the presence of a common language which was enabled by standardization and access to the information. The incessant distribution of information on the structural dimension among the actors of rBLH - BR enhanced their unity. This was confirmed by the presence of association relationship, and revalidated by the presence of an existing common language on the network.

Keywords: 1. Milk Banks. 2. Information. 3. Milk, Human. 4. Social Capital. 5. Trust

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Página

Figura 1- Distribuição de Bancos de Leite Humano no Brasil em 2014 .....	40
Figura 2 –Rede de contatos da rBLH-BR .....	70
Figura 3- Rede de Contatos da Região Centro-oeste .....	76
Figura 4- Rede de Contatos da Região Nordeste .....	82
Figura 5- Rede de Contatos da Região Sul .....	87
Figura 6- Rede de Contatos da Região Norte .....	90
Figura 7- Rede de Contatos da Região Sudeste .....	94
Figura 8- Rede de atores mais atuantes e expressivos da rBLH-BR .....	97
Figura 9 – Demarcadores da trajetória da informação na rBLH-BR .....	123
Quadro 1- Níveis de profundidade de vínculos para a construção de redes segundo Rovere .....	56
Quadro 2-Codificação utilizada para representar os atores nos diagramas da rBLH-BR	63
Quadro 3- Centralidade de Informação da Rede de Contatos da rBLH-BR .....	72
Quadro 4- Centralidade de Grau de Entrada da Rede de Contatos da rBLH-BR .....	73
Quadro 5- Centralidade de Intermediação da Rede de Contatos da rBLH-BR .....	74
Quadro 6 Centralidade de Grau de Entrada dos Contatos da Região Centro Oeste .....	79
Quadro 7- Centralidade de Informação dos Contatos da Região Centro Oeste .....	79
Quadro 8-Centralidade de Grau de Entrada da Rede de Contatos da Região Nordeste	84
Quadro 9- Centralidade de Informação de Contatos da Região Nordeste .....	84
Quadro 10-Centralidade de Grau de Entrada da Rede de Contatos da Região Sul .....	88
Quadro 11- Centralidade de Informação da Rede de Contatos da Região Sul .....	88
Quadro12- Centralidade de Grau de Entrada da Rede de Contatos da Região Norte ....	91
Quadro 13- Centralidade de Informação da Rede de Contatos da Região Norte .....	91

Quadro 14- Centralidade de Grau da Rede de Contatos da Região Sudeste .....	95
Quadro 15- Centralidade de Informação da Rede de Contatos da Região Sudeste .....	95
Quadro 16- Centralidade de Grau de Entrada da Rede de Atores mais Atuentes e Expressivos da rBLH-BR .....	98
Quadro 17- Instrumentos da rBLH-BR com potencial de contribuir para a presença de uma linguagem comum na rBLH-BR .....	141
Gráfico 1- Gráfico dos instrumentos de informação citados pelos entrevistados como fonte de acesso à informação .....	113

## LISTA DE ANEXOS E APÊNDICES

Página

APENDICE A- ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMI –ESTRUTURADA....	157
APENDICE B- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	159
ANEXO A- Formulário de aprovação e acompanhamento do curso de Atualização em Processamento e Controle de Qualidade do Leite Humano I: Fundamentos Teóricos (BLH 101) .....	160
ANEXO B - Formulário de aprovação e acompanhamento do curso de Atualização em Processamento e Controle de Qualidade do Leite Humano II- Aspectos Práticos (BLH 102) .....	169
ANEXO C- Formulário de aprovação e acompanhamento do curso de Atualização em Gestão e Informação em Banco de Leite Humano I - Fundamentos e Práticas (BLH 103) .....	176
ANEXO D- Formulário de aprovação e acompanhamento do curso de Atualização em Gestão e informação em Banco de Leite Humano II: ferramentas de gestão para certificação (BLH 104).....	187
ANEXO E- Formulário de aprovação e acompanhamento do curso de Atualização “O modelo brasileiro de BLH: organização e ações práticas (BLH106)” .....	194
ANEXO F- Formulário de aprovação e acompanhamento do curso de Atualização em Amamentação: A relação entre o biológico e o social na perspectiva da comunicação (BLH 202) .....	198
ANEXO G- Formulário de aprovação e acompanhamento do curso de Atualização em Aconselhamento e Atenção em Aleitamento Materno em Bancos de Leite Humano .....	204

ANEXO H- Relatório do Curso de atualização em Processamento e Controle de Qualidade do Leite Humano: teoria e prática em diálogo (modalidade a distância).....	209
ANEXO I- Manual para usuários do Sistema de Produção da RedeBLH.....	226
ANEXO J – Edital de Convocação do Credenciamento de Bancos de Leite Humano-2015 .....	256

## LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ARS- Análise de Redes Sociais

BLH- Banco de Leite Humano

BLHWEB- Sistema de Gerenciamento de Bancos de Leite Humano

BVS AM – Biblioteca Virtual em Saúde sobre Aleitamento Materno

CN- Comissão Nacional

CRE- Centro de Referencia Estadual

CRN- Centro de Referencia Nacional

FIOCRUZ- Fundação Oswaldo Cruz

IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IberBLH- Programa Ibero Americano de Bancos de Leite Humano

ICICT- Instituto de Comunicação e Informação Científica em Saúde

IFF- Instituto Nacional de Saúde da Mulher, da Criança e do Adolescente

Fernandes Figueira

LH- Leite Humano

OMS- Organização Mundial da Saúde

PCLH- Posto de Coleta de Leite Humano

rBLH-BR- Rede Brasileira de Bancos de Leite Humano

rBLH- Rede de Bancos de Leite Humano

SIG- *Special Interest Group*

## SUMÁRIO

	Página
<b>APRESENTAÇÃO</b> .....	17
<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	20
<b>2. OBJETIVOS</b> .....	23
<b>3 QUADRO TEÓRICO E CONCEITUAL</b> .....	24
3.1. INFORMAÇÃO .....	24
3.2. REDES .....	28
3.3. A REDE DE BANCOS DE LEITE HUMANO .....	34
3.4-CAPITAL SOCIAL .....	41
<b>3.4.1 Conceitos de capital social</b> .....	41
<b>3.4.2 Mensuração do capital social</b> .....	45
<b>3.4.3 Classificações e dimensões do capital social</b> .....	47
3.4.3.1 Modelo de Nahapiet e Ghoshal (1998).....	50
3.4.3.1.1 <i>Dimensão estrutural</i> .....	50
3.4.3.1.2 <i>Dimensão Relacional</i> .....	53
3.4.3.1.3 <i>Dimensão Cognitiva</i> .....	56
<b>4. METODOLOGIA</b> .....	58
<b>5 RESULTADOS E DISCUSSÃO</b> .....	62
5.1. DIMENSÃO ESTRUTURAL .....	62
<b>5.1.1 Redes se contatos</b> .....	62
5.1.1.1 Rede de contatos da rBLH-BR .....	69

5.1. 1. 2 Rede de contatos da Região Centro-Oeste.....	75
5.1. 1. 3 Rede de contatos da Região Nordeste.....	79
5.1. 1. 4 Rede de contatos da Região Sul.....	85
5.1.1. 5 Rede de contatos da Região Norte.....	88
5.1. 1. 6 Rede de contatos da Região Sudeste.....	92
<b>5.1. 2 Atores mais atuantes e expressivos na rBLH-BR .....</b>	<b>95</b>
<b>5.1.3 Instrumentos de informação da rBLH-BR .....</b>	<b>100</b>
5.1.3.1 Instrumentos de informação da rBLH-BR disponíveis..	100
5.1.3.1.1 RDC 171 .....	100
5.1.3.1.2 Normas técnicas .....	101
5.1.3.1.3 Ensino .....	101
5.1.3.1. 4 Sistema de Monitoramento e Avaliação da <i>Produção</i> .....	103
5.1.3.1.5 Sistema de Gerenciamento de Bancos de Leite <i>Humano – BLHWEB</i> .....	104
5.1.3.1. 6 Biblioteca Virtual em Saúde sobre Aleitamento <i>Materno- BVS-AM</i> .....	105
5.1.3.1.7 Portais .....	106
5.1.3.1.8 SIG Tel@ rBLH .....	108
5.1.3.1.9 Divulgação semanal do Boletim eletrônico da <i>rBLH</i> .....	110
5.1.3.1.10 Encontro Anual dos Centros de Referência <i>Estaduais</i> .....	110
5.1.3.1.11 <i>Eventos científicos nacionais e internacionais</i> .....	111



5.1.3.1.12 Credenciamento .....	112
5.1.3.2 Perfil de utilização dos instrumentos de informação da rBLH-BR, segundo os entrevistados.....	113
5.2 DIMENSÃO RELACIONAL .....	118
<b>5.2.1 Trajetória da informação na rBLH-BR .....</b>	<b>119</b>
<b>5.2. 2 .Análise dos vínculos entre os atores da rBLH-BR .....</b>	<b>124</b>
5.3. DIMENSÃO COGNITIVA .....	131
<b>6- CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>143</b>
<b>7- REFERÊNCIAS .....</b>	<b>145</b>

## APRESENTAÇÃO

A Organização Mundial da Saúde (OMS, 2012), numa estimativa para o ano de 2010, aponta que 8,6% dos mais de 10 milhões de nascimentos na América Latina e Caribe foram de bebês prematuros. Esses números revelam o problema e expõem sua absoluta relevância no contexto sócio-econômico regional, onde o custo de atenção à saúde assume papel crítico e exige medidas estratégicas capazes de compatibilizar elevado nível técnico com baixo custo de atenção.

A prematuridade está associada a um maior risco de morbi-mortalidade neonatal (LIU et al, 2012), que pode ser enfrentado com práticas de aleitamento materno. O Leite Humano- LH é amplamente difundido como o melhor alimento para os recém nascidos, particularmente os prematuros (CALLEN; PINELLI, 2005; GIUGLIANI; LAMOUNIER, 2004).

Neste contexto, o Brasil tem trabalhado com uma estratégia reconhecida e premiada pela Organização Mundial de Saúde- OMS pela contribuição na redução da morbi-mortalidade infantil, que é a ação da Rede de Banco de Leite Humano- rBLH (MAIA et al, 2006). Este reconhecimento faz com que o Brasil seja sede de uma série de projetos de cooperação internacional, com vistas a transferir a tecnologia do modelo brasileiro de Bancos de Leite Humano- BLHs para a região das Américas, Europa e África (OPAS, 2010).

Estudos evidenciam que a Rede Brasileira de Bancos de Leite Humano- rBLH-BR tem como um de seus principais elementos estruturantes a translação do conhecimento (MAIA, 2004; RAUPP, 2011). Nesta perspectiva, há de se considerar a importância estratégica assumida pela informação. Almeida (1999) considera ser um grande desafio para os BLHs trabalhar com a difusão do conhecimento e os avanços das tecnologias. Dada a importância da informação na rBLH, sua sede é localizada no Instituto de Comunicação e Informação Científica em Saúde da Fundação Oswaldo Cruz- ICICT / Fiocruz.

Ao entender que a informação é o elemento fundante da rBLH em suas múltiplas formas de abordagem, este estudo se remete ao conceito de capital social como “o conjunto de recursos, reais ou potenciais, relacionados à participação em uma rede durável de relacionamento, mais ou menos institucionalizada, de interconhecimento e de reconhecimento” (BOURDIEU, 1980, p. 2), nas suas dimensões estrutural, relacional e cognitiva, o que inclui a compreensão dos fluxos de informação,

vínculos e sistemas de significações, para se conhecer o lugar da informação na rBLH-BR

Para conhecer o fluxo de informações, este estudo opta pela utilização da metodologia de Análise de Redes Sociais- ARS, que segundo Cross, Parker e Borgatti (2000) é uma ferramenta que permite mapear relações entre pessoas ou instituições, sendo especialmente útil para estudos baseados no compartilhamento da informação e do conhecimento.

Os vínculos entre os atores foram classificados segundo Rovere (2004), autor que argumenta que redes são a linguagem dos vínculos e que o conhecimento desses permite organizar, analisar e monitorar os graus de profundidade e consistência de uma rede. A presença de uma linguagem comum foi avaliada através de análise de conteúdo das entrevistas abertas realizadas com os coordenadores de Centros de Referência Estaduais e membros da Comissão Nacional. Assim, espera-se valorizar as diferentes vozes trazidas neste estudo para, a partir delas, conhecer o capital social da rBLH-BR

Este estudo apresenta-se dividido em cinco partes. A primeira está constituída por esta introdução, pela apresentação do tema e pela descrição da delimitação do objeto. Nesta etapa, questões gerais são apresentadas e o alcance da temática desenvolvido, com a proposta de possibilitar uma visão inicial do campo investigativo.

A segunda parte é a teórico-conceitual, que busca as lentes da Ciência da Informação e dos estudos sociais da ciência para conhecer o capital social da rBLH-BR. É essencialmente a perspectiva informacional que empresta seu olhar para conhecer o capital social da rBLH-BR. Autores como González de Gómez, 1999 guiam e ancoram a perspectiva teórica aqui adotada, abordando os aspectos conceituais da informação. O capítulo também discorre sobre redes, tendo ênfase nas redes de colaboração. E traz um breve histórico da construção da rBLH-BR, onde o conhecimento é reafirmado como 'conector da rede'. Nesta mesma parte do estudo estão alguns conceitos de Capital Social, suas divisões teóricas e modos de mensuração.

O capítulo 4 trata do percurso da pesquisa, apresentando a metodologia, onde são expostos o tipo do estudo, o referencial metodológico e os procedimentos adotados - desde os instrumentos de coleta, até o processamento de dados para a análise final.

Os resultados e discussão da pesquisa encontram-se no capítulo 5, organizados segundo as dimensões estrutural, relacional e cognitiva do capital social da rBLH-BR. Na dimensão estrutural, o presente estudo detalha o fluxo de informação e a morfologia da rBLH BR sob a ótica dos Centros de Referência Estaduais e da Comissão Nacional.

Na perspectiva relacional, há uma revisão exploratória e histórica dos marcos informacionais da rBLH-BR e a proposta de, a partir deles, demonstrar a importância da informação para a construção desta rede e os vínculos formados nesta construção. A análise da dimensão cognitiva apresenta o sistema de significações da rBLH-BR, associando os instrumentos que auxiliam a obtenção da linguagem comum entre os atores da rede.

E, finalmente o capítulo 6 reúne as considerações finais do estudo e reafirma a informação é reafirmada como elemento estruturante da rBLH-BR.

## 1- INTRODUÇÃO

Um dos mais graves problemas de saúde pública a ser enfrentando é a morbi-mortalidade infantil. Lawn, Cousens e Zupan (2005) estimam que quatro milhões de bebês no mundo morrem a cada ano nas primeiras quatro semanas de vida.

Segundo Jones *et al* (2003), o aleitamento materno é um componente primordial para as estratégias de diminuição da mortalidade neonatal.

No Brasil, o desmame precoce representava um dos sérios agravos de saúde pública no final da década de 70. Em documento oficial, relativo ao período em questão, o Ministério da Saúde revela que: a mortalidade infantil era de 88 por 1.000 no país [...] Diante destas constatações, a reversão do desmame precoce tornou-se uma das principais estratégias para redução dos índices de morbi-mortalidade infantil (ALMEIDA 1999 p. 42).

Além do reconhecimento internacional do leite humano como capaz de reduzir os índices de mortalidade infantil, ele também está associado à prevenção de doenças na fase adulta. A superioridade do aleitamento materno é unanimidade no meio científico (ALMEIDA; NOVAK, 2004). Por isso, os BLHs têm como objetivo a promoção, proteção e apoio ao aleitamento materno, além da coleta, processamento, controle de qualidade e distribuição do leite pasteurizado para bebês prematuros, de baixo peso ou hospitalizados em Unidades de Tratamento Intensivo Neonatal.

O BLH do Instituto Nacional de Saúde da Mulher, Criança e Adolescente Fernandes Figueira - IFF/ Fiocruz iniciou na década de 80 uma nova experiência com tecnologias moderadas, sobretudo quanto ao processamento e controle de qualidade do LH e a incorporação das práticas da amamentação. Esse modelo, que permite aliar baixo custo operacional ao rigor técnico, capaz de assegurar qualidade ao leite humano coletado, armazenado e distribuído, foi disseminado por todos os BLH no Brasil (ALMEIDA, 1999). A partir da pesquisa aplicada dos BLHs, grupos estão sendo informados sobre as funções terapêuticas do LH.

Com a necessidade de abertura de novos bancos de leite pelo país, surge a preocupação acerca do treinamento dos profissionais e de como difundir os novos conhecimentos gerados. Como consequência a informação e a comunicação se tornaram algo muito central e estratégico para o crescimento da rBLH (MAIA et al, 2006)

O desenvolvimento da rBLH se baseou em proposições políticas e técnicas, com o objetivo de garantir o estabelecimento da maior comunicação entre os BLHs, a partir da interlocução do Centro de Referência Nacional com os Centros de Referência

Estaduais, com as Comissões Estaduais em Banco de Leite Humano e com os respectivos BLHs das unidades federativas.

A importância da informação na rBLH é refletida a partir dos encontros dos coordenadores dos centros de referência e dos eventos científicos, tais como encontros, seminários e congressos nacionais e internacionais de BLHs. Com o advento da internet, foi criado o primeiro site da rede, com o intuito de ampliar as oportunidades de acesso ao conhecimento e a informação, em parceria com o Centro de Informação Científica e Tecnológica da Fiocruz -ICICT/ Fiocruz. (MAIA, 2004).

Como demonstrado no estudo de Raupp (2011), a rBLH utiliza o espaço acadêmico para a geração e divulgação de conhecimento.

“Portanto, constatamos que o conhecimento operado pela Rede BLH-BR caminha no sentido de alistar novos atores à rede, incluindo profissionais, saberes, política, usuários, doadoras de leite humano, entre outros, e da aliança entre academia e experiência, teoria e prática. Todos estes aspectos conferem à Rede BLH-BR, no que concerne ao seu modelo de atuação, uma posição diferenciada de outras experiências existentes no âmbito da política pública de saúde brasileira.

Diante disso, torna-se evidente que a Rede BLH-BR utiliza a informação e a tecnologia como recursos estratégicos, onde a produção do conhecimento passa a operar de forma articulada com as prioridades sociais.

Portanto, concluímos que a Rede BLH-BR trabalha o conhecimento na perspectiva do híbrido e adota a mistura em sua totalidade, com a preocupação de aliar o conhecimento acadêmico às necessidades provenientes da prática desenvolvida no cotidiano.

Além disso, utiliza o caráter formal e informal para a construção do conhecimento, uma vez que os trabalhos desenvolvidos no âmbito da Rede BLH-BR apresentam vários desenhos de estudo, tais como relatórios de pesquisa, relatos de experiência, dissertação de mestrado, teses de doutorado, entre outros.” (RAUPP, 2011 p.98-99)

Segundo Maia (2004), o conhecimento gera conectividade à rBLH. A formação da rede auxilia o estudo dos processos coletivos de produção de conhecimento, a interação e o sistema de posições de atores humanos, não-humanos e suas complexas mediações nas redes sociotécnicas de conhecimentos.

Esta conectividade apontada por Maia (2004) se traduz pelo intenso fluxo de informação que trafega na rede através dos seus diversos atores. A partir desta interação, se buscou alternativas para ampliar a difusão do conhecimento na rBLH-BR, a maior e mais bem estruturada rede de bancos de leite do mundo (GIUGLIANI, 2002)

Ao olhar para o contexto histórico e epistemológico da rBLH, assume-se o pressuposto teórico de que a informação é que permite a translação do conhecimento na rBLH-BR, conferindo assim conectividade à mesma.

Diante disso, emerge a questão norteadora do presente estudo: Qual é o lugar da informação na Rede Brasileira de Bancos de Leite Humano? E para respondê-la temos como objeto o capital social da rBLH-BR, sob a perspectiva informacional.

Para tanto, este estudo opera com o conceito de capital social de Bourdieu (1980) e o amplia conforme Putnam (2008), por entender que este pode também ser coletivo.

## **2-OBJETIVOS**

### **2.1-OBJETIVO GERAL:**

Realizar uma análise descritiva do capital social da Rede Brasileira de Banco de Leite Humano (rBLH- BR)

### **2.2-OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

Mapear o fluxo de informação na rBLH-BR;

Identificar os vínculos formados na rBLH-BR

Identificar os demarcadores da trajetória da informação na rBLH-BR;

Investigar a presença de uma linguagem comum compartilhada entre os atores.



### 3 - QUADRO TEÓRICO E CONCEITUAL

O presente estudo se volta a questões que dizem respeito à relação entre ciência, técnica e sociedade, buscando uma lente que se dirige à rBLH a partir da Ciência da Informação e dos estudos sociais da ciência. É essencialmente a perspectiva informacional que empresta seu olhar para conhecer o capital social da rBLH-BR. Nesse sentido, antes de olhar para os contornos da relação entre ciência e sociedade, a presente investigação busca um olhar sobre os estudos da informação, a partir de alguns autores que ancoram a perspectiva teórica aqui adotada.

#### 3.1- INFORMAÇÃO

Muitos são os enfoques dados ao conceito de informação, podendo tender ao cognitivista, que relaciona informação a conhecimento, administrativo ou gerencial, no qual a informação é um instrumento para tomada de decisão; econômico, tendo-a como mercadoria (PINHEIRO, 2004)

Capurro (2003) sustenta que a ciência da informação tem duas raízes, uma é a biblioteconomia; a outra, a computação digital. O autor recorre a Griffith para trazer uma definição clássica, segundo a qual a Ciência da Informação tem como objeto a produção, seleção, organização, interpretação, armazenamento, recuperação, disseminação, transformação e uso da informação (GRIFFITH 1980).

A gênese da Ciência da Informação percorre, assim, dos primórdios da documentação e da biblioteconomia, quando “nos leva às próprias origens, certamente obscuras, da sociedade humana” (CAPURRO, 2003 sp), até os dias atuais, quando a chegada das chamadas TICs, as Tecnologias da Informação e Comunicação, traz impacto sem precedentes aos processos informacionais :

A outra raiz é de caráter tecnológico recente e se refere ao impacto da computação nos processos de produção, coleta, organização, interpretação, armazenagem, recuperação, disseminação, transformação e uso da informação, e em especial da informação científica registrada em documentos impressos. (CAPURRO, 2003 sp)

Belkin e Robertson, (1976), descreveram que a informação é o que é capaz de transformar estruturas, sendo que todas as coisas têm estrutura.

Para Marteleto (1994, p.133) a informação no processo de dinâmica cultural, compreende uma forma de veicular e expressar diferentes visões do mundo. E ainda que a informação também é uma prática, num contexto sócio-cultural de produção de discursos, representações e valores que informam cada existência, fornecendo a cada sujeito um modelo de competência.

Na contemporaneidade, tida como “a era do conhecimento” e da “sociedade da informação” (BURKE, 2003), a emergência das TICs serviu para tornar ainda mais desafiadora a tentativa de definir os limites da Ciência da Informação. Para dimensionar esse esforço, Sirihal e Lourenço (2002) se ancoram em Capurro (1992) ao explorarem a gênese do conceito informacional nas reflexões filosóficas de São Tomé de Aquino para lançar luz sobre o papel da informação nos dias atuais. Autor de relevo nos estudos da Informação, Capurro (1992) ensina que aquilo que é central e caro a essa jovem ciência não é propriamente o anseio de desvendar o que é informação, mas antes o esforço de compreender para que serve. Para que serve, afinal, a Informação?

A informação é um componente intrínseco de quase tudo que uma organização faz. O progresso nas tecnologias de informação mudou a forma pela qual as sociedades usam a informação e se relacionam com ela. Nesse contexto, é evidente o impacto da informação nos processos de tomada de decisão, criação de significado institucional e construção de conhecimento dentro das organizações (CHOO,2003).

Ao final do século XX, a informação passa a assumir importância ainda maior na prática cidadã, com lugar estratégico em uma nova configuração social, agora concebida como “Sociedade em Rede” (CASTELLS, 2003).

Essa sociedade pode ser entendida como

Um conjunto de nós interconectados. Nós é o ponto no qual uma curva se entrecorta. Concretamente, o que um nó é, depende do tipo de redes concretas de que falamos. São mercados de bolsas de valores e suas centrais de serviço auxiliares avançados na rede dos fluxos financeiros globais. São conselhos nacionais de ministros e comissários europeus da rede política que governa a união européia. São campos de coca e de papoula, laboratórios clandestinos, pistas de aterrissagem secretas, gangues de rua e instituições financeiras para lavagem de dinheiro na rede do tráfico de drogas que invade as economias, sociedades e estados do mundo inteiro. São sistemas de televisão, estúdios de entreterimento, meios de computação gráfica, equipes para cobertura jornalística e equipamentos moveis gerando, transmitindo e recebendo sinais na rede global da nova mídia no

âmago da expressão cultural e da opinião pública, na era da informação. A topologia definida pro redes determina que a distancia (ou intensidade e freqüência da interação) entre dois pontos (ou posições sociais) é menor (ou mais freqüente, ou mais intensa), se ambos os pontos forem nós de uma rede do que se não pertencerem à mesma rede (...) a inclusão / exclusão em redes e a arquitetura das relações entre redes, possibilitadas por tecnologias da informação que operam à velocidade da luz, configuram os processos e funções predominantes em nossas sociedades ( CASTELLS, 2003, p. 566)

Ao perceber a informação e o conhecimento como forças produtivas, Chauí, 2003, faz críticas a essa sociedade da informação, na qual o poder econômico se baseia na posse de informação

Ao se tornarem forças produtivas, o conhecimento e a informação passaram a compor o próprio capital, que passa a depender disso para sua acumulação e reprodução. /na medida em que, na forma atual do capitalismo, a hegemonia econômica pertence ao capital financeiro e não ao capital produtivo, a informação prevalece sobre o próprio conhecimento, uma vez que o capital financeiro opera com riquezas puramente virtuais cuja existência se reduz à própria informação. Entre outros efeitos, essa situação produz um efeito bastante preciso: o poder econômico se baseia na posse de informações e , portanto, essas se tornam secretas e constituem um campo de competição econômica e militar sem precedentes, ao mesmo tempo em que, necessariamente bloqueiam poderes democráticos, os quais se baseiam no direito à informação, tanto o direito de obtê-las como o de produzi-las e fazê-las circular socialmente. Em outras palavras, a assim chamada sociedade do conhecimento, do ponto de vista da informação, é regida pela lógica do mercado ( sobretudo o financeiro). (CHAUÍ, 2003, p. 8)

O uso estratégico da informação ocorre onde a organização cria, organiza e processa a informação de modo a gerar novos conhecimentos por meio do aprendizado, o que permite o desenvolvimento de novas capacidades e de melhorar os processos organizacionais (CHOO,2003).

De acordo com Capurro e Hjørland (2007), o conceito de informação é usado na linguagem cotidiana como conhecimento comunicado.

“O conceito moderno de informação como comunicação de conhecimento, não está relacionado apenas à visão secular de mensagens e mensageiros, mas inclui também uma visão moderna de conhecimento empírico compartilhado por uma comunidade (científica). A pós-modernidade abre este conceito para todos os tipos de mensagens, particularmente na perspectiva de um ambiente digital.” (CAPURRO; HJORLAND 2007 p.173)

Braman (1989) ressalta a importância da definição do conceito de informação para a política informacional e enfatiza quatro visões principais: 1) informação como

um recurso, 2) informação como uma mercadoria, 3) informação como percepção de padrões e 4) informação como força constitutiva na sociedade

González de Gomez (1999) afirma que o termo “informação” é flutuante por produzir diferentes efeitos de sentido em diferentes contextos.

“Poderíamos afirmar, assim, que um fenômeno, processo ou construção informacional está vinculado a diversas “camadas” ou “estratos”. Incluiríamos nesses estratos uma pluralidade de linguagens, sonoras, imagéticas, verbais, textuais, digitais/analógicas, que ora se reúnem ora se contrapõem na constituição de um valor de informação. Às linguagens agregam-se logo os múltiplos estratos materiais e tecnológicos que configuram ou intervêm nos sistemas sociais de inscrição de significados, tal como a imprensa e o papel, o software e o hardware e as infraestruturas das redes de comunicação remota. Soma-se, a isso, as instâncias e organizações que direcionam e regulam os fluxos informacionais, assim como os produtores, intermediários e usuários que estruturam e articulam um valor preferencial de informação.” (GONZÁLEZ DE GOMEZ, 1999 p.8).

Capurro e Hjørland (2007) trazem a ideia do caráter individual da apropriação da informação

“(…) deve-se ter sempre em mente que informação é o que é informativo para uma determinada pessoa. O que é informativo depende das necessidades interpretativas e habilidades do indivíduo (embora estas sejam frequentemente compartilhadas com membros de uma mesma comunidade de discurso). (CAPURRO; HJORLAND, 2007, p. 155).

Para que a informação seja assimilada deve-se percorrer um caminho de construção, uma vez que para Latour, o conhecimento possui um caráter cumulativo:

“(…) o que se chama de *conhecimento* não pode ser definido sem que entenda o que significa a aquisição do conhecimento. Em outras palavras, *conhecimento* não é algo que possa ser descrito por si mesmo ou por oposição a *ignorância* ou *crença*, mas apenas por meio do exame de todo um ciclo de acumulação”. (LATOUR, 2000, p.357).

A visão corrente sobre os conceitos de informação, conhecimento e comunicação é de que tenham uma relação automática, ou seja, “a de que uma informação relevante ou correta é aquela capaz de gerar um conhecimento sustentado, que por sua vez supõe a sua comunicação transparente, gerando novas informações e daí novos conhecimentos”. (MARTELETO; RIBEIRO, 2001, p. 60) , porem ela não só gera conhecimento, como é resultante dele:

Considerando as características da informação presentes na literatura citada, podemos dizer que informação é um processo de formação de sentidos dos fatos – resultante do

saber, dos acontecimentos, das especulações, das ações e dos projetos –, cujo conteúdo permutamos com o ambiente em que estamos inseridos. A informação pode confirmar fatos e tendências, gera a acumulação do conhecimento, construindo memória. Propaga-se no tempo e no espaço. E, para se tornar pública, utiliza os meios de comunicação. (TOMAÉL, 2005 p 27)

Baranão (2005) considera a partilha continua de dados, de informação e de conhecimentos fundamentais para o sucesso dos processos de inovação, requerendo como medida básica a criação e manutenção de múltiplos canais de comunicação abertos. A fluidez da comunicação interna contribui para o lançamento de inovações com sucesso, pois garante que todos os esforços apontem numa mesma direção.

O processo contínuo de inovação na rBLH é evidenciado pela forma autônoma e sem hierarquia organizacional formalmente estabelecida e fundamentos como compromisso social, cooperação técnica, geração e apropriação do conhecimento (MAIA et al, 2006).

Assim como nas redes de conhecimento, o incentivo ao compartilhamento da informação e a construção do conhecimento é o dá sustentação a rBLH.

“A formação de uma rede pode ser ou não planejada e proposital, mas para que novas idéias e processos resultantes da interação possam, de fato, contribuir para a troca da informação e para a aquisição do conhecimento, que a eleva ao patamar de rede de conhecimento, é necessário desenvolver ações que a sustentem e a mobilizem.

A principal ação para mobilizar uma rede de conhecimento está relacionada ao movimento da informação na rede. Impulsionar e incentivar o compartilhamento da informação e a construção do conhecimento na rede é condição *sine qua non* para sua sustentação e crescimento. Os atores incumbidos dessa tarefa ou que se dispuserem a exercer o papel de estimular a partilha na rede deverão contar com a confiança dos membros da rede.” (TOMAÉL, 2008)

### 3.2- REDES

O conceito de rede obteve diferentes concepções em diversas áreas do conhecimento, assim como assumiu sentidos e práticas que se distinguem dentro da mesma perspectiva, passando pela roupagem digital através das redes sociais virtuais, o contato face a face e os institucionais.

Um número expressivo de autores tem utilizado a metáfora da rede para descrever uma nova realidade, em que emergem novos modelos de organização social e de relacionamento entre indivíduos e empresas. O termo rede, num sentido etimológico, deriva do latim – *retis*, que significa "entrelaçamento de fios, cordas, cordéis e arames, com aberturas regulares fixadas por malhas, formando uma espécie de tecido" (LOIOLA e MOURA, 1996). Uma rede alude à ideia de uma teia de vínculos, relações e ações entre indivíduos e organizações. Elas se tecem ou se dissolvem continuamente em todos os campos da vida societária. A existência de múltiplas redes se dá pelas necessidades humano-sociais que coloca em movimento a busca de interação e formação de vínculos afetivos e de apoio mútuo. Uma rede envolve processos de circulação, articulação, participação, cooperação (CARVALHO, 2003), associação e comunicação (D'AVILA NETO, 2003).

Uma definição de redes se refere à articulação entre as unidades, onde, a partir de ligações, ocorrem trocas, que são responsáveis pelo fortalecimento recíproco, que permitem expansão ou o equilíbrio. Cada nódulo da rede representa uma unidade e cada fio um canal por onde estas unidades se articulam através de diversos fluxos (MANCÉ, 1999).

Sendo assim, há dois elementos que se destacam em uma rede: o nó - o ator, e os seus respectivos entrelaçamentos – e as linhas, - as relações entre os atores. Cada nó do tecido é estratégico, mas eles só formam o tecido quando interligados entre si pelas linhas. Assim, formada por linhas e nós, a rede não inclui diferenças hierárquicas, mas apenas diferenças de função entre as linhas – que fazem a ligação – e os nós – que dão a sustentação (LOIOLA E MOURA, 1996; MARTINHO, 2003).

A conformação do conceito de rede pode permitir entender o que liga os atores, quem são eles, como são ligados, o que é transportado entre os diversos pontos da rede e como ocorrem esses deslocamentos (CALLON, 2008)

Quando um grupo mobiliza-se a partilhar das mesmas informações, recursos ou serviços mesmo que ainda não saibam, este grupo está construindo uma rede. A consistência de uma rede está reafirmada na estrutura e neste padrão informativo característico que eles têm em comum.

Ainda que as pessoas ou instituições que formam uma rede estejam diluídos em diversas regiões, existem subjacente, mesmo que intrínseca, uma informação peculiar que envolve e converge os esforços de todos para a construção deste mecanismo.

Para um desenvolvimento saudável de qualquer rede, características indelévels devem ser levadas em consideração, como o alcance, ou seja a área em que a mesma está localizada e assim definir qual será o método de alcance e a relação que irá se desenvolver.

O conceito de rede na atualidade tem sido influenciado pelas mudanças globais, nos campos político, social e econômico: “o reconhecimento de que nenhuma organização contempla em si mesma todos os recursos e competências necessários a uma oferta compatível com a demanda é um novo fator que remete as organizações a ações articuladas de complementaridade” (MINHOTO e MARTINS, 2001, p. 86 e 87). Câmara, Rocha e Ipiranga (2006) corroboram com esta idéia afirmando que, na ótica da gestão em redes, evidencia-se a existência de problemas que não podem ser resolvidos de forma adequada se observados numa perspectiva setorial.

Algumas razões podem explicar a disseminação do emprego do conceito de rede. Na esfera econômica, ao interesse advem das oportunidades de operar com esse conceito em termos de resposta aos desafios colocados às empresas pela competição aberta impostos pela globalização da economia (CASTELLS, 2003; LOIOLA e MOURA, 1996). Na esfera política, o conceito de rede parece constituir uma resposta à crise fiscal e à erosão da soberania do Estado (CASTELLS, 2003). Por sua vez, da perspectiva dos movimentos sociais, o conceito de rede aparece como um instrumento capaz de construir novas formas de agregação de interesses e reivindicação de demandas, surgidas a partir de uma “idéia-força” e que expressam parcerias voluntárias para a realização de um propósito comum (INOJOSA, 1999). No campo das organizações, o termo redes surge como uma estratégia para enfrentar um ambiente de turbulências e incertezas, caracterizado por uma competitividade crescente, por crises e movimentos de reestruturação (LOIOLA e MOURA, 1996).

Sendo assim, atualmente, a sociedade civil potencializa sua organização em iniciativas cujos atores envolvidos percebem a colaboração participativa como um meio eficaz de realizar transformações sociais, procurando desenvolver ações conjuntas, a partir de diversas causas. A organização se dá para a troca de informações, articulação institucional e política e para a implementação de projetos comuns (OLIVIERI, 2003).

Segundo Castells, 2003, a distância (intensidade e frequência da interação) entre dois pontos (ou posições sociais) é menor (mais intenso ou mais frequente) , se ambos

forme nós de uma mesma rede. Desta maneira o autor mostra que não importa sua particularidade quando os nós de uma rede estão interconectados.

"Rede é um conjunto de nós interconectados. Nó é o ponto na qual a curva se entrecorta. A topologia de redes define que a distância (intensidade e freqüência da interação) entre dois pontos (ou posições sociais) é menor (mais intenso ou mais freqüente), se ambos os pontos forem nós de uma mesma rede." (CASTELLS, 2003, p.566)

Carvalho, 2003, estabelece a convergência e a capacidade de mover. O que o Carvalho apresenta é que ao interconectar serviços, sejam eles governamentais e não-governamentais, comunidades locais, regionais, nacionais e mundiais, esta interconectividade tem a força intrínseca de mobilizar parcerias e ações multi-setoriais; fazendo com que todos participem. Para o autor é a cooperação o grande sustentáculo das redes.

"A noção de rede aqui defendida se caracteriza como convergente e movente: interconecta serviços, organizações governamentais e não-governamentais, comunidades locais, regionais, nacionais e mundiais; mobiliza parcerias e ações multi-setoriais; constrói participação; mobiliza vontades e implementa pactos de complementaridade entre atores sociais, organizações, projetos e serviços. Instaura um novo valor: o da cooperação." (CARVALHO, 2003, p.3)

Para que a rede obtenha sucesso os atores devem partilhar uma mesma visão, internalizar uma cultura de participação igualitária, estabelecer e adotar regras claras, partilhando riscos políticos e econômicos. (MENDES, 2001)

Algumas redes se estruturam de forma temporal, por meio de programas ou projetos com propósitos específicos que exigem a vinculação de atores em diferentes organizações. (MANDELL, 1994). Para Mandell (1994) a rede temporal denomina-se rede de projeto e a rede permanente, é tida como uma rede funcional, sendo que a diferença entre elas consiste no tipo de interdependência e interação de seus membros, grau de confiança e áreas de acordo ou cenários de seus membros.

A própria formação de redes possibilita a geração e a ampliação dos elementos constitutivos dos mecanismos sociais como a confiança. A cooperação conduz a um alicerce fundamental das redes: o capital social.

"A confiança promove a cooperação. Quanto mais elevado o nível de confiança numa comunidade, maior a probabilidade de haver



cooperação. E a própria cooperação gera confiança.” (PUTNAM, 2007, p. 180).

Pode-se dizer que a rede estabelece uma organização, uma entidade, sim, um grupo de pessoas ou instituições que fazem e estimulam a informação circular entre cada um destes membros da entidade de acordo com as regras e princípios muito bem estabelecidos.

Uma rede que reúne grupos com históricos diferentes, com culturas diversas e variadas. No entanto, estabelecidos por eixos que apoiam que canalizam a transmissão que nos conectamos por meio de objetivos em comum. O interesse pela comunicação é compreendido rapidamente por esta necessidade de ligar grupos para poderem trocar informação.

D’Ávila Neto (2003), ao estabelecer a comparação entre a sociedade industrial e a sociedade contemporânea, informacional, aponta mudanças tanto no processo produtivo, quanto nas capacitações e no relacionamento. As atividades organizacionais tenderiam a abandonar o controle da oferta e das tarefas, flexibilizando estas relações e sinalizando a atuação em redes.

Para Castells (1999), a sociedade em rede é então reconhecida como forma de um universo interligado de redes, que transacionam informações e relacionamentos, visando objetivos sociais e econômicos, onde há pouco espaço para ações e atuações isoladas.

Esse conceito de rede se constitui, hoje, num novo referencial de organização mais adaptada às transformações da tecnologia, da informação e de negócios, mas também como uma estrutura de relacionamento social entre os atores, fundamentada na cooperação, na reciprocidade e em valores compartilhados. A idéia de rede se consolida na sociedade atual de modo irreversível, possibilitando a ascensão de centenas de iniciativas exitosas de cooperação entre pequenas, médias e grandes empresas ao redor do mundo.

Latour (1994) expõe a estrutura das redes sociotécnicas, como na qual o ser humano seria mais um nó numa estrutura não-linear, sempre aberta a novos componentes. Os “coletivos híbridos” são um espaço fértil para a produção e a circulação de conhecimento.

Martins e Fontes (2008 p.112-113) definem redes sociotécnicas como

“(...) um tipo de rede que se institui no interior dos sistemas organizacionais altamente regulamentados, públicos ou privados, visando responder à necessidade de planejamento de ações intersetoriais complexas que criam tensões na base do sistema social e repercutem verticalmente no interior do sistema organizacional de baixo para cima. Assim, esse tipo de rede surge de uma exigência de melhor articulação de políticas, sobretudo dentro do setor estatal visando responder os desafios postos por demandas sociais cada vez mais complexas em termos de intersetorialidade e interdisciplinaridade.”

Para Marteleto (2001), rede pressupõe um sistema de apoio ou físico composto de nodos e elos, sem fronteiras nem delimitações geográficas. Para a autora, a rede social representa um conjunto de participantes autônomos, que unem idéias e recursos em torno de valores e interesses compartilhados. Pode ser composta de indivíduos, grupos ou organizações, podendo envolver direitos, responsabilidades e vários níveis de tomada de decisões.

O fenômeno das redes sociais está relacionado à geração e disseminação do conhecimento por meio de múltiplas relações entre indivíduos, grupos e/ou organizações (TOMAÉL; ALCARÁ; DI CHIARA, 2005).

Para Sveiby (1998), as redes sociais podem auxiliar a construção de conhecimento dentro das organizações, por meio de relações de trabalho, de amizade ou de interesses em comum, dentro da instituição, ou mesmo fora dela.

As redes sociais são espaços de troca coletiva, qualificadoras de informação e experiências. Onde existirem pessoas, as redes se fazem presentes (FONTES, 2012).

Portes (1999) define redes sociais como conjuntos de associações entre pessoas ligadas por vínculos profissionais, familiares, culturais ou afetivos. As redes são importantes na vida econômica, por se tornarem meios de aquisição de recursos escassos, como o capital e a informação.

“as redes podem ligar indivíduos no interior de organizações e de comunidades e entre elas. As redes não são as únicas estruturas sociais onde as transações se encontram incrustadas, emergem muitas vezes como características de agregados de maior dimensão. Contudo, as redes constituem geralmente os contextos mais imediatos que influenciam os objetivos dos indivíduos, bem como os meios e os constrangimentos que se lhes apresentam. Dependendo das características das suas redes e das posições sociais no interior delas, os indivíduos podem ser capazes de mobilizar uma quantidade significativa de recursos, de evitar um controlo apertado do seu comportamento egoísta ou, pelo contrário, podem encontrar-se

estritamente condicionados pelas expectativas impostas pelo grupo.”  
(PORTES, 1999:16)

Para Bourdieu (1980), a existência de uma rede de relações é o produto de estratégias de investimento, individual ou coletivo, consciente ou não, que têm por objetivo estabelecer ou reproduzir relações sociais que possam ser diretamente utilizáveis, que visam transformar relações contingentes em relações necessárias e seletivas, as quais implicam obrigações duradouras subjetivamente sentidas ou institucionalmente garantidas.

Uma outra abordagem de redes considera os vínculos entre os diferentes atores ou nas estruturas. Para Rovere (1999) as redes se constituem de pessoas que se conectam e criam vínculos entre si. Os vínculos se estabelecem entre pessoas, mesmo que sejam representantes de uma instituição e se relacionem com seu cargo, onde quem se conectam são as pessoas e não os cargos nem as organizações e nem as instituições, sendo central o papel dos vínculos na configuração de uma rede.

### 3.3- A REDE DE BANCOS DE LEITE HUMANO

Todos os leites de mamíferos têm composições bioquímicas altamente específicas. Tais composições refletem, em geral, uma adaptação às necessidades fisiológicas específicas da sua espécie, assegurando aos seus descendentes a sobrevivência, além de ótimo crescimento e desenvolvimento. Diante deste fato, no início do século XX, a maneira encontrada pelos profissionais de saúde para atender, com leite humano, lactentes impossibilitados de receberem outro tipo de alimento foi a criação de Bancos de Leite Humano ou “Lactários de Leite Humano” como eram conhecidos na época (ALMEIDA, 1999).

O primeiro BLH foi criado em 1900, na cidade de Viena, Áustria. O segundo foi criado 10 anos depois em Boston, Estados Unidos (BALMER E WHARTON, 1992). Na França, em Paris, até 1947, as mães eram alojadas em hospitais com suas crianças e o seu excedente de leite era utilizado para alimentar prematuros e crianças cujas mães não podiam amamentar.

O primeiro Banco de Leite Humano brasileiro foi implantado em 1943, no então Instituto Nacional de Puericultura no Rio de Janeiro, atualmente Instituto Nacional de

Saúde da Mulher, da Criança e do Adolescente Fernandes Figueira da Fundação Oswaldo Cruz –IFF/ Fiocruz (ALMEIDA, 1999).

Nessa época, a amamentação no Brasil vivia uma fase de declínio por conta da valorização dos leites industrializados, que eram vistos como superiores e a melhor opção para os bebês.

Os BLHs não visavam a amamentação, somente o fornecimento de leite humano. O leite distribuído nesse momento era preferencialmente cru e por isso as mulheres que forneciam o leite humano passavam por exames físicos e sorológicos e seus filhos eram avaliados para diagnóstico indireto da saúde de suas mães. Sendo considerado alimento com propriedades farmacológicas, o critério de seleção das doadoras era rigoroso, realizado através de um exame físico geral e inspeção minuciosa com ênfase para doenças contagiosas, além de exame ginecológico na busca de outras enfermidades.

Até então, as doações não eram feitas apenas com objetivos solidários. Havia também uma relação de interesse comercial entre ambas as partes. Entre 1943 e 1985, os BLHs funcionaram com o objetivo de conseguir a maior quantidade possível de leite humano, tornando-se um negócio lucrativo, mesmo que com métodos questionáveis (ALMEIDA, 1999). O banco funcionava como uma alternativa para aqueles que necessitavam de leite humano de uma maneira higiênica e substituía, assim, as antigas amas de leite. A busca por doadoras criou um grande mercado de compra e venda do leite humano. Como encontrar mulheres que estivessem dispostas a doar o seu leite era difícil, o leite humano tornou-se um produto raro e de preço elevado (ALMEIDA 1999).

A realidade sócio econômica desfavorável das doadoras, contribuía para a comercialização do leite, que acabava sendo usado como recurso complementar do seu sustento e da família. As doadoras eram remuneradas de acordo com o volume coletado e recebiam outros tipos de “benefícios”, como leite artificial e atendimento médico para seus filhos. (ALMEIDA, 1999).

A difícil realidade dos Bancos de Leite no Brasil fez com que o Ministério da Saúde, a partir de 1984, mobilizasse esforços para a implantação dos BLH (ALMEIDA, 1999). Concluiu-se à época que os BLHs existentes ofereciam riscos a quem consumisse seus produtos; suas unidades possuíam condições sanitárias precárias, e por fim, os BLHs desestimulavam a prática da amamentação.

A partir de 1985, o Brasil experimentou um crescimento em números de unidades de BLH, até então nunca registrado na história. Esta expansão foi resultado da política estatal através do Programa Nacional de Incentivo ao Aleitamento Materno-PNIAM que instituiu o Grupo Técnico de BLH como instância de assessoramento, com o objetivo de monitorar a implantação e o funcionamento de novos BLHs (MAIA, 2004). Este grupo apontou a necessidade de formulação de uma legislação capaz de normalizar os procedimentos nesta área e de realizar uma experiência-piloto em busca de alternativas para melhorar as condições de trabalho dos BLHs.

Com esta perspectiva o BLH do IFF / Fiocruz, intensificou os esforços na pesquisa para o desenvolvimento de tecnologias alternativas, o que permitiu o surgimento de protocolos operacionais que aumentaram o nível de rigor técnico de processamento e preservação do LH, a partir de novas técnicas de pasteurização, análises físico químicas e microbiológicas (ALMEIDA, 1999). As novas metodologias utilizadas aumentaram a segurança e baixaram o custo, tornando factível a implantação de novos BLHs no contexto do sistema público de saúde brasileiro.

Além de desenvolver metodologias que possibilitaram a instituição da pasteurização e controle de qualidade, BLH do IFF incorporou a promoção da amamentação como principal papel do BLH. Com essa configuração, os BLHs do Brasil abandonaram o modelo anglo-saxão<sup>1</sup> que pautou as primeiras décadas de atuação, para privilegiar uma perspectiva afinada com o princípio da atenção integral à saúde.

Este modelo de atuação inovador em bancos de leite contribuiu para a estratégia de ampliação do número de BLHs, sob a responsabilidade da Fiocruz.

Frente aos resultados alcançados pelo BLH-IFF na redefinição de seu modelo operacional, foi celebrado o convênio entre o Instituto Nacional de Alimentação e Nutrição e a Fiocruz, para implantação, em 1987, do Centro de Referência Nacional para Bancos de Leite Humano- CRNBLH no Instituto Fernandes Figueira (ALMEIDA, 1999).

---

<sup>1</sup>Modelo anglo-saxão: estrutura operacional que privilegia o risco biológico nulo, não contempla ações de promoção, proteção e apoio a amamentação, nem utiliza indicadores nutricionais no controle de qualidade de rotina.

O CRNBLH começou a desenvolver programas de capacitação de recursos humanos em diferentes graus de complexidade e a apoiar tecnicamente a implantação de novos BLHs. O número de BLHs a partir desta fase não parou de aumentar (MAIA *et al*, 2006).

A primeira legislação regulamentando a implantação e o funcionamento dos BLHs em todo o território nacional foi a Portaria MS-322 de 26 de maio de 1988 (BRASIL, 1988); que considerava o leite materno o alimento ideal para crianças nos seis primeiros meses de vida e normatizou os serviços dos BLHs.

Por iniciativa da Fiocruz, em 1998 foi implantado o projeto que institui a rBLH-BR pelo Ministério da Saúde, através do Centro de Referência Nacional da Fundação Oswaldo Cruz. Em uma perspectiva histórica pode se considerar que muito rapidamente a rBLH-BR ampliou o seu status no âmbito do Sistema Único de Saúde- SUS, passando da condição de um projeto de desenvolvimento para uma ação estratégica da Área Técnica de Saúde da Criança e Aleitamento Materno, tal qual figura hoje.

A experiência da rBLH Brasileira inspirou a criação do Programa Ibero Americano de Bancos de Leite Humano- IberBLH (CÁNEPA, 2011). O IberBLH deu origem à criação da Rede Ibero americana de Bancos de Leite Humano que foi aprovada durante a 17ª Cúpula Ibero Americana de Chefes de Estado e Governo, em 2007, no Chile, com a participação do Brasil, Argentina, Bolívia, Espanha, Paraguai, Uruguai e Venezuela. A Rede Ibero Americana, cuja coordenação é brasileira, apoia a implantação de bancos de leite humano que funcionem como espaço para intercâmbio de conhecimento e tecnologia no campo do aleitamento materno, concorrendo para a redução da mortalidade infantil, contando com a presença de 22 países da iberoamérica e 3 países na África, com um total de 63 BHLs implantados (275 incluindo os BLHs no Brasil) e 27 em fase de implantação (IBERBLH, 2015).

A rBLH-BR tem como objetivo nortear a formulação, implementação e acompanhamento da política estatal no âmbito de atuação dos BLHs em todo o território brasileiro. A rBLH assume o papel de ser uma ação estratégica da política pública para a saúde quanto a promoção, proteção e apoio ao aleitamento materno no terceiro nível de atenção.

A partir da criação da rBLH, o Brasil se destacou como o pioneiro na construção de conhecimento e implementação de ações estratégicas integradas, o que conduziu para

o expressivo aumento da prevalência do aleitamento materno nas últimas décadas (MAIA, 2004).

Além das construções biológicas, os componentes de ação de informação e comunicação aparecem no momento em que ocorre o primeiro Encontro Nacional de Bancos de Leite Humano, no Rio de Janeiro. Este evento marcou a definição de um planejamento participativo e de um modelo genuíno de gestão, estabelecendo assim os alicerces da rBLH. Nessa ocasião, surgiu a concepção de um modelo de gestão para os BLHs no Brasil que contemplava a necessidade de se desenvolver um sistema de planejamento estratégico integrado, o que representou o primeiro passo em direção à construção do projeto da Rede Brasileira de Bancos de Leite Humano (MAIA, 2004).

Em 1998, o BLH do IFF, que já era o CRNBLH, assume a coordenação desta rede e propõe o estabelecimento do modelo de atuação através de articulações com os Centros de Referência Estadual-CRE e suas respectivas Comissões Estaduais de Bancos de Leite Humano (MAIA et al., 2006).

O estabelecimento dos CREBLH se dá pela formalização de convênios de cooperação e as secretarias de saúde de cada estado. Isso se dá de forma articulada e institucionalizada.

Os CREs são órgãos de pesquisa e instâncias executoras das ações planejadas pela área correspondente da Secretaria Estadual de Saúde, tendo também como objetivo capilarizar as ações da rBLH-BR, levando-as aos BLHs situados nos diferentes municípios, fazendo com que as decisões sejam compartilhadas na rede.

O Ministério da Saúde, através da Portaria nº 696, de 16 de dezembro de 2010, institui a Comissão Nacional de Bancos de Leite Humano- CNBLH com o objetivo de assessorar a então Área Técnica da Saúde da Criança e Aleitamento Materno, do Departamento de Ações Programáticas e Estratégicas, da Secretaria de Atenção à Saúde.

Além disso, esta portaria reconhece: o crescimento da rBLH-BR como decorrência da articulação bem sucedida entre política pública de saúde, integração inter-institucional e atendimento a demandas da sociedade por melhoria da qualidade de vida; que a expansão e a consolidação da rBLH são delimitadas pela necessidade de capilarização das atividades de promoção do aleitamento materno e aumento do número de BLHs instalados; que o crescimento do número de BLHs no Brasil necessita de ordenamento para uma estruturação adequada aos princípios do Sistema Único de

Saúde- SUS; que a necessidade de estabelecer condições que permitam a extensão da cobertura da rBLH-BR com ênfase para as regiões e populações de risco segundo os critérios estabelecidos pelas políticas públicas de saúde através da implantação de novos Bancos de Leite Humano (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2010)

A CN possui a partir de então, as atribuições de: assessorar a Área Técnica de Saúde da Criança e Aleitamento Materno do Departamento de Ações Programáticas Estratégicas da Secretaria de Atenção à Saúde (SAS) na formulação, controle e avaliação da política relativa aos Bancos de Leite Humano, incluindo seus aspectos econômicos e financeiros; discutir diretrizes, identificar necessidades e coordenar a produção de documentos técnicos e científicos; assessorar o monitoramento das atividades, participar do redirecionamento de estratégias, apoiar o processo de articulação, mobilizando e sensibilizando setores do governo e da sociedade civil para o desenvolvimento de ações inerentes ao tema; e propor medidas sobre assuntos afetos submetidos à Comissão.

No mesmo ano cada unidade federada emitiu uma portaria própria, nomeando sua Comissão Estadual de Bancos de Leite Humano, todas tendo como finalidade prestar assessoramento à área correspondente da Secretaria Estadual de Saúde no planejamento, no controle e na avaliação das ações de BLHs.

A partir desta estrutura as informações passam a fluir com mais agilidade, ampliando a visibilidade dos resultados alcançados. Isso se reflete nos interesses dos gestores do SUS, que por sua vez começam a demandar mais ao Ministério da Saúde a implantação/implementação de BLHs em seus territórios. Este fato levou a um franco processo de expansão da rBLH-BR (MAIA, 2004; GIUGLIANI, 2002).

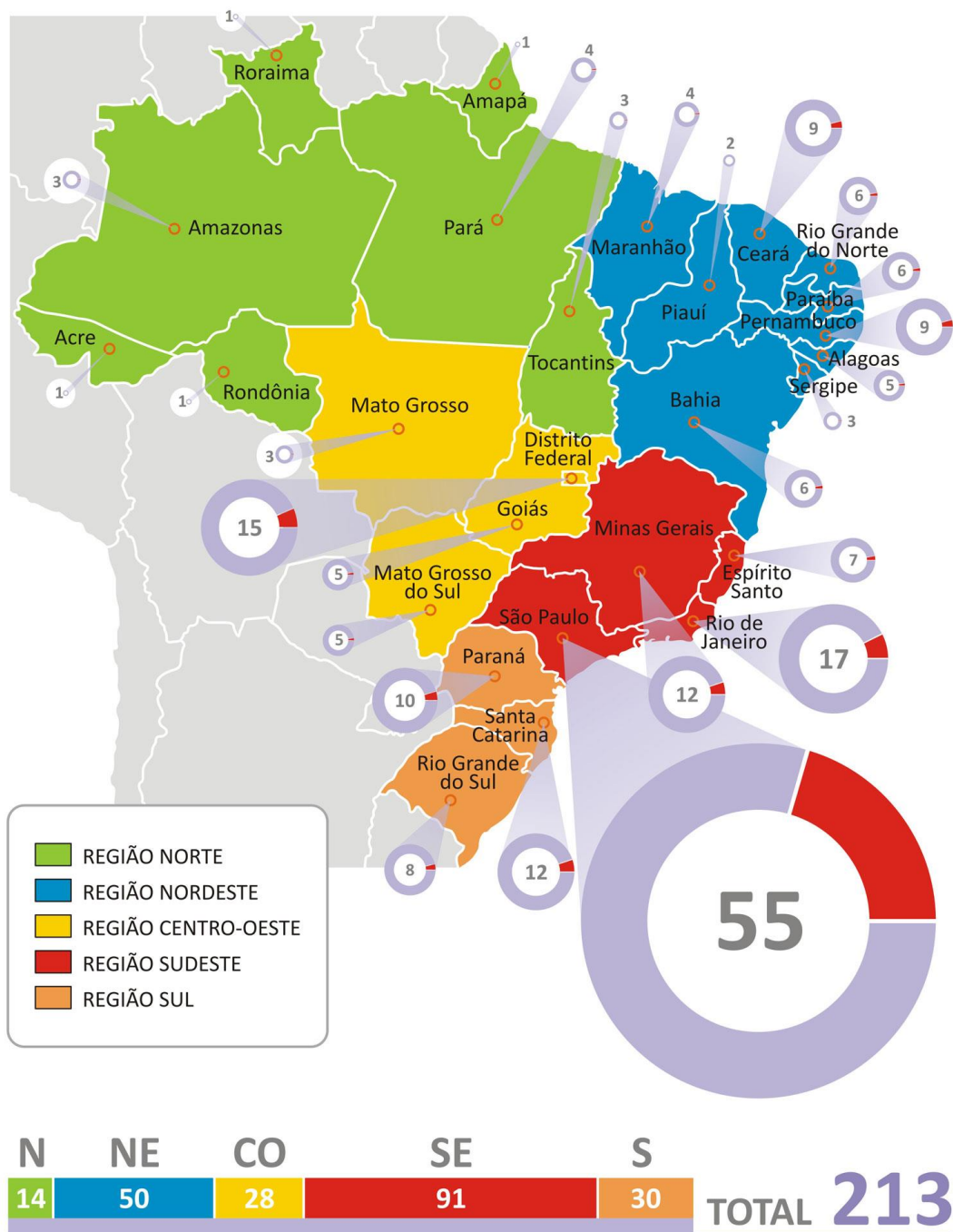
Segundo artigo da revista *The Lancet* (VICTORA et al, 2011), o trabalho dos BLH, em conjunto com outras iniciativas, se mostrou importante pela colaboração para o aumento considerável da duração do aleitamento materno no Brasil nas últimas três décadas, o que levou à redução da mortalidade infantil e à melhoria da situação nutricional infantil .

Atualmente fazem parte da rBLH- BR 210 BLHs disseminados em todo Brasil e 146 postos de coleta (REDEBLH, 2015). Em 2014 os BLHs eram distribuídos conforme a figura 1.



Figura 1- Distribuição de Bancos de Leite Humano no Brasil em 2014.

## Bancos de Leite Humano no Brasil



Fonte: [www.redeblh.fiocruz.br](http://www.redeblh.fiocruz.br). Dados coletados em 01/08/2014, Elaborado por Vera Lucia Fernandes de Pinho.

### 3.4-CAPITAL SOCIAL

#### 3.4.1 Conceitos de capital social

Ao falar das vantagens de se ter uma rede de relacionamentos, Bourdieu (1980) traz o conceito de capital social e o define como “o conjunto de recursos, reais ou potenciais, relacionados à participação em uma rede durável de relacionamento, mais ou menos institucionalizada, de interconhecimento e de reconhecimento” (BOURDIEU, 1980, p. 2).

A partir deste conceito, o autor considera que benefícios são alcançados a partir da participação em grupos. Para cada indivíduo o volume de capital social possuído dependerá da dimensão da rede de conexões que pode mobilizar, mas também do volume de capital (econômico, cultural e simbólico) das pessoas com quem se está conectado.

Para Bourdieu (1980), não há como ter uma distribuição uniforme de capital social entre os indivíduos, pois este depende de esforço de socialização, de trocas contínuas, não dependendo somente de ser membro de um grupo. Essas disposições são individuais e o que os leva a se mobilizar para a pertença a grupos.

Coleman (1988) também conceitua o capital social enquanto um recurso disponível nas redes de relações sociais, que os atores podem utilizar para atingir os seus objetivos.

“o capital social é definido por sua função. Ele não é uma entidade única, mas uma variedade de diferentes entidades, com dois elementos em comum: todos eles consistem de algum aspecto do social, estruturas e facilitam certas ações dos atores, sejam pessoas ou atores corporativos, dentro da estrutura” (COLEMAN, 1988, p.98).

Siisiäinen (2000) amplia o conceito de Bourdieu ao mostrar que o capital social também pode ser coletivo. Sua existência depende da relação entre indivíduos e da aproximação entre os atores, assim como de uma estrutura organizacional de rede, onde seus membros se dispõem de potencialidades individuais em favor de um bem comum.

“Estar socialmente inserido no grupo significa, para o indivíduo, a busca de proveitos materiais e simbólicos e, entre os membros, implica na transformação das relações contingentes (vizinhança, trabalho, parentesco), necessárias e escolhidas,

implicando obrigações duráveis subjetivamente acompanhadas de sentimentos de reconhecimento, respeito, amizade, ou garantidas institucionalmente.” (PONTIEUX, 2006, p.46)

Para Fukuyama (1995), o precursor do conceito de capital social foi Alexis de Tocqueville (1835)<sup>2</sup> que mesmo sem utilizar este termo, conseguiu dar valor e compreender o papel das associações e das auto-organizações. Para este autor, o capital social são normas informais que promovem a cooperação entre dois ou mais indivíduos (FUKUYAMA, 2000, p.3). Essas normas precisam incluir virtudes que conduzam à cooperação, como falar a verdade, ter honestidade, cumprir obrigações e exercer reciprocidade. Neste sentido, o capital social é uma capacidade social cuja emergência se deve à prevalência do valor atribuído à confiança numa dada sociedade ou parte dela. Sob essa conceituação, o capital social é criado e transmitido através de mecanismos culturais como a religião, a tradição, experiências históricas compartilhadas que fogem ao controle de qualquer governo.

Marteletto e Silva (2004), relacionaram o capital social com o acesso à informação tanto ao nível local, referindo-se às fontes pessoais e impessoais, quanto aos meios de comunicação.

“O capital social, por sua vez, é definido como as normas, valores, instituições e relacionamentos compartilhados que permitem a cooperação dentro ou entre os diferentes grupos sociais. Dessa forma, são dependentes da interação entre, pelo menos, dois indivíduos. Assim, fica evidente a estrutura de redes por trás do conceito de capital social, que passa a ser definido como um recurso da comunidade construído pelas suas redes de relações. A construção de redes sociais e a consequente aquisição de capital social estão condicionadas por fatores culturais, políticos e sociais. Entender sua constituição pode levar a sua utilização, como mais um recurso, em favor do desenvolvimento e da inclusão social, especialmente das comunidades. Para isso, deve-se ter em conta que as redes se constituem em canais pelos quais passam informação e conhecimento”. (MARTELETO; SILVA, 2004, P.44)

Segundo Franco (2001), capital social se refere à capacidade das pessoas de uma dada sociedade de subordinar interesses individuais aos de grupos, de trabalhar juntas visando a objetivos comuns ou ao benefício-mútuo, de se associar umas às outras e formar novas associações e de compartilhar valores e normas para formar grupos e organizações estáveis e viver em comunidade.

---

<sup>2</sup> Tocqueville, que em 1835 lançou o livro Democracia na America.

Em termos mais gerais, o conceito de capital social diz respeito ao valor das ligações (BORGATTI; FOSTER, 2003). O foco no capital social refere-se a como indivíduos têm acesso a informações, baseados em relações sociais de confiança e reciprocidade.

A confiança é a expectativa que surge em grupos que têm comportamento estável, honesto, cooperativo, baseado em normas compartilhadas (FUKUYAMA, 1996).

O capital social engloba a confiança entre os atores da rede, as normas compartilhadas, os valores híbridos, a identidade coletiva, a cultura e as condições históricas. São estes os principais recursos estratégicos que levam à manutenção da sinergia coletiva das redes colaborativas de sucesso (FACCIN, MACKRE, GENARI, 2013).

A confiança permite que a colaboração ocorra espontaneamente, em um movimento de reciprocidade, sem necessidade de cobranças ou punições (ONYX; BULLEN, 2000).

Rovere (2004) apontou que as redes se formam a partir de reciprocidade e cooperação. Assim possuem o potencial para promover a confiança.

Para Putnam (2008), a confiança e a cooperação podem influenciar o desempenho institucional. O capital social facilita a cooperação espontânea, ao contribuir para aumentar a eficiência do grupo, facilitando as ações coordenadas.

“Em todas as sociedades os dilemas da ação coletiva obstam as tentativas de cooperar em benefício mútuo, seja na política ou na economia. A coerção de um terceiro é uma solução inadequada para esse problema. A cooperação voluntária (por exemplo, associações de crédito rotativo) depende do capital social. As regras de reciprocidade generalizada e os sistemas de participação cívica estimulam a cooperação e a confiança social porque reduzem os incentivos a transgredir, diminuem a incerteza e fornecem modelos para a cooperação futura. A própria confiança é uma propriedade do sistema social, tanto quanto um atributo social. Os indivíduos podem ser confiantes (e não simplesmente crédulos) por causa das normas e dos sistemas em que se inserem seus atos.

Os estoques de capital social, como confiança, normas e sistemas de participação, tendem a ser cumulativos e a reforçar-se mutuamente. Os círculos virtuosos redundam em equilíbrios sociais com elevados níveis de cooperação, confiança, reciprocidade, civismo e bem-estar coletivo. Eis as características que definem a comunidade cívica. Por outro lado, a inexistência dessas características na comunidade não-cívica também é algo que tende a auto-reforçar-se. A deserção, a desconfiança, a omissão, a exploração, o isolamento, a desordem e a estagnação intensificam-se reciprocamente num miasma

sufocante de círculos viciosos. Tal argumentação sugere que deve haver pelo menos dois equilíbrios gerais para os quais todas as sociedades que enfrentam os problemas da ação coletiva (ou seja, todas as sociedades) tendem a evoluir e que, uma vez atingidos, tendem a auto-reforçar-se” (Putnam, 2008: 186-7).

O autor traz uma parábola de David Hume para exemplificar que as partes envolvidas numa relação teriam vantagens se cooperassem, e mostrar que a confiança pode colaborar para melhora de resultados.

“Teu milho está maduro hoje; o meu estará amanhã. É vantajoso para nós dois que eu te ajude a colhê-lo hoje e que tu me ajudes amanhã. Não tenho amizade por ti e sei que também não tens por mim. Portanto, não farei nenhum esforço em teu favor; e sei que se eu te ajudar, esperando alguma retribuição, certamente me decepcionarei, pois não poderei contar com tua gratidão. Então, deixo de ajudar-te; e tu me pagas na mesma moeda. As estações mudam; e nós dois perdemos nossas colheitas por falta de confiança mútua” (PUTNAM, 2008: 173 apud HUME, 1740).

A avaliação do capital social para Putnam (2008) foi coletiva, e não individual, tendo como ponto central da noção de “envolvimento cívico” e participação cívica, o capital social constitui um bem ou um ativo intransferível e não comercializável imbricado na organização social de uma determinada região ou comunidade.

Putnam (2008) afirma que pode-se levar anos para a construção de capital social, sendo assim, o estudo do legado histórico pode fornecer importantes contribuições para avaliação dos determinantes do capital social de um grupo.

O estudo de Putnam (2008) identificou que o envolvimento cívico e a participação cívica na América vinham decrescendo nas últimas duas décadas. A partir desta observação ele concluiu que a geração do pós-guerra era muito mais “envolvida civicamente”, “participava mais em termos cívicos” que a geração atual. Para o autor, as pressões profissionais e de tempo, a mobilidade residencial, a inserção massiva da mulher no mercado de trabalho, a fragilidade do casamento e das ligações familiares, são alguns dos fatores que podem ter contribuído para o declínio do capital social na América. Outro aspecto considerado pelo autor para a diminuição do capital social foi a televisão, já que a adesão massiva a este meio de comunicação levou a um maior isolamento das pessoas, a um volume menor de leitura de jornais, a menos envolvimento cívico na participação em organizações, voluntárias ou não.

Lin (2001) contestou esta afirmação de Putnam ao defender a concepção e utilização em massa das redes cibernéticas, enquanto redes de relações sociais, elevaram muito o capital social nos dias de hoje.

Para Lin (2001), o capital social é tido como um bem social em virtude das conexões dos atores e do acesso aos recursos da rede de que eles fazem parte. O autor apresenta quatro fatores para explicar o modo como os recursos disponíveis através das relações sociais estruturadas em redes trazem mais vantagens. O primeiro é o fluxo da informação como facilitador, em função das posições ocupadas pelos atores sociais. O segundo se refere aos laços estabelecidos que influenciam os atores para tomadas de decisão. O terceiro é que os laços sociais são como credenciais que permitem aos atores acessar os recursos disponíveis nas redes. O quarto aspecto está relacionado às relações sociais que conferem a identidade e o reconhecimento, principalmente no que se refere aos direitos a determinados recursos.

Os estudos das redes podem levar ao entendimento dos padrões de relacionamento que favorecem ou não a formação das relações por vínculos entre os diferentes atores, e que viabilizam programas e ações de saúde (AFONSO, 2013).

Como apontado por Marteleto e Silva, 2004, o capital social não deve ser confundido com o capital humano, nem com infra-estrutura. Para os autores, o capital humano é composto das habilidades e conhecimentos dos indivíduos que, somados a outras características pessoais e ao esforço, aumentam as possibilidades de obtenção de bem-estar pessoal, social e econômico. Entre indivíduos com o mesmo capital humano, têm melhores oportunidades aqueles com maior capacidade de utilizar o seu capital social (DEGENNE; FORSÉ, 1994).

A infra-estrutura se refere ao conjunto fundamental de instalações e meios para que a produção se realize e se distribua (MARTELETO E SILVA, 2004).

### **3.4.2- Mensuração do capital social**

Assim como não existe um conceito único sobre capital social, sua mensuração também se torna um desafio (WOOLCOCK e NARAYAN 2000). Não existe uma correlação entre tamanho da rede e a obtenção de informações, nem tampouco seria o número de contatos dos indivíduos a melhor medida do seu capital social. Além disso,

conceitos que envolvem a qualidade do relacionamento dos indivíduos, como por exemplo, a ‘confiança’, são difíceis de serem quantificados (SILVA, 2007).

Bourdieu (1980) destaca que o volume de capital social está relacionado ao tamanho da rede de conexões e a quantidade e qualidade de capitais (econômico, cultural ou simbólico) possuídos por cada ator que se está conectado. Ele não pode ser quantitativamente mensurável, mas pode ser analisado a partir do conhecimento estrutural e morfológico da rede.

Para Lin (2001) a mensuração do capital social deve levar em conta o tamanho da rede estudada, o nível mais elevado de estratificação social alcançado e de como se distribuem as relações.

A mensuração do capital social pode ser realizada qualitativamente ou quantitativamente (CASTRO, 2006). Para cada abordagem existem diversas formas de análise.

Dependendo do conceito de capital social, a fonte para conhecê-lo pode estar na estrutura formal das ligações que constituem uma rede, ou nos conteúdos das relações, como as normas, valores, obrigações, entre outros (CASTRO, 2006).

Putnam (2008) desenvolveu instrumentos empíricos de medida de capital social, considerando as seguintes variáveis: 1) intensidade ou envolvimento na comunidade ou na vida organizacional; 2) comprometimento público; 3) comprometimento com a comunidade e voluntariado; 4) sociabilidade informal 5) níveis de confiança interpessoal.

Ao considerar a existência de externalidades negativas, aonde a coesão de um grupo é vista com hostilidade por elementos externos ao grupo, Fukuyama (2000) a opõem às externalidades positivas da participação em um grupo, as quais chama de “raios de confiança”, no qual a cooperação entre um grupo pode afetar positivamente pessoas fora dele. Um exemplo de “raios de confiança” é como o cuidado com um jardim beneficiará os vizinhos. Outra proposta de abordagem para a medição qualitativa do capital proposta por Fukuyama (2000) é a observação da sua ausência. Esta ausência pode ser verificada, segundo o autor, pelo não cumprimento das normas e dos padrões sociais, sendo possíveis de serem medidos através de análise dos índices de criminalidade, índices de litígios, suicídios e evasão fiscal. (FUKUYAMA, 2000).

Mesmo apresentando abordagens qualitativas, Fukuyama (2000) propôs um cálculo para tentar medir o capital de uma sociedade:

$$KS = \sum [ (1/rn) \times r_p \times c \times n ] 1...t$$

Sendo,

$n = n^\circ$  elementos de um grupo.

$1...t = n^\circ$  de grupos.

$c =$  coeficiente de coesão interna dos grupos.

$r =$  “raio de confiança”.

$rn =$  “raio de desconfiança”.

Outro trabalho que utilizou a análise qualitativa foi o de Onyx e Bullen (2000), o qual se baseou no conceito de capital social de Coleman (1988) e Putnam (2008) para estudar cinco comunidades australianas no intuito de identificar os elementos relacionados ao capital social. Para avaliar elementos como reciprocidade, confiança, normas sociais, participação em redes, comunidades e agências sociais, os autores elaboraram um questionário cujas respostas passaram por análises estatísticas e podem ser facilmente replicados para outras comunidades.

Tsai e Ghoshal (1998), Silva (2012) utilizaram questionários e métodos estatísticos para avaliar as dimensões estrutural, relacional e cognitiva do capital social.

### 3.4.3 Classificações e dimensões do capital social

O capital social pode ser classificado de acordo com o tipo de conexões e de arranjos sociais em três modalidades: o capital social de ligação (*bonding*), o capital social de ponte (*bridging*), e o capital social de conexão (*linking*). Cada um deles apresenta estruturas e características específicas capazes de explicar ou orientar formações de redes sociais com objetivos definidos ( KAWACHI et al., 2004).

O capital social de ligação é constituído por relacionamentos entre indivíduos que formam grupos homogêneos (redes fechadas), capazes de formar laços fortes de convivência em um mesmo contexto social, como nas relações de amizades, vizinhança e familiares.

A partir da definição estreita de capital social como “um conjunto de normas e redes sociais que afetam o bem-estar da comunidade na qual estão inscritas, facilitando a cooperação entre os seus membros pela diminuição do custo de se obter e processar informação”, de acordo com essa significação, as relações para as formações de redes



seriam entre indivíduos que possuem a mesma identidade cultural ou demográfica (capital social de ligação) (MARTELETO, 2004).

O capital social de ligação estimula o apoio e entendimento mútuo, e é um importante mecanismo de sobrevivência identificado nas comunidades em situações de desvantagem e vulnerabilidade econômica e social (KAWACHI, 2010).

Burt (1992), ao se referir à rede egocêntrica, destaca a relativa ausência de laços (o que o autor chama de buracos estruturais) como uma vantagem para a emergência do capital social. A questão não é a força das conexões, mas como diferentes partes da rede são ligadas, como as informações fluem e como esse fluxo é conduzido. Para o autor, o capital social está mais relacionado à posição relativa do indivíduo dentro da rede, que propriamente aos relacionamentos diretos estabelecidos dentro dela.

Para explicar a sua ideia, Burt (1992), argumenta que dentro de um *cluster* (onde as pessoas têm relações fortes), as informações circulam a uma alta velocidade, porém cada indivíduo tende a saber o que o outro sabe. Neste contexto de saberes compartilhados, a constituição de laços fracos, que conectam atores de diversos *clusters*, são essenciais para o fluxo de informação e podem se revelar uma fonte de novos conhecimentos e oportunidades.

O capital social de ponte se refere às redes com composição heterogênea, onde os indivíduos e comunidades têm acesso a recursos ou oportunidades entre todos os agentes participantes da rede. Assim, promovem a conexão entre diferentes identidades sociais, como etnias ou classe sociais, e ampliam o alcance de suas ações (KAWACHI, 2010).

O capital social de conexão se refere à dimensão vertical, a partir de normas, confiança, e alianças com o poder assimétrico institucionalizado, hierarquia social ou autoridade, que podem intermediar recursos adicionais para o desenvolvimento social ou econômico, como o compartilhamento de informações.

Para Burt (2001), o sucesso de cada uma das formas de capital social desejáveis depende de alguns aspectos. O capital social de ligação deve estar relacionado aos sentimentos de confiança e comprometimento, o capital social de ponte às possibilidades de ampliação das fontes de informações e conhecimento, e o capital social de conexão pelo acesso às organizações fora da comunidade.

Nos estudos de Lin (2001), o capital social pode ser dividido em duas linhas, sendo uma relacionada ao indivíduo e definindo capital social como os recursos

incrustados (*embedded*) nas relações sociais, e outra linha que associa o capital social às relações mútuas de reconhecimento e solidariedade entre atores.

Marteleteo e Silva (2004) propõem uma divisão do capital social para comunidades:

Para as comunidades, a situação ideal é ter o seu capital social dividido entre essas três formas de redes sociais, uma vez que cada uma delas responde por aspectos importantes para o sucesso da comunidade: i) confiança e comprometimento; ii) ampliação das fontes de informações e conhecimento; iii) acesso às instituições e ao poder. (MARTELETO; SILVA, 2004, P.44)

Bertolini e Bravo (2004) propõem cinco categorias para análise: a) relacional: que compreende a soma das relações, laços e trocas que conectam os indivíduos; b) normativa: que compreende as normas e os valores de um grupo; c) cognitiva: que compreende a soma do conhecimento e das informações de um grupo; d) confiança no ambiente social: que compreende a confiança no comportamento de indivíduos em um determinado ambiente; e) institucional: que inclui as instituições formais e informais que constituem-se na estruturação de grupos, onde é possível conhecer as “regras” da interação social, e onde o nível de cooperação e coordenação é bastante alto.

Nahapiet e Ghoshal (1998), ao estudarem a relação do capital social e do capital intelectual nas vantagens organizacionais, sugeriram o modelo teórico de três dimensões para análise do capital social, sendo estas, dimensão estrutural, relacional e cognitiva.

Esta divisão em dimensões é apenas para facilitar o entendimento da constituição desse recurso estratégico e a análise dos benefícios para as organizações, pois as autoras reconhecem forte inter-relação entre as dimensões e a dificuldade de fragmentação entre elas.

A dimensão estrutural diz respeito às propriedades do sistema social e da rede de relações como um todo. Analisa a configuração interpessoal das relações entre as pessoas ou unidades e refere-se ao padrão de conexões entre atores, configurações ou morfologia da rede, que descrevem o padrão de ligações em termos de mensuração, tais como densidade, conectividade, hierarquia e adequação organizacional.

A dimensão relacional descreve o tipo de relações pessoais com os outros através de uma história de interações e incluem atributos como confiança, credibilidade, normas, sanções, obrigações, expectativas, identidade e identificação.

A dimensão cognitiva refere-se às representações compartilhadas, interpretações e sistemas de significações. Esta dimensão tem influencia direta na capacidade dos indivíduos de combinar o conhecimento na criação de capital intelectual.

#### 3.4.3.1 O modelo de Nahapiet e Ghoshal (1998)

Este modelo já foi utilizado por outros trabalhos (DIAS, 2009; TSAI, 2000; INKPEN & TSANG, 2005, SILVA, 2012)

Este modelo propõe o estudo de três dimensões do capital social, que tornam a análise mais didática, embora os autores reconheçam que estas são altamente relacionadas, não podendo ser analisadas isoladamente.

A ênfase deste modelo é voltada para as conexões entre os atores na rede, o tipo de relações e as representações compartilhadas. As três dimensões do capital social propostas por estes autores são a dimensão estrutural, dimensão relacional e dimensão cognitiva.

##### *3.4.3.1.1-Dimensão estrutural*

A participação dos indivíduos em redes está associada ao seu capital social estrutural. A posição que o indivíduo ou instituição ocupa em uma rede e a composição das relações entre os membros da rede pode se constituir em vantagens ou desvantagens quanto ao acesso a informações.

O acesso a informação ou comunicação entre os atores depende da sua posição em relação ao todo na rede, pois os mais centrais têm maior capacidade de controlar os fluxos de comunicação e facilitar as trocas de informações entre atores (FONTES, 2012).

A configuração dessa dimensão se refere ao padrão de conexões entre atores, configurações e morfologia da rede. Para análise desta dimensão do capital social é necessária o conhecimento do tipo de rede que se está investigada. Para tanto deve ser compreendido a diversidade dos participantes, institucionalização de normas de decisão, objetivos gerais ou específicos, tamanho e área geográfica, etc (MARTELETO, 2004).

No presente trabalho, optou-se por trabalhar com a metodologia de Análise de Redes Sociais (ARS) por estarmos apoiados no pressuposto de que as posições

interdependentes e os papéis que os atores desempenham revelam formas de comunicação, fluxo de informações e construção de conhecimento.

A Análise de Redes Sociais (ARS) ou *Social Network Analysis* é uma metodologia de base quantitativa que permite mapear relações entre pessoas ou instituições, sendo especialmente útil para o estudo de relacionamentos baseados no compartilhamento da informação e do conhecimento (CROSS; PARKER, BORGATTI, 2000)

O conceito de redes serve como base teórica e instrumento metodológico para analisar o fluxo informacional, as interações e os papéis e posições das instituições e atores na rBLH.

“(...) a idéia de rede, por via conceitual ou metafórica, serve para estudar os processos coletivos de produção dos conhecimentos, o sistema de posições dos atores e as disputas no campo científico, os capitais sociais, informacionais e simbólicos investidos nas práticas e políticas da pesquisa, a interação de atores humanos e não-humanos e suas complexas mediações nas redes sócio-técnicas de conhecimentos.” (MARTELETO, 2007: 11).

O acesso a informação ou comunicação entre os atores depende da sua posição em relação ao todo na rede, pois os mais centrais tem maior capacidade de controlar os fluxos de comunicação e facilitar as trocas de informações entre atores. A centralidade é uma medida para a determinação da própria estrutura da rede e da posição de atores perante a rede (FONTES, 2012).

Várias medidas das redes sociais podem ser analisadas como as de centralidade (de informação, de grau, de intermediação, de fluxo e de proximidade) e de ligações fortes e fracas (TOMAEL; MARTELETO, 2006)

### *Centralidade*

A posição estrutural de um ator pode favorecer o acesso e o fluxo da informação, o que lhe concede o poder de distribuição de informação.

A centralidade dos atores lhes confere poder; quanto maior o índice de centralidade maior a influência e importância de um ator na rede. Um ator influente pode interferir no compartilhamento da informação, direcionando seu fluxo, controlando as informações veiculadas, disseminando-as e, sobretudo, pode incentivar as interações que intensificam o compartilhamento, a discussão, a reflexão e a construção do conhecimento (TOMAEL; MARTELETO, 2006, p.87).

As medidas de centralidade indicam a própria estrutura da rede (MARTELETO, 2001; FONTES, 2012) e podem ser definidas como medidas atribuídas a pessoas ou organizações que refletem o nível de acesso à informação e às melhores oportunidades de intermediação e disseminação das informações, podendo inclusive influenciar a circulação das informações por conta da posição dos atores dentro da rede. (WASSERMAN e FAUST, 1994).

Para Freeman (1979), a centralidade refere-se à localização das posições ou pontos em redes e é um atributo estrutural importante das redes sociais que está relacionado com a eficiência do grupo na resolução de problemas, percepção de liderança e satisfação pessoal dos participantes. As medidas de centralidade identificam os atores mais importantes na rede, sendo aqueles que estão envolvidos em mais relações.

Ter uma posição privilegiada significa que um ator pode obter maiores vantagens em trocas, ter maior influência entre os demais, ou seja, o ator será respeitado e terá a atenção daqueles em posições menos favorecidas (HANNEMAN E RIDDLE, 2005).

Existem diferentes tipos de centralidade:

*Centralidade de Informação:* o posicionamento central de um ator enquanto a informação indica que este pode receber informações da maior parte da rede pois detém o maior número de possibilidades de caminhos (TOMAEL; MARTELETO, 2006).

*Centralidade de Grau:* é indicado pelo número de contatos diretos de um ator, o que está relacionado ao poder de comunicação e obtenção de informação na rede (MARTELETO; TOMAEL; SILVA, 2012)

*Centralidade de Intermediação:* analisa os caminhos mais curtos (distância geodésica) que uma informação pode percorrer. A posição de centralidade de informação confere o poder de controlar as informações e o seu fluxo na rede.

*Centralidade de Proximidade:* é indicada pela menor distância entre um ator em relação a outros, conferindo a ele maior independência em relação aos demais (MARTELETO, 2001) e possibilidade de acesso a informações mais confiáveis, por esta passar por menos intermediários (TOMAEL; MARTELETO, 2006).

A Análise de Redes Sociais (ARS) é uma metodologia que não se preocupa com indivíduos isolados, mas com suas relações. A unidade básica analisada a partir desta metodologia é a díade, que é a relação entre duas pessoas, mas a dinâmica da estruturação em rede só se dá a partir da formação de uma tríade

A análise das redes é dinâmica, pois há diversas possibilidades de formações da estrutura da rede e reestruturações de acordo com os movimentos das posições relativas dos atores e as novas conexões ou desligamentos que estabelecem (SIMMEL, 1999).

A metodologia ARS possibilita identificar os pontos críticos nos fluxos informacionais de uma rede, para que estes possam ser revistos, melhorando os fluxos na organização (TOMAÉL; ALCARÁ; DI CHIARA, 2005).

#### *3.4.3.2.2- Dimensão Relacional*

A dimensão relacional se refere ao tipo de relações pessoais entre atores e/ ou instituições.

Os vínculos podem ser expressos pelo tipo de ligação.

##### Ligações fortes e ligações fracas

Granovetter (1973) estudou a força das ligações interpessoais e a partir de uma pequena escala de interações e conseguiu transpor os conceitos para a larga escala da estrutura social. Ele mostrou como usar a análise de redes sociais para relatar aspectos da difusão, mobilidade social, organização política e coesão social em geral. Ao analisar os laços sociais existentes, verificou a existência de ligações fortes e fracas. Os indivíduos que têm relacionamentos mais distantes, como de conhecidos possuem ligações fracas e estão envolvidas em menor grau, enquanto que os mais íntimos possuem ligações fortes pois possuem um maior envolvimento.

Os dois tipos de laços compõem o capital social e podem ser ampliados a partir da ampliação qualitativa e quantitativa das suas relações sociais (DEGENNE, FORSÉ, 1994).

Quando focamos nossa atenção em um único ator focal, o chamamos de "ego" e o conjunto de nós que o ego tem ligações, de "alters." Os alters servem como fonte de informação para o ego. O conjunto de egos, os seus altares, e todas as ligações entre estes (incluindo os dos egos) é chamado de rede egocêntrica (HANNEMAN; RIDDLE, 2005).

As ligações fracas são importantes para a expansão e força das redes. Se dois egos cujos alters não se conhecem, passam a ter ligações fortes, eles passam a ter ligações fracas com o alter do outro, ampliando o limite de suas redes.

De acordo com Tomaél e Marteleto, 2006, há algumas possibilidades de se distinguir ligações fortes e fracas, como se baseando na centralidade ou de acordo com o tempo gasto e a profundidade dos relacionamentos.

“Levando em consideração a proximidade e a intensidade das relações mantidas na rede, analisaremos as ligações fortes, também, por meio das díades – interação entre dois atores que trocam informações em que, um considerou o outro como um dos seus contatos importantes na rede para o compartilhamento da informação.” (TOMAEL; MARTELETO, 2006, p.87).

Os atores das redes institucionais podem possuir ligações fortes com atores da mesma organização e possuir ligações fracas com atores fora desta. Estas ligações externas promovem uma grande abertura de possibilidades de contatos e renovação de idéias.

#### Níveis de vínculos segundo Rovere (1999)

A natureza dos vínculos em uma rede se estabelece entre pelo menos dois sujeitos. A unidade básica de vínculo é a relação entre sujeitos. Rovere (1999) ancora sua proposta de rede aprofundando a idéia de representação da realidade pelos sujeitos. O espaço das representações se constrói de forma individual e social, subjetiva e culturalmente.

As redes são formadas por pessoas onde a unidade básica de ligação é a relação entre os sujeitos (ROVERE, 1999). A partir do momento em que os indivíduos formam redes, constituem laços de solidariedade.

Ao estudar a formação de redes, Rovere, 1999 verificou que durante o processo de construção das redes, diferentes níveis de vínculos se apresentam.

O autor sugere que existam cinco níveis de vínculos na construção de redes, sendo estes denominados de reconhecimento, conhecimento, colaboração, cooperação e associação (QUADRO 1). Cada um desses níveis contribui para o próximo. O conhecimento dos níveis permite ajudar a organizar, analisar e monitorar os graus de profundidade e consistência de uma rede.

O primeiro nível, o Reconhecimento, expressa o valor da aceitação do outro, ou seja, é a ação de reconhecer e aceitar a existência do outro ou, mais precisamente, que o outro tem o direito de existir.

Após o reconhecimento que o outro existe, é necessário conhecer o outro, por isso o segundo nível é o Conhecimento. Ao considerar o outro como par e o aceitá-lo como um interlocutor válido, emerge o interesse e a necessidade de conhecer o que ele tem de diferente, que o faz não ser um igual. Essa heterogeneidade confere à rede fortaleza, pois não se ganha quando todos são iguais. Saber articular heterogeneidades para obtenção de objetivos comuns é um desafio, porém as redes são compostas de heterogeneidades organizadas (ROVERE, 1999).

Com um grupo formado por pessoas com diferentes vivências e experiências, se estabelecem relações assimétricas, o que gera a possibilidade de compartilhamento, permitindo vínculos de complementaridade que conduzem ao crescimento.

O terceiro nível parte de casos esporádicos de colaboração espontânea e voluntária. O nível de colaboração envolve a troca de experiências e vivências recíprocas onde “existem momentos, fatos, circunstâncias onde se verificam mecanismos de colaboração que começam estruturar uma série de vínculos de reciprocidade, onde eu começo a colaborar mas gero condições também para que colaborem comigo” (ROVERE, 1999, p. 25).

O quarto nível é denominado Cooperar, ou seja, operar em conjunto. Para isso é necessário que haja um problema em comum (uma co-problematização), o que leva a construção de solidariedade. Para Rovere, 1999, dois corpos são solidários quando nada que ocorra a um é indiferente ao outro. Este nível envolve compartilhamento de recursos e/ou atividades de forma mais sistemática e estável, mesmo que, os sujeitos em vinculação, continuem centrados nos seus respectivos projetos, perseguindo seus próprios objetivos.

O quinto e último nível é o Associar-se, onde há parceria e existe alguma forma de contrato ou acordo que não consiste só em compartilhar recursos e/ou atividades senão em estabelecer objetivos e projetos comuns. Um nível de vínculo desta natureza vai requerer e ao mesmo tempo gerar confiança, que é normalmente uma expectativa forte numa rede, e pode ser pensado mais como ponto de chegada do que ponto de partida (ROVERE, 2004).



Se há convivência e compartilhamento de recursos, pode haver compartilhamento de projetos e cada pessoa, instância ou instituição, diante de um projeto, pode se articular mais facilmente com o outro.

Para o autor, um nível é a base para o próximo (Rovere, 1999).

Quadro 1- Níveis de profundidade de vínculos para a construção de redes segundo Rovere

Nível	Ações	Valor
5. Associar-se	Compartilhar objetivos e projetos	Confiança
4. Cooperar	Compartilhar atividades e/ou recursos	Solidariedade
3. Colaborar	Prestar ajuda esporádica	Reciprocidade
2. Conhecer	Conhecimento do que o outro é ou faz	Interesse
1. Reconhecer	Destinadas a reconhecer que o outro existe	Aceitação

Rovere, 1999, p. 25

#### *3.4.3.1.3- Dimensão Cognitiva*

A dimensão cognitiva refere-se às representações compartilhadas, interpretações e sistemas de significações.

Esta dimensão é incorporada em atributos como um código compartilhado ou um paradigma comum que facilita um entendimento comum sobre as metas coletivas e formas adequadas de agir de um sistema social.

Uma visão e valores comuns facilitam as ações individuais e de grupo que podem beneficiar toda a rede (TSAI; GHOSHAL, 1998).

A interação social desempenha um papel fundamental tanto na existência de um conjunto comum de objetivos e valores quanto no compartilhamento desses entre os membros de uma organização.

As estruturas das organizações influenciam a formação de uma visão compartilhada.

A partir do processo de interação social, os atores percebem e adotam linguagens, códigos, valores e práticas comuns e também podem criar novos conjuntos de valores ou novas visões com base em seus interesses comuns e entendimentos mútuos.

Uma visão compartilhada inclui ter objetivos, metas e aspirações em comum. Quando os membros da organização têm as mesmas percepções sobre como interagir uns com os outros, e possuem uma linguagem em comum eles podem evitar possíveis falhas em suas comunicações, o que leva a maiores oportunidades para troca de informações ou recursos.

Uma visão compartilhada e linguagem comum, então podem trazer mais integração a toda a rede.

#### 4- METODOLOGIA

Este é um estudo exploratório-descritivo de natureza mista (MINAYO, 2010), conduzido com o objetivo de realizar uma análise descritiva do capital social da rBLH-BR. Para tanto, optou-se por uma abordagem que utilizou preceitos metodológicos da pesquisa quantitativa e qualitativa (CRESWELL; KLASSEN; PLANO, 2011).

O campo de estudo foi composto pelas referências que integram a rBLH-BR, sendo estas a Comissão Nacional de Bancos de Leite Humano<sup>3</sup>, o Centro de Referência Nacional em Banco de Leite Humano e os Centros de Referência Estaduais em Bancos de Leite Humano.<sup>4</sup>

As fontes primárias de informação para esta pesquisa foram obtidas a partir de entrevistas semi-estruturadas, nas quais o entrevistador introduziu o tema e o entrevistado teve a liberdade para discorrer sobre o assunto, observando o roteiro temático apresentado (APÊNDICE A).

A opção metodológica pela entrevista semi-estruturada como ferramenta de pesquisa de campo é referenciada por diferentes autores, que argumentam em favor dessa técnica quando se deseja obter o maior número possível de informações sobre determinado tema na visão do entrevistado (MINAYO, 1993), pois ela permite o diálogo amplo entre entrevistador e entrevistado, na busca de um maior detalhamento. (Gil, 2009).

O espaço amostral foi composto por todos os coordenadores de cada um dos 28 CREs da rBLH-BR, pelos 8 integrantes da CN e pelo coordenador do CRN, perfazendo um total de 31 entrevistados. Vale destacar que cinco integrantes da CN são também coordenadores de CREs.

As entrevistas foram realizadas entre os dias dezesseis de outubro de 2014 e sete de novembro de 2014. Do total de entrevistados, trinta eram do sexo feminino e

---

<sup>3</sup> A Comissão Nacional é composta pelo coordenador da Área Técnica de Saúde da Criança e Aleitamento Materno do Ministério da Saúde; pelo coordenador da Rede Brasileira de Bancos de Leite Humano; pelo presidente da Associação Brasileira de Profissionais de Bancos de Leite Humano; e um representante dos coordenadores dos Centros de Referência Estaduais em Bancos de Leite Humano de cada uma das cinco regiões do Brasil-Sudeste; Norte; Sul; Nordeste; e Centro-Oeste.

<sup>4</sup> A rBLH BR dispõe de um Centro de Referência por unidade federada e de dois Centros de Referência no estado de São Paulo, por ser este o estado com maior número de BLHs do Brasil

somente um do sexo masculino. A idade dos participantes e o tempo na função na rBLH-BR não foram considerados como pontos de corte para este estudo.

Todos os procedimentos de coleta de dados foram executados pela pesquisadora principal deste estudo. As entrevistas foram realizadas de forma individual e todas foram gravadas e posteriormente transcritas.

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE B) foi apresentado ao primeiro contato, sendo seu preenchimento e assinatura pré-requisito para a entrevista. Todos os entrevistados foram notificados da utilização das informações geradas para a composição desse trabalho.

Uma vez transcritas, as entrevistas foram submetidas à Análise de Conteúdo. A Análise de Conteúdo pode ser definida como:

Um conjunto de técnicas de análise de comunicação visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (BARDIN, 2004, p.42).

Para Minayo (2010) a análise de conteúdo, apresentada por Bardin (2004), “diz respeito a técnicas de pesquisa que permitem tornar replicáveis e válidas inferências sobre dados de um determinado contexto, por meio de procedimentos especializados e científicos” (MINAYO, 2010, p. 303).

Segundo Bardin, 2004, são necessárias três fases para a análise de conteúdo, sendo a primeira a fase de pré-exploração, a segunda fase de exploração do material e em seguida o processo de categorização e sub-categorização. Esta última fase consiste em uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto por diferenciação e pelo reagrupamento segundo o gênero.

Para este autor as categorias utilizadas podem seguir o modelo de análise *a priori* ou *a posteriori*.

Seguindo o modelo *a priori*, o pesquisador de antemão já possui categorias ( ou caixas nas quais são organizadas as informações) pré- definidas. Aplicáveis no caso do modelo teórico hipotetizado ou por experiência prévia ou interesses. Mesmo fornecendo a facilidade de classificação direta das unidades de análises dentro destas categorias preferenciais e obtendo a possibilidade de criação de subcategorias, percebe-se um engessamento metodológico, onde as categorias pré-definidas podem limitar a abrangência de novos caminhos que se encaixem nessas categorias prévias.

No modelo de análise *a posteriori*, essas emergem totalmente do contexto das falas dos participantes da pesquisa, ou do material investigado. O analista deve percorrer a trajetória de análise através do material analisado e das teorias embasadoras, além de manter o foco de análise nos objetivos da pesquisa.

Para tanto, optou-se por utilizar o modelo proposto por Nahapiet e Ghoshal (1998), que compreende o capital social a partir de três dimensões: estrutural, relacional e cognitiva.

Para se conhecer a dimensão estrutural do capital social foi utilizada a metodologia de análise de redes sociais (ARS) aliada ao método qualitativo. Assim, durante a entrevista, o pesquisador solicitou ao entrevistado que citasse os nomes de até três pessoas (e suas organizações/instituições) mais atuantes/expressivas na rBLH e os nomes de pessoas (e suas organizações/instituições) com as quais este vem mantendo contatos e atuando com maior frequência em função de suas atividades e objetivos na rBLH.

A metodologia de análise de redes sociais, além de permitir a indicação de pares para a troca de informação, permitiu mapear a rede e identificar padrões de relacionamento utilizando a abordagem quantitativa, apresentando também possibilidades de análise do entorno da rede e as peculiaridades do compartilhamento da informação e da construção do conhecimento.

Após as transcrições das entrevistas, foram montadas planilhas com informações referentes aos contatos por região, além de um consolidado de toda a rede, e outra planilha com as pessoas mais atuantes e expressivas na rede, perfazendo um total de sete planilhas.

A dimensão estrutural do capital social da rBLH-BR foi mapeada com base na construção de diagramas que definem as redes de contato da rBLH-BR em seu âmbito nacional e regional. Com esta mesma perspectiva foi mapeada a rede de atores sociais mais expressivos e atuantes da rBLH-BR. Para tanto, o padrão de relacionamento dos diferentes atores que integram a rede foi utilizado como elemento central do processo de construção dos diagramas com auxílio do software UCINET 6<sup>5</sup>, e do *Netdraw*

O software UCINET 6 é utilizado para análise de dados de redes sociais, auxiliando nos cálculos das medidas de centralidade das redes. Por sua vez a ferramenta

---

<sup>5</sup> [www.analytictech.com/ucinet/](http://www.analytictech.com/ucinet/)

de visualização da rede *Netdraw*- que integra o pacote do software UCINET 6 , possibilita a elaboração gráfica das redes sociais,

A análise da dimensão relacional do capital social se voltou para a identificação dos vínculos formados na rBLH-BR, a partir dos relatos dos entrevistados.

Os critérios para a definição dos níveis de vinculação entre os atores da rBLH-BR seguiram a classificação proposta por Rovere (1999), no qual foram considerados:

a) reconhecimento: quando somente é reconhecida a existência dos outros BLHs e suas contribuições para a qualificação da atenção neonatal e o seu impacto para reduzir os índices de morbidade e mortalidade infantil;

b) conhecimento: quando ao reconhecer a contribuição efetiva dos outros BLHs surgem as necessidades de ampliar o conhecimento sobre estes. Neste e ponto pode se dar o início de um processo que culmina na construção de um consenso técnico sobre procedimentos nos BLHs;

c) colaborar: quando começa o vínculo por meio de ações de ajuda espontânea e por demanda. Podendo ocorrer os primeiros contatos colaborativos entre as partes;

d) cooperar: quando existe operação conjunta, que envolve compartilhamento de recursos e/ou atividades de forma mais sistemática e estável entre os BLHs, porem os BLHs continuam centrados nos seus próprios projetos, perseguindo seus respectivos objetivos;

e) associar-se: quando há o estabelecimento de objetivos e projetos em comum entre os BLHs. Como resultado da relação de associação surge o valor 'Confiança'.

Para conhecer a dimensão cognitiva do capital social da rBLH-BR foi adotado como princípio que a mesma se refere ao compartilhamento de representações, interpretações e sistemas de significações. Diante disso, com apoio dos preceitos metodológicos de análise de conteúdo, buscou-se identificar nas falas dos entrevistados, elementos que permitem identificar a existência de uma linguagem comum entre os mesmos.

O estudo foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio/ Fiocruz, CAAE: 26858614.8.0000.5241, sendo aprovado pelo mesmo.

## **5- RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A análise do material permitiu evidenciar de forma clara que as três dimensões do capital social trabalhadas neste estudo são interligadas, e na prática não existe um limite claro de separação entre as mesmas. Os elementos que permitem categorizá-las se misturam, ocorrendo todos ao mesmo tempo e de maneira indissociável. Contudo, para melhor ordenar a apresentação, os resultados foram estruturados de acordo com as dimensões: estrutural, relacional e cognitivo.

### **5.1 DIMENSÃO ESTRUTURAL**




























A morfologia da Rede Brasileira de Bancos de Leite Humano, evidenciando as posições dos indivíduos e instituições e suas inter-relações, bem como a identificação de instrumentos e fluxo de informação encontra-se aqui reunida. Com a perspectiva de facilitar a leitura do texto, esta dimensão está organizada em três tópicos: Redes de contatos, Atores mais atuantes e expressivos na rBLH-BR e Instrumentos de informação da rBLH-BR.

#### **5.1.1 Redes de contatos**

As redes de contato e de atores expressivos e atuantes são apresentadas na forma de diagramas nos quais indivíduos e instituições foram codificadas de acordo com o quadro abaixo (Quadro 2). Vale ainda destacar os atores das Secretarias Estaduais de Saúde, bem como integrantes do Ministério da Saúde foram agrupados como “Atores Políticos”. A categoria “Outros” inclui a Vigilância Sanitária, Corpo de Bombeiros Militar, sociedades de classe e voluntários.

Os atores, que além de serem coordenadores de Centros de Referência Estaduais também pertencem à Comissão Nacional, foram classificados como membros da CN nos diagramas.





























Quadro 2- Codificação utilizada para representar os atores nos diagramas da rBLH-BR

Código	Representação Gráfica	Ator
A 1.		Centro de Referência Nacional
A 2.		Centro de Referência Estadual/ São Paulo
A 3.		Centro de Referência Estadual/ São Paulo
A 4.		Comissão Nacional / Consultor <i>Ad Hoc</i>
A 5.		Comissão Nacional / Representante Região Sudeste
A 6.		Centro de Referência Estadual/ Minas Gerais
A 7.		Banco de Leite Humano/ Rio de Janeiro
A 8.		Banco de Leite Humano/ Rio de Janeiro
A 11.		Banco de Leite Humano/ São Paulo
A 12.		Banco de Leite Humano/ São Paulo
A 13.		Centro de Referência Nacional
A 14.		Centro de Referência Nacional
A 15.		Centro de Referência Nacional
A 16.		Voluntário Técnico / São Paulo
A 17.		Banco de Leite Humano/ São Paulo
A 18.		Banco de Leite Humano/ São Paulo
A 19.		Secretaria Estadual de Saúde / Minas Gerais
A 20.		Banco de Leite Humano/ Minas Gerais
A 21.		Banco de Leite Humano/ Minas Gerais
A 22.		Banco de Leite Humano/ Minas Gerais
A 23.		Banco de Leite Humano/ Minas Gerais
A 24.		Banco de Leite Humano/ Minas Gerais
A 25.		Banco de Leite Humano/ Minas Gerais
A 26.		Banco de Leite Humano/ Minas Gerais
A 27.		Banco de Leite Humano/ Minas Gerais
A 28.		Banco de Leite Humano/ Minas Gerais
A 29.		Banco de Leite Humano/ Minas Gerais



A 30.	■	Banco de Leite Humano/ Minas Gerais
A 31.	■	Comissão Nacional/Representante Região Centro-oeste
A 32.	■	Banco de Leite Humano/ Espírito Santo
A 33.	■	Banco de Leite Humano/ Espírito Santo
A 34.	■	Banco de Leite Humano/ Espírito Santo
A 35.	■	Banco de Leite Humano/ Espírito Santo
A 36.	■	Banco de Leite Humano/ Espírito Santo
A 37.	■	Banco de Leite Humano/ Espírito Santo
A 38.	■	Banco de Leite Humano/ Espírito Santo
A 39.	■	Banco de Leite Humano/ São Paulo
A 40.	■	Banco de Leite Humano/ São Paulo
A 41.	■	Banco de Leite Humano/ São Paulo
A 42.	■	Banco de Leite Humano/ São Paulo
A 43.	■	Banco de Leite Humano/ São Paulo
A 44.	■	Banco de Leite Humano/ São Paulo
A 45.	■	Banco de Leite Humano/ São Paulo
A 46.	■	Banco de Leite Humano/ São Paulo
A 47.	■	Banco de Leite Humano/ São Paulo
A 48.	■	Banco de Leite Humano/ São Paulo
A 49.	■	Banco de Leite Humano/ São Paulo
A 50.	■	Banco de Leite Humano/ São Paulo
A 51.	■	Banco de Leite Humano/ São Paulo
A 52.	■	Banco de Leite Humano/ São Paulo
A 53.	■	Banco de Leite Humano/ São Paulo
A 54.	■	Banco de Leite Humano/ São Paulo
A 55.	■	Banco de Leite Humano/ São Paulo
A 56.	■	Banco de Leite Humano/ São Paulo
A 57.	■	Banco de Leite Humano/ São Paulo

A 58.	■	Banco de Leite Humano/ São Paulo
A 59.	■	Banco de Leite Humano/ São Paulo
A 60.	■	Banco de Leite Humano/ São Paulo
A 61.	■	Banco de Leite Humano/ São Paulo
A 62.	■	Banco de Leite Humano/ São Paulo
A 63.	■	Banco de Leite Humano/ São Paulo
A 64.	■	Banco de Leite Humano/ São Paulo
A 65.	■	Banco de Leite Humano/ São Paulo
A 66.	■	Banco de Leite Humano/ São Paulo
A 67.	■	Banco de Leite Humano/ São Paulo
A 68.	■	Banco de Leite Humano/ São Paulo
A 69.	■	Comissão Nacional / Representante Região Sul
A 70.	■	Centro de Referência Estadual/ Rio Grande do Sul
A 71.	■	Centro de Referência Estadual/ Santa Catarina
A 72.	■	Banco de Leite Humano/ Paraná
A 73.	■	Banco de Leite Humano/ Paraná
A 74.	■	Banco de Leite Humano/ Paraná
A 75.	■	Banco de Leite Humano/ Paraná
A 76.	■	Banco de Leite Humano/ Paraná
A 77.	■	Banco de Leite Humano/ Paraná
A 78.	■	Banco de Leite Humano/ Paraná
A 79.	■	Banco de Leite Humano/ Paraná
A 80.	■	Banco de Leite Humano/ Paraná
A 81.	■	Banco de Leite Humano/ Paraná
A 82.	■	Banco de Leite Humano/ Rio Grande do Sul
A 83.	■	Centro de Referência Nacional
A 84.	■	Centro de Referência Estadual/ Distrito Federal
A 85.	■	Centro de Referência Estadual/ Mato Grosso do Sul

A 86.		Centro de Referência Estadual/ Goiás
A 87.		Centro de Referência Estadual/ Mato Grosso
A 88.		Secretaria Estadual de Saúde / Distrito Federal
A 89.		Corpo de Bombeiro Militar/ Distrito Federal
A 90.		Banco de Leite Humano/ Distrito Federal
A 91.		Ministério da Saúde
A 92.		Ministério da Saúde
A 93.		Banco de Leite Humano/ Mato Grosso
A 94.		Banco de Leite Humano/ Mato Grosso
A 95.		Ministério da Saúde
A 96.		Vigilância Sanitária/ Mato Grosso do Sul
A 97.		Banco de Leite Humano/ Mato Grosso do Sul
A 98.		Banco de Leite Humano/ Mato Grosso do Sul
A 99.		Banco de Leite Humano/ Mato Grosso do Sul
A 100.		Banco de Leite Humano/ Mato Grosso do Sul
A 101.		Secretaria Estadual de Saúde / Distrito Federal
A 102.		Banco de Leite Humano/ Distrito Federal
A 103.		Banco de Leite Humano/ Distrito Federal
A 104.		Banco de Leite Humano/ Distrito Federal
A 105.		Banco de Leite Humano/ Distrito Federal
A 106.		Banco de Leite Humano/ Distrito Federal
A 107.		Banco de Leite Humano/ Distrito Federal
A 108.		Banco de Leite Humano/ Distrito Federal
A 109.		Banco de Leite Humano/ Distrito Federal
A 110.		Banco de Leite Humano/ Distrito Federal
A 111.		Banco de Leite Humano/ Distrito Federal
A 112.		Banco de Leite Humano/ Distrito Federal
A 113.		Banco de Leite Humano/ Distrito Federal

A 114.	■	Banco de Leite Humano/ Distrito Federal
A 115.	■	Banco de Leite Humano/ Distrito Federal
A 116.	■	Centro de Referência Estadual/ Sergipe
A 117.	■	Centro de Referência Estadual/ Maranhão
A 118.	■	Comissão Nacional / Representante Região Nordeste
A 119.	■	Centro de Referência Estadual/ Ceará
A 120.	■	Centro de Referência Estadual/ Piauí
A 121.	■	Centro de Referência Estadual/ Bahia
A 122.	■	Centro de Referência Estadual/ Pernambuco
A 123.	■	Centro de Referência Estadual/ Paraíba
A 124.	■	Centro de Referência Estadual/ Alagoas
A 125.	■	Banco de Leite Humano/ Ceará
A 126.	■	Banco de Leite Humano/ Alagoas
A 127.	■	Ministério da Saúde
A 128.	■	Secretaria Estadual de Saúde / Paraíba
A 129.	■	Secretaria Estadual de Saúde / Paraíba
A 130.	■	Secretaria Estadual de Saúde / Paraíba
A 131.	■	Sociedade de classe/ Pernambuco
A 132.	■	Secretaria Estadual de Saúde / Pernambuco
A 133.	■	Centro de Referência Nacional
A 134.	■	Centro de Referência Estadual/ Tocantins
A 135.	■	Centro de Referência Estadual/ Acre
A 136.	■	Centro de Referência Estadual/ Rondônia
A 137.	■	Centro de Referência Estadual/ Roraima
A 138.	■	Centro de Referência Estadual/ Amazonas
A 139.	■	Centro de Referência Estadual/ Amapá
A 140.	■	Comissão Nacional/ Representante Região Norte
A 141.	■	Centro de Referência Nacional

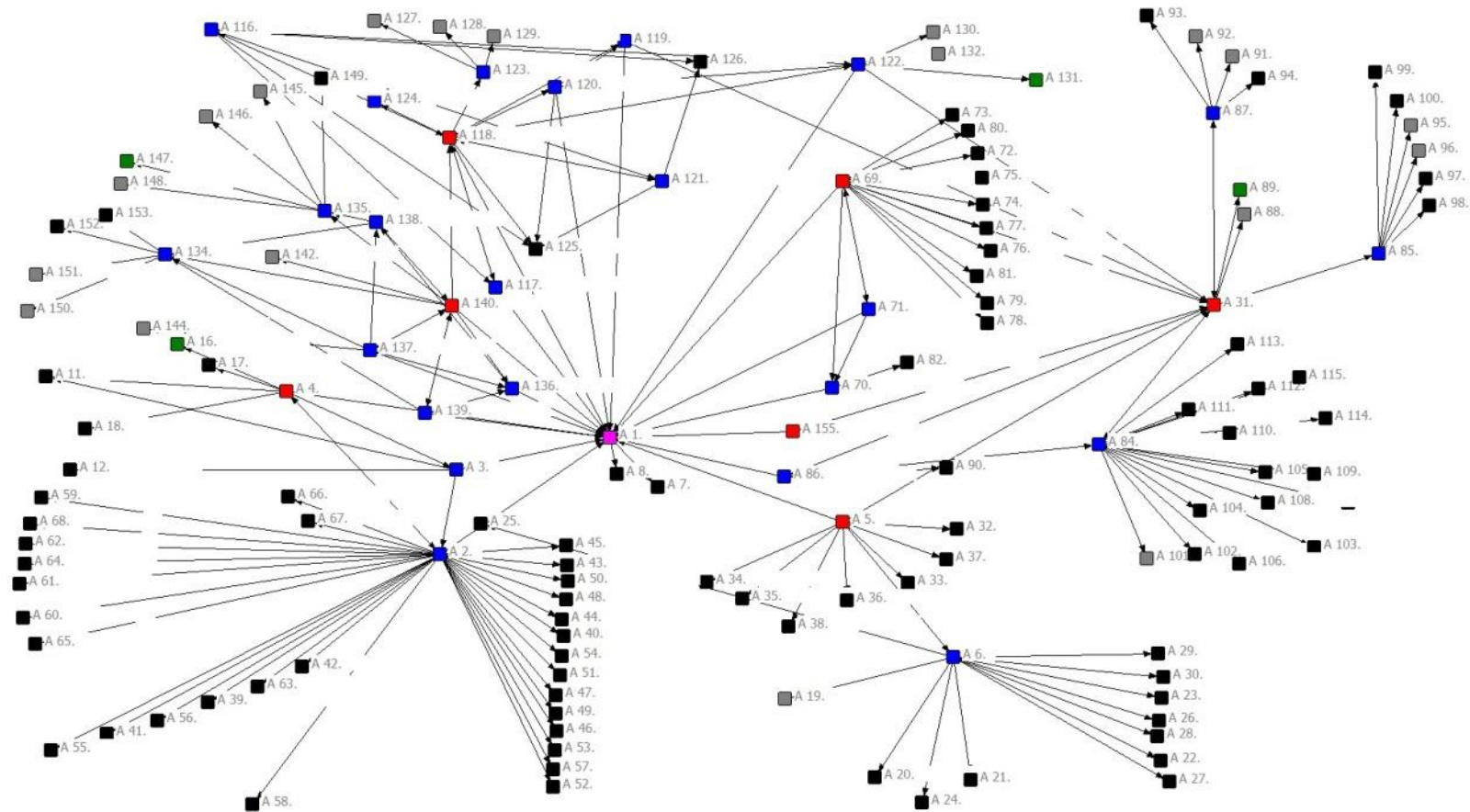
A 142.	■	Secretaria Estadual de Saúde / Roraima
A 143.	■	Centro de Referência Nacional
A 144.	■	Secretaria Estadual de Saúde / Roraima
A 145.	■	Ministério da Saúde
A 146.	■	Ministério da Saúde
A 147.	■	Vigilância Sanitária/ Acre
A 148.	■	Secretaria Estadual de Saúde / Acre
A 149.	■	Posto Coleta de Leite Humano/ Acre
A 150.	■	Secretaria Estadual de Saúde / Tocantins
A 151.	■	Ministério da Saúde
A 152.	■	Banco de Leite Humano/ Tocantins
A 153.	■	Banco de Leite Humano/ Tocantins
A 154.	■	Centro de Referência Nacional
A 155.	■	Comissão Nacional/ Representante do Ministério da Saúde

#### 5.1.1.1 Rede de contatos da rBLH-BR

O mapeamento da rede de contatos da Rede Brasileira de Bancos de Leite Humano realizado a partir das entrevistas permitiu identificar dentre os indivíduos e instituições citadas, um total de 155 atores.

A representação gráfica da rede de contatos é apresentada na Figura 2 e permite a afirmação de que a rBLH-BR apresenta um elevado nível de conectividade, conformando uma verdadeira unidade. Dentre as evidências que permitem esta verificação, há de se dar ênfase especial para o fato de todos os Centros de Referência Estaduais, bem como o Nacional serem citados por pelo menos um dos entrevistados; e, a constatação de que não há nenhuma macrorregião isolada das demais. O Centro de Referência Nacional e a Comissão Nacional conferem a coesão necessária para que a rBLH-BR tenha união em nível nacional.

Figura 2 – Rede de contatos da rBLH-BR



■ Banco de Leite Humano ou Posto de Coleta ■ Centro de Referência Estadual ■ Comissão Nacional ■ Centro de Referência Nacional ■ Atores políticos ■ Outros

No tocante ao fluxo de informação evidenciado na Figura 2, vale lembrar que os atores que têm maior probabilidade de transferir e receber informações de toda a rede são os que detêm o maior número de caminhos na rede (TOMAEL; MARTELETO, 2006). Para o cálculo da centralidade de informação é utilizado uma combinação que analisa todos os caminhos entre os atores (GÓMES et al., 2003).

A medida central baseia-se na "Informação" contida em todos os caminhos possíveis entre os atores. O fluxo da informação em uma rede poder utilizar qualquer canal disponível e esse nem sempre ser este o mais curto (como o utilizado nos cálculos das centralidades de intermediação e proximidade) (STEPHENSON, ZELEN, 1989).

Nesta rede o ator com maior centralidade de informação foi o Centro de Referência Nacional, seguido do representante da região Centro-oeste na Comissão Nacional, do representante da região Nordeste na Comissão Nacional, do Centro de Referência Estadual de Pernambuco e representante da região Norte na Comissão Nacional (Quadro 3). O Centro de Referência Estadual de Pernambuco embora não integre a Comissão Nacional, apresenta alta centralidade de informação.

Quadro 3- Centralidade de Informação da Rede de Contatos da rBLH-BR

Ator	Centralidade de Informação
Centro de Referência Nacional	0,686
Comissão Nacional/Representante Região Centro-oeste	0,646
Comissão Nacional / Representante Região Nordeste	0,623
Centro de Referência Estadual/ Pernambuco	0,604
Comissão Nacional/ Representante Região Norte	0,601
Centro de Referência Estadual/ Piauí	0,590
Centro de Referência Estadual/ Ceará	0,589
Comissão Nacional / Representante Região Sul	0,587
Centro de Referência Estadual/ São Paulo	0,581
Centro de Referência Estadual/ Rondônia	0,573
Centro de Referência Estadual/ Roraima	0,570
Comissão Nacional / Consultor <i>Ad Hoc</i>	0,560
Centro de Referência Estadual/ Mato Grosso	0,559
Comissão Nacional / Representante Região Sudeste	0,559



Centro de Referência Estadual/ Amapá	0,559
Centro de Referência Estadual/ São Paulo	0,558
Centro de Referência Estadual/ Amazonas	0,548
Centro de Referência Estadual/ Maranhão	0,544

Os atores com maior centralidade de informação são o Centro de Referência Nacional e alguns Centros de Referência Estaduais, fato que sugere que estas referências seguem seus objetivos de apoiar os BLHs em suas áreas de abrangência geográfica e de difundir as informações para os mesmos.

Ao estudar as oportunidades de intermediação e disseminação da informação, Otte e Rousseau (2002) consideram que a centralidade de grau é a quantidade de ligações que um ator possui. A medida de centralidade de grau corresponde ao índice de saída e de entrada de informação para um ator. O índice de saída indica quantos indivíduos o ator citou, e o de entrada representa quantas vezes o ator foi indicado pelos outros, sendo o segundo mais importante pelo possível poder de influência e um ator referenciado pode exercer.

Como o presente estudo não restringiu o número de citações por entrevistado e pelo número de BLHs não ser o mesmo em todos os estados, não foram calculadas as medidas de centralidades de saída.

A centralidade de grau é o recurso que identifica o número de contatos diretos que um ator mantém em uma rede. Assim, pode ser entendida como a medida que indica o nível de comunicação de um ator (TOMAEL; MARTELETO, 2006). Quanto mais central é um ator, mais bem posicionado ele está em relação às trocas e à comunicação, o que aumenta o seu poder de comunicação e de obtenção de informações na rede. (MARTELETO, 2001)

O ator com maior centralidade de grau de entrada é o Centro de Referência Nacional, pois foi citado como contato frequente por 18 dos 31 entrevistados (Quadro 4). Em seguida estão o Representante da região Centro-oeste na Comissão Nacional, e representante da região Nordeste na Comissão Nacional. Estes dados reforçam a importância do papel desta comissão na rBLH-BR.

A centralidade de grau variou em ordem crescente de 01 a 18. Os atores com mais citações foram reunidos no Quadro 4. O maior grau- 18 foi obtido pelo Centro de

Referência Nacional, o que está compatível com o papel esperado a ser desempenhado por uma referência nacional. Nesta mesma perspectiva pode-se considerar como esperável que representantes da Comissão Nacional, de forma geral, apresentem maior centralidade que os demais atores.

Contudo, esta perspectiva foi cumprida apenas pelas representações da região Centro-oeste e Nordeste, merecendo destaque o fato de um BLH da região Nordeste apresentar centralidade de grau superior aos demais representantes da Comissão Nacional e de todos os Centros de Referência Estaduais.

Quadro 4- Centralidade de Grau de Entrada da Rede de Contatos da rBLH-BR

Ator	Centralidade de Grau
Centro de Referência Nacional	18
Comissão Nacional/Representante Região Centro-oeste	08
Comissão Nacional / Representante Região Nordeste	06
Banco de Leite Humano/ Ceará	04
Centro de Referência Estadual/ Tocantins	04
Centro de Referência Estadual/ Rondônia	04
Centro de Referência Estadual/ Pernambuco	03
Comissão Nacional/ Representante Região Norte	03
Centro de Referência Estadual/ São Paulo	02
Banco de Leite Humano/ São Paulo	02
Centro de Referência Estadual/ Rio Grande do Sul	02
Centro de Referência Estadual/ Distrito Federal	02
Centro de Referência Estadual/ Maranhão	02
Centro de Referência Estadual/ Ceará	02
Centro de Referência Estadual/ Bahia	02
Banco de Leite Humano/ Alagoas	02
Centro de Referência Estadual/ Acre	02
Centro de Referência Estadual/ Amazonas	02

A posição de um ator pode facilitar o acesso e o fluxo da informação, especialmente quando sua posição é favorecida pelo trajeto por onde a informação

circula. A Centralidade de intermediação é medida através do número de vezes que um ator age como ponte ao longo do caminho mais curto entre dois outros atores (FREEMAN, 1977). O cálculo dessa medida é feito com base nos caminhos geodésicos, os mais curtos. A posição de centralidade de intermediação confere o poder de controlar as informações e o seu fluxo na rede. Os atores com maior centralidade de intermediação são os principais propagadores de informações e possuem maior potencial de atraírem outros atores em uma rede (RECUERO, 2009).

O representante da região Centro-oeste na Comissão Nacional possui uma posição mais favorável para influenciar pessoas para as quais ele intermedia informação (Quadro 5).

Ressalta-se que os representantes das regiões Nordeste e Centro-oeste na Comissão Nacional também possuem alto grau de centralidade de informação, sendo assim, eles podem intermediar informações considerando tanto todos os caminhos possíveis quanto os caminhos mais curtos na rede.

Os Centros de Referência Estaduais do Distrito Federal e de Pernambuco, mesmo não sendo representantes das suas regiões na Comissão Nacional, possuem alto grau de centralidade de intermediação, o que lhes confere poder de intermediar informações em suas macrorregiões com menor número de intermediários.

O Centro de Referência Nacional consta como o décimo ator mais central quanto à centralidade de intermediação. Isso se deve ao fato de que, para obter informações de toda a rede, ele precisa de mais intermediários do que os atores com maior centralidade de intermediação que ele.

Quadro 5: Centralidade de Intermediação da Rede de Contatos da rBLH-BR

Ator	Centralidade de Intermediação
Comissão Nacional/Representante Região Centro-oeste	543.0
Comissão Nacional / Representante Região Nordeste	337.0
Centro de Referência Estadual/ Distrito Federal	270.0
Centro de Referência Estadual/ Pernambuco	201.0

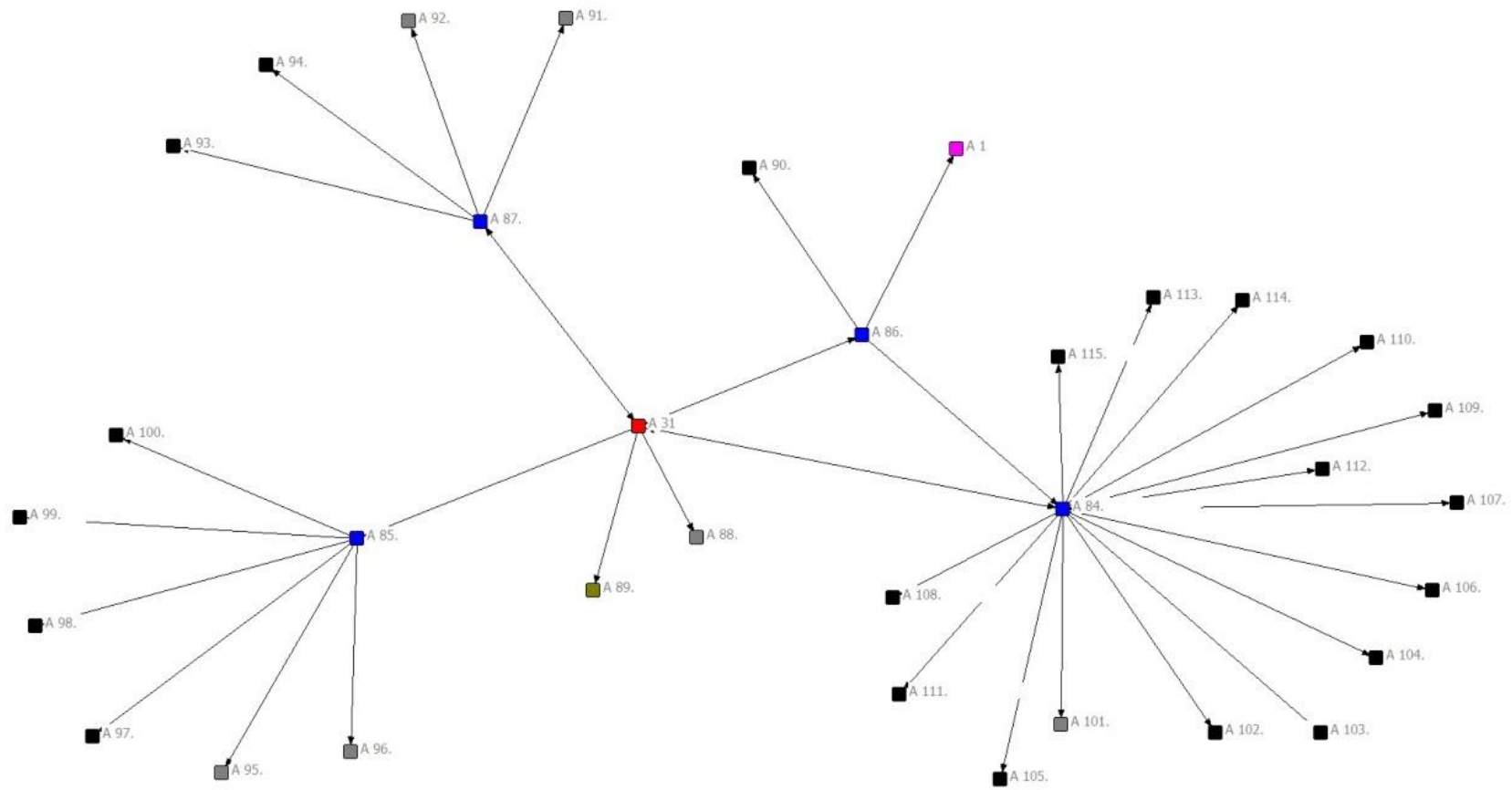
Comissão Nacional/ Representante Região Norte	170.5
Centro de Referência Estadual/ Ceará	137.0
Centro de Referência Estadual/ Mato Grosso do Sul	114.0
Centro de Referência Estadual/ Mato Grosso	72.0
Centro de Referência Estadual/ São Paulo	64.0
Centro de Referência Nacional	48.0

Não foi possível calcular a centralidade de proximidade, pois a rede mapeada não é simétrica, ou seja, não foram entrevistados todos os atores citados.

#### 5.1.1. 2 Rede de contatos da Região Centro-Oeste

A Rede de Bancos de Leite Humano da região Centro-oeste é composta pelo representante da região na Comissão Nacional, pelos Centros de Referência pelas Secretarias Estaduais de Saúde, Vigilância Sanitária, Corpo de Bombeiro Militar, pelos Bancos de Leite Humano da região e pelo Centro de Referência Nacional..

Figura 3- Rede de Contatos da Região Centro-oeste



■ Banco de Leite Humano ■ Centro de Referência Estadual ■ Comissão Nacional ■ Centro de Referência Nacional ■ Atores políticos ■ Outros

O representante da macrorregião Centro-oeste na Comissão Nacional (A-31) mantém contato com todos os Centros de Referência Estaduais. Observa-se também que o ator A-31 foi citado pela maioria das referências da região, o que demonstra reciprocidade na relação entre os atores. Somente um CRE não o citou como contato frequente.

Entre os motivos pelos quais o ator A-31 foi citado são: auxílio aos Centros de Referência Estaduais na parte técnica, de gestão e manter parcerias quanto à execução de cursos de capacitação.

[ator A- 31] a parte técnica, cursos também devido a proximidade...Dúvidas da parte técnica também, credenciamento, às vezes de leite de estoque, de transporte... (Fala do entrevistado 86)

Geralmente são assuntos de gestão, quando a gente tá executando cursos ou eventos, ou problemas técnicos relacionados com outros Bancos, daí a gente se liga pra ver como a gente vai agir. (Fala do entrevistado 84)

A partir da análise da frequência e dos motivos dos contatos das demais referências com o ator A-31, pode-se supor que este ator esteja exercendo o papel esperado de representante da macrorregião Centro-oeste na Comissão Nacional.

Na verdade, ela sempre me atualiza muito. Quando eu quero pegar algumas coisas novas da rede, em relação a tudo, desde curso, desde projetos. Como ela está lá, sempre me dá esse suporte. Às vezes eu até brinco que eu vou avisando às apoiadoras de coisas que *estar* para acontecer. O [ ator A-31] me avisa e eu ligo para as apoiadoras.[...] É uma troca. Desde equipamentos, ela me dá muitas dicas de compra, fornecedor. Quando eu preciso, entro sempre em contato com ela. Ela está sempre perguntando como está, como está meu relacionamento com os outros bancos. Ela se reporta sempre a mim para eu... perguntar. Ela me pergunta como é que estão as coisas. A gente se fala até bastante. (Fala do entrevistado 87)

Os Centros de Referência Estaduais da região Centro-oeste, em geral, não relatam estabelecer contatos entre si. Somente o Centro de Referência Estadual de Goiás citou outro Centro de Referência Estadual, sendo este da mesma região. Segundo este ator, há troca de informações técnicas entre as duas instituições. O mesmo ator relatou manter também contato um BLH de outro estado federativo pelos mesmos motivos.

Nesta região verifica-se um contato dos Centros de Referência Estaduais com secretarias estaduais ou consultores do Ministério da Saúde nos estados. Assim pode-se

dizer que há uma aproximação dos Centros de Referência Estaduais da região Centro-oeste em relação aos atores políticos. Uma possibilidade de justificativa deste fato é a proximidade geográfica entre as referências estaduais e o centro de concentração política nacional, representado pelo Distrito Federal.

Na região Centro- oeste, somente um Centro de Referência Estadual não citou como contato frequente os BLH de seu estado, nem membros de secretarias de saúde ou ministério, embora, ao ser questionado sobre a sua participação na rede, tenha se considerado facilitador para que a região Centro-oeste estivesse mais próxima e mais reunida.

Acho que eu sou disponível, acessível, acho que sou fácil de lidar, então com isso facilita, facilita a rede de chegar mais próximo, facilita a região centro-oeste estar mais próxima e mais reunida, as meninas são todas ótimas, as quatro da região centro-oeste mais [o ator A-31] né? Então eu acho que eu facilito.[...] Facilitadora mesmo, acho que eu consegui acrescentar pra esse saldo de qualidade, acho que não só eu, toda a região centro-oeste, a gente crescendo reunidas, as quatro com [o ator A31] (Fala do entrevistado 86)

No Centro-oeste o Corpo de Bombeiro Militar foi citado como contato por ser um parceiro para a coleta de leite humano.

Outro ator citado foi a Vigilância Sanitária, que em um estado participa, juntamente com o Centro de Referência Estadual, de visitas técnicas nos BLH, possui parceria na realização de cursos e compra de insumos de utilização dos BLHs.

[...] porque a vigilância sanitária também coloca o curso de Banco de leite na sua programação, então às vezes quem banca o almoço dos eventos é a vigilância (Fala do entrevistado 85).

No Centro-oeste está localizada a única cidade do mundo autossuficiente na captação e doação de leite materno – Brasília (REDEBLH, 2015).

O governo do Distrito Federal reiterou o apoio às ações dos BLHs, ao incluir no calendário oficial a comemoração anual da Semana Distrital de Doação de Leite Materno, através da Lei Nº 5.154, de 19 de agosto de 2013 Esta semana tem como objetivos a conscientização e publicidade do tema doação de leite materno; a promoção

de iniciativas visando ao aumento da doação de leite materno e o abastecimento contínuo dos bancos de leite do Distrito Federal.

Quando são analisadas as respostas dos entrevistados do Centro-oeste percebe-se que o representante local na Comissão Nacional possui influência conferida pela maior centralidade de Grau de entrada. Esta posição é seguida pelo Centro de Referência Estadual do Distrito Federal, referenciado por 2 entrevistados (Quadro 6). Os demais atores citados só receberam uma indicação como contato.

Quadro 6 Centralidade de Grau de Entrada dos Contatos da Região Centro-Oeste

Ator	Centralidade de Grau
Comissão Nacional/Representante Região Centro-oeste	03
Centro de Referência Estadual/ Distrito Federal	02

Porém o Centro de Referência Estadual do Distrito Federal tem maior probabilidade de receber e transferir informações para região Centro-oeste, por possuir maior centralidade de informação ao se analisar esta sub rede isoladamente (Quadro 7).

Quadro 7: Centralidade de Informação dos Contatos da Região Centro Oeste

Ator	Centralidade de Informação
Centro de Referência Estadual/ Distrito Federal	0,642
Comissão Nacional/Representante Região Centro-oeste	0,634
Centro de Referência Estadual/ Goiás	0,551
Centro de Referência Estadual/ Mato Grosso do Sul	0,462
Centro de Referência Estadual/ Mato Grosso	0,438

### 5.1.1.3 Rede de contatos da Região Nordeste

A representação da região Nordeste na Comissão Nacional (A-118) mantém contato com todos os Centros de Referência Estaduais da sua localidade para transmitir informações referentes às ações da rBLH-BR.

Todos os motivos relacionados ao nosso trabalho mesmo, a rede, a questão de quando tem uma web conferência ou então a teleconferência, então eu sinto ausência dele, e repasso a todos, pra



que todos fiquem conscientes do que está acontecendo, então elas também ligam, fazem algumas perguntas no grupo, a gente responde [...] É, quando tem necessidade, tudo voltado pra rede, uma sobre a videoconferência, já recebi uma mensagem da Fiocruz, então eu repasso pra todas elas. (Fala do entrevistado 118)

Cinco Centros de Referência Estaduais citaram contato freqüente com a representação da região Nordeste na Comissão Nacional, sob a perspectiva desta atuar como apoio às referências desta macrorregião.

[A- 118] como representante do Banco de leite do nordeste a gente tem contato no sentido de tanto de ofertar notícias nossas, como [A- 118] repassa as notícias das reuniões que ela faz da Comissão Nacional (Fala do entrevistado 122).

[A- 118] por ser nossa coordenadora, nossa referência pra o nordeste, então a gente sempre, ó [A- 118] tem isso daqui vê se você consegue passar isso pra comissão nacional, porque ela faz parte da comissão nacional, né, e quando a gente quer alguma informação ou quando ela quer vê se você consegue, se a gente consegue sensibilizar pra ir um carro pelo menos com as referências. A gente precisava assim como o Ministério da saúde, como a Samu, desse um carro pra gente pelo menos pra referência, pra estimular que outros pudessem ver e presentear o próprio estado né, se entusiasmar, olha que legal, e assim a gente dá umas idéias e troca figurinhas mesmo (Fala do entrevistado 116).

Um dos atores reafirma que além da representação da região Nordeste na Comissão Nacional informar os Centros de Referência Estaduais, há uma troca mútua de informações entre estes.

É uma troca mútua, tanto ela [A- 118] repassa as dúvidas a nível de nordeste, e se a gente falar direto com a rede [CRN] a gente repassa pra ela (Fala do entrevistado 121)

Cinco dos nove Centros de Referência Estaduais do Nordeste citaram o Centro de Referência Nacional e relataram manter contato freqüente para esclarecimentos de dúvidas técnicas, de preenchimento do Sistema de Informação e quanto ao credenciamento.

Quando eu quero esclarecer alguma dúvida, alguma demanda, alguma explicação, até algumas questões relacionadas a alunos, no centro de referência, como eu trabalho em escola, eu tenho muitos alunos fazendo trabalhos, alguns questionamentos que a gente já sabem o correto mas que a gente quer respaldo melhor pra até uma tranqüilidade, e quando tem alguma dúvida, quando tem necessidade de até saber de um equipamento, de certificado, eu tenho dificuldade

de achar, lá em [cidade do entrevistado] não vendem. (Fala do entrevistado 118)

[A-1] é mais em relação ao credenciamento, mais em relação, por exemplo, a gente passou por dificuldades no outro credenciamento e agora ela sempre mantinha contato né, do que ta acontecendo, o que falta colocar, agora, por exemplo, eu liguei pra saber como é que colocava, se é daquele jeito mesmo, ela sempre tira dúvida em relação ao credenciamento, era mais em relação ao credenciamento. Tirando dúvidas né? (Fala do entrevistado 119)

Diferente da região Centro-oeste, somente dois dos cinquenta BLHs da região Nordeste foram citados pelos Centros de Referência Estaduais como contatos frequentes.

Dois representantes de Centros de Referência Estaduais citaram a representação da região Centro-oeste na Comissão Nacional (ator A-31) como contato frequente. Esta interligação entre as regiões ocorre de forma bilateral.

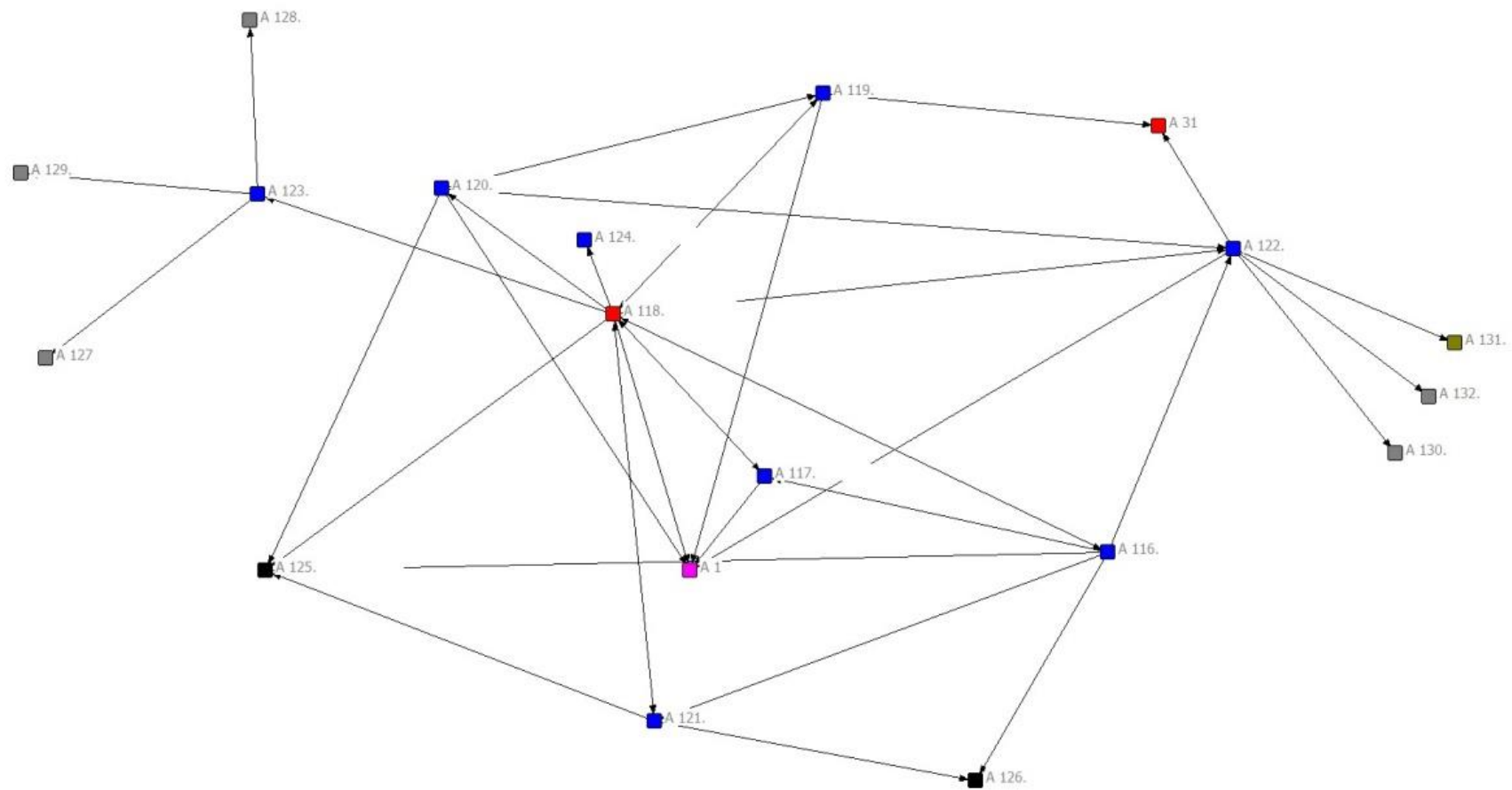
A [A- 31] vem solicitando a ajuda da gente em relação a questões relacionadas a IHAC e daí a gente entra em contato com ela. (Fala do entrevistado 122)

[A- 31] também, né, por exemplo, em relação a compras de material, da última vez ela nos informou sobre alguns equipamentos que ela comprava e gostou, até pra gente ter informações a isso né, porque a gente comprou muito material, a gente ta praticamente com um novo Banco de leite, agora, a gente comprou tudo novo. (Fala do entrevistado 119)

Uma Sociedade de classe foi citada como parceira da rBLH.

Não adianta nós fazermos todas as questões de coleta, processamento, de controle de qualidade, e o leite, depois de todo organizado, de liberado pra consumo, não ter um profissional neonatologista pediatra apto a usar esse leite na rede de maternidades e UTIS neonatais do estado e na rede privada, que a gente vê muitas vezes a não utilização devida, por exemplo, da acidez, do crenatócrito, quer dizer a acidez nem tanto porque é uma questão de seleção, mas do próprio crenatócrito para utilização nos Bancos de leite, então usar um leite que está com um crenatócrito elevado pra um bebê que está com necessidade, de ser um bebezinho que ainda ta na parte de colostroterapia, que seria muito mais útil um leite de baixa caloria, então isso é muito importante, eu fazer ligação com ela. [...] Ela dá ajuda pra que a gente possa dentro da sociedade de pediatria dar cursos para os pediatras e neonatologistas. ( Fala do entrevistado 122)

Figura 4- Rede de Contatos da Região Nordeste



■ Banco de Leite Humano ■ Centro de Referência Estadual ■ Comissão Nacional ■ Centro de Referência Nacional ■ Atores políticos ■ Outros

Os atores com maior centralidade de grau da região Nordeste são o Cento de Referência Nacional, que mesmo sem estar localizado nesta região, faz parte desta sub rede e o representante da região Nordeste na Comissão Nacional. Estas representações possuem forte probabilidade de influência nesta região (Quadro 8).

Os dois BLHs que estão entre os atores com maior centralidade de grau (A-125 e A-126) foram destacados pela parceria no desenvolvimento de cursos na região e pelo auxílio em tomadas de decisão. Esses atributos conferem influencia, ainda que não sejam Centros de Referência Estaduais.

Os motivos que entrei em contato com [A- 125] foi um curso que nós tivemos de processamento, somos tutoras juntas, já é a segunda vez que a gente trabalhou como tutoras, daí a gente criou um grupo no *whatsapp*, daí a gente troca informação com relação a atividades que a gente desenvolve [...]. A [A- 126] também foi através de um curso que a gente entrou em contato, então assim, além de reuniões que a gente tem aqui de referências, o vínculo ficou maior nos locais que fui monitora. (Fala do entrevistado 121)

Com a [A- 126] é mais profissional. Ela está aqui. A gente decide coisas juntas do estado. As visitas, postos de coletas. Trabalhamos nesta parceria juntas no Estado. (Fala do entrevistado 124)

Entro muito em contato com a [A- 125] que ela ta sempre muito envolvida nessa questão dos cursos, então quando surge alguma dúvida, alguma coisa eu sempre tenho mais facilidade de entrar em contato com [A- 125]. Também, recentemente nós entramos em contato com ela, tivemos um curso de segurança alimentar que ela tinha ofertado e a gente foi, participamos desse curso e ela tinha colocado que tinha feito um teste com relação a acidez do leite humano, e então eu pedi a ela como foi que ela tinha feito, realizado isso, ela nos deu, e a gente realizou isso no Banco pra apresentar. (Fala do entrevistado 116)

Quanto à centralidade de informação (Quadro 9), o representante da região Nordeste na Comissão Nacional ocupa a posição mais central, possuindo maior poder de comunicação e obtenção de informações nesta sub rede.

Quadro8: Centralidade de Grau de Entrada da Rede de Contatos da Região Nordeste

Ator	Centralidade de Grau
Centro de Referência Nacional	05
Comissão Nacional / Representante Região Nordeste	05
Banco de Leite Humano/ Ceará	04
Centro de Referência Estadual/ Pernambuco	03
Centro de Referência Estadual/ Bahia	02
Centro de Referência Estadual/ Ceará	02
Centro de Referência Estadual/ Maranhão	02
Banco de Leite Humano/ Alagoas	02
Comissão Nacional/Representante Região Centro-oeste	02

Quadro 9: Centralidade de Informação de Contatos da Região Nordeste

Ator	Centralidade de Informação
Comissão Nacional / Representante Região Nordeste	1,174
Centro de Referência Estadual/ Pernambuco	1,075
Centro de Referência Estadual/ Sergipe	1,029
Centro de Referência Estadual/ Piauí	1,014
Centro de Referência Nacional	1,010
Banco de Leite Humano/ Ceará	0,952
Centro de Referência Estadual/ Ceará	0,943
Centro de Referência Estadual/ Bahia	0,917
Centro de Referência Estadual/ Maranhão	0,893
Comissão Nacional/Representante Região Centro-oeste	0,754

Todos os nove Centros de Referência Estaduais do Nordeste participam de um grupo em uma ferramenta informacional chamada *WhatsApp Messenger*<sup>6</sup>. Segundo

<sup>6</sup> *WhatsApp Messenger*. é um aplicativo de mensagens multiplataforma que permite trocar mensagens pelo celular. Ele permite aos usuários enviar e receber informações de localização, imagens, vídeo, áudio e mensagens de texto em tempo real para os indivíduos e grupos de amigos (CHUCH, OLIVEIRA, 2013)

eles, esta ferramenta está sendo utilizada para que as referências da região mantenham contato mais frequente.

A gente criou um grupo né no *whatsapp*. Maravilhoso! Então é do nordeste, então todo mundo entende, se responde, comenta e é, bem, até agora pra encontrar, pra chegar, é muito útil, sabendo usar o *whatsapp* ele é bem válido né (Fala do entrevistado 118).

Talvez agora com a ferramenta *whatsapp* a gente vai se falar mais, porque agora a gente criou o grupo do nordeste e a gente acaba mexendo uma com a outra o tempo todo né, com o grupo (Fala do entrevistado 117).

Agora o *whatsapp*, a gente tem um grupo do nordeste, montei um grupo da região em si que a gente possa tá colocando, até é uma sugestão boa, vai ficar enorme, mas é boa, são os que mais a gente utiliza. (Fala do entrevistado 116).

#### 5.1.1. 4 Rede de contatos da Região Sul

Os Centros de Referência Estaduais da região Sul relataram manter frequente contato em si (Figura 5) por trocarem informações e ministrarem juntos as capacitações aos funcionários dos BLHs da região.

Na verdade pra discutir aspectos da região sul, sobre os cursos que nós vamos realizar quais são as necessidades dos estados, em termos de Banco de leite, além disso, a gente troca informações técnicas, fazendo perguntas de aspectos práticos do nosso dia a dia também. [...] nós temos feito anualmente o curso macrorregional, então, eu a [A-69] e a [A- 70] nós ministramos esse curso para os funcionários da região sul, então nós ministramos e combinamos como proceder nesses momentos. ( Fala do entrevistado 71)

A gente troca informação de estado para estado. Tanto organização de cursos da macro [macrorregião]. Planejamento e organização juntas e publicação recentes que existam, às vezes alguma duvida que paira, eu vejo se ela [A-71] tem alguma coisa para subsidiar. Quando ela pede, eu também mando. A [A- 70] também, eu respondendo dúvidas, encaminhando respostas de questões que ela formula para participar do curso da macro. Já há dois anos que a gente está dando juntas o curso da macro. Também para atividades específicas nossas de macrorregião, de definição que cada um manda, tem que mandar. Por exemplo, na ultima reunião nenhuma das duas estavam. Ai eu liguei para as duas para falar das tarefas que tinha. Como eu participo da comissão nacional, eu tenho que passar para elas as questões (Fala do entrevistado 69).

Os três Centros de Referência Estaduais citaram entrar em contato com o Centro de Referência Nacional com o intuito de tirarem dúvidas e para divulgação de notícias. Entre as falas, destacamos:

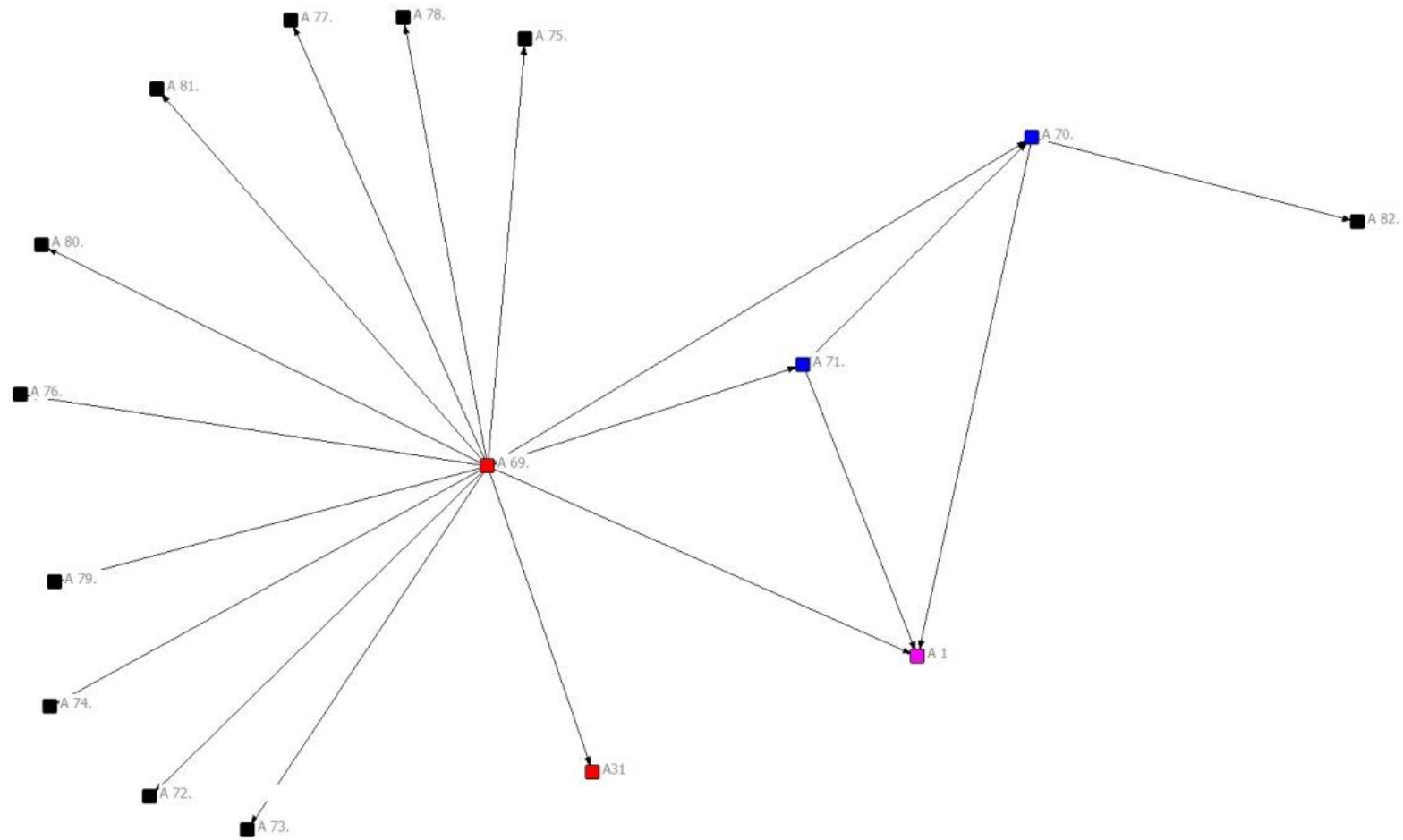
[...] especialmente pra divulgação de notícias no portal da rede, que eu sou uma que costumo com freqüência mostrar as atividades e as novidades que nós temos no nosso Banco de Leite [...], e também em função do credenciamento dos Bancos que a gente trabalhou juntas nesse período (Fala do entrevistado 71).

Ao citar a representação da Comissão Nacional de outra região (A- 31), o entrevistado 69 relata ser esta muito comprometida com questões da rede. Cabe destacar que esta representação também foi citada nas outras macrorregiões. Entre os motivos de contato entre o entrevistado e o ator A- 31 estão:

[...] atualizações, o que temos [equipamentos, recursos humanos e cursos], especificações da rede, atividades que a gente tem que fazer, dúvida de alguma coisa.. Vamos fazer qualquer coisa juntas... Como está indo lá, como que estamos aqui. É troca de informações resumindo (Fala do entrevistado 69 sobre o A- 31).

Dos trinta BLH da região, onze foram citados pelos Centros de Referência Estaduais como contato frequente.

Figura 5- Rede de Contatos da Região Sul



■ Banco de Leite Humano ■ Centro de Referência Estadual ■ Comissão Nacional ■ Centro de Referência Nacional



O ator mais citado como contato frequente foi o Centro de Referência Nacional, onde todos os três Centros de Referência Estaduais o indicaram, sendo então o ator com maior centralidade de grau da região Sul (Quadro 10). E mesmo que não esteja localizado nesta região geográfica possui forte influência nesta sub rede.

O ator com maior centralidade de informação é o representante da região Sul na Comissão Nacional, seguido do Centro de Referência Estadual do Rio Grande do Sul, Centro de Referência Nacional e o Centro de Referência Estadual de Santa Catarina (Quadro 11).

Quadro 10: Centralidade de Grau de Entrada da Rede de Contatos da Região Sul

Ator	Graus
Centro de Referência Nacional	03
Centro de Referência Estadual/ Rio Grande do Sul	02
Comissão Nacional / Representante Região Sul	01
Centro de Referência Estadual/ Santa Catarina	01

Quadro 11: Centralidade de Informação da Rede de Contatos da Região Sul

Ator	Centralidade de Informação
Comissão Nacional / Representante Região Sul	1,143
Centro de Referência Estadual/ Rio Grande do Sul	0,842
Centro de Referência Nacional	0, 821
Centro de Referência Estadual/ Santa Catarina	0,821

#### 5.1.1. 5 Rede de contatos da Região Norte

A representação da região Norte na Comissão Nacional mantém contato com todos os CRE da região (Figura 6).

A solidariedade está presente nas falas dos participantes desta sub rede

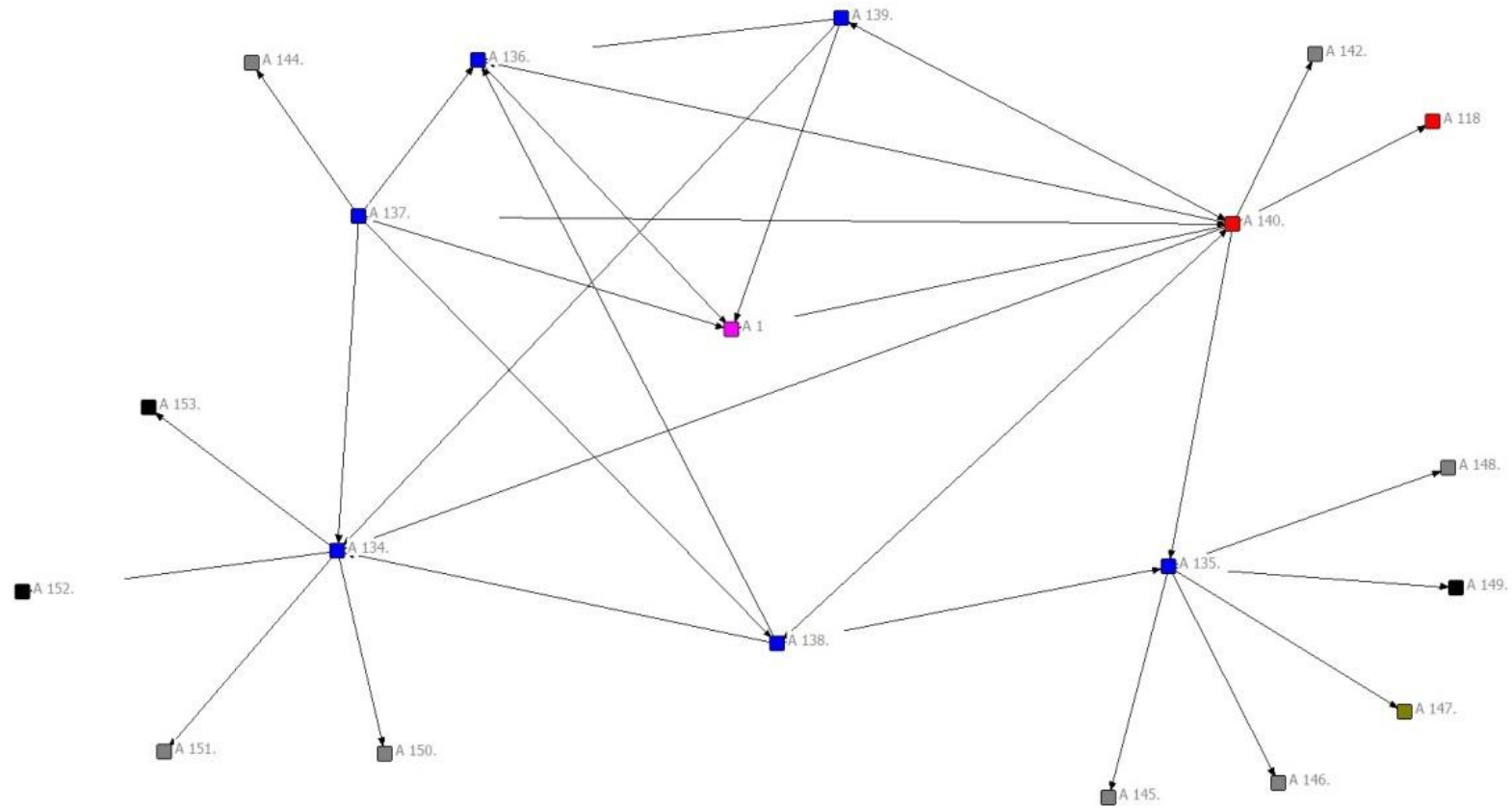
Estávamos em processo de compra por conta da inauguração de um banco de leite novo, esse regime de emprestou, que não retorna, mas como a gente tinha o nosso e a gente tem um de Backup:- toma colega leva, que você estava fazendo com pipeta não é legal, não é adequado, não é conforme, leva...então são essas informações. Como

eu te disse, quando a gente pode ajudar, colegas podem ajudar, nós tivemos uma dificuldade com o nosso meio de cultura, a gente não achou uma empresa que fizesse na quantidade, na realidade vou até ver isso aqui, se alguém conhece, se a gente consegue comprar um meio de cultura pronto, de caldo verde brilhante, nós tivemos dificuldades por conta de autoclave, teve um que foi *laudado* que não tem mais condições de funcionamento, o outro é muito grande e meio vazava, e aí a gente entrou num processo de compra de autoclave [...] então são essas dúvidas que a gente tira que a gente pode se ajudar. (Fala do entrevistado 140)

Na verdade um vai tirando a dúvida do outro. Na região norte nós fizemos isso. Aquele que está com alguma dificuldade ou quer tirar alguma dúvida, ou de repente tem algum equipamento pra comprar, alguma sugestão, dentro do *whatsapp*, no nosso grupo, nós estamos buscando soluções e estamos muitas das vezes tendo respostas, assim, muito rápidas, que muitas das vezes até por email não era tão rápido como hoje com essa questão da febre *whatsapp*, né? Eu estou tendo esse contato com essas pessoas. (Fala do entrevistado 139)

Dos 14 BLHs da região Norte, somente 3 foram citados como contato frequente entre os entrevistados da região.

Figura 6- Rede de Contatos da Região Norte



■ Banco de Leite Humano ■ Centro de Referência Estadual ■ Comissão Nacional ■ Centro de Referência Nacional ■ Atores políticos ■ Outros

O Centro de Referência Nacional, o Centro de Referência Estadual de Tocantins e o Centro de Referência Estadual de Rondônia foram os mais destacados quanto a centralidade de grau quando considerada somente a sub rede de BLHs da região Norte do Brasil. Ambos foram citados como contatos frequentes por quarto entrevistados (Quadro 12), e por isso possuem a mesma possibilidade de influência na região.

Quanto à centralidade de informação, o representante da região Norte n Comissão Nacional, o Centro de Referência Estadual de Tocantins, Centro de Referência Estadual do Amazonas e Centro de Referência Estadual de Roraima possuem respectivamente maior probabilidade de receber e transferir informações de toda a sub rede da região Norte (Quadro 13).

Quadro12: Centralidade de Grau de Entrada da Rede de Contatos da Região Norte

Ator	Centralidade de Grau
Centro de Referência Nacional	04
Centro de Referência Estadual/ Tocantins	04
Centro de Referência Estadual/ Rondônia	04
Comissão Nacional/ Representante Região Norte	03
Centro de Referência Estadual/ Acre	02
Centro de Referência Estadual/ Amazonas	02

Quadro 13: Centralidade de Informação da Rede de Contatos da Região Norte

Ator	Centralidade de Informação
Comissão Nacional/ Representante Região Norte	1,045
Centro de Referência Estadual/ Tocantins	0,979
Centro de Referência Estadual/ Amazonas	0,978
Centro de Referência Estadual/ Roraima	0,955
Centro de Referência Estadual/ Rondônia	0,924
Centro de Referência Estadual/ Acre	0,898
Centro de Referência Estadual/ Amapá	0,887
Centro de Referência Nacional	0,875

Os atores da região Norte criaram um grupo de contato na ferramenta *whatsapp*, o que segundo os entrevistados facilitou muito a interação entre os coordenadores dos CRE da região.

Hoje com as interatividades, a questão das redes sociais, voltado muito para a área do meu trabalho, eu converso muito mais via *whatsapp*, então montamos um grupo né? Exatamente que são dos coordenadores dos Bancos de leite da região norte e o que é mais interessante, é que nós temos a [A-1] né? Que está também no grupo, e muitas das vezes que nós temos alguma dúvida ou alguma coisa que aconteceu, algum problema, em busca até de solução para resolver esses problemas, eu estou assim, me sentindo assim, muito contentada sabe, através do *whatsapp*. Então nós estamos com esse grupo ( Fala do entrevistado 139).

#### 5.1.1. 6 Rede de contatos da Região Sudeste

A Rede de Bancos de Leite Humano da região Sudeste se encontra conectada, embora seu elo seja o Centro de Referência Nacional.

Dos 91 BLHs da região Sudeste, 55 foram citados como contatos freqüente.

O estado de São Paulo possui o maior número de BLHs do Brasil, e pelo tamanho desta sub-rede, ela possui dois Centros de Referência Estaduais, um coordenando as ações da capital, e outro às ações ligadas ao interior do estado.

Um dos Centros de Referência Estaduais de São Paulo relatou entrar em contato com os 30 BLHs da sua região, auxiliando-os nas atividades de seus BLHs

Eu fui atrás desse conhecimento [sobre a rede], das coordenadoras de banco, entrar em contato com quem está ajudando, então a relação se estreitou, então hoje, são trinta Bancos e eu conheço todo mundo, de todos os bancos, visitas técnicas de corpo a corpo, mais contato com os todos eu tenho. Eu sempre tô em cima, tô sempre ligando. A primeira coisa que faço é contato telefônico, porque o email às vezes não chega, às vezes muda, então tô sempre mantendo contato, tem semanas que me dedico pra ficar em função da referência, entendeu, responder email, às vezes as pessoas perguntam como é que está? Precisava saber isso do meu setor... Sobre quais os meios que existem, sobre calorias, tem como montar uma tabelinha pra me mandar? Coisas que eles podiam estar fazendo eles pedem pra referência e assim que eu acho, eu to sempre pronta, sempre ouço, sempre falo, se eles pedem eu tento atender prontamente, então me

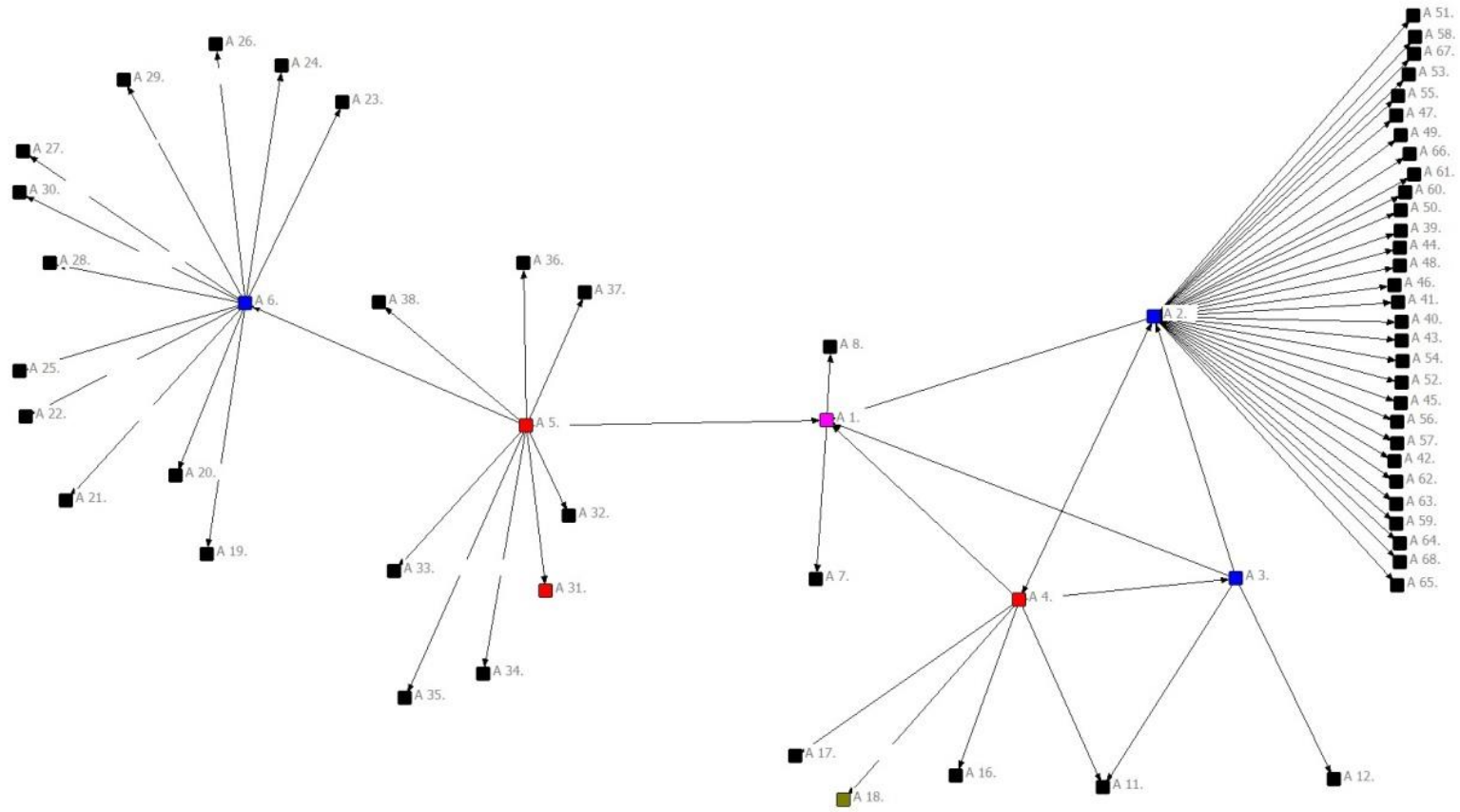
acho bem ativa na rede, e também damos cursos duas vezes por ano, a gente recebe muito aluno também lá, então tem muito aluno com aula só sobre referência pra explicar o tamanho e a dimensão do nosso trabalho, então em relação a isso me acho bem atuante (Fala do entrevistado 2)

O ator A-18, voluntário técnico, faz parte da rede do Sudeste por entrar frequentemente em contato com os BLHs do seu estado e se colocar disponível a ajudar, caso alguém necessite.

Hoje mesmo ela já me mandou uma mensagem pra perguntar como estava indo, como foi [o estado da entrevistada quanto ao credenciamento], e a gente continua mantendo esse contato. É raro passar mais de três ou quatro dias que a gente não se fala, antes nos falávamos todos os dias, hoje nos falamos duas ou três vezes por semana (Fala do entrevistado 4).

Entro em contato por dúvida em alguma coisa, algum assunto que eu queira discutir, mais nesses casos. Obter informação sobre alguma coisa que eu não esteja segura, entendeu? Algum assunto que eu tenha dúvida, daí converso com elas [A-4 e A- 18], daí a gente entra num consenso e resolve o problema (Fala do entrevistado 2).

Figura 7- Rede de Contatos da Região Sudeste



Banco de Leite Humano
  Centro de Referência Estadual
  Comissão Nacional
  Centro de Referência Nacional
  Outros

Somente o Centro de Referência Nacional, um Centro de Referência Estadual de São Paulo e um Banco de Leite Humano tiveram mais de uma citação, por isso têm maior centralidade de entrada. Todos os outros foram citados somente uma vez (Quadro 14).

Quanto à centralidade de informação um dos Centros de Referência Estaduais de São Paulo apresentou maior centralidade de informação, pois ao considerar somente a região Sudeste, este ator apresenta maior probabilidade de intermediação de informação, levando em consideração todos os caminhos possíveis entre todos os atores da sub rede. (Quadro 15).

Quadro 14: Centralidade de Grau da Rede de Contatos da Região Sudeste

Ator	Grau
Centro de Referência Nacional	04
Centro de Referência Estadual/ São Paulo	02
Banco de Leite Humano/ São Paulo	02

Quadro 15: Centralidade de Informação da Rede de Contatos da Região Sudeste

Ator	Centralidade de Informação
Centro de Referência Estadual/ São Paulo	0,588
Centro de Referência Nacional	0,572
Comissão Nacional / Consultor <i>Ad Hoc</i>	0,529
Centro de Referência Estadual/ São Paulo	0,526
Comissão Nacional / Representante Região Sudeste	0,488
Banco de Leite Humano/ São Paulo	0,439
Centro de Referência Estadual/ Minas Gerais	0,378

### 5.1.2 Atores mais atuantes e expressivos na rBLH-BR

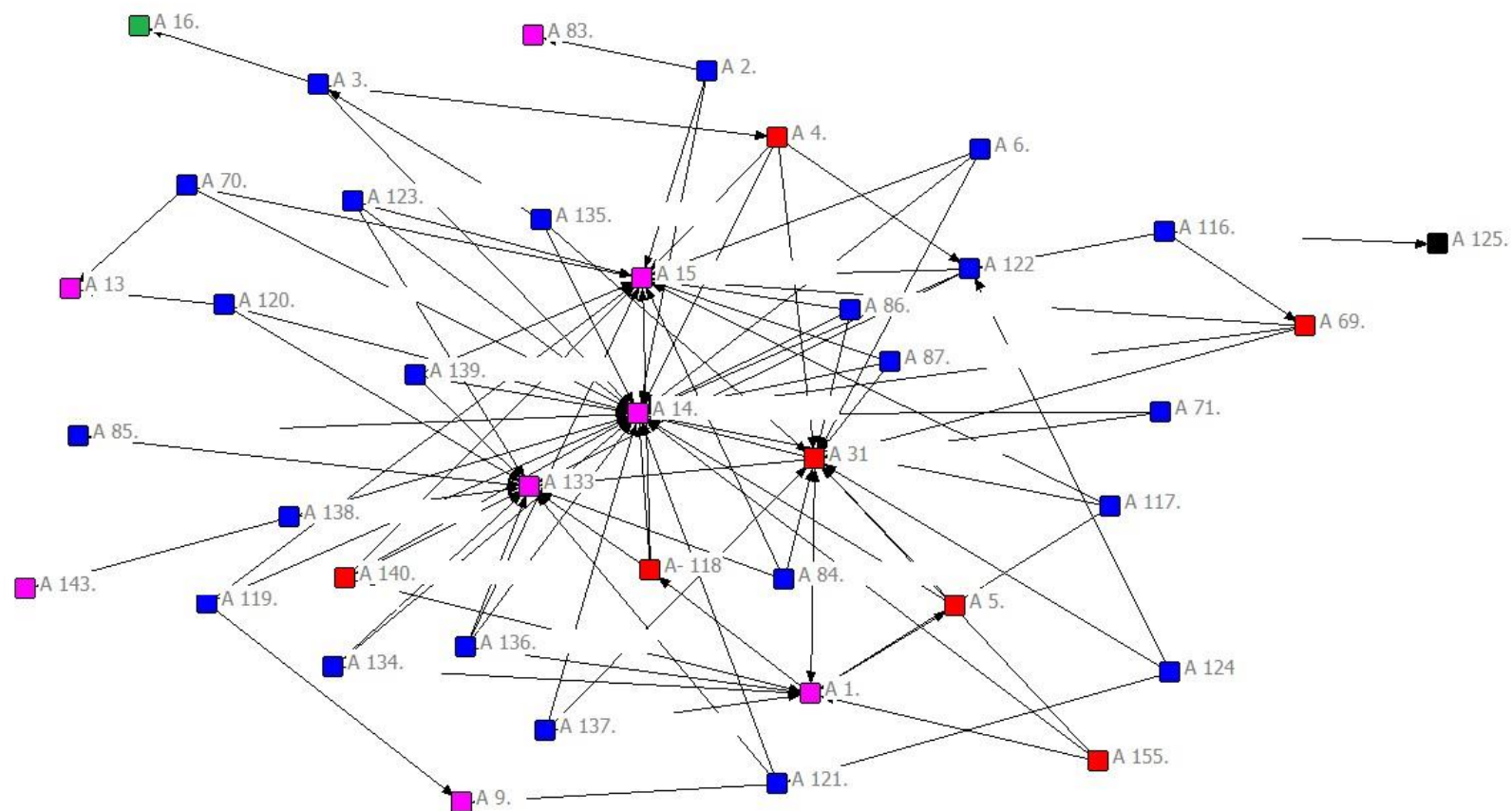
Durante as entrevistas foi solicitado aos atores respondentes que estes citassem três pessoas que considerassem mais atuantes e expressivas na rBLH-BR. Os entrevistados eram livres para citar os atores, não sendo sugerido nenhum nome.



Também foram questionados sobre os motivos que os levaram a tais indicações. Todos os entrevistados indicaram três nomes e seus motivos.

Somente 18 indivíduos foram citados como sendo os mais atuantes e expressivos na rede, sendo 8 pertencentes ao Centro de Referência Nacional, 2 da Comissão Nacional, 2 coordenadores de Centros de Referência Estaduais, 1 funcionário de um BLH, 1 ex funcionário de um BLH que atualmente é voluntário técnico.

Figura 8- Rede de atores mais atuantes e expressivos da rBLH-BR



Banco de Leite Humano
  Centro de Referência Estadual
  Comissão Nacional
  Centro de Referência Nacional
  Outros

Das 93 citações referentes aos atores expoentes da rBLH-BR, 68 foram para 8 atores do Centro de Referência Nacional, indicando a alta expressão que este tem perante a esta rede (Quadro 16).

Quadro 16- Centralidade de Grau de Entrada da Rede de Atores mais Atuantes e Expressivos da rBLH-BR

Ator	Vinculação	Grau
A-14	CRN	27
A-15	CRN	16
A-133	CRN	13
A-31	CN	13
A-1	CRN	8
A-122	CRE	3
A-9	CRN	2
A-13	CRN	2
A-4	CN	1
A-5	CN	1
A-3	CRE	1
A-118	CN	1
A-69	CN	1
A-121	CRE	1
A-16	Outros	1
A-83	CRN	1
A-125	BLH	1
A-143	CRN	1

Fonte: Elaboração do próprio autor

Os atores A-14, A- 15 e A- 133 são os que possuem maior centralidade de grau de entrada, respectivamente. Estes três atores pertencem ao Centro de Referência Nacional.

Os motivos pelos quais o ator A-14 é apontado como o mais expressivo e atuante da rBLH-BR estão em torno de sua importância para a consolidação e expansão desta rede. Alguns entrevistados expressam como óbvio a sua indicação.

Sem palavras. O trabalho dele... Ele praticamente é o criador dessa rede né, ele é o criador, e influenciou os outros criadores, então tudo isso, esses treinos que a gente tem recebido. Tudo isso a gente deve a iniciativa dele, a esse se jogar que ele fez, ele largou praticamente a vida pra criar o que hoje somos nós (Fala do entrevistado 137).

Ah porque eu acho que ele é o grande mentor, não que ele trabalhe sozinho, mas acho que ele é importante pelo o que ele já conquistou até hoje. Ele faz com que a gente se sinta importante dentro da rede, participativo. Ele trabalha numa gestão muito partilhada, nada impositiva, muito compartilhada, então acho que ele é uma figura fundamental além da inteligência e competência. Eu sou fã dele e suspeita pra falar (Fala do entrevistado 136).

Ora, o que nós temos assim um grande exemplo. Assim, a seguir, o [ator A- 14], né? Um grande idealizador, um cara com uma cabeça, um crânio... (Fala do entrevistado 139).

Porque acho ele um trabalhador, um guerreiro que há muito tempo vem trabalhando a questão dos bancos de leite. Tem defendido a questão...um guerreiro, lutador, porque às vezes a gente percebe que muitas pessoas começam a trabalhar e já se irritam, se zangam e abandonam a causa, e ele nunca deixou a bandeira cair, vem lutando, lutando e está conseguindo um status em relação ao Banco de leite em todo o Brasil e fora do Brasil. Acho ele um guerreiro (Fala do entrevistado 135).

Porque ele é pioneiro, ele puxou a frente de tudo, ele que tornou a rede do jeito que ela é hoje, acho que por isso. A rede é o que é por causa dele (Fala do entrevistado 134).

Porque ele levou de uma certa forma, levou não, ele idealizou junto com o [ator A- 15] também acredito, né? E com outras pessoas também, que já estão nessa rede muito antes de mim, e levam essas idéias. Essas idéias brilhantes ele leva pra fora, para o exterior, e não é à toa que essa rede tá tão grande, já é uma Rede Ibero Americana, na África também, né?( Fala do entrevistado 6)

Porque o [ator A- 15],ele pensa além né? Então ele já vai problematizando as questões futuras e traz, discute, então, assim, acho que é cabeça central para esse crescimento todo da rede (Fala do entrevistado 5).

### **5.1.3 Instrumentos de informação da rBLH-BR**

#### 5.1.3.1 Instrumentos de informação da rBLH-BR disponíveis

A escolha de um meio eficaz é imprescindível para o compartilhamento da informação, auxiliando a construção do conhecimento. (ALCARÁ et al, 2009.)

A rBLH ao longo da sua historia vem trabalhando progressivamente no uso da informação como elemento estruturante. Dada a necessidade de articular gestão e políticas de saúde, tem-se o acesso à informação como fator crítico para o planejamento, operacionalização e gestão da rBLH.

##### *5.1.3.1.1 RDC 171*

Com a expansão de BLHs no Brasil, ficou evidente a necessidade de normatizar e desenvolver tecnologias para instrumentalizar os serviços de modo a oferecerem um produto de qualidade. Para o alcance dessa meta, foi aprovado pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) o Regulamento Técnico, intitulado resolução RDC nº171/2006 (BRASIL, 2006), que estabelece as condições mínimas para o funcionamento de BLHs, bem como para Postos de Coleta de Leite Humano- PCLH. Este regulamento visa assegurar a qualidade sanitária dos produtos como garantia da segurança ao consumidor em todo território nacional.

Esta resolução estabelece as competências dos BLHs e PCLH. Detalha as condições mínimas necessárias ao seu funcionamento, tanto quanto a infra-estrutura, recursos humanos, quanto aos processos operacionais ligados à higienização geral, doação de LH, conservação do mesmo, processamento, até a sua distribuição. Neste regulamento também estão definidos os procedimento de controle de qualidade exigidos, os indicadores a serem utilizados e os parâmetros aceitáveis a utilização do LH ordenado.

#### *5.1.3.1.2 Normas técnicas*

O desenvolvimento técnico-científico das atividades dos BLHs e a necessidade de controle de riscos associados às suas atividades, levou a criação de documentos normativos como os Manuais de Rotina para BLH (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 1994), as Recomendações Técnicas para o Funcionamento de BLH (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 1999) e as Normas Técnicas para BLH (SILVA, 2004). Estes documentos foram desenvolvidos com o objetivo de instituir normas técnicas que assegurassem a implementação de rotinas operacionais pautadas na garantia de qualidade de produtos e processos sob a responsabilidade do BLH para se uniformizar não só as características de qualidade intrínsecas ao produto, mas também de se certificar os meios que auxiliam alcançar esta qualidade (SILVA, 2009).

A implementação das Normas Técnicas de BLH confere uniformidade de critérios e credibilidade ao processo de avaliação da conformidade. Tais normas foram construídas envolvendo a adequação a norma ou regulamento existente (SILVA, 2004; ELORTONDO et al, 2007).

As Normas Técnicas contemplam todos os procedimentos de rotina de um BLH, desde a organização, infra-estrutura física e equipamentos para BLHs e Postos de Coleta, com questões de ambiência e recursos humanos, até a distribuição e porcionamento do LHP. Para isso detalha as condutas necessárias sobre triagem, seleção e acompanhamento de doadoras, higiene e biossegurança, processos de coleta, transporte, recepção do Leite Humano Ordenado- LHO cru, seleção e classificação do LHO, acondicionamento, pasteurização, armazenamento, controle sanitário com os parâmetros que definem as taxas de variação do que pode ser considerado conforme e não conforme, as possibilidades de ocorrerem as não-conformidades, e a distribuição. (SILVA, 2004)

#### *5.1.3.1.3 Ensino*

Ao pensar nas perspectivas da rBLH para o século XXI, Almeida, 1999 pontuou a educação como prioridade para a consolidação da rBLH, tendo a qualificação dos

profissionais que trabalham no tema uma prioridade para construção de núcleos de excelência na área de abrangência dos BLHs .

Os BLHs de Referência são responsável pela implementação de ações estratégicas estabelecidas para sua área de abrangência, com atribuição de desenvolver educação permanente, pesquisas operacionais e prestar assessoria técnica (BRASIL, 2006). Os BLHs e o PCLHs devem promover educação permanente aos seus profissionais mantendo disponíveis os registros da mesma, além de promover ações de educação no âmbito do aleitamento materno, por meio de palestras, demonstrações e treinamento.

Segundo a RDC 171/2006 (BRASIL, 2006), os profissional capacitados em BLH e PCLH devem ser certificados de acordo com os critérios estabelecidos pelo Centro de Referência Nacional para Bancos de Leite Humano/FIOCRUZ.

Para tanto, a rBLH realiza projetos de educação continuada, treinamentos macrorregionais, programa de iniciação científica do CNPq, cursos de pós graduação Lato Sensu e manutenção de linhas de investigação vinculadas ao programas de mestrado e doutorado.

O programa de ensino da rBLH conta com uma equipe de tutores para ministrarem os seus cursos. Todos os cursos da rBLH são reconhecidos pela Comissão de Ensino do Iciect e do IFF /Fiocruz, e integram seus respectivos Programas de Pós-Graduação, obtendo validade nacional.

Os Cursos de Atualização têm o propósito de apresentar e discutir inovações técnico-científicas ou culturais nas áreas de atuação da Unidade, tendo carga horária de 45h cada curso.

O programa de ensino da rBLH atualmente conta com 8 cursos, sendo estes: Processamento e Controle do Leite Humano I-BLH 101 (ANEXO A); Processamento e Controle do Leite Humano II- BLH 102 (ANEXO B); Gestão e Informação em Banco de Leite Humano I-BLH 103 (ANEXO C); e Gestão e Informação em Banco de Leite Humano II- BLH 104 (ANEXO D); modelo brasileiro de BLH: organização e ações práticas-BLH106 (ANEXO E); Amamentação: A relação entre o biológico e o social na perspectiva

da comunicação- BLH 202 (ANEXO F); Aconselhamento e Atenção em Aleitamento Materno em Bancos de Leite Humano (ANEXO G). E além dos cursos presenciais, recentemente foi disponibilizado pela rBLH o Curso de atualização em Processamento e Controle de Qualidade do Leite Humano: teoria e prática em diálogo- modalidade à distância (ANEXO H).

#### *5.1.3.1. 4 Sistema de Monitoramento e Avaliação da Produção*

O Sistema de Monitoramento e Avaliação da Produção é uma ferramenta que foi idealizada pelo Centro de Referência Nacional de Bancos de Leite Humano e desenvolvida pela equipe do Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde - ICICT/Fiocruz

Este sistema fornece subsídios informacionais aos gestores para tomada de decisão, possuindo assim, o papel norteador das políticas públicas em favor do aleitamento materno.

Os dados visualizados a partir deste sistema auxiliam a construção de indicadores que direcionam a necessidade de maiores investimentos em determinado BLH ou região. Aliado a outros sistemas, este fornece informações que direcionam a iniciativa de priorização de implementações de novos BLHS.

O sistema nos permite acessar os dados referentes ao número de atendimento em grupo, atendimento individual, visita domiciliar, doadoras, receptores, volume de leite humano coletado, leite humano distribuído, leite humano transferido, leite humano recebido de outro BLH ou de posto de coleta; exame microbiológico, creatócrito e acidez dornic (ANEXO I) (REDEBLH, 2015).

Os coordenadores de cada BLH ou posto de coleta gerenciam os dados enviados via Web, incluindo, alterando e excluindo-os, os mantendo-os sempre atualizados.

Alguns dos relatórios gerados através deste sistema ficam disponíveis no Portal da rBLH, possibilitando o acesso às informações a qualquer usuário.



#### *5.1.3.1.5 Sistema de Gerenciamento de Bancos de Leite Humano – BLHWEB*

O Sistema de Gerenciamento de Bancos de Leite Humano- BLHWEB foi criado no ano 2000, a partir de uma parceria entre o DATASUS e o Centro de Referência Nacional para Bancos de Leite Humano-CRNBLH do IFF/Fiocruz.

O BLHWEB tem o intuito de organizar procedimentos, diretrizes e normas técnicas de controle de qualidade e processos de trabalho utilizados pelos Bancos de Leite Humano para assegurar a qualidade dos produtos e processos.

“Por internalizar um rigor técnico capaz de assegurar qualidade ao leite humano coletado, processado e distribuído, o BLHWEB inova ao permitir, através de suas características, a qualificação operacional de um BLH utilizando tecnologia moderada, de baixo custo, possibilitando manter um padrão de qualidade do produto somente passível de ser alcançado através do uso de tecnologias de custo mais elevado.” (SILVA, 2009 p.23)

Este sistema tem por prioridade dinamizar os processos decisórios de planejamento e de gestão, e os processos de trabalho na rBLH, cumprindo com os objetivos de qualificação da gestão ao sistematizar e uniformizar a condução dos procedimentos de rotina de acordo com o estabelecido pela legislação e pelo manual de boas práticas, respondendo assim às demandas da Política Nacional de Aleitamento Materno do Ministério da Saúde (BRASIL, 2013).

Por ser uma ferramenta WEB (cujos dados são digitados online), além de auxiliar o controle interno da qualidade nas unidades de BLH, fornece oportunidade de apoio externo dos integrantes da rBLH-BR, através de seus Centros de Referência Estaduais e do Centro Nacional de Referência (SILVA, 2009).

O BLHWEB possui funcionalidades qualificadoras da gestão, dos processos e dos produtos dos BLH como um todo. Incluem-se nessa categoria as funcionalidades relacionadas aos cadastramentos (doadoras, receptores, funcionários, veículos, rotas, rede de saúde/posto de coleta, local de internação, usuários e municípios), à coleta, recepção e

estoque de leite cru e pasteurizado além de outras funções do sistema (SILVA, 2009). Com isso garante a rastreabilidade do LH e auxilia na adequação do LH ideal para cada receptor, contribuindo para a ampliação da resolutividade clínica de recém-nascidos prematuros de baixo peso.

“Uma importante contribuição, entendida como uma das principais inovações permitidas pelo uso do BLHWEB e que merece um destaque especial, é a oportunidade da construção de indicadores que permitem imprimir precisão e confiabilidade aos processos a partir das funcionalidades existentes no sistema, funcionalidades estas que tratam um conjunto amplo de dados e informações fornecidas e/ou obtidas durante todo o ciclo que permeia o processo iniciado na coleta do leite cru até a distribuição do leite pasteurizado ao receptor. Ou seja, pode-se pensar que o conjunto dessas funcionalidades/dados além de agilizar o fluxo de informações e qualificar os processos de trabalho como um todo, pode gerar indicadores que ampliem a margem de segurança dos processos de transformação do produto leite humano desde a sua obtenção na ordenha até o momento do consumo pela criança no ambiente hospitalar.” (SILVA, 2009 p.139)

Além disso, o BLHWEB permite aos coordenadores da rBLHo monitoramento, a definição de novas metas de trabalho, e maior segurança na tomada de decisão por meio do gerenciamento da produção e das informações cadastrais de produção, da distribuição e do processamento do produto; oferecendo mais autonomia aos gestores e garantindo a qualidade das informações relacionadas ao leite doado.

#### *5.1.3.1. 6 Biblioteca Virtual em Saúde sobre Aleitamento Materno- BVS-AM*

A Biblioteca Virtual em Saúde Aleitamento Materno Brasil - BVS-AM teve seu início em abril de 2005 através de um projeto coordenado pela OMS/OPAS/BIREME e orientado pela Fiocruz (através de numa parceria interna entre o Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde- Iicct/Fiocruz, Biblioteca da Saúde da Mulher e da Criança, e o Centro de Referência Nacional de Bancos de Leite Humano, localizado no Instituto Fernandes Figueira- IFF/Fiocruz.

A BVS- AM tem como objetivo promover a operação cooperativa e descentralizada da rede de fontes de informação científica e técnica em Aleitamento Materno, visando proporcionar o acesso equitativo e estimular o uso da informação científica e técnica atualizada e relevante reunida na BVS, relacionadas à promoção do aleitamento materno e gestão de BLHs no país, buscando contribuir para o fortalecimento da rBLH como estratégia de redução da mortalidade infantil. Também tem como objetivo integrar fontes de informação, definindo critérios de seleção, análise e disseminação da informação científica e técnica relevante, articulando instituições envolvidas com a investigação e gestão de Aleitamento Materno e BLHs (BIREME, 2013).

Ela promove a divulgação de literatura voltada especificamente para a área da amamentação, facilitando e incentivando o uso e intercâmbio de informações científicas e tecnológicas, auxiliando na geração de conhecimento, na promoção do aleitamento materno e gestão de Bancos de Leite Humano.

#### *5.1.3.1.7 Portais*

A primeira versão do site da rBLH-BR foi criada em 1998, a partir do projeto de parceria com o Centro de Informação Científica e Tecnológica da FIOCRUZ. O objetivo desta iniciativa é ampliar as oportunidades de acesso ao conhecimento e a informação (MAIA,2004)

Koulopoulos e Reynolds (1999) definem portal como sendo um sistema de informações centrado no usuário, que integra e divulga conhecimentos e experiências de indivíduos e equipes, atendendo com isso aos padrões de instituições baseadas no conhecimento.

Após a implementação do Programa Iberoamericano de Bancos de Leite Humano , além do Portal da rBLH-BR, foi criado o Portal da IberBLH.

Os portais da rBLH disponibilizam informações sobre leite humano e aleitamento materno ao público em geral e possuem um caráter bidirecional, através do “fale conosco” e por agregar a síntese do conhecimento da rBLH.

“A síntese do conhecimento é feita pelo Portal da RBLH na Internet, que é porta de entrada e principal referência da comunidade de BLH para:

- . Biblioteca virtual com literatura voltada especificamente para o tema;
- . Acesso facilitado a revisões sistemáticas e ensaios clínicos;
- . Normas técnicas;
- . Histórico da rede;
- . Gestão da rede internacional;
- . Blog;
- . Comunidade virtual;
- . Listagem de grupos de pesquisa;
- . Memória das videoconferências;
- . Salas de webconferência;
- . Sistemas de informação sobre a produção de LH; e
- . Sistemas de controle de qualidade e gestão dos bancos.”

(SILVA, 2013 p.78-79)

O Fale Conosco é um canal onde os usuários podem tanto fazer perguntas, quanto fornecer informações à rBLH. No momento do contato, o usuário é solicitado a indicar assunto a que sua informação ou questionamento se refere. Segundo Vianna, 2007, esses assuntos são categorizados em 17 categorias, sendo essas:

Aleitamento materno em situações especiais;

BLHWeb;

Coleta, transporte e estocagem do leite humano;

Doação de leite humano;

Doenças em aleitamento materno;

Drogas e aleitamento materno;

Dúvidas ou dificuldades em aleitamento materno;

Ensino;

Eventos / material informativo;

Legislação / normas técnicas;

Processamento e distribuição de leite humano;

Projeto, implantação, instalações, equipamentos e recursos humanos;

Rede Brasileira de Banco de Leite Humano;

Referência bibliográfica;

Sistema de produção dos BLH;

Outros.

A partir do assunto a mensagem será direcionada pelo gestor do Fale conosco, a um consultor específico, que responderá em menor tempo possível.

#### *5.1.3.1.8 SIG Tel@ rBLH*

Silva (2013) define telessaúde como “toda atividade em rede, mediada por computação, que promove o encontro e a troca entre a pesquisa translacional e os serviços de saúde” (SILVA, 2013 p. 37).

O Grupo de Interesse Especial (*Special Interest Group* – SIG) da Rede de Bancos de Leite Humano na Iberoamérica e na África, integra a Rede Universitária de Telemedicina/ Rede Nacional de Ensino e Pesquisa- Rute/RNP.

Em novembro de 2009 foi criado o então SIG TeleRedeBLH, tendo como instituição coordenadora a Fundação Oswaldo Cruz – Fiocruz através do Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde- Ict/Fiocruz , e o Instituto Nacional de Saúde da Criança e Adolescente Fernandes Figueira- IFF/Fiocruz por meio do seu Banco de Leite Humano, Centro de Referência Nacional de Bancos de Leite Humano ”

(SILVA, 2013). Porém em agosto de 2011, o SIG TeleRedeBLH se tornou o Grupo de Interesse Especial da Rede Universitária de Telemedicina, SIG Tel@ rBLH/RUTE.

Este SIG reúne representantes nas 27 unidades federadas brasileiras, e nos 23 Países do Programa Iberoamericano de Bancos de Leite Humano, e se configurando na maior rede eletrônica com cobertura mundial dedicada ao tema (ALMEIDA E SILVA, 2013).

Segundo Almeida e Silva (2013), objetivo do Tel@ rBLH é “executar ações de telessaúde, estimulando a apropriação de conhecimento e educação permanente a fim de garantir que toda criança recém-nascida, seja qual for a condição em que venha ao mundo, tenha acesso ao leite materno e suas benesses”.

E para tanto vem desenvolvendo ações para o fortalecimento da rBLH-BR através do intercâmbio de conhecimento em pesquisa translacional no campo das tecnologias empregadas nos BLHs e na promoção do aleitamento materno e ainda contribuindo para a organização política e estrutural da rede (ALMEIDA; SILVA, 2013).

O SIG Tel@ rBLH proporciona a divulgação das inovações e descobertas científicas sobre o leite humano, através do registro audiovisual das técnicas utilizadas nos BLHs, as disseminando pela rBLH, para fins de educação permanente.

Alem de contribuir para educação, SIG Tel@ rBLH, uma vez que também contribui para a formação da memória institucional através do armazenamento de arquivos. E de acordo com Lund (2009), lugares de memória são responsáveis por manter, ordenar e oferecer suporte para que o conhecimento avance, ou seja, são a infraestrutura do conhecimento.

Por sua atuação, em 2014, o SIG Tel@ rBLH foi reconhecido pelo seu trabalho pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento- BID, o qual concedeu a Certificação de Melhores Práticas em Telessaúde.

A disseminação de informações e troca de experiências através do SIG Tel@ rBLH extrapola o continente americano, e conta com experiências exitosas como a de diálogos entre o Brasil e Cabo Verde através de webconferencias (PEREIRA et al, 2014).

#### *5.1.3.1.9 Divulgação semanal do Boletim eletrônico da rBLH*

O Boletim eletrônico da rBLH teve seu primeiro número no dia 13 de março de 2009. Segundo Rabuffetti (2011), o Boletim foi pensado para ser um elemento de difusão do conhecimento científico e tecnológico sobre aleitamento materno e Bancos de Leite Humano (BLH) no âmbito da rBLH.

O Boletim é publicado semanalmente pela secretaria executiva da rBLH, nas versões em espanhol e português. Desde 2009 foram publicadas 231 edições enviadas para uma lista abrangendo 26 países, sendo estes: Angola, Argentina, Austrália, Belize, Bolívia, Cabo Verde, Chile, Colômbia, Costa Rica, Cuba, El Salvador, Equador, Espanha, Haiti, Honduras, Guatemala, México, Moçambique, Nicarágua, Panamá, Paraguai, Peru, Portugal, República Dominicana, Uruguai e Venezuela (IBERBLH, 2015).

O Boletim é enviado diretamente por e-mail para mais de 1.000 profissionais de países que trabalham em BLHs ou estão diretamente ligados ao tema. Também é divulgado para listas fechadas, as quais multiplicam o número de pessoas que recebem, listas como da sociedade argentina de pediatria, LACTARED de Peru, também é divulgado pelo portal do ministério da saúde de Uruguai. Os Boletins também ficam disponíveis online em sua versão completa nos portais da IberBLH e da rBLH-BR e no Blog da IberBLH.

O objetivo do Boletim é facilitar o acesso à informação, onde quer que existam Bancos de Leite Humano em funcionamento ou que estejam em fase de implantação, atualizando os profissionais sobre os acontecimentos referentes à rBLH. Nele estão publicadas notícias, divulgação de artigos, fotos, eventos e outras informações na área de BLHs e Aleitamento Materno. O Boletim atua como um facilitador do contato entre os atores da rede, criando um espaço para a troca de conhecimento e tecnologias (RABUFFETTI, 2011).

#### *5.1.3.1.10 Encontro Anual dos Centros de Referência Estaduais*

A estrutura de gestão da rBLH-BR é dada através das articulações entre as Comissões Nacional e estaduais, o Centro de Referência Nacional e os Centros de

Referência Estaduais, que criam mecanismos de interlocução e cooperação técnico-científica com os BLH participantes da Rede (MAIA, 2004).

O primeiro Encontro Nacional dos Centros de Referência Estaduais foi realizado em 1999. Segundo Maia (2004), um dos principais resultados deste primeiro encontro foi a formulação de diretrizes para um novo programa de qualificação de recursos humanos, com base no curso de “Processamento e Controle de Qualidade de Leite Humano”. Deste então estes encontros acontecem anualmente.

Dente os objetivos destes encontros estão a avaliação das atividades da rBLH-BR e a realização do planejamento estratégico anual.

#### *5.1.3.1.11 Eventos científicos nacionais e internacionais*

A produção científica tem contribuído para o avanço do conhecimento na área de atuação da rBLH (RAUPP, 2011).

A partir da necessidade de difusão da informação para introjeção de valores culturais na sociedade e universalização do acesso à informação a todos os BLHs (ALMEIDA, 1999), a rBLH vem promovendo congressos científicos em âmbito nacional e internacional.

A rBLH-BR organizou, até 2010, cinco congressos nacionais, sendo dois destes concomitantes aos congressos internacionais e um ao iberoamericano. Nos cinco congressos foram apresentados um total de 860 trabalhos científicos (Tabela 1).



Tabela 1 – Tema central, quantitativo dos trabalhos publicados nos anais dos cinco congressos da Rede BLH-BR e número de participantes

Congresso		Tema Central	Trabalhos Apresentados	Participantes
Nº	ANO			
I	1998	Informação, Educação e Qualidade em Bancos de Leite Humano	29	700
II	2000	Excelência em Bancos de Leite Humano: uma visão de futuro	150	1200
III	2002	Pesquisa e desenvolvimento tecnológico em Bancos de Leite Humano	204	1500
IV	2005	Bancos de Leite Humano: uma rede de proteção à vida: duas décadas de política pública no Brasil	253	2391
V	2010	O compromisso dos Bancos de Leite Humano com os Objetivos do Desenvolvimento do Milênio	224	1000

Fonte: RAUPP (2011)

#### 5.1.3.1.12 Credenciamento

O Programa de Credenciamento de Bancos de Leite Humano é uma iniciativa resultante de um convênio com a Área Técnica de Saúde da Criança e Aleitamento Materno do Ministério da Saúde. Este programa se iniciou em 2012 e configura-se como ação estruturante e reguladora para garantir o funcionamento dos BLH e postos de coleta dentro dos padrões de qualidade já normatizados.

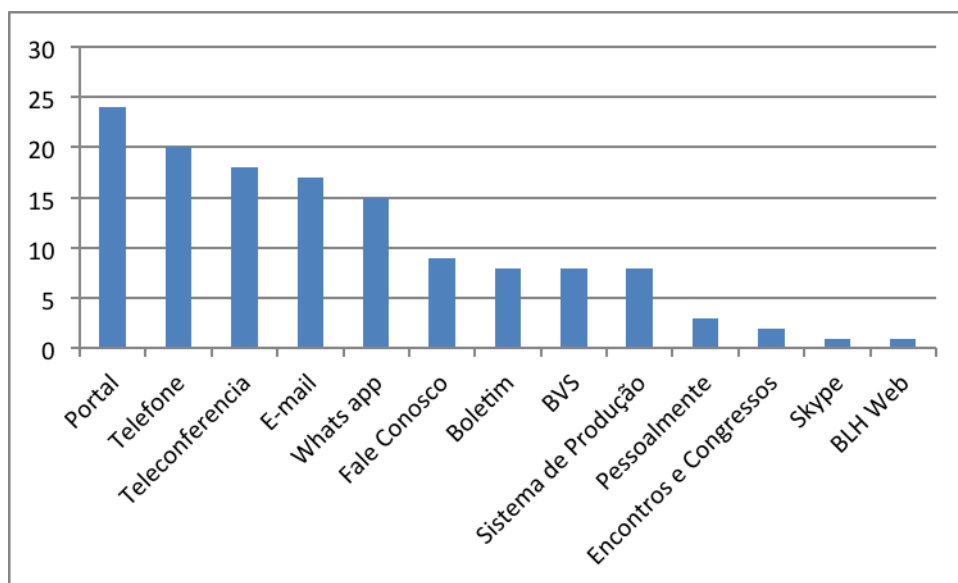
O primeiro estágio do programa teve como meta credenciar as 28 Referências Estaduais, e no segundo momento ampliar a todas as Unidades da rBLH.

Para se habilitar ao credenciamento, é obrigatório o cadastro dos BLHs no Sistema de Monitoramento e Avaliação da Produção da rBLH. O edital para credenciamento se encontra no ANEXO J.

5.1.3.2 Perfil de utilização dos instrumentos de informação da rBLH-BR, segundo os entrevistados

Em relação aos meios de informação e comunicação que os Centros de Referência Estaduais e a Comissão Nacional relataram utilizar com maior frequência são: o Portal, Telefone, Teleconferência, E-mail, *Whatsapp*; Fale Conosco; Boletim; BVS AM; Sistema de Produção; Pessoalmente; Encontros e Congressos; *Skype* e BLH Web (Gráfico 1)

Gráfico 1- Gráfico dos instrumentos de informação citados pelos entrevistados como fonte de acesso à informação



Fonte: Elaboração do próprio autor

O portal da rBLH foi apontado por 24 entrevistados como um instrumento frequentemente utilizado.

No portal da rBLH-BR há ícones que remetem ao canal de vídeos da rBLH no *YouTube*, a BVS, a Tel@ rBLH, ao Sistema de Monitoramento e Avaliação da Produção, ao Boletim e ao Fale Conosco. Esta interligação entre os instrumentos é reportada por alguns entrevistados.

Ver artigos, história do Banco, eu acabo utilizando [...] No portal da rede, no portal tem alguma coisa especialmente de história, de dados de Banco de Leite e tal, então isso acaba sendo bem útil. [...]eu tenho aproveitado bastante o portal, tem os vídeos, tem caminho pra os vídeos, tem a BVS. (Fala do entrevistado 71)

O próprio portal tem já subsídios [de informação]. O portal ele tem crescido muito em relação ao que ele era e o que ele é, então você pode achar muitas coisas lá, as publicações no ícone de informação e comunicação, a gente tem as divulgações dos boletins. [...] todo dia. eu lanço a produção. Tenho alunos que direciono pra aquele portal. Eu entro muito no portal. Por exemplo fale conosco, que é uma ferramenta super importante, eu uso pouco, mas é disponível e a gente coloca. Eu divulguei o portal. Eu era fale conosco no meu estado, e trabalhando com o portal, e nos cursos eu coloco online, aí eles começaram a enviar notícias. Quem não aparece é quem não envia [notícias] . (Fala do entrevistado 69)

Eu olho todos os dias o portal da rede, vejo as notícias, ali vai sair o que há de novo, a notícia de hoje né, e o SIG (Fala do entrevistado 85)

Portal, eu uso pra ver quando vai sair a próxima videoconferência (Fala do entrevistado 134)

O telefone também se mostrou um instrumento de informação e comunicação bastante utilizado entre os entrevistados.

Isso é uma família, apesar de a gente sempre ter encontros periódicos, a gente sempre se liga, conversa, com a região norte, principalmente com a região norte, que a gente tem, foi dividido em macrorregionais e a gente tem feito contato, mesmo não sendo encontro a gente liga de um pra o outro, tira dúvidas, esclarece. (Fala do entrevistado 135).

[busca informações] Do centro de referência. E também, com algumas situações que eu preciso ver, ligo pra algumas coordenadoras de outras regiões também, a gente tem contato. (Fala do entrevistado 118).

Algo que eu tenha que ter uma resposta imediata vou pra o telefone, procuro falar com Franz, com Daniele, procuro assim ficar inteiramente à vontade pra fazer dessa forma. (Fala do entrevistado 120).

Alguns entrevistados preferem se comunicar por e-mail com outros atores da rede. Talvez pelos entrevistados serem coordenadores de CRE e membros da CN e por isso terem maior contato com os consultores do Fale Conosco, alguns preferem enviar diretamente e-mails para estes.

Como a gente conhece mais as pessoas pessoalmente, o e-mail, a gente direciona já. Em vez de “Fale Conosco”, você já sabe para quem vai mandar, você manda por e-mail, geralmente. (Fala do entrevistado 87).

Também uso muito o e-mail, porque eu mando e-mail para a rede, mando e-mail para o João, para a Dani, para o Franz, dependendo da demanda que eu precisar. (Fala do entrevistado 31).

Pela rede, pelo “fale conosco”, teve um período que todas [as perguntas] estavam sendo respondidas mas agora teve um período que foi justificado por eles, que realmente estavam sem adequações, mas todos que eu mando indireta e diretamente no email da rede são respondidas sim e satisfatoriamente. . (Fala do entrevistado 86).

O Fale Conosco ainda é também um canal utilizado para a obtenção de resposta às dúvidas de alguns entrevistados.

Sempre que tenho dúvidas entro em contato com o fale conosco, faço contato direto, se eu não consigo através da literatura ou artigo científico, ou algumas vezes em primeiro lugar eu vou até a rede ou fale conosco, é o mecanismo que eu mais utilizo pra tirar as dúvidas ou dar alguma sugestão né? Mas a literatura também, a ciência escrita é um recurso muito importante. (Fala do entrevistado 36)

Os atores da rBLH-BR incorporaram novas tecnologias disponíveis, o que segundo Lemos (2013), amplia o potencial comunicativo e proporciona a troca de informações.

Mesmo não institucionalizado, o aplicativo de telefonia móvel *Whatsapp* mostrou-se muito difundido entre os entrevistados. Este aplicativo pode ser utilizado para enviar mensagens de texto em tempo real para os indivíduos ou grupos, sem nenhum custo (CHURCH; OLIVEIRA, 2013) Por iniciativa dos próprios atores da rede, foram criados grupos de discussão entre os coordenadores dos CRE de algumas macrorregiões.

O portal, o que mais assim? Telefone, emails, é o que a gente...Agora o *whatsapp*! A gente tem um grupo do nordeste. Montei um grupo da região em si que a gente possa tá colocando, até é uma sugestão boa, vai ficar enorme, mas é boa. São os que mais a gente utiliza. (Fala do entrevistado 116)

Na região norte nós fizemos isso. Aquele que está com alguma dificuldade ou quer tirar alguma dúvida, ou de repente tem algum equipamento pra comprar, alguma sugestão, dentro do *whatsapp*, no nosso grupo, nós estamos buscando soluções e estamos muitas das vezes tendo respostas, assim, muito rápidas, que muitas das vezes até por email não era tão rápido como hoje com essa questão da febre *whatsapp*, né? Eu estou tendo esse contato com essas pessoas. (Fala do entrevistado 139).

O Boletim é um elemento de difusão do conhecimento científico e tecnológico sobre aleitamento materno e BLHs no âmbito da rBLH, porem algumas notícias também se encontram no portal. .

No portal eu busco as informações mais atualizadas que tem as notícias mais importantes, eu vejo a programação dos calendários, eu vejo o que os outros colegas estão realizando e também informo e dali tiro qualquer dúvida com relação ao fornecimento de informações. (Fala do entrevistado 121)

O Boletim é publicado semanalmente pela secretaria executiva da rBLH, nas versões em espanhol e português e é enviado através de e-mail para uma lista de mais de 1000 profissionais, incluindo todos os coordenadores de CRE e representantes da CN. Embora todos os e-mails dos entrevistados estejam cadastrados para recebimento do Boletim, somente alguns reportaram utilizá-lo como instrumento de informação.

Os boletins têm ajudado muito, porque a gente vê como é que ta caminhando lá né? Tá caminhando, digamos assim, numa velocidade muito grande, porque começaram ontem e você vê que em termos de estrutura, de ações e atividades, eles fazem atividades comuns as que são feitas aqui no Brasil apesar de estarem iniciando e isso tem dado uma resposta muito boa pra gente porque a gente trabalha de certa forma quase que no mesmo padrão, naquele foco de ações. (Fala do entrevistado 120)

Ele manda aquele boletim né,? Semanal né?... (Fala do entrevistado 139)

A Biblioteca Virtual em Saúde Aleitamento Materno Brasil (BVS-AM) é utilizada como fonte de informação científica entre alguns entrevistados.

Eu tô sempre na internet procurando artigos, o [ator A- 14] até perguntou:- vocês tem a BVS e não utilizam. Eu utilizo demais. Eu sempre tô jogando lá: leite humano, leite materno, Bancos de Leite, que é pra ver qual o artigo mais novo que já saiu (Fala do entrevistado 134)

O Sistema de Monitoramento e Avaliação da Produção da rBLH-BR permite a visualização dos dados de produção dos BLHs e acompanhamento dos indicadores dos BLHs.

Sistema de produção eu uso muito, pra estatística, pra relatórios, a gente se baseia tudo nisso. (Fala do entrevistado 123)

O certificado de credenciamento da rBLH foi baseado nas informações cadastradas no Sistema de Monitoramento e Avaliação da Produção.

O portal, o sistema de produção da rede, os dois sistemas de produção né? O que a gente abastece diariamente e o sistema de produção mensal também, isso é muito importante principalmente nessa área, fase de credenciamento a gente acaba olhando muito mais pra o sistema de produção, inclusive achamos algumas discrepâncias com isso. Quer dizer, o credenciamento nos levou a melhorar muita coisa, então sistema de produção, o portal (Fala do entrevistado ).

Os eventos presenciais também foram citados pelos entrevistados como utilizados para o acesso à informação.

[como recebe informação] Nos encontros né? Nos encontros da macrorregional, nos anuais né? O encontro nacional que existe, então são momentos que a gente recebe e troca informações (Fala do entrevistado 135).

É, principalmente nessas reuniões, também servem pra isso né? [buscar informações].Nessas reuniões você aproveita para... Para trocar experiências né? (Fala do entrevistado 123).

Olha assim, claro que a gente tem que estudar sempre né? E você tá sempre perto das pessoas se você participa dos congressos, se você participa até...Nunca faltei, até em encontro internacional de rede, especificamente de relação a banco de leite, entendeu, nunca deixei de participar dos congressos de banco de leite, eu já participei de todos, esses encontros, então tudo isso é informação que você traz e sempre tem

melhoras, você melhora quando tem informações do que está acontecendo, o banco de leite... (Fala do entrevistado 119)

A rBLH-BR realiza anualmente o encontro dos CRE. Além destes encontros, a rede organiza congressos, seminários científicos e outros eventos.

O processo de comunicação é inerente às atividades científicas, e o contato entre os profissionais torna-se indispensável para desencadear o fluxo de informação e do conhecimento. (ALCARÁ et al, 2009. p.175)

Dos entrevistados, somente dois relataram utilizar o Sistema de Gerenciamento de Bancos de Leite Humano (BLHWEB).

Utilizo de comunicação, eu acho que até o BLHWEB é um instrumento de comunicação, então utilizo a rede BLHWEB, utilizo o portal, o site, utilizo o “fale conosco”. (Fala do entrevistado 122)

O portal, o “fale conosco”, o sistema, o BLHWEB, que eu tenho paixão por ele, e que se Deus quiser o que ta vindo vai superá-lo, que eu não posso perder esse. Então, o BLHWEB que nos fortalece muito com os dados. ”. (Fala do entrevistado 5)

## 5.2 DIMENSÃO RELACIONAL

A dimensão relacional se refere ao tipo de relações pessoais entre os atores através de uma história de interações e incluem atributos como confiança, credibilidade, normas, sanções, obrigações, expectativas, identidade e identificação (NAHAPIET; GHOSHAL, 1998)

Nesta etapa do estudo se buscou conhecer a dimensão relacional do capital social através dos vínculos formados durante a construção da rBLH BR com o olhar para as relações e a informação.

Durante o processo de construção de uma rede há a formação de vínculos entre os atores, os quais terão diferentes níveis ou aprofundamento durante este percurso (ROVERE,1999). Por este motivo, tornou-se necessário se conhecer a trajetória da informação na rBLH BR, para então se verificar os vínculos existentes atualmente dentro desta rede.

### 5.2.1 Trajetória da informação na rBLH BR

O domínio da informação é primordial, uma vez que é um elemento essencial e estrutural da rede, por isso, é de extrema importância fazer o mapeamento em termos de informação no que tange a evolução da rede, realçando efetivamente as dificuldades e as conquistas.

Na primeira metade da década de 80, a questão fundamental a ser enfrentada pelos cinco e únicos Bancos de Leite Humano em funcionamento no Brasil era o risco biológico oferecido por suas estruturas operacionais inapropriadas. Diante disso, em 1984, um pesquisador do então Instituto Fernandes Figueira/ Fiocruz começou a desenvolver um trabalho com o objetivo de analisar e construir uma base que pudesse oferecer mais segurança.

Com a proposta de discutir o tema “Banco de Leite Humano no Brasil” com bases científicas sólidas no I Congresso Pan-americano de Aleitamento Materno foi instituído em 1984 um comitê técnico de bancos de Leite Humano do Ministério da Saúde. Sob a coordenação do Instituto Nacional de Alimentação e Nutrição, este grupo realizou uma avaliação técnica dos BLHs brasileiros.

Em maio de 1985, ocorreu o I congresso Pan-americano de Aleitamento Materno<sup>7</sup> em Porto Alegre e a partir de um trabalho apresentado foram formuladas as bases que resultaram na construção do modelo de Bancos de Leite Humano construído pela Fiocruz. O relato apresentava a experiência de uma empresa que empregava um grande contingente de mulheres em idade fértil e optou por implantar um BLH como estratégia para aumentar a prevalência de aleitamento materno entre suas trabalhadoras, que retiravam o seu leite durante a jornada de trabalho com o objetivo de atender a seus próprios filhos. Este foi o elemento central que embasou a formulação de uma nova proposta operacional para BLH, integralmente formulada, validada e ampliada pelo Banco de Leite Humano do Instituto Fernandes figueira - Fundacao Oswaldo Cruz.

O BLH IFF se reergueu e inovou, construindo boas práticas que qualificavam a atenção neonatal em termos de segurança alimentar e nutricional. Isso foi graças ao

---

<sup>7</sup>O I Congresso Pan-americano de Aleitamento Materno foi realizado no período de 12 à 15 de maio de 1985, na cidade de Porto Alegre (RS).



investimento no desenvolvimento tecnológico com aplicação de conhecimento e pesquisa na construção do novo modelo, onde a informação permite a tomada de decisão de forma segura, acerca daquilo que pode ser feito em relação ao leite e aos clientes.

Com base neste novo conceito, o Ministério da Saúde passou a considerar os BLHs como elementos estratégicos para a qualificação da atenção neonatal em termos segurança alimentar e nutricional.

A partir de então, o Banco de Leite Humano do IFF passou a operar como Centro de Referência Nacional- CRN em Bancos de Leite Humano, que por sua vez propôs a criação de Centros de Referência Regionais (CRR) para apoiá-lo na implementação da ação política no âmbito do SUS. O primeiro Centro de Referência Regional, para as regiões Nordeste e Norte, Foi implantado na Maternidade Escola Assis Chateaubriand em Fortaleza e em seguida no Hospital de Clínicas da Universidade Federal do Paraná, em Curitiba, abrangendo a Região Sul e parte da região Centro-oeste. Este movimento evoluiu de forma natural para a criação dos Centros de Referência Estaduais hoje existentes.

Essa configuração proporcionou uma expansão no número de BLHs pelo Brasil. Segundo Maia, 2004, no intervalo de cinco anos, de 1985 a 1990, foram identificados 47 novos serviços. Na década seguinte este número ultrapassou 100 unidades.

Este trabalho culminou na construção de um *modus operandi* no qual o Centro de Referência Nacional envia informações para os Centros de Referência Estaduais e esses as difundem em sua unidade federada, criando espaços para propagar as informações.

A necessidade de fazer a informação percorrer o Brasil levou à criação de fóruns, cursos e congressos. A partir daí houve o movimento de criação de um centro de referência em cada estado.

A percepção de que o investimento na formação de recursos humanos configurava-se em um dos elementos estratégicos para a expansão dos BLHs por todo o Brasil levou ao I Encontro Nacional de BLHs. O I Encontro Nacional de BLHs ocorreu em 1992 e reuniu 150 profissionais de todo o país. Neste encontro surgiu a concepção de um modelo de gestão para os BLHs brasileiros, o qual estava baseado em um sistema participativo de planejamento estratégico integrado, representando um passo na direção da construção do projeto da Rede Brasileira de Bancos de Leite Humano (MAIA et al., 2006).

Pela informação ser percebida como algo importante e valioso, foi lançado o boletim “Gota de Leite”, que era impresso e enviado por correio para os BLHs existentes no país. Este impresso veiculava informações sobre inovações e notícias sobre o que estava acontecendo nos BLHs do Brasil.

Mais adiante, em julho de 1998, foi organizado o I Congresso Brasileiro de Bancos de Leite Humano. Desta forma, criava-se importante fórum para compartilhamento do conhecimento produzido. Neste congresso podem-se destacar os seguintes elementos que marcariam, de forma contundente, o futuro da organização dos BLH no país: as Vigilâncias Sanitárias - Nacional e Estaduais – assumem o papel de parceiros na consolidação dos BLH; a discussão sobre o papel central da mulher no processo de amamentação e a reafirmação da importância da qualificação dos profissionais (MAIA, 2004, p 13).

Os cursos macrorregionais crescem como forma de divulgar o modelo de BLH e garantir que todos os BLH seguissem as mesmas condutas, tendo a mesma qualidade de serviço. No mesmo ano do I Congresso Brasileiro de BLHs, o Ministério da Saúde, através do CRN, oficializou a criação da Rede Brasileira da Bancos de Leite Humano (MAIA, 2004).

Neste momento, na segunda metade da década de 1990, a comunicação entre os BLH ainda se dava fortemente via telefone e fax. Então surgiu a oportunidade de lançar mão da internet e assim foi construída a primeira versão do site da rBLH BR. O site era utilizado como um veículo para divulgar informação prioritariamente voltada para procedimentos técnicos e dados relacionados à produção alcançada pelos BLHs no Brasil. Posteriormente foram incorporadas novas ferramentas, como o fale conosco, listas de discussão e comunidades virtuais.

Os congressos realizados ao longo dos anos funcionavam como espaços privilegiados de troca e divulgação de informações e de conhecimento. A informação assume um valor especial para a construção da Rede Brasileira de Bancos de Leite Humano desde o seu primórdio, pois junto com a educação, formava os pilares de sustentação do trabalho na busca incessante pela qualidade.

O trabalho árduo da equipe do Banco de Leite Humano necessitava de maior visibilidade, demandando assim uma ação estratégica. Diante disso, teve início um movimento para a criação de uma base nacional de dados, para a qual convergiam as informações de todas as unidades em operação no País. Tecnicamente insipiente, a fase inicial foi construída com a planilha eletrônica Lotus, alimentada no IFF/Fiocruz a partir de relatórios enviados por fax e correio tradicional. Este foi o primeiro passo na direção de construir o atual Sistema de Informação e Monitoramento da Produção da Rede Brasileira de Bancos de Leite Humano, que já extrapolou as fronteiras do território nacional e agrega vários países da América Latina, Caribe e África. Os BLHs passaram a trabalhar a informação como elemento indispensável para gerar oportunidades contínuas de melhoria nos processos de trabalho, melhorando assim, a qualidade do trabalho.

Para parametrizar uma nova estrutura operacional, é preciso construir uma metodologia de trabalho que permite obter informações necessárias. A parametrização do processo de trabalho gera uma estrutura biologicamente segura no sentido de alinhar uma diretriz, com a nova missão do Banco de leite humano de ser uma estratégia de qualificação em segurança alimentar e nutrição.

Uma vez desenvolvida essa nova ideologia, ela precisa ser implementada extra-muros da Fiocruz, através de um sistema de informação que permitisse informar sobre as boas práticas, e que elas fossem levadas de forma ampla, geral e irrestrita, para o Sistema Único da Saúde. É preciso dispor uma informação compatível com essa necessidade, então a informação como primeiro demarcador de desenvolvimento da tecnologia torna-se imprescindível.

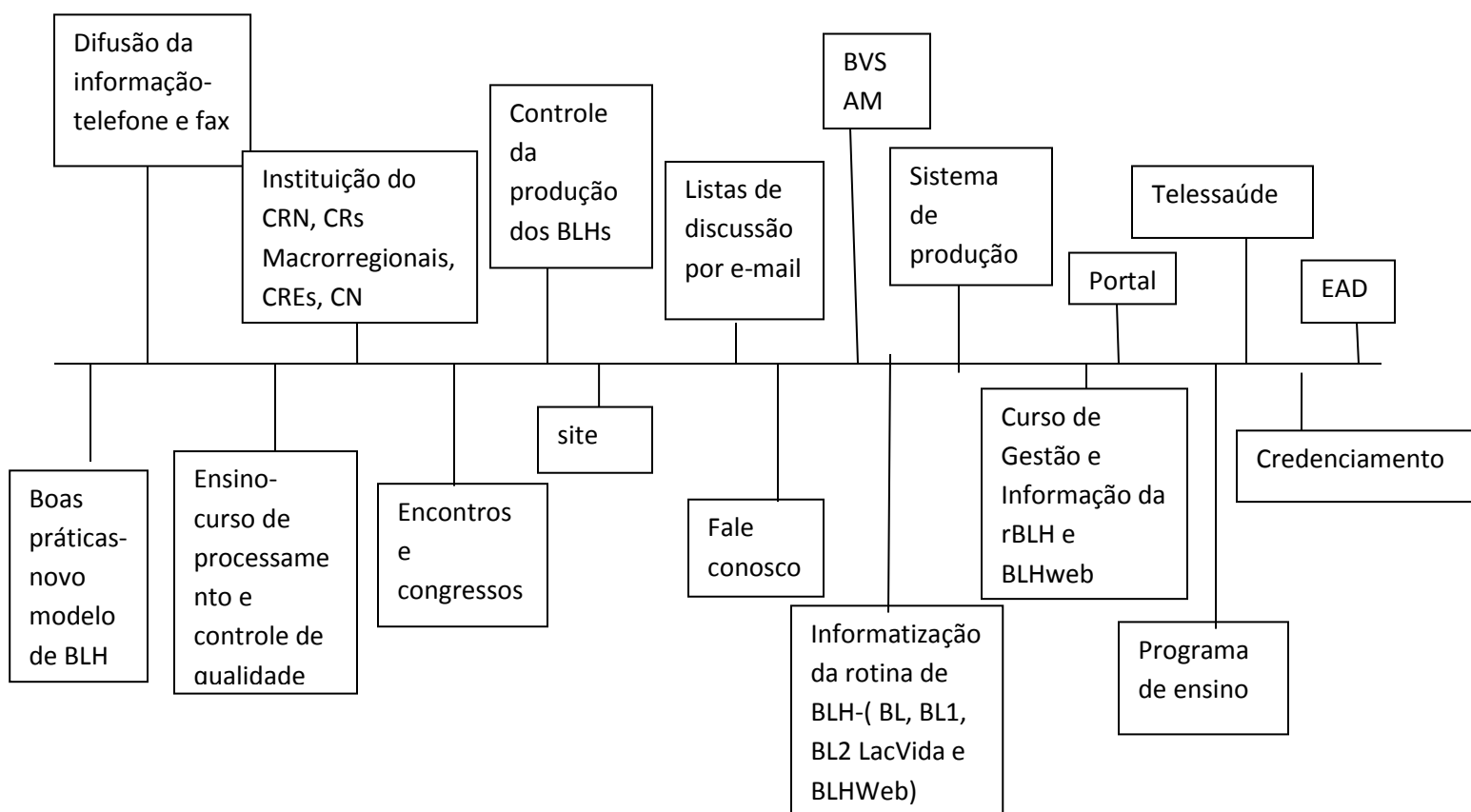
Desde o início, o ensino entra como uma estratégia para informar e qualificar. Ela se torna num veículo de transmissão das boas práticas, fazendo da informação, um novo caminho para trabalhar e processar o leite humano. Depois que o centro de referência foi construído a estratégia política visava garantir o fluxo de informação. Foram institucionalizados os cursos de processamento e controle de qualidade e gestão em informação em rede BLH. (Fala do entrevistado 14)

À medida que o trabalho do BLHs no Brasil passou ganhar escala, cada vez mais a informação aparece como elemento estruturante para a rede, ou seja, sem informação não existe rede. Seria impossível pensar em rBLH sem pensar em informação. Ela passou a ser um grande divisor de águas. Com a complexificação da rede a informação também cresce

em complexidade. Graças à informação, novos saberes e práticas gerados no Instituto de Fernandes Figueira foram difundidos para todo o Sistema Único de Saúde do Brasil, e posteriormente para a América latina e Caribe.

Figura 9 – Demarcadores da trajetória da informação na rBLH-BR

Demarcadores da trajetória da informação na rBLH-BR



Fonte: Elaboração do próprio autor

### 5.2.2 Análise dos vínculos entre os atores da rBLH BR

A análise da trajetória da rBLH BR, torna evidente que a sua solidez advém do compartilhar, do compartilhar projetos, compartilhar objetivos, gerando a cumplicidade entre os atores. Por esta razão, nesta fase do estudo, buscou-se identificar nos depoimentos, núcleos que conferem sentido ao tipo de vínculo ( Rovere, 1999).

Neste contexto, o ensino na rBLH, com base na RDC 171(BRASIL, 2006) merece destaque especial. Ele aflora nos depoimentos como um projeto compartilhado pela rede.

A gente tá sempre capacitando a equipe... Então a gente faz junto com o grupo, esses [cursos] macrorregionais. (Fala do entrevistado 119)

Eu sempre colaboro com essas iniciativas de fazer esses cursos, estar ministrando e capacitando o pessoal de lá (Fala do entrevistado 87)

Nós realizamos o curso de processamento e controle de qualidade. (Fala do entrevistado 134)

Também damos cursos duas vezes por ano. (Fala do entrevistado 2)

Tento participar da parte de curso, da administração do banco, dos processos que envolvem o banco[ ... ]acho que sou um dos elos da rede,[...] de estar transmitindo conhecimento. (Fala do entrevistado 1)

Eu dei um curso a um Banco de leite a algumas semanas atrás. (Fala do entrevistado 4)

Nós três conseguimos dar conta de fazer o treinamento. (Fala do entrevistado 71)

Me sinto agraciada para ser tutora (Fala do entrevistado 121)

O papel dos CRE de capilarizar as ações da rBLH BR, levando-as aos BLHs dos diferentes municípios se estende com a ajuda e o apoio fornecidos pelos Centros de Referência Estaduais aos BHLs para auxílio dos problemas que emergem no cotidiano dos serviços, tanto de ordem política, como técnica. Esta ajuda aparece como algo permanente,

demonstrando não somente a solidariedade entre os atores, mas também a confiança estabelecida.

Eu acho que eu agreguei valor, acho que eu to conseguindo ajudar os Bancos de leite a se sentirem mais fortes, mais presentes nessa rede, porque todos nós fazemos parte da rede brasileira. Então eu sinto que tenho um papel importante também nessa rede pra ajudar essa rede a crescer, no meu Estado. E acho que sou uma referência para os outros Bancos (Fala do entrevistado 6).

Nunca deixei de atender uma solicitação de um Banco (Fala do entrevistado 4).

Sempre ouço, sempre falo, se eles pedem eu tento atender prontamente, então me acho bem ativa na rede (Fala do entrevistado 2).

[sobre a participação na rede] fazer os Bancos de leite seguirem realmente todas as normativas...fazer o [estado do entrevistado] aparecer dentro dessa rede brasileira. Na minha região ajudamos há dois Bancos de leite que estavam com bastante dificuldades né? Nós fizemos tanto uma pressão política, como um suporte técnico mesmo (Fala do entrevistado 5).

Eu tento fazer o possível pra rede crescer, manter o padrão que eu recebi, mantendo o ensino contínuo da rede. A gente pode ajudar essa Banco a melhorar, melhorar a rede, o produto, o leite, a qualidade desse produto, melhorar o produto não existe porque ele já é perfeito, mas manter a qualidade desse produto, [... ] coordenador do centro de referência, esse papel é de extrema importância pra manter a rede dentro de um estado, é através de um centro de referência que a rede acaba comunicando todos os planos, pra todo mundo ter a mesma metodologia, falar a mesma língua, tentar crescer com todos do mesmo jeito, mesma dinâmica, pra tentar um objetivo comum, saúde pra o prematuro, pra aquele bebê que está enfermo dentro da UTI neonatal (Fala do entrevistado 3).

A ajuda dos Centros de Referência Estaduais aos BLHs nos municípios os levam a ter confiança em perguntar.

As pessoas que trabalham em outros bancos têm a confiança de chegar pra você e perguntar, de questionar alguma coisa, então é uma relação de confiança (Fala do entrevistado 1).

Essa ajuda se demonstra contínua e se configura como troca bilateral, não como obrigação, mas como solidariedade baseada em confiança.

Cada um procura ajudar o outro, olha eu consegui fazer isso, tem a questão da implantação do 0800 esse ano, eu mandei toda a estruturação pra uma coordenadora para ele poder lançar durante a semana mundial, [...] pra parceira com o “Bombeiro amigo do peito”, mandei pra colega, ela também já me mandou para um projeto de lei, (Fala do entrevistado 139)

O apoio é fundamental pra você conseguir tomadas de decisões. Embasamento científico-teórico, isso traz credibilidade pra todos os seus processos. Você consegue ser melhor aceito, na comunidade, e o reconhecimento vem mais rápido também. Você tem uma solução, você vai compartilhar com o outro, você vai trocar experiências e com isso todo mundo vai ganhar. (Fala do entrevistado 3).

Um fator que chama a atenção e que remete à associação entre os atores da rBLH BR que esteve muito presente nas falas dos entrevistados foi a confiança dos Centros de Referência Estaduais e da Comissão Nacional de poder contar com o suporte do Centro de Referência Nacional e de que, caso necessitem, terão ajuda do mesmo.

Recebo ajuda de todos os tipos, para esclarecimento de dúvidas, ajuda financeira pra me deslocar e estar recebendo essas informações, apoio emocional. Recebo apoio de todo jeito [...] Quando você tem uma equipe, um grupo por trás facilita. (Fala do entrevistado 69).

E eles [CRN] estão sempre tentando ajudar. Sempre tentando dar uma solução, te ajudando a encontrar. (Fala do entrevistado 87).

Tudo o que a gente busca, a gente encontra respostas, a gente não fica sem resposta, a gente se sente acolhido, no encontro por exemplo a gente se sente muito acolhido. As nossas dúvidas a gente sente que tem acolhimento das nossas dúvidas, a gente não é criticado, - ah, já vem com essa pergunta!-, uma pergunta que as vezes pra outro poderia ser básica, mas a gente ainda ta com dúvida, sempre a gente encontra respostas, seja dos [três atores do CRN] que também nos ajudam muito.(Fala do entrevistado 6)

Quando a gente precisa eles [CRN] estão ali, disponíveis, respondem, nos dão o suporte.(Fala do entrevistado 5)

Eu sinto que eles [CRN] também criaram comigo assim, uma relação de confiança, de parceria né [...] tem esse reconhecimento de perguntar pra referência, pra gente poder ter mais essa ajuda mais direta (Fala do entrevistado 70).

Esta confiança de que será ajudado caso necessite se estende a toda a rede.

Eu acho assim, a primeira coisa é você ter o norteamento de que todo mundo faz o mesmo trabalho, alguns com um aspecto maior ou menor do que os outros. Mas o trabalho em si é realizado por todos. No meu banco de leite está inserido dentro de uma UTI [Unidade de Terapia Intensiva] neonatal que tem 19 leitos. Isso é importante dentro do [estado do entrevistado], uma unidade que precisa. É um banco muito novo. O banco de leite só tem quatro anos. Ele não tem uma grande expressão ainda dentro da sua história, mas ele já foi criado com esse sentimento de rede. Com o sentimento de, se você tiver leite sobrando você vai dar para o banco de lá, que o banco de lá está precisando, se você precisar, você pode ligar para o Fulano que o Fulano vai te ajudar.. Ele já nasceu dentro desse sentimento de rede. (Fala do entrevistado 31).

Eu tenho certeza que se eu precisar eu recebo ajuda sim (Fala do entrevistado 137).

O fato da rede valorizar internamente os integrantes, fazendo-os se sentirem importantes também possui relação com a confiança que permeia a rede.

Tudo que é feito eu concordo né? Mas se tiver alguma coisa eu falo. Acho que a união do grupo, se sentir valorizada, você se sentir importante, uma coisa que tudo o que você fala em reuniões, tanto por videoconferências como presentes, você se sente valorizada, sempre lisonjeada, porque sempre tem uma maneira das pessoas te elogiar, o grupo da referência nacional sempre te elogia e traz aquilo de eu sou importante, entendeu? Aí te deixa mais livre pra você falar o que você pensa, às vezes não tá no contexto daquele momento mas você fala na hora, e as pessoas sempre te entendem.- Olha, segunda de manhã eu conversei com você...e no dia seguinte *ir* atrás, a gente se sente à vontade, pelo acolhimento do grupo, pela união do grupo, uma pessoas ajudando a outra, é o tempo todo isso, a gente sente nas falas, no abraço, você sente confiança, você se sente...é o que sinto assim. (Fala do entrevistado 2).

A rede é uma das que mais reconhece o nosso trabalho,. Quanto a rede, a rede é uma das que mais reconhece o nosso trabalho, porque quando, por exemplo, a gente vem aqui, num encontro e você ouve e vê o quanto foi importante esse trabalho pra o credenciamento por exemplo, e você vê que seu trabalho gerou frutos e houve melhora daquele credenciamento, daqueles dados, e muitos Bancos não colocavam os dados, começam a colocar os dados agora, porque você foi atrás. Tudo isso, a rede valoriza o seu trabalho.(Fala do entrevistado 3).

Tudo o que eu faço dentro da rede, sabe, eu tô alimentando e tô trabalhando de acordo com os princípios da rede, então eu tô sempre na rede [...] Me considero importante e me sinto muito orgulhosa em participar da rede. Porque eu me sinto extremamente bem em ter certeza que eu estou, embora talvez sendo um grãozinho de areia, mas eu sinto que eu tô contribuindo pra diminuir a mortalidade dessas criancinhas



também estar melhorando a vida dos futuros adultos. (Fala do entrevistado 137).

Me vejo como multiplicadora e é uma honra fazer parte nesse trabalho, onde a gente vê que não só lhe repassam trabalho, mas lhe valorizam, como funcionário, como pessoa, então você tem como mensurar isso, isso é legal (Fala do entrevistado 140).

Eu até brinco, toda vez que eu volto de um encontro, eu volto revigorada. Você vê que não é só você quem passa por isso, os outros também. Eu me sinto muito acolhida. Eu adoro cada um. (Fala do entrevistado 87).

Através das falas dos entrevistados foi possível perceber que há o sentimento de união e acolhimento entre os atores da rBLH BR

É um trabalho de construção coletiva né? Então acho assim que to ali tô atuando, tô com os Bancos. Você pensa na palavra construção coletiva, você tá inserida a todo o tempo num grupo, você faz parte de uma rede, você faz parte de um grupo [...] pelo acolhimento do grupo, pela união do grupo, uma pessoas ajudando a outra, é o tempo todo isso, a gente sente nas falas, no abraço, você sente confiança, você se sente...é o que sinto assim (Fala do entrevistado 2)

Me sinto acolhida por fazer parte da equipe, então, a rede tem a visão de construção coletiva, e dentro dessa coletividade tem o acolhimento, como eu disse, em relação a qualquer momento se você ligar, como banco de leite você é acolhido por qualquer um, em uma ligação você percebe o acolhimento de quem está lhe atendendo (Fala do entrevistado 121).

Todos nos tratam bem, a referência [CRN] mais ainda, então acho que nos acolhem muito bem, muito bem mesmo. (Fala do entrevistado 116).

Agora eu já estou me empoderando da rede. Já estou me sentindo parte. O acolhimento vem da integração da rede. (Fala do entrevistado 124).

O problema de um é o problema do outro. Eu posso encontrar pessoas de troca. (Fala do entrevistado 1).

Em todo o sistema, todos os projetos da rede, porque todos eles precisam de apoio, e se você participa e você colabora... Minha região é muito ligada, muito junta, muito unida. (Fala do entrevistado 138).

Teixeira (2003), relaciona a comunicação como ferramenta para o acolhimento. Ao ter o sistema de saúde como campo, o autor mostra como é fundamental o papel das conversas entre os atores para o estabelecimento de vínculos.

Desta mesma maneira, a união entre os atores da rBLH BR é conseguida a partir do diálogo, onde a liberdade para se expressar se apresenta como um diferencial desta rede.

No trabalho de rede, de agregar seres, de me aproximar mais do sistema de gestão maior, local, isso tem dado resposta imediata pra gente, eu observo isso.... Assim, é uma militância, quem se encontra na rede adquire assim um grau de afetividade ao trabalho e acho que isso tem uma relação muito grande com a forma de condução que eles fazem, você realmente se sente em casa. Eu não me sinto inibida, essa questão de você garantir espaço pra fala, acho que é um grande diferencial (Fala do entrevistado 120).

Que ninguém tá aqui pra ser o dono do saber, porque o tempo todo é dito o seguinte, que todo mundo tem algo pra contribuir, que a rede quer ouvir todo mundo, a rede quer ver o que todo mundo pensa, o que tá fazendo, como está fazendo, até pra poder dizer que não acho que o caminho é esse e não este, então é dada essa liberdade de você colocar seu ponto de vista, se você tiver errado ninguém vai sair vaiando e jogando ovo, né? Claro vai ser orientado e aí assim é dada essa liberdade pra você dizer, poder contestar. (Fala do entrevistado 85).

Assim é uma rede, se a gente tá ali vivenciando isso, e não concorda, eu não acho que tá legal aquilo, acho que todos os coordenadores que tem que ter essa liberdade pra falar. (Fala do entrevistado 117).

Porque eu acho que é uma coisa democrática, a gente tem que falar aquilo que acha, (Fala do entrevistado 122).

As pessoas aqui são muito abertas, as pessoas dão espaço (Fala do entrevistado 119).

A rede tem abertura pra tá escutando o que o outro não concorda (Fala do entrevistado 134).

A liberdade para se expressar vai além do ouvir, na medida em que os atores se percebem participantes dos processos de construção da rBLH BR, através do compartilhamento das decisões.

Ser chamada pra tomar essas decisões como na reunião de hoje, em que as decisões não são impostas, elas são compartilhadas e a gente se sente valorizada porque a gente participa da construção disso. (Fala do entrevistado 136).

Eu acho que é a questão da confiabilidade... você faz, faz a execução, e você tem o livre acesso de ir e vir, é esse ir e vir que é importante, que te fortalece..... então é a viabilidade e confiabilidade mesmo do trabalho, essa troca mútua, a participação sinto (Fala do entrevistado 140).

A satisfação de se pertencer a esta rede faz com que alguns entrevistados tenham associado a rede a uma família, ou um time, onde todos compartilham projetos e se apoiam.

Eu acho que nós três [CREs de uma macrorregião] formamos um time, é bem interessante nesse sentido, que uma consegue apoiar a outra né? Então traz mais experiência e a outra mais embasamento da literatura, eu me coloco nessa posição... (Fala do entrevistado 71).

Acho eles [outros atores da rBLH BR] assim amigos, irmãos mesmo, eu me sinto feliz, quando falo, falo com carinho com todos, quando ligo, norte e sul, do Oiapoque ao Chuí (Fala do entrevistado 116).

Isso é uma família, apesar da gente sempre ter encontros periódicos, a gente sempre se liga, conversa [...] faz a ligação e a gente é atendido né? O contato, a ligação... (Fala do entrevistado 135).

O amor ao trabalho realizado se traduziu na dedicação perante às ações em torno da rede, onde alguns entrevistados relataram que já dispuseram de recursos próprios para realizarem visita a outros BLHs para manterem a coesão da rBLH BR .

Eu visitei todos os Bancos do estado, eu fui do norte ao sul, do leste ao oeste do estado, visitar Banco a Banco, foi uma parceria com eles, eu ia pra um determinado local às minhas custas e de lá eles me levavam pra o próximo, inclusive numa tentativa de manter a coesão, de melhorar as condições do trabalho dos Bancos. (Fala do entrevistado 4).

Não tenho vontade de me aposentar porque eu gosto muito do que eu faço, então fazendo a coisa com amor, não pesa né? (Fala do entrevistado 69).

As vezes já fui a Bancos pela minha conta... Eu nunca me nego a uma demanda que chega e eu tento sempre cumprir e cumprir do jeito que aprendi (Fala do entrevistado 118).

A confiança na rBLH BR é expressa pelo orgulho relatado por alguns entrevistados de fazer parte desta rede.

Me sinto muito lisonjeada de fazer parte desta rede (Fala do entrevistado 123).

Hoje eu vejo o banco de leite como parte de mim mesma, sabe? Realmente é uma paixão que eu tenho e me empenho bastante, em ver aquilo crescer cada vez mais, ver [o estado do entrevistado] ficar mais proeminente, mais atuante promovendo cursos, participando mais da rede, eu acho que assim por questão de perfil, eu acho que, eu junto com a minha equipe, eu, junto com o Banco de leite, e de [o estado do entrevistado] inteiro, a gente tem conseguido aparecer mais no cenário nacional em relação a banco de leite. (Fala do entrevistado 86).

Acho que orgulho pessoal de um trabalho bem sucedido. (Fala do entrevistado 31).

### 5.3 DIMENSÃO COGNITIVA

A análise do capital social da rBLH na perspectiva da sua dimensão cognitiva tomou por base a busca de elementos que permitissem traduzir a presença de uma linguagem comum, compartilhada pelos atores e grupos sociais que compuseram o fluxo de informação delineado na primeira parte deste estudo, quando se investigou a dimensão estrutural do capital social da rBLH-BR. Diante disso, optou-se por localizar nas falas dos entrevistados, elementos que representassem um compartilhar de linguagem comum.

O valor da informação reside no relacionamento que o usuário constrói entre si mesmo e determinada informação. Assim, a informação só é útil quando o usuário infunde-lhe significado, e a mesma informação objetiva pode receber diferentes significados subjetivos de diferentes indivíduos – (CHOO, 2003 p.70)

Ao assumir que a dimensão cognitiva refere-se às representações compartilhadas, interpretações e sistemas de significações, esta etapa do estudo se volta para a busca de elementos construídos e/ou que trafegam na rBLH-BR, capazes de indicar a existência de uma linguagem comum.

Com essa perspectiva e assumindo que a RDC 171/2006 (BRASIL, 2006), visa normatizar a implementação e o funcionamento de BLHs no território nacional, tornou-se razoável propor que a RDC em questão poderia se configurar em um dos elementos geradores de linguagem comum no âmbito da rBLH-BR. Esta suposição foi confirmada nas

entrevistas, uma vez que a normatização técnica se fez presente de forma recorrente na fala dos entrevistados.

Tem a RDC que eu tenho que respeitar, eu sempre digo que aquilo é a bíblia para a equipe:- ó a RDC é o que nos rege, [ ...] a gente inova mas seguindo a RDC (Fala do entrevistado 116)

A bíblia que eu tenho é a Portaria 171 da ANVISA. Sempre, sempre tô buscando. (Fala do entrevistado 134)

Essa própria solidariedade que a rede oferece, essa própria linguagem uniforme, o empoderamento que dá para isso, essa estabilidade que nos é passada e a portaria 171, a própria uniformização. (Fala do entrevistado 5)

Vale destacar que alguns entrevistados se reportaram à RDC 171 como a bíblia dos BLHs, ou seja, assim como a bíblia modula o comportamento dos fieis, a RDC 171 modula o comportamento dos técnicos dentro de um BLH, não permitindo espaço para desvios.

Alguns entrevistados relataram a utilização de uma mesma conduta como um fator que fortalece os BLHs e os Centros de Referência Estaduais.

Primeiro acho que essa rede padroniza todo nosso trabalho. Cada Banco de Leite não trabalha de forma diferente da minha. Com a mesma qualidade em todos os bancos e além de padronizar, ela te ajuda a crescer. (Fala do entrevistado 134)

Trabalhamos todos sob a mesma conduta, com as mesmas normas, com os mesmos conhecimentos (Fala do entrevistado 1)

Coordenador do Centro de Referência, esse papel é de extrema importância pra manter a rede dentro de um estado. É através de um centro de referência que a rede acaba comunicando todos os planos, pra todo mundo ter a mesma metodologia, falar a mesma língua, tentar crescer com todos do mesmo jeito, mesma dinâmica, pra tentar um objetivo comum, saúde pra o prematuro, pra aquele bebê que está enfermo dentro da UTI neonatal. (Fala do entrevistado 3).

Outra oportunidade que nos permite conhecer a dimensão cognitiva que se constrói no âmbito da rBLH -BR diz respeito ao compartilhar objetivos como um dos elementos que corroboram para construção de linguagem comum. O fato dos BLHs da rede possuírem os

mesmos objetivos também figura como um elemento que confere a linguagem comum e fortalece a dimensão cognitiva:

O fato de ter objetivos comuns também une muito a gente no sentido de que a meta é a mesma, a metodologia é a mesma. A meta e objetivo, a metodologia são os mesmos. O princípio é o mesmo pra todos (Fala do entrevistado 69).

Você tem como atender um objetivo maior, e então o reconhecimento depois vem mais fácil você trabalhando em rede (Fala do entrevistado 1).

Quando você faz parte da rede, você faz parte do grupo de pessoas que ajudam uma mãe a alimentar (Fala do entrevistado 85).

Foi possível identificar falas que expressam claramente a visão de que o sentimento de pertencimento à rBLH-BR está associado a presença de uma linguagem comum.

Todo mundo falando em uma linguagem única (Fala do entrevistado 5).

A solidificação do serviço né, porque a gente não tá solto (Fala do entrevistado 123).

Quando a gente chega e a gente repassa o que nós vimos através de relatório ou através de resultados pra dizer nos projetos da instituição, nós não ficamos de fora, nós ficamos de dentro, então é a viabilidade e confiabilidade mesmo do trabalho, essa troca mútua, a participação, sinto (Fala do entrevistado 140).

Eu faço parte de algo maior que é embasado (Fala do entrevistado 84).

Dá aquela sensação que você é participante do processo (Fala do entrevistado 120).

Dá essa possibilidade de a gente se sentir em grupo [...] esse sentimento de pertencer (Fala do entrevistado 86).

Ao falar sobre as instâncias que reconhecem a importância do seu trabalho para a rede, um entrevistado expôs o papel da utilização do Sistema de Monitoramento e Avaliação da Produção da rBLH para a gestão e para a transparência frente à sociedade.

Pela direção sim, com certeza. Pelos gestores, com certeza, pela questão de estar na rede, de ter sempre essa questão da evidência, dos dados de produção. Então eles nos dão um suporte muito grande. No próprio site da rede a gente consegue tabular esses dados, mostrar serviço, o quanto isso custou e o quanto isso favoreceu tanto pra comunidade como pra a aquisição do que o Banco precisa (Fala do entrevistado 5).

Cada Centro de Referência Estadual insere seus próprios dados de produção, recursos humanos e equipamentos no Sistema de Monitoramento e Avaliação da Produção. O Centro de Referência Nacional envia e-mails aos Centros de Referência Estaduais sinalizando a falta de informação ou alteração da mesma, e ainda os alerta caso haja algum dado que pareça fora da normalidade.

A titulação é a análise dos nossos dados que eles fazem, eles verificam, eles mandam pra gente emails cobrando alguma coisa ou adicionando alguma coisa. (Fala do entrevistado 138)

Ao enviarem os dados para o Sistema de Monitoramento e Avaliação da Produção, os Centros de Referência Estaduais estão falando a mesma linguagem, no sentido que os indicadores inseridos são os mesmos para todos os BLHs.

O Programa de Credenciamento de Bancos de Leite Humano é uma ação estratégia que se iniciou em 2012 e visa garantir o funcionamento dos BLH e postos de coleta dentro dos padrões de qualidade já normatizados.

O primeiro estágio do programa teve como meta credenciar as 28 Referências Estaduais, e no segundo momento o programa foi ampliado para congregar todas as Unidades da rBLH. Para se habilitar ao credenciamento, é obrigatório o cadastro dos BLHs no Sistema de Monitoramento e Avaliação da Produção da rBLH.

Muitos coordenadores relataram entrar em contato com os BLHs dos seus estados por conta do credenciamento.

Nos últimos tempos, a gente conversou muito com os Bancos de Leite que tavam pra ser credenciados. Que tem o credenciamento. -Ah, você não tem o dado atual? Coloca esse então. Você tá deixando de colocar os dados de produção. As pessoas ligam pra saber de capacitação, de curso,

de gente nova, dúvidas, com relação a processamento, então são coisas assim que alguns ligam. ( Fala do entrevistado 6)

Dentro da nossa dificuldade a gente procura se esforçar; Olha, no credenciamento quando a gente recebeu que a gente foi ver o que a gente precisava preencher. Um foi colocando para o outro, pra ver o que precisava preencher, o que a gente fez, que não fez, o que a gente precisa melhorar. É de cumplicidade na realidade, era essa a palavra que eu queria encontrar. Além da amizade, além do respeito existe a cumplicidade ( Fala do entrevistado 140).

Ao analisar as diferentes vozes e os sentidos que atribuem ao Credenciamento, é possível estabelecer uma associação direta entre essa certificação e o sentido de credibilidade:

Quando tu recebe um certificado de relevância pelo teu compromisso em tá alimentando teu sistema de produção, isso é uma forma de reconhecimento ( Fala do entrevistado 139).

O credenciamento que hoje é divisor de águas....Então isso deu visibilidade. Hoje eles tem um olhar diferente para o Banco de Leite. (Fala do entrevistado 120)

O sentimento de pertencimento ao grupo também é um fator que está ligado à padronização. Significa que na medida em que se sente parte integrante da rede, o ator é cada vez mais integrado a ela como síntese dessa coletividade e consegue benefícios expressivos, como o de crescer juntamente com a rede.

A gente está sempre crescendo, evoluindo. Sozinho não ia, não. Uma coisa pequena, eu acho que não ia ser importante (Fala do entrevistado 87).

Nós não ficamos de fora, nós ficamos de dentro, então é a viabilidade e confiabilidade mesmo do trabalho, essa troca mútua, a participação, sinto (Fala do entrevistado 140).

Essa possibilidade de a gente se sentir em grupo, [...] esse sentimento de pertencer. (Fala do entrevistado 86)

A rBLH-BR possui reconhecimento nacional e internacional (GIUGLIANI, 2002). Por conta deste reconhecimento adquirido, o fato de pertencer a esta rede para alguns entrevistados confere status.



No momento que você diz que o Banco de Leite faz parte da rede brasileira pra o estado dá aquele status, dá aquela sensação que você é participante do processo (Fala do entrevistado 120).

Você faz parte de uma rede que é uma rede do Brasil, que é uma rede Ibero-Americana (Fala do entrevistado 31).

Os sentimentos de reconhecimento e de credibilidade também foram bastante presentes nas falas.

Além da credibilidade, isso que eu acho fundamental, porque a gente trabalha com isso. Você participa de uma rede por tanto tempo, com pessoas e uma instituição como a Fiocruz por trás ali, isso dá uma credibilidade a um trabalho de tanto tempo que se mantém (Fala do entrevistado 87).

A gente recebeu uma credibilidade grande do trabalho graças à rede, porque eu me sinto muito fortalecida com ela (Fala do entrevistado 118).

A credibilidade vem tanto do entrevistado perante a rede, quanto de atores externos frente à rede.

O Banco ele tem, primeiro, o empoderamento né, então é um reconhecimento muito grande pela direção, pelos próprios usuários, então eles reconhecem bastante o serviço do Banco de Leite. (Fala do entrevistado 5)

A visibilidade é a consequência da externalização da credibilidade. Esta visibilidade relatada pelos entrevistados pode ser política, econômica e social.

[... ] uma visibilidade maior pelo fato de estar participando de uma rede que hoje não é só nacional e sim internacional [...] uma visibilidade, dá uma credibilidade. Ele consegue obter o respeito dos outros profissionais, obter o respeito dos gestores e isso como consequência a gente tem melhora da qualidade do serviço do Banco (Fala do entrevistado 136).

Cada vez que eu venho pra cá o diretor fica ligando. O assessor de imprensa não me deixa em paz, todos os dias, porque ele não me deixa em paz, não tem como não falar com ele não, então a rede, se não fosse a rede eu não teria crescido (Fala do entrevistado 119).

Uma questão que se apresentou foi a linguagem comum estar associada a normatização, ter objetivos em comum, credibilidade e visibilidade, onde estes fatores estabelecem relação com a padronização, o que leva a propor que existe uma categoria importante que é a padronização, uma vez que a linguagem comum é a busca pela padronização.

Para Silva (2009) a padronização é um processo que envolve as pessoas responsáveis pela execução das atividades, visando aprender sobre os procedimentos, atender as expectativas dos clientes, aumentar a produtividade, eliminar desperdícios e melhorar a satisfação dos trabalhadores.

Padronizar os processos também pode ser entendido como a promoção da previsibilidade de erros, monitoramento dos resultados, comparação com seus padrões e aplicação de ações corretivas quando necessário (LOUREIRO, 2003)

Um entrevistado citou espontaneamente a existência de uma linguagem uniforme entre os atores da rBLH-BR e na resposta ao ser questionado sobre o conceito deste termo na sua visão, a relação da padronização com a presença de uma linguagem comum fica evidenciada:

Como se fosse um protocolo, nós temos toda uma documentação que tem que ser seguida, que nem pode sair dali, sei lá, é uma filosofia que a rede abraça e todo mundo tem que seguir naquela linha. ( fala do entrevistado 5)

Essa utilização de uma linguagem comum da rBLH-BR pode ser difundida através da padronizações pelas normas existentes (RDC 171 e Normas Técnicas), pelos cursos ministrados pela rede, pelo Sistema de Monitoramento e Avaliação da Produção e pelo proposta de certificação através do credenciamento.

A RDC 171/2006 e as Normas técnicas padronizam a linguagem e informações da rBLH. A uniformização das rotinas nos BLHs brasileiros que se dão através da RDC 171 e das Normas Técnicas permite que toda a rBLH BR trabalhe com metodologias padronizadas, com o intuito de obter resultados igualmente satisfatórios na diferentes regiões do país. (SILVA, 2004)

Ter objetivos em comum é o fio condutor que incentiva a adoção de processos de trabalho uniformes, sistemáticos, instituídos de forma a reduzir ou eliminar por completo a variabilidade de intervenções. Em síntese, trata-se do esforço de padronizar as práticas da rBLH, com o propósito de manter ou aprimorar sua qualidade.

Os cursos padronizam o domínio das técnicas na medida em que todos os funcionários, de todos os BLHs da rede brasileira devem ser certificados com cursos ministrados pelos tutores da própria rede.

O Sistema de Monitoramento e Avaliação da Produção é um sistema de informação e está ligado à padronização na medida em que todos os BLHs têm controle sobre as mesmas variáveis e as inserem em um único sistema. Por consolidar os dados e os tornarem disponíveis à consulta, o Sistema de Monitoramento e Avaliação da Produção proporciona visibilidade aos BLHs e endossa o sentimento de pertencimento.

O Credenciamento por sua vez é um instrumento que auxilia a padronização, uma vez que é a certificação do controle dos processos dos BLHs.

Alem da padronização, outro fator que chamou a atenção no padrão das respostas dos entrevistados foi o acesso à informação. A difusão da informação foi apontada como uma característica muito presente na rBLH-BR e facilitadora do trabalho em rede.

A rede facilita a questão do fluxo de trabalho, a difusão da informação, a comunicação, [...]se você tem condição de compartilhar, de comunicar, é mais fácil, é mais fácil crescer, desenvolver. (Fala do entrevistado 85)

Eu acho que o Banco cresce muito pelas oportunidades de conhecimento que são geradas e de poder fazer parte dessa engrenagem, acho que isso é um aspecto importante e de ter a possibilidade de estar transmitindo isso pra outras pessoas também e conseguindo cada vez mais envolver pessoas que tenham interesse em melhorar e dar continuidade ao trabalho. (Fala do entrevistado 71)

Um compartilha informação com o outro. (Fala do entrevistado 4)

Você tem uma solução, você vai compartilhar com o outro, você vai trocar experiências e com isso todo mundo vai ganhar. (Fala do entrevistado 3)

O compartilhamento intenso de informações foi apontado durante as entrevistas como um diferencial da rBLH-BR

No geral não se tem muito o habito de compartilhar as coisas que estão dando certo em um determinado lugar. Nesta rede as pessoas expõe o que estão fazendo de bom e de ruim. Pelo menos dentro do meu estado a gente compartilha o que tem de bom e o que tem pra melhorar. Acho que isso fez diferença em termos de melhorar. (Fala do entrevistado 69)

A ajuda e o suporte referentes à informação relatados alem de contribuírem para o estabelecimento de uma linguagem comum, pois aproxima os atores e auxilia o fortalecimento de vínculos de confiança, só são possíveis pois há a presença de uma linguagem comum.

Alem de padronizar ela te ajuda a crescer, a rede ta sempre disponível, então se você tem qualquer dúvida, qualquer ajuda, você tem como ligar pra outro Banco de leite, pra outro estado, ligar pra o centro de referência imediatamente eles te ajudam, não vai por aqui porque por ali não vai dar certo. (Fala do entrevistado 134)

Então assim, a rede já teve problema que o outro pode estar te ajudando a responder, ne?! Você tem uma troca de conhecimento maior, um suporte maior. (Fala do entrevistado 1)

Sei que a qualquer dúvida eu tenho alguém que me oriente que me dê todo respaldo que eu preciso. (Fala do entrevistado 118)

A questão do apoio, das dúvidas que a gente liga e é esclarecido. (Fala do entrevistado 135)

O suporte técnico, enquanto auxilio para a resolução de problemas igualmente colaboram para a formação de uma linguagem comum pela segurança que os atores possuem na rede, aumentando a confiança.

Eu acho que os principais benefícios [da participação na rBLH-BR) estão ancorados num projeto sério elaborado cientificamente com tudo o que você faz e fala, então não é nada de achismo, tudo está baseado em alguma pesquisa científica, em experiência, você entendeu, você faz tudo com muita tranquilidade e segurança, não faz mais ou menos como acha, você faz baseado em princípios já estabelecidos, e sempre a gente ta disposto a melhorar alguma coisa, tentar melhorar... (Fala do entrevistado 4)

Ao trabalhar em conjunto você tem esse apoio, tanto da parte técnica, quanto da parte científica. Trabalhar nesta rede a gente tem uma segurança. (Fala do entrevistado 124)

Acho que de apoio, você no caso, como a gente é referência e você tem que estar ali, às vezes pra resolver assuntos pertinentes a outros Bancos, eu acho que primeiro o apoio que te dá, um suporte, te sustenta, principalmente que te apoie.

As vezes um assunto que você não consegue resolver sozinha, mais da parte técnica, que a rede te dá, a rede sempre te dá o apoio técnico, toda vez que eu precisei estavam prontos pra atender, eu acho que o principal é isso. (Fala do entrevistado 2)

Benefício técnico [benefício de participar da rBLH-BR]... Repassar o conhecimento. (Fala do entrevistado 86)

O apoio é fundamental pra você conseguir tomar decisões. O embasamento científico-teórico da rede traz credibilidade pra todos os seus processos. (Fala do entrevistado 3)

O acesso à informação possibilitado pela rBLH- BR empodera os atores ao mantê-lo bem informados e os subsidia de informação para discutir com profissionais de saúde.

Acho que a questão da informação sempre atualizada, a gente vê, eu tenho ferramentas pra discutir com médicos (Fala do entrevistado 118)

Esta rede iguala os atores com diferentes formações e títulos, quanto ao acesso à informação.

A rede unifica, iguala em um bom sentido, ela também não destaca fulano porque tem PHD, pra elas todos nós estamos no mesmo nível e estamos buscando conhecimento. (Fala do entrevistado 116)

O ensino auxilia a formação e disseminação de uma linguagem comum e está ligado tanto a padronização, quanto ao acesso à informação, onde atua na disseminação da mesma.

Porque eu acho que a pessoa sozinha não é nada então se você não puder, se o Banco de leite não puder trocar ensinamentos, porque ninguém ensina sozinho [...] Quando você ensina você aprende, quando você troca qualquer coisa é uma troca, então sozinho ninguém faz nada, então é difícil... (Fala do entrevistado 122)

Há troca de conhecimento. Profissionais são capacitados pela rede. (Fala do entrevistado 116)

Não somente o ensino formal, o qual está baseado nos cursos de atualização ligados a pós graduação do programa de Informação e Comunicação em Saúde do ICICT/ Fiocruz, mas a atualização concedida também através dos eventos, e outros meios de divulgação de informação também colaboram para uma linguagem comum.

Ao participar desses eventos, a gente ta sempre se atualizando, pra gente é muito importante, é um benefício, ta todo tempo ser atualizado, dos dados, das informações (Fala do entrevistado 117)

Eu acho que estar sempre atualizado em todos os processos, de ter essa abertura, essa facilidade de receber as informações mais fresquinhas, digamos assim. (Fala do entrevistado 70)

Cada vez o aprendizado melhor, a gente ta sempre se atualizando, e com isso atualizando a referência a gente consegue atualizar os nossos colaboradores, eu consegui divulgar a importância que se tem de estar na rede, então tentei, estou tentando ainda, mostrar a todo mundo como é importante fazer parte da rede. (Fala do entrevistado 137)

A dimensão cognitiva do capital social da rBLH-BR está alicerçada em dois grandes pilares que tem seus elementos de sustentação em dois grupos que constroem uma linguagem em comum na rBLH-BR, são eles: a padronização e o acesso à informação. Após as definições destes grupos pôde-se verificar a partir da análise da dimensão estrutural do capital social da rBLH-BR descrito anteriormente, que alguns instrumentos da rBLH-BR tem potencial de contribuir para cada um destes elementos (Quadro 17)

Quadro 17- Instrumentos da rBLH- BR com potencial de contribuir para a presença de uma linguagem comum na rBLH-BR

Padronização	RDC 171/2006, Normas Técnicas, Ensino, Sistema de Monitoramento e Avaliação da Produção, credenciamento
Acesso à informação	Tel@ rBLH, Encontros Presenciais, Ensino, Portal, Boletim, BVS AM

Fonte: Elaboração do próprio autor

Os entrevistados citaram claramente a RDC 171/2006, enquanto normatização, o Sistema de Monitoramento e Avaliação da Produção, o credenciamento, encontros presenciais e o ensino como tendo influência na existência de uma linguagem comum na rBLH BR. Porém mesmo que esta associação não tenha sido explicitada nas falas, outros instrumentos de informação existentes nesta rede podem colaborar para o estabelecimento desta linguagem comum.

Vale apontar que estes instrumentos informacionais foram citados pelos entrevistados em suas diferentes proporções como utilizados para acesso à informação na rBLH BR. O resultado desta utilização está reportado na dimensão estrutural deste estudo.

As vídeos e webconferencias transmitidas a partir da Tel@ rBLH são instrumentos de encontro virtual entre os BLHs, possibilitando a integração entre atores de diferentes locais do país e do mundo, convergindo e trocando informações.

O ensino é um elemento tanto de padronização quanto de acesso à informação, pois todos os trabalhadores dos BLHs devem passar por cursos ministrados pela rede, padronizando o conhecimento e por, a partir do ensino, terem acesso a novas informações.

No portal da rBLH BR são divulgados informações e notícias sobre os BLHs e de interesse aos mesmo. Este portal também possui as funcionalidades de hospedar o Sistema de Monitoramento e Avaliação da Produção e o Fale Conosco. Através do Fale Conosco os atores interagem com o Centro de Referência Nacional, enviando informações ou fazendo questionamentos.

Por ser um material distribuído eletronicamente com informações sobre as atividades e notícias sobre os BLHs brasileiros e de outros países que integram o Programa de Cooperação na Região Ibero Americana, o Boletim também auxilia a presença de uma linguagem comum.

Os trabalhos científicos são divulgados na BVS AM, local que concentra informações sobre aleitamento materno e BLHs, e por isso colabora para a obtenção de uma linguagem comum na rBLH BR.

## 6- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo geral conhecer o lugar da informação na rBLH-BR. Para isso se dispôs a conhecer o capital social desta rede. Para uma análise aprofundada foram separadas as três dimensões do capital social, sendo estas a estrutural, relacional e cognitiva.

Ao analisar o fluxo de informação, se percebe que a rBLH-BR se encontra altamente conectada, não havendo nenhum ator isolado nesta rede. Há igualmente uma conexão entre todas as regiões do país. O Centro de Referência Nacional e alguns membros da Comissão Nacional foram citados como contatos frequentes em todas as regiões, indicando sua interlocução com os Centros de Referência Estaduais. Independente do caminho, a informação chega onde precisa chegar.

As medidas de centralidade indicam um papel de destaque para atores do Centro de Referência Nacional e da Comissão Nacional, tanto na rede brasileira, quanto nas sub-redes regionais isoladamente analisadas. O Centro de Referência Nacional reúne a maior demanda de informação na rede, o que demonstra a sua real atual atuação como referência.

O diagrama que expressa a Rede de Contatos da rBLH-BR evidencia que a informação é um elemento estruturante para a rBLH-BR, uma vez que demonstra uma unidade, um elevado nível de conectividade, sem nenhuma região isolada.

Pode-se concluir que os Centros de Referência, tanto o Nacional, quanto os das Unidades Federadas cumprem o seu papel de referência, ou seja, são demandados e demandam informação aos pares na rede.

A região Centro-oeste foi a única na qual o representante na Comissão Nacional apresentou maior centralidade de grau na sua região. Isso pode ser compreendido como uma maior presença junto às unidades de serviço da sua região.

Ao mapear a rede de atores mais expressivo e atuantes na rBLH-BR, alguns representantes do Centro de Referência Nacional receberam destaque por suas atuações na consolidação da rede, corroborando para os achados quanto às centralidades das redes de contato mapeadas.



Este estudo possibilitou ampliar a compreensão acerca dos vínculos formados entre os atores da rBLH-BR. O sentimento de pertencimento, ajuda mútua, liberdade para se expressar e união refletem a confiança na rBLH-BR.

Contudo há de se considerar que neste estudo só foram entrevistados os coordenadores de Centros de Referências Estaduais e membros da Comissão Nacional de Bancos de Leite Humano.

O presente trabalho deu visibilidade a presença do vínculo de associação entre os atores da rBLH-BR, o qual é alicerçado na confiança depositada na rede.

A padronização expressa pelos objetivos em comum, mesma conduta, sentimento de pertencimento, credibilidade e visibilidade, somados ao acesso à informação concedido pela ajuda mútua, suporte técnico e empoderamento, conferem uma linguagem comum entre os atores da rBLH-BR.

O intenso compartilhamento de informações entre os atores da rBLH-BR foi evidenciado através da coesão mapeada através do fluxo de informação na dimensão estrutural, confirmada pela presença de vínculo de associação e compartilhamento de projetos comuns entre os atores da rede, e revalidada pela presença de uma linguagem comum existente na rede.

Através deste estudo é possível reafirmar que a informação é um elemento fundante da rBHL BR.

O ensino aparece nas três dimensões do capital social da rBLH-BR. Além de ter sido o motivo relatado para o contato entre vários atores da rede, é um projeto estratégico compartilhado por seus participantes, que contribui para sustentar a presença de uma linguagem comum, tanto por divulgar informações, quanto por conceder padronização à rede.

Este estudo subsidia os gestores da rBLH de informações sobre a complexidade desta rede, oferecendo bases para decisões estratégicas relacionadas ao planejamento futuro das ações de informação.

Ao desvendar as lacunas do fluxo de informação, este estudo aponta para a necessidade de garantia da qualidade de informação no âmbito da rBLH-BR com a

perspectiva de possibilitar a tomada de decisão em seus diferentes níveis de complexidade: desde o nível local , da instituição hospitalar, ao internacional.

A promoção de espaços de interlocução entre diferentes estruturas- Centro de Referência Nacional, Centros de Referência Estaduais, Comissão Nacional e Estaduais- somados à confiança que circunde a rBLH, e a presença de uma linguagem comum à rede, fazem com que as informações circulem de forma mais eficiente entre os atores da rBLH-BR.

## 7- REFERÊNCIAS

ALCARÁ, A. R. et al. Fatores que influenciam o compartilhamento da informação e do conhecimento. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 14, n. 1, p. 170-191, 2009.

ALMEIDA, J.A.G. **Amamentação: Um Híbrido Natureza- Cultura**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1999.

ALMEIDA, J.A.G; NOVAK, F.R. Amamentação: um híbrido natureza-cultura. **Jornal de Pediatria**, Rio de Janeiro, v. 80, supl. 5, p. 119-125, 2004.

ALMEIDA, J.A.G; SILVA, A.B. O SIG Tel@ rBLH: conectividade em busca de conhecimento. In: MESINA, L.A; RIBEIRO FILHO, J.L (Ed.). **Impactos da Rede Universitária de Telemedicina- Ações de educação contínua, pesquisa colaborativa, assistência, gestão e avaliação remota Fase I 2006/2009**. Rio de Janeiro: E-papers, 2013.

BALMER, S.E; WHARTON, B.A. Human milk banking at Sorrento Maternity Hospital, Birmingham. **Archives of disease in Childhood**, London v. 67, p. 556-559, 1992.

BARAÑANO, A.M. Gestão da inovação tecnológica: estudo de cinco PMEs portuguesas. **Revista Brasileira de Inovação**, Rio de Janeiro, v.1, n.2, p. 57-96, jan./jun. 2005.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 3. ed. Lisboa: Edições 70, 2004.

BELKIN, N J., ROBERTSON, S E. Information Science and the phenomena of information. **Journal of the American Society for Information Science**, Maryland, v.27, n. 4, p.197-204, 1976.

BERTOLINI, S; BRAVO, G. **Social Capital, a Multidimensional Concept**. 2004. Disponível em

<<<http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.197.1952&rep=rep1&type=pdf>>> Acesso em: 20 ago. 2014.

BIREME. **Biblioteca Virtual em Saúde em aleitamento Materno**. 2013. Disponível em: <<http://www.bvsam.icict.fiocruz.br/php/index.php>> Acesso em: 08 jun. 2013.

BORGATTI, S.P, FOSTER P.C. The Network Paradigm in Organizational Research: A Review and Typology. **Journal of Management**, Stillwater, Okla., U.S, v. 29, n. 6, p. 991–1013, 2003.

BOURDIEU, P. Le capital social: notes provisoires. **Actes de La Rechercheen Sciences Sociales**, Paris, n. 31, p. 2-3, 1980.

BRAMAN, S. Defining information: An approach for policymakers. **Telecommunications Policy**, v. 13, n. 1, p. 233-242, 1989.

BRASIL. Ministério da Saúde. Agencia Nacional de Vigilância Sanitária. Resolução RDC nº 171, de 04 de setembro de 2006. Dispõe sobre o Regulamento Técnico para o funcionamento de Bancos de Leite Humano. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 5 set. 2006. . Seção 1, p. 33.

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria GM/MS nº 322, de 26 de maio de 1988. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 26 maio 1988. Seção 1, p. 9527.

BURKE, P. **Uma história social do conhecimento**: de Gutemberg a Diderot. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

BURT, R. S. **Structural holes: The Social Structure of Competition**, Cambridge: Harvard Univ. Press, 1992.

\_\_\_\_\_. **Structural Holes** versus Network Closure as Social Capital. In: Lin N, Cook N and Burt R. S: **Social Capital: Theory and Research**. Sociology and Economics: Controversy and Integration series. New York: Aldine de Gruyter, 2001, pp. 31-56.

CALLEN, J.; PINELLI, J. A review of the literature examining the benefits and challenges, incidence and duration, and barriers to breastfeeding in preterm infants. **Advances in Neonatal Care**, Philadelphia, PA, v. 5, n. 2, p. 72-88, 2005.

CALLON, M. Entrevista com Michel Callon: dos estudos de laboratório aos estudos de coletivos heterogêneos, passando pelos gerenciamentos econômicos. **Sociologias**, Porto Alegre, n. 19, p. 302-321, 2008.

CÂMARA, J. F.; ROCHA, L. G.; IPIRANGA, A. S. R. As Redes Institucionais de Apoio aos Arranjos Produtivos Locais da Bahia e do Ceará: um estudo Comparativo. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO, 30., 2006, Salvador. **Anais...** Salvador: ANPAD, 2006.

CÁNEPA, MA. **Un modelo de cooperación horizontal: La Red Iberoamericana de Bancos de Leche Humana (BLH)**. Madrid: OPAS, 2011.

CAPURRO, R. Epistemologia e Ciência da Informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5., 2003, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: ANCIB, 2003. Disponível em: <[http://www.capurro.de/enancib\\_p.htm](http://www.capurro.de/enancib_p.htm)>. Acesso em: 08 abr. 2015.

CAPURRO, R. What is Information Science for? A Philosophical Reflection. In: VAKKARI, P.; CRONIN, B. (Ed.). **Conceptions of Library and Information Science**. London: Taylor Graham, 1992. p. 82-96.

CAPURRO, R.; HJORLAND, B. O Conceito de informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 12, n. 1, p. 148-207, 2007.

CARVALHO, M. M.; SERRA N.; LAURINDO F. J. B. Strategic choices in Brazilian textile apparel industries. In: EUROPEAN OPERATIONS MANAGEMENT ASSOCIATION & PRODUCTION AND OPERATIONS MANAGEMENT SOCIETY, 1., 2003, Cernobbio. **Proceedings...** Cernobbio: EurOMA&POMS, 2003. p. 219-228.

CARVALHO, M. C. B. A ação em rede na implementação de políticas e programas sociais públicos. **Revista de Información Del Tercer Sector**, [s.l.], abr.2003. Disponível em: <[http://lasociedadcivil.org/docs/ciberteca/a\\_ao\\_em\\_rede\\_na\\_implementao.pdf](http://lasociedadcivil.org/docs/ciberteca/a_ao_em_rede_na_implementao.pdf)>. Acesso em: 08 abr. 2015.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**. 7. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

CASTRO, I. **Problemática qualitativa e quantitativa do “capital social”**: uma exploração. Lisboa: SOCIUS Working Papers,n.3.2006.

CHAUI, M. A universidade pública sob nova perspectiva. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, n.24, p. 5-15, 2003.

CHOO, C. W. **A organização do conhecimento**: como as organizações usam a informação para criar significado, construir conhecimento e tomar decisões. São Paulo: Senac, 2003.

CHURCH, K.; OLIVEIRA, R. **What's up with whatsapp?**: comparing mobile instant messaging behaviors with traditional SMS. In: Mobile HCI, sn., 2013, Munich. Proceedings... Munich: Editor, 2013.

COLEMAN, J. S. Social capital in the creation of human capital. **American Journal of Sociology**, n. 94, p. 95-120, 1988.

CRESWELL, J. W. et al. **Best practices for mixed methods research in the health sciences.** 2011. Disponível em: [http://obsr.od.nih.gov/mixed\\_methods\\_research/pdf/Best\\_Practices\\_for\\_Mixed\\_Methods\\_Research.pdf](http://obsr.od.nih.gov/mixed_methods_research/pdf/Best_Practices_for_Mixed_Methods_Research.pdf).. Acesso em: 23 maio 2013.

CROSS, R; PARKER, A; BORGATTI, S. P. **A bird's-eye view**: using social network analysis to improve knowledge creation and sharing. Knowledge Directions, v.2, n.1, p.48-61, 2000. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2006v11nesp1p75/387>>. Acesso em: 02 abr. 2013.

D'AVILA-NETO, M I. A porta, a ponte e a rede: Reflexões para pensar (o conceito de rede e (o conceito de) comunidade. 2003. Disponível em: <[http://www.eicos.psych.ufrj.br/anexos/art\\_inapor.htm](http://www.eicos.psych.ufrj.br/anexos/art_inapor.htm)>. Acesso em: 23 de março 2015.

DEGENNE, A. FORSÉ, M. Les réseaux sociaux: une analyse structurale en sociologie. Paris : Armand Colin, 1994.

DIAS, R M. **Redes estratégicas**: a influência do capital social na formação do capital intelectual de empresas focais. 2009. 219 f. Tese (Doutorado em Administração Pública e Empresarial) – Escola Brasileira de Administração Pública e de Empresas, Rio de Janeiro, 2009.

ELORTONDO, F.J.P. et al. Food quality certification: an approach for the development of accredited sensory evaluation methods. **Food Quality and Preference**, Harlow, Essex, Uk, v. 18. p. 425-439, 2007.

FACCIN, K.; MACKE, J.; GENARI, D. Mensuração do capital social nas redes colaborativas vitivinícolas da Serra Gaúcha. **Organizações & Sociedade**, Salvador, v. 20, n.65, p. 303-320, 2013.

FONTES, B. A. S. M. **Redes Sociais e poder local**. Recife: UFPE, 2012.

FRANCO, A. **Capital social**: leituras de Tocqueville, Jacobs, Putnam, Fukuyama, Maturana, Castells e Levy. [S.l.]: Instituto de Política Millennium, 2001.

FREEMAN, L C. A set of measures of centrality based upon betweenness. **Sociometry**, Washington, v.40, n. 1. p. 35–41, 1977.

\_\_\_\_\_. Centrality in social networks: conceptual clarification. **Social Networks**, Amsterdam, v.1, n.3, p.215-239, 1979.

FROHMANN, B. Taking policy beyond Information Science: applying the actor network theory for connectedness: information, systems, people, organizations. In: ANNUAL CONFERENCE CANADIAN ASSOCIATION FOR INFORMATION SCIENCE, 23., 1995, Edmond, Alberta. **Anais...** Edmond, Alberta: CAIS, 1995.

FUKUYAMA, F. **Social Capital and Civil Society**. [S.l.]: International Monetary Fund, 2000. (IMF Working Paper WP/00/74).

FUKUYAMA, F. **Trust**: Social Virtues and the Creation of Prosperity. New York: Free Press, 1995



FUKUYAMA, F. **Confiança**: valores sociais e criação de prosperidade. Lisboa: Gradiva, 1996.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

GIUGLIANI, E.R.J.; LAMOUNIER, J.A. **Aleitamento materno**: uma contribuição científica para a prática do profissional de saúde. *Jornal de Pediatria*, Rio de Janeiro, v. 80, supl. 5, 2004.

GIUGLIANI ERJ. Rede Nacional de Bancos de Leite Humano do Brasil: tecnologia para exportar. *Jornal de Pediatria*, Rio de Janeiro, v. 78, p. 183-184, 2002.

GÓMES, D, et al. Centrality and power in social networks: a game theoretic approach. *Mathematical Social Sciences*, Amsterdam, v. 46, p.27-54, 2003.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M.N. O caráter seletivo das ações de informação. *Informare*, Rio de Janeiro, v. 5 , n. 2, p. 7- 31, 1999.

GRANOVETTER, M. The strength of weak ties. *American Journal of Sociology*, Chicago, v.78, n.6, p.1360-1380, Maio 1973. Disponível em: <<http://sociology.stanford.edu/people/mgranovetter/documents/granstrengthweakties.pdf>>. Acesso em: 30 maio 2013.

GRIFFITH, B. C. **Key papers in information science**. New York:Knowledge Industry Publ., 1980

HANNEMAN, R. A.; RIDDLE, M. **Introduction to social network methods**. Riverside, CA: University of California, 2005. Disponível em: <<http://faculty.ucr.edu/~hanneman/nettext/>>. Acesso em: 29 maio 2013.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. Rede Brasileira de Bancos de Leite Humano. Programa IBERBLH. **Soporte Técnico para La Implantación de La Red Iberoamericana de Bancos de Leche Humana**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2007. Disponível em: <<http://www.iberblh.icict.fiocruz.br/images/programasgi.pdf>> Acesso em: 7 mar. 2015.

INKPEN, A.C., TSANG, E.W. Social capital, networks, and knowledge transfer. **Academy of Management Review**, Mississippi, Miss., US, v. 30, n. 1, p. 146-165, 2005.

INOJOSA, R.M. Redes de compromisso social. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, v. 33, n. 5. p.115- 141, 1999.

JONES, G. et al. How many deaths can we prevent this year? **Lancet**, London, p. 362:365, 2003.

KAWACHI, I. et al. Commentary: Reconciling the three accounts of social capital. **International Journal of Epidemiology**, London, v. 33, p.682–690, 2004.

KAWACHI, I; KIM, D; SUBRAMANIAN, S.V. Social capital and health: a decade of progress and beyond. In: KAWACHI, I; SUBRAMANIAN, S.V; KIM, D (Ed.). **Social Capital and Health**. New York: Springer, 2010.

KOULOPOULOS, T.; REYNOLDS, H. Enterprise knowledge has a face. **Intelligent Enterprise**, San Mateo, US, v. 2, n. 5, p. 29-34, 1999.

LATOUR, B.; BENEDETTI, L.C.; ASSIS, P.J. **Ciência em ação**: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

LATOUR, B. **Jamais fomos modernos**: ensaio de antropologia simétrica. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

LAWN, J.E.; COUSENS, S.; ZUPAN, J. 4 million neonatal deaths: when? Where? Why? **Lancet**, London, v. 365, n. 9462, p. 891-900, 2005.

LEMOS, A. **Cibercultura**: tecnologia e vida social na cultura contemporânea. Porto Alegre: Sulina, 2013.

LIN, N. **Social capital**. Theory of social structure and Action. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

LOUREIRO, J L. **Gestão do Conhecimento**. Lisboa: Centro Atlântico, 2003.

LIU, L. et al. Global, regional, and national causes of child mortality: an updated systematic analysis for 2010 with time trends since 2000. **Lancet**, London, v. 379, n. 9832, p. 2151–2161, 2012.

LOIOLA, E.; MOURA, S. Análise de Redes: uma contribuição aos estudos organizacionais. In: FISCHER, T. (Org.). **Gestão contemporânea, cidades estratégicas e organizações locais**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996. p. 53-68.

LUND, N. W. Documenttheory. **Annual Review of Information Science and Technology**, White Plains, NY, US, v. 43, n. 1, p. 1–55, 2009.

MAIA, P.R.S. **Geração, difusão e apropriação do conhecimento na Rede Nacional de Bancos de leite Humano**. 2004. Tese (Doutorado em Saúde da Criança e da Mulher) – Instituto Fernandes Figueira, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2004.

MAIA, P.R.S. et al. Rede Nacional de Bancos de Leite Humano: gênese e evolução. **Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil**, Recife, v. 6, n. 3, p.285-292, 2006.

MANCINI, E. A. **A revolução das redes**: a colaboração solidária como uma alternativa pós-capitalista à globalização atual. Petrópolis: Vozes, 1999.

MANDELL, M. Gerência intergovernamental: uma perspectiva revisada. In: KLIKSBURG, B. (Org.). **Pobreza uma questão inadiável**. Brasília: ENAP, 1994.

MARTELETO, R. M. Cultura da modernidade: discursos e práticas informacionais. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v.23, n.2, p.115-137, jul./dez. 1994.

\_\_\_\_\_. Análise de redes sociais: aplicação nos estudos de transferência de informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 30, n. 1, p. 71-81, jan./abr. 2001.

MARTELETO, R. M.; TOMAEL, M. I.; SILVA, M. V. P. Processos de comunicação e fluxos de informação em redes sociais: uma análise da Rede de Educação Popular e Saúde. In: ENCONTRO NACIONAL DA ANCIB,13.,2012, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: ICICT/Fiocruz, 2012.

MARTELETO, R. M., RIBEIRO, L. B. Informação e construção do conhecimento para a cidadania no Terceiro Setor. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 11, n. 1, p. 57-85, 2001.

MARTELETO, R. M.; SILVA, A. B. O. Redes e capital social: o enfoque da informação para o desenvolvimento local. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 33, n. 3, 2004.

MARTELETO, R.M. Informação, rede e redes sociais – Fundamentos e transversalidades. **Revista Informação & Informação**, Londrina, v. 12, n. esp., 2007.

MARTINHO, C. et al (Org.). **Redes**: uma introdução às dinâmicas da conectividade e da auto-organização. 2. ed. Brasília, DF: WWF-Brasil, 2004. Disponível em:

<<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/et000023.pdf>>. Acesso em: 7 abr.2015.

MARTINS, P. H.; FONTES, B. Construindo o conceito de Redes de Vigilância em Saúde. In: **Redes Sociais e Saúde**. 2. ed. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2008. p.103-120.

MENDES, E. V. O dilema fragmentação ou integração dos sistemas de serviços de saúde: por sistemas integrados de serviços de saúde. In: MENDES, E. V. **Os grandes dilemas do SUS**. Salvador: Casa da Qualidade Editora, 2001.

MINAYO, M.C.S. **O desafio do conhecimento**. São Paulo: Hucitec,1993.

MINAYO, M.C.S.; ASSIS, S.G.; SOUZA, E.R. (Org.).**Avaliação por triangulação de métodos**: abordagem de programas sociais. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; 2005.

MINAYO, M.C.S (Org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 29. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

MINHOTO, L.; MARTINS, C. **As Redes e o Desenvolvimento Social**. São Paulo: FUNDAP, 2001.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas Sociais. **Recomendações técnicas para o funcionamento de bancos de Leite Humano**. Brasília: M.S., 1999.

BRASIL. Ministério da Saúde. Instituto Nacional de Alimentação e Nutrição. **Manual de Rotinas para Bancos de Leite Humano**. Brasília: M.S., 1994.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas Sociais. Portaria. 696,de 16 de dezembro de 2010.**Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 17dezembro 2010. Seção 1, p. 154.

NAHAPIET, J.; GHOSHAL, S. Social capital, intellectual capital and the organizational advantage. **Academy of Management Review**, Mississippi, US, v. 23, n. 2, p. 242-266, 1998.

OLIVIERI, L. A importância histórico-social das Redes. **Revista do Terceiro Setor**, sn.,jan. 2003.

ONYX, J.; BULLEN, P. Measuring Social Capital in Five Communities. **Journal of Applied Behavioral Science**, Greenwich, Conn., US, v. 36, n. 1, p. 23-42, 2000.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. **Programa de Cooperação Internacional em Saúde**: melhores iniciativas da cooperação Sul-Sul. Brasília: OPAS, 2010. Disponível em: <[http://www.paho.org/bra/index.php?option=com\\_content&view=article&id=948:melhores-iniciativas-cooperacao-sul-sul&Itemid=643](http://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=948:melhores-iniciativas-cooperacao-sul-sul&Itemid=643)>. Acesso em: 8 abr. 2015.

OTTE, E.;ROUSSEAU, R. Social network analysis: a powerful strategy, also for the information sciences. **Journal of Information Science**, Cambridge, v. 28, n. 6, p. 441-453, 2002.

PEREIRA, E.M.C.C. et al. Avaliação do ciclo de diálogos Brasil- Cabo Verde com uso de conferencia audiovisual em internet de conexão limitada. **Jornal Brasileiro de Telessaúde**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 45-50, 2014.

PINHEIRO, L.V.R. **Informação** - esse obscuro objeto da ciência da informação. Morpheus - Revista Eletrônica em Ciências Humanas, Rio de Janeiro, v.2,n.4, 2004. Disponível em: <<http://repositorio.ibict.br/bitstream/123456789/31/1/Morpheus2004Pinheiro.pdf>>. Acesso em: 8 abr. 2015.

PONTHIEUX, S. **Le Capital social**. Paris: La Découverte, 2006.

PUTNAM, R. D. **Comunidade e democracia**: a experiência da Itália moderna. 5. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2008.

RABUFFETTI, A. G. **Quem fala com o Boletim da Rede de Bancos de Leite Humano?** 2011. 21 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização). Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2011.

RAUPP, R. M. **Uma visão panorâmica do conhecimento construído no âmbito da Rede Brasileira de Bancos de Leite Humano**. Rio de Janeiro. 2011. 106 f. Dissertação (Mestrado em Informação e Comunicação em Saúde) - Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2011.

RECUERO, R. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009. (Coleção Cibercultura).

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. REDEBLH. Rede Brasileira de Bancos de Leite Humano. **Bancos de Leite Humano no Brasil**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2013. Disponível em: < [http://www.redeblh.icict.fiocruz.br/producao/portal\\_blh/blh\\_brasil.php](http://www.redeblh.icict.fiocruz.br/producao/portal_blh/blh_brasil.php)>. Acesso em: 7 fev. 2015.

ROVERE, M. **Redes en Salud**; Un nuevo paradigma para el abordaje de las organizaciones y la comunidad. Rosario: Ed. Secretaría de Salud Pública, 1999. Disponível em: <[http://www.ms.gba.gov.ar/ssps/Residencias/biblio/pdf\\_tsocial/Redes\\_salud\\_mario\\_rovere.pdf](http://www.ms.gba.gov.ar/ssps/Residencias/biblio/pdf_tsocial/Redes_salud_mario_rovere.pdf)>. Acesso em: 20 jan. 2015.

\_\_\_\_\_. Algunas sugerencias para el desarrollo futuro de la Red de Investigación en Sistemas y Servicios de Salud en el Cono Sur de América Latina. [S.l.]: 2004.

SIISIÄINEN, M. Two Concepts of Social Capital: Bourdieu vs. Putnam. In: ISTR Fourth International Conference, 4., 2000, Dublin. **Proceedings**...Dublin: ISTR, 2000.

SILVA, A. B. O. **O cluster da construção em Minas Gerais e as práticas de colaboração e de gestão do conhecimento**: um estudo das empresas da Região Metropolitana de Belo Horizonte (MG). 2007. 419 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

SILVA, A.B. **Política pública, educação, tecnologia e saúde articuladas**: como a telessaúde pode contribuir para fortalecer o SUS?. 2013. 153 f. Tese (Doutorado em Saúde Pública) - Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2013.

SILVA, J. H. F. **Inovações tecnológicas para uma estratégia de qualificação dos produtos e dos processos de trabalho em Bancos de Leite Humano**: o sistema de gerenciamento BLHWEB. 2009. 152 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) - Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2009.

SILVA, R. R. **A relação entre capital social e desenvolvimento sustentável**: uma aplicação aos arranjos produtivos locais no Brasil. 2012. 505 f. Tese (Doutorado) - Instituto Superior de Economia e Gestão, Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa, 2012.

SILVA, V.G. **Normas técnicas para Bancos de Leite Humano**: uma proposta para subsidiar a construção de boas práticas. 2004. 227 f. Tese (Doutorado) – Instituto Fernandes Figueira, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2004.



SIMMEL, G. **Sociologie**: Etudes sur les formes de La socialisation. Paris: PUF, 1999.

SIRIHAL, A. B.; LOURENÇO, C. A. Informação e conhecimento: aspectos filosóficos e informacionais. **Informação & Sociedade: estudos**, João Pessoa, v. 12, n. 1, p. 67-92, 2002.

STEPHENSON, K; ZELEN, M. Rethinking centrality: methods and examples. **Social Networks**, Amsterdam, v. 11, n. 1, p. 1-37, 1989.

SVEIBY, K. E. **A Nova Riqueza das Organizações**. Rio de Janeiro: Campus, 1998.

TEIXEIRA, R. R. **O acolhimento num serviço de saúde entendido como uma rede de conversações**. 2003. Disponível em: <<http://www.corposem.org/rizoma/acolhiconversa.htm>>. Acesso em: 06 mar. 2015.

TOMAÉL, M.I., MARTELETO, R. M. Redes Sociais: Posições dos atores no fluxo da informação. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, n. esp., 2006.

TOMAÉL, M.I.; ALCARÁ, A. R.; DI CHIARA, I. G. Das redes sociais à inovação. **Ciência da informação**, Brasília, v. 34, n.2, p.93-104, 2005.

TOMAÉL, M.I. **Redes de Conhecimento**. DataGramZero - Revista de Ciência da Informação, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, abr. 2008. Disponível em: <[http://dgz.org.br/abr08/Art\\_04.htm](http://dgz.org.br/abr08/Art_04.htm)>. Acesso em: 20 jan. 2015.

\_\_\_\_\_. **Redes de conhecimento**: o Compartilhamento da Informação e do Conhecimento em Consórcio de Exportação do Setor Moveleiro. 2005. 292 f. Tese (Doutorado) - Escola de Ciência da Informação, UFMG, Belo Horizonte, 2005.

TSAI, W. Social capital, strategic relatedness and the formation of interorganizational linkages. **Strategic Management Journal**, Sussex, England, v. 21, p. 925-939, 2000.

TSAI, W., & GHOSHAL, S. Social capital and value creation: The role of intrafirm networks. **Academy of Management Journal**, Champaign, US, v. 41, p. 464-478, 1998.

UGARTE, D. **Analizando redes sociales**. El Correo de las Indias. 2004. Disponível em: <<http://bitacora.lasindias.com/analizando-redes-sociales-i/>>. Acesso em: 01 jun. 2015.

VIANNA, A.C.M.B. **A interlocução no âmbito da Rede Brasileira de Bancos de Leite Humano (REDEBLH)**. 2007. 23 f. Trabalho de Conclusão de Curso(Especialização) - Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2007.

VICTORA, C.G. et al. Condições de saúde e inovações nas políticas de saúde no Brasil: o caminho a percorrer. **Lancet**, London, p. 90 – 102, 2011. Disponível em: <[http://www6.ensp.fiocruz.br/repositorio/sites/default/files/arquivos/Condi%C3%A7%C3%B5es%20de%20sa%C3%BAde\\_Celia%20Almeida\\_2011.pdf](http://www6.ensp.fiocruz.br/repositorio/sites/default/files/arquivos/Condi%C3%A7%C3%B5es%20de%20sa%C3%BAde_Celia%20Almeida_2011.pdf)>. Acesso em: 06 mar. 2015.

WASSERMAN, S.; FAUST, K. **Social network analysis: methods and applications**. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

WOOLCOCK, M., NARAYAN, D. Social capital: implications for development theory, research, and policy. *The World Bank Research Observer*, Washington, v. 15, n. 2, p. 225-249, 2000.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Born too soon: the global action report on preterm birth**. Geneve: WHO, 2012. Disponível em: <[http://www.who.int/pmnch/media/news/2012/201204\\_borntoosoon-report.pdf](http://www.who.int/pmnch/media/news/2012/201204_borntoosoon-report.pdf)>. Acesso em: 18 maio 2013.

## APENDICE A- ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMI -ESTRUTURADA

Seu **Nome** e estado

---

**Você pode me citar os nomes de pessoas (e suas organizações/instituições) com as quais você vem se comunicando com maior frequência em função de suas atividades e objetivos(pessoas que não sejam do seu BLH.)**

**Qual são os MOTIVOS de ter entrado em contato com (1 pessoa citada, 2 pessoa...)?**

Frequência de contato

**Porque VIA você se comunicou com cada uma destas pessoas?**

**Se você tivesse que ADJETIVAR o vínculo que tem com n1, que palavra usaria?**

**Você pode citar os nomes de até três pessoas (e suas instituições) que você considera mais atuantes/expressivas na Rede de Bancos de Leite Humano**

**Como você vê a sua PARTICIPAÇÃO na rBLH?**

**Você se considera IMPORTANTE para rede?**

**Qual a importância que você atribui a esta sua participação para a rBLH e por quê?**

**Você acredita que a REDE PERCEBE essa importância?**

**De qual ou quais INSTÂNCIAS vem esse reconhecimento?**

**Quais são os benefícios que você/ seu banco obtêm participando desta rede?**

**Você se sente acolhido pela rBLH? Por quê?**

**Você tem o hábito de buscar informações para melhorar suas condições de trabalho?**

**Como você busca essas informações? (aonde ou com quem)**

**Com que frequência?**

**As fontes que você utiliza, correspondem as suas expectativas? Porquê?**

**Você tem perguntas não respondidas? Me relacione pelo menos 1.**

**Quais são as suas PROPOSTAS para melhorar o acesso às informações que você necessita?**

**Você se vê na rede como um CONSUMIDOR ou como produtor de informação? Por quê?**

**Se você tivesse todos os recursos disponíveis para solucionar os problemas de informação da rBLH (dinheiro, recursos humanos..), quais seriam seus dois investimentos prioritários?**

**Você recebe ajuda de alguém da rede quando necessita?**

**Geralmente de quem?**

**Qual os tipos de ajuda?**

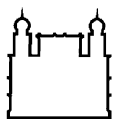
**Você ajudou alguém da rBLH nos últimos meses?**

**Se você não concordar com alguém nesta rede sobre alguma questão importante, você se sente livre para falar?Dê pelo menos um exemplo.**

**Quais são os instrumentos informação e comunicação da rBLH, com que frequência utiliza, o que busca..**

**Mais algum??**

## APENDICE B- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



Ministério da Saúde

**FIOCRUZ**  
**Fundação Oswaldo Cruz**



**ICICT**

Instituto de Comunicação e Informação  
Científica e Tecnológica em Saúde

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) a participar da pesquisa intitulada “Compreendendo o fluxo informacional da Rede de Bancos de Leite Humano”, que tem como objetivo compreender a estrutura e o fluxo informacional da Rede de Bancos de Leite Humano (rBLH) a fim de indicar elementos de gestão do conhecimento e da informação. Esta pesquisa é de responsabilidade da doutoranda Mariana Simões Barros, do ICICT/FIOCRUZ, e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio/ Fundação Oswaldo Cruz.

Você participará de uma entrevista não estruturada com duração aproximada de 30 minutos, aonde serão abordados temas relacionados a utilização de ferramentas de gestão e informação da rBLH, sua participação na rBLH, entre outras. Você receberá uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e poderá se recusar a responder qualquer pergunta, assim como interromper ou se retirar da pesquisa a qualquer momento, sem que explicações lhe sejam solicitadas ou venha a sofrer qualquer tipo de dano ou prejuízo. Não foram identificados riscos à saúde ou ao bem estar associados à participação no estudo. Os benefícios serão a ampliação do conhecimento sobre a rBLH. Caso você queira tirar alguma outra dúvida ou solicitar algum esclarecimento poderá entrar em contato com a pesquisadora responsável a qualquer momento. Não terá custo ao participar deste estudo.

O sigilo e o anonimato estão garantidos e assegurados, e os dados serão gravados e usados apenas para fins do estudo, o acesso aos dados será feito somente pelos pesquisadores do grupo, e a divulgação dos resultados ocorrerá sob a forma de relatórios técnicos, artigos em publicações científicas, eventos científicos ou profissionais, dentre outros.

---

Concordo em participar voluntariamente neste estudo e declaro que todas as minhas dúvidas foram respondidas. Embora concordando em participar, não estou desistindo de nenhum direito.

Nome completo \_\_\_\_\_

Data \_\_\_\_\_

RG \_\_\_\_\_

Assinatura do participante \_\_\_\_\_

---

No caso de entrevistas realizadas à distância, favor enviar este documento assinado à pesquisadora.

Contato com a responsável pela pesquisa: Mariana Simões Barros – Av Rui Barbosa, 716 – 5º. Andar –Planejamento — CEP 22250-020– Rio de Janeiro, RJ- Tel.: (21) 2554.1881. email: [marysb@iff.fiocruz.br](mailto:marysb@iff.fiocruz.br)

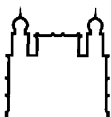
Att,

---

Mariana Simões Barros

Comitê de Ética em Pesquisa da EPSJV/Fiocruz – Avenida Brasil, 4365 – Manginhos – EPSJV, sala 316 / Tel.: (21) 3865-9710 – email: [cep@epsjv.fiocruz.br](mailto:cep@epsjv.fiocruz.br)

ANEXO A- Formulário de aprovação e acompanhamento do curso de Atualização em Processamento e Controle de Qualidade do Leite Humano I: Fundamentos Teóricos (BLH 101)



Ministério da Saúde

**FIOCRUZ**  
**Fundação Oswaldo Cruz**



**ICICT**  
Instituto de Comunicação e Informação  
Científica e Tecnológica em Saúde

**FORMULÁRIO DE APROVAÇÃO E ACOMPANHAMENTO DE CURSOS**  
**Credenciamento**

**1. Identificação do Curso**

**1.1. Nome do curso: Atualização em Processamento e Controle de Qualidade do Leite Humano I: Fundamentos Teóricos (BLH 101)**

**1.2. Identificação do Coordenador do Curso:**

(Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9193103361359168>)

Nome completo do coordenador: João Aprígio Guerra de Almeida

Titulação: Doutor em Saúde Coletiva

Instituição de Formação: Instituto Fernandes Figueira - Fiocruz

Depto: Banco de Leite Humano

@ joaoaprigio@globo.com

☎  Trabalho: 2554 -1703

**1.3. Área de Conhecimento:**

Comunicação

Informação

Outra – Especificar: Saúde Coletiva

**Nível:**

Especialização  Aperfeiçoamento  Atualização

Capacitação Profissional em Serviço

Outra. Especificar: \_\_\_\_\_

**Modalidade:**

Presencial     À Distância

**Carga horária: 45 horas**

**1.7. Local de realização do curso:**

prédio da Expansão

outro local - Especificar: O curso será realizado de forma descentralizada, sem local fixo, sendo assumido por docentes (mestres/doutores) vinculados ao Centro de Referência Nacional da Rede Brasileira de Bancos de Leite Humano - RedeBLHBr.

**1.8. Infra-estrutura necessária:**

Salas:

---

Equipamentos:

TV  DVD  computadores  data-show  retroprojeto

outros – Especificar:

---

**2. Condições de Oferta do Curso**

**2.1. Início do curso:**

- O curso é oferecido por demanda do Ministério da Saúde e das Secretarias de Estado de Saúde. Está prevista a realização do primeiro curso na primeira quinzena de março de 2011.

**2.2. Término do curso:**

- Como a duração do curso é de 5 dias, o término do curso está previsto para a segunda quinzena de março de 2011.

**2.3 Previsão de periodicidade:**

curso único

semestral

anual

bianual

outros – Especificar:

trimestral

---

**2.4. Número de vagas: 15 vagas**

**2.5. Regime de funcionamento:**

O curso será ministrado durante 5 dias, em horário integral.

**2.6. Processo de seleção:** Carta de Interesse Institucional, análise de currículo e carta de intenção do candidato.

A carta de interesse institucional deverá ser apresentada em papel timbrado e assinado pelo responsável pelo Banco de Leite Humano credenciado à RedeBLHBr. O conteúdo da carta deverá expressar o interesse institucional de que o profissional seja atualizado em conhecimentos que fundamentam o trabalho em Banco de Leite Humano, mais especificamente em Processamento e Controle de Qualidade, liberando-o para o comparecimento às aulas.

O currículo apresentado deverá comprovar a vinculação/atuação profissional em Banco de Leite Humano credenciado à RedeBLHBr e a graduação em Assistência Social, Biologia, Biomedicina, Enfermagem, Engenharia de Alimentos, Farmácia, Fonoaudiologia, Medicina, Medicina Veterinária, Nutrição, Psicologia, Terapia Ocupacional ou em outros cursos da área da saúde.

A carta de intenção do candidato deverá apresentar as motivações que o levam a buscar o curso e suas perspectivas futuras de aplicação dos conhecimentos adquiridos.

**2.7. Perfil dos alunos:**

Profissionais graduados em Assistência Social, Biologia, Biomedicina, Enfermagem, Engenharia de Alimentos, Farmácia, Fonoaudiologia, Medicina, Medicina Veterinária, Nutrição, Psicologia, Terapia Ocupacional ou em outros cursos da área da saúde, que atuam em Banco de Leite Humano.

**2.8. Período de inscrição previsto:**

Fluxo contínuo, por demanda do Ministério da Saúde e das Secretarias de Estado da Saúde.

**2.9. Período de seleção previsto:**

Os participantes serão pré-selecionados e orientados para realizarem a inscrição com duas semanas de antecedência à data de início do curso.

**2.10. Data prevista do resultado da seleção:**

Os participantes serão informados até um dia antes do período de matrícula.

**2.11. Período da matrícula previsto:**

O período previsto para a matrícula será de uma semana antes do início do curso.

**3. Projeto Pedagógico do Curso****3.1. Justificativa da oferta do curso**



Os Bancos de Leite Humano (BLH) têm historicamente exercido papel importante na assistência à saúde materno-infantil no Brasil. A trajetória dos BLH no Brasil pode ser dividida em três períodos distintos, assim demarcada: 1) 1983/1984 – fase inicial de consolidação com a implantação da primeira unidade; 2) 1985/1997 – ampliação da forma de atuação, com a incorporação de atividades de promoção, proteção e apoio à amamentação; e 3) a partir de 1998 – o desenvolvimento do projeto da Rede Brasileira de Bancos de Leite Humano (Rede BLH-BR), fundamentado nos referências da informação/comunicação em saúde e da gestão em rede. Com sede na Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ), no Rio de Janeiro, a RedeBLH instala um processo de crescimento pautado na descentralização e na construção de competência técnica nos estados e municípios. Esse avanço foi resultado da articulação bem sucedida entre a política pública do Ministério da Saúde, integração interinstitucional e atendimento a demandas da sociedade por melhoria da qualidade de vida.

A experiência brasileira na organização dos bancos de leite humano para assegurar o fornecimento de leite humano tem se revelado um modelo de eficácia comprovada, pois se trata de um sistema viável, econômico e seguro, reconhecido pela Organização Mundial de Saúde – OMS como uma "estratégia de baixo custo e alto impacto social que deve ser disseminada". A Rede BLH-BR rompeu fronteiras e atua hoje em 26 países, observando o mesmo rigor científico e técnico praticado há duas décadas no Brasil. A demanda até então gerada pelo Ministério da Saúde e pelas Secretarias de Estado de Saúde do Brasil foi ampliada, passando a incorporar os Ministérios da Saúde dos países conveniados.

Em julho de 2008, após a aprovação do Programa Iberoamericano de Banco de Leite Humano (IberBLH), na Cumbre de Chefes de Estado realizado em Santiago do Chile, foi instalada a Secretaria Executiva do Programa IberBLH na FIOCRUZ, sob a responsabilidade do Centro de Tecnologia e Informação de Bancos de Leite Humano e Aleitamento Materno do Ictict.

O presente curso se configura no elemento central para formação da massa crítica necessária a operação da RedeBLH não apenas no Brasil, mas também na Iberoamerica e África. Neste contexto, tem o objetivo de capacitar profissionais que irão atuar frente ao problema de alimentação inadequada do recém-nascido, sobretudo o prematuro de baixo peso e alto risco, garantindo e controlando a qualidade do leite humano processado em um BLH e dispensado a àqueles pacientes.

### **3.2. Concepção pedagógica do curso**

Trata-se de um curso teórico, com aulas expositivas dialogadas.

### **3.3. Perfil do Egresso**

Profissional atualizado nos conceitos teóricos necessários para a implementação e o funcionamento de um Banco de Leite Humano no que tange ao processamento e o controle de qualidade nos termos definidos pela RDC 171 da Agência Nacional de Vigilância Sanitária – ANVISA.

### **3.4. Objetivo**

Contribuir para o aprimoramento do desempenho das instituições integrantes do SUS e daquelas voltadas para a ciência e tecnologia em saúde, por meio da capacitação teórica dos profissionais de bancos de leite.

### **3.5. Estrutura curricular**

#### **Carga horária total: 45h**

**Tema 1:** A Rede Brasileira de Bancos de Leite Humano na Política Nacional de Saúde (3h)

**Ementa:**

- Definição da Rede BLH-BR;
- Trajetória da Rede BLH-BR;
- Objetivos da Rede BLH-BR;
- Metodologia de desenvolvimento da Rede BLH-BR;
- Resultados alcançados pela rede BLH-BR;
- Visão de Futuro

**Tema 2:** Os Bancos de Leite Humano no Contexto da Ibero-américa (3h)

**Ementa:**

- Definição da Rede IBERBLH;
- Trajetória da Rede IBERBLH;
- Objetivos da Rede IBERBLH;
- Metodologia de desenvolvimento da Rede IBERBLH;
- Resultados alcançados pela rede IBERBLH;
- Visão de Futuro

**Tema 3:** Prematuridade e Segurança Alimentar (4h)

**Ementa:**

- Concepção de alimentação;
- Aspectos do Leite Humano;
- Leite Humano como alimento simbiótico;
- Aspectos funcionais do Leite Humano.

**Tema 4:** Leite Humano: Qualidade e Controle (4h)

**Ementa:**

- Construção do conceito qualidade do leite humano ordenhado;
- Composição do Leite Humano Ordenhado;
- Fisiologia da Lactação
- Variações do Leite Humano Ordenhado;
- Fatores que interferem na qualidade do Leite Humano

**Tema 5:** Leite Humano Ordenhado: Ecologia Microbiana (4h)

- Ementa:**
- Leite Humano Ordenhado como alimento simbiótico;
  - Ecologia do Leite Humano Ordenhado;
  - Contaminantes primários e secundários do Leite Humano;
  - Grupos de microrganismos contaminantes do LHO;
  - Garantindo a qualidade sanitária do Leite Humano Ordenhado.

**Tema 6:** Leite Humano Ordenhado: Modificações Físico-químicas (3h)

- Ementa:**
- Principais alterações físico-químicas do Leite Humano Ordenhado;
  - Viscosidade;
  - Acidez;
  - Microorganismos contaminantes;
  - Cor;
  - Flavor;
  - Ransificação;
  - Proteólise;
  - Coagulação e Floculação.

**Tema 7:** Leite Humano Ordenhado: Segurança e Biotecnologia (3h)

- Ementa:**
- Definição e Histórico da Biossegurança;
  - Acidentes de Trabalho;
  - Cuidados na exposição ao Leite Humano Ordenhado;
  - Definição de risco e dano;
  - Normas de Biossegurança aplicadas para Bancos de Leite;
  - Métodos de desinfecção/higienização;
  - HIV e outras doenças infecto contagiosas x BLH;

**Tema 8:** Leite Humano Ordenhado: Fatores de Proteção (3h)

- Ementa:**
- Imunidade do Recém-nascido;
  - Leite Humano e bifidobactérias;
  - Leite Humano e oligossacarídeos;
  - Origem dos anticorpos;
  - Fatores de proteção do Leite Humano;
  - Fatores de proteção contra enterocolite

**Tema 9:** Banco de Leite Humano: Emprego do Frio (3h)

- Ementa:**
- Frio x Crescimento Bacteriano;
  - Aspecto teórico;
  - Aspecto prático;
  - Importância da manutenção da cadeia de frio nos Bancos de Leite;

**Tema 10:** Banco de Leite Humano: Emprego do Calor (3h)

- Ementa:**
- Microbiologia x Calor;
  - Conservação de alimentos pelo calor;
  - Efeito do calor;
  - Pasteurização;

- Transferência de calor;
- Curva de penetração de calor;
- Resfriamento

**Tema 11:** Banco de Leite Humano: Controle de Qualidade Físico-Químico (3h)

- Ementa:**
- Fundamentação Teórica
  - Indicadores da Qualidade Físico-químico
  - Procedimentos Técnicos de Seleção e Classificação
  - Procedimentos Técnicos de Análise de Acidez Dornic
  - Procedimentos Técnicos de Análise de Crematócrito

**Tema 12:** Banco de Leite Humano: Controle de Qualidade Microbiológico (3h)

- Ementa:**
- Fundamentação Teórica
  - Indicadores de Qualidade Microbiológico
  - Pesquisa de Coliformes
  - Metodologia Alternativa para Detecção de Coliformes
  - Preparo de meio de cultura

**Tema 13:** Manipulação do Leite Humano Ordenhado – O Caminho do Leite (3h)

- Ementa:**
- Ambiência;
  - Equipe;
  - Ordenha/Envase/Rotulagem;
  - Recepção;
  - Pré-estocagem;
  - Seleção e Classificação;
  - Reenvase;
  - Pasteurização;
  - Controle de Qualidade Microbiológico.

**Tema 14:** Banco de Leite Humano: Sistema de Controle e Ferramentas de Gestão (3h)

- Ementa:**
- Conceitos de Qualidade
  - Indicadores de Qualidade em Bancos de Leite Humano;
  - Indicadores de Qualidade do Leite Humano Ordenhado;
  - Não conformidades no processamento de Leite Humano Ordenhado;
  - Indicadores de Processo em Banco de Leite Humano;
  - Controle de Qualidade Dinâmico;
  - HACCP

**3.6. Sistema de Avaliação**

O aluno será avaliado em relação ao conteúdo assimilado por meio da aplicação de questionário elaborado com base na RDC 171/ANVISA.

Terá direito ao certificado de conclusão do curso de atualização o aluno que acertar, pelo menos, 90% do questionário e tiver frequência integral.

#### 4. Orçamento e financiamento

O corpo docente é composto por profissionais que integram a RedeBLH e, portanto, não demandam pagamento de hora/aula. As demais despesas, a exemplo de diárias e passagens, quando necessárias serão financiadas com recursos extra-orçamentários provenientes do Ministério da Saúde, Ministério das Relações Exteriores e organismos internacionais como UNICEF e OPS. (\*)

##### 4.1. Departamentos, entidades, áreas, setores ou similares envolvidos com o desenvolvimento do curso:

Serviço(s) ou Laboratório (s) do Icict: Centro de Tecnologia e Informação de Bancos de Leite Humano e Aleitamento Materno

Total de horas/aula previstas: \_\_\_\_\_

Número de docentes previstos: \_\_\_\_\_

Unidade (s) da FIOCRUZ: Icict e IFF

Total de horas/aula previstas: \_\_\_\_\_

Total de docentes previstos: \_\_\_\_\_

Outra instituição : \_\_\_\_\_

Total de horas/aula previstas: \_\_\_\_\_

Total de docentes previstos: \_\_\_\_\_

Pagamento de horas/aula, diárias e deslocamento:

a cargo do Icict -R\$ \_\_\_\_\_

a cargo da instituição - R\$ \_\_\_\_\_

outros - R\$ \_\_\_\_\_

##### 4.2. Previsão Orçamentária: (\*)

Icict – R\$ \_\_\_\_\_

Externa - R\$ \_\_\_\_\_ Instituição financiadora: \_\_\_\_\_

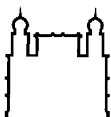
Icict + Externa: total R\$ \_\_\_\_\_

#### 5. Corpo Docente:

Servidor	Instituição	Formação	Tempo de dedicação ao CTBLH (%)
Danielle Aparecida da Silva	Fiocruz	Doutor em Saúde Coletiva	70%
Franz Reis Novak	Fiocruz	Doutor em Microbiologia Médica	20%

Isis Gorete da Silva de Azevedo	Fiocruz	Mestre em Saúde Coletiva	50%
João Aprício Guerra de Almeida	Fiocruz	Doutor em Saúde Coletiva	70%
Kátia Sidrônio de Souza	Fiocruz	Doutor em Saúde Coletiva	20%
Paulo Ricardo da Silva Maia	Fiocruz	Doutor em Saúde Coletiva	50%
Euclides Etienne Miranda Arreguy	Fiocruz	Mestre em Tecnologia Educacional	100%

ANEXO B - Formulário de aprovação e acompanhamento do curso de Atualização em Processamento e Controle de Qualidade do Leite Humano II- Aspectos Práticos (BLH 102)



Ministério da Saúde

**FIOCRUZ**  
**Fundação Oswaldo Cruz**



**ICICT**  
Instituto de Comunicação e Informação  
Científica e Tecnológica em Saúde

## FORMULÁRIO DE APROVAÇÃO E ACOMPANHAMENTO DE CURSOS Credenciamento

### 1. Identificação do Curso

**1.1. Nome do curso: Atualização em Processamento e Controle de Qualidade do Leite Humano II: Aspectos Práticos (BLH 102)**

**1.2. Identificação do Coordenador do Curso:**

(Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9193103361359168>)

Nome completo do coordenador: João Aprígio Guerra de Almeida

Titulação: Doutor em Saúde Coletiva

Instituição de Formação: Instituto Fernandes Figueira - Fiocruz

Depto: Banco de Leite Humano

@ joaoaprigio@globo.com

☎  Trabalho: 2554 -1703

**1.3. Área de Conhecimento:**

Comunicação

Informação

Outra – Especificar: Saúde Coletiva

**1.4. Nível:**

Especialização  Aperfeiçoamento  Atualização

Capacitação Profissional em Serviço

Outra. Especificar: \_\_\_\_\_

**1.5. Modalidade:**

Presencial     À Distância

**1.6. Carga horária: 45 horas**

**1.7. Local de realização do curso:**

prédio da Expansão

outro local - Especificar: O curso será realizado de forma descentralizada, sem local fixo, sendo assumido por docentes (mestres/doutores) vinculados ao Centro de Referência Nacional da Rede Brasileira de Bancos de Leite Humano - RedeBLHBr.

**1.8. Infra-estrutura necessária:**

Salas:

---

Equipamentos:

TV  DVD  computadores  data-show  retroprojetor

outros – Especificar: Banco de Leite Humano

**2. Condições de Oferta do Curso**

**2.1. Início do curso:**

- O curso é oferecido por demanda do Ministério da Saúde e das Secretarias de Estado de Saúde. Está prevista a realização do primeiro curso na primeira quinzena de março de 2011.

**2.2. Término do curso:**

- Como a duração do curso é de 5 dias, o término do curso está previsto para a segunda quinzena de março de 2011.

**2.3 Previsão de periodicidade:**

curso único

semestral

anual

bianual

outros – Especificar:

Trimestral

---

**2.4. Número de vagas: 15 vagas**

**2.5. Regime de funcionamento:**

O curso será ministrado durante 5 dias, em horário integral.

**2.6. Processo de seleção:**



Só poderá se candidatar ao presente curso o profissional de Banco de Leite Humano (BLH) credenciado à RedeBLHBr que tenha sido aprovado no curso de atualização em Processamento e Controle de Qualidade do Leite Humano I: Fundamentos Teóricos - BLH 101.

Para participar do curso o candidato deverá apresentar:

- Cópia do certificado do curso de atualização em Processamento e Controle de Qualidade do Leite Humano I: Fundamentos Teóricos - BLH 101
- Carta de Interesse Institucional

A carta de interesse institucional deverá ser apresentada em papel timbrado e assinado pelo responsável pelo BLH credenciado à RedeBLHBr. O conteúdo da carta deverá expressar o interesse institucional de que o profissional seja capacitado para o trabalho em BLH, mais especificamente em Processamento e Controle de Qualidade, liberando-o para o comparecimento às atividades práticas.

#### **2.7. Perfil dos alunos:**

Profissional graduado que atua em BLH credenciado à RedeBLHBr que tenha sido aprovado no curso de atualização em Processamento e Controle de Qualidade do Leite Humano I: Fundamentos Teóricos - BLH 101.

#### **2.8. Período de inscrição previsto:**

Fluxo contínuo, por demanda do Ministério da Saúde e das Secretarias de Estado da Saúde.

#### **2.9. Período de seleção previsto:**

Os participantes serão pré-selecionados e orientados para realizarem a inscrição com duas semanas de antecedência à data de início do curso.

#### **2.10. Data prevista do resultado da seleção:**

Os participantes serão informados até um dia antes do período de matrícula.

#### **Período da matrícula previsto:**

O período previsto para a matrícula será de uma semana antes do início do curso.

### **3. Projeto Pedagógico do Curso**

#### **3.1. Justificativa da oferta do curso**

A Comissão Econômica para América Latina e Caribe (CEPAL) projetou um incremento populacional de 19,4%, entre 2005 e 2020. Esta expansão representa uma expectativa de cerca de 11,6 milhões de nascimentos no período. Nesse contexto, o aleitamento materno se configura como uma ação estratégica no que

tange a reversão dos índices de morbidade e mortalidade infantil que persistem na região.

Por sua vez, estudos revelam a preocupante tendência de aumento dos partos prematuros e a ampliação dos riscos a eles associados, impulsionando os índices de mortalidade neonatal. No Brasil, pesquisa realizada na cidade de Pelotas, no Estado do Rio Grande do Sul, entre 1982 e 2004, revelou que a ocorrência de parto prematuro aumentou de 6,3% para 15,3% no período. Os recém-nascidos prematuros e de baixo peso, além da imaturidade de suas funções digestiva e imunológica, apresentam necessidades nutricionais elevadas e ainda têm pouca capacidade de tolerar o jejum devido a seu reduzido estoque de nutrientes.

Nos países em desenvolvimento, quer pelo risco biológico associado à utilização de fórmulas ou pelo elevado custo dos produtos disponíveis no mercado, garantir o leite humano é garantir alimento, nutrição adequada e diminuição da morbidade e mortalidade neonatal.

Este curso advém da necessidade de complementar o processo de capacitação dos profissionais que atuam em Bancos de Leite Humano e Aleitamento Materno, particularmente no que concerne aos aspectos práticos do processamento e controle de qualidade do leite humano. A sua concepção emergiu do concreto vivido dos docentes que, ao longo de mais de duas décadas, ministram o curso "Processamento e Controle de Qualidade do Leite Humano I: Fundamentos Teóricos - BLH 101".

O Centro de Tecnologia e Informação em Bancos de Leite Humano e Aleitamento Materno do Icict, na qualidade de ator responsável pela retroalimentação da política estatal para o setor, elaborou o presente curso, elemento estratégico para a RedeBLH no Brasil, Iberoamerica e África.

### **3.2. Concepção pedagógica do curso**

Trata-se de um curso prático supervisionado.

### **3.3. Perfil do Egresso**

Profissional com destreza e habilidade para a realizar as técnicas de processamento de leite humano ordenhado (LHO), e utilizar as tecnologias de comunicação e de registro de informação aplicadas para o alcance da qualidade do trabalho realizado no BLH.

### **3.4. Objetivo**

Treinar o profissional do BLH para aplicar os princípios gerais que orientam o funcionamento do BLH na perspectiva da garantia da qualidade do trabalho, realizando o processamento do LHO de acordo com o determinado pela RDC 171 e utilizando o Portal BLH-Br.

### **3.5. Estrutura curricular**

**Carga horária total: 45h****Prática 1: Banco de Leite Humano: Princípios Gerais de Operação (15h)****Consultor responsável:**

- Ementa:**
- Conceitos;
  - Descrição dos processos operacionais;
  - Estrutura;
  - Equipamentos;
  - Doadoras e doações;
  - Receptores;
  - Exemplos de êxitos em Bancos de Leite Humano;
  - Legislação em saúde

**Prática 2: O Portal da Rede BLH-BR como uma estrutura de apoio (15h)****Consultor responsável:** *Danielle Aparecida da Silva*

- Ementa:**
- Demonstração prática do portal;
  - BLHs no Brasil;
  - Legislação;
  - Tabela de Procedimentos;
  - Manual Técnico e outras publicações;
  - Rede Brasileira de BLH;
  - Comunidade Virtual;
  - Rede BLH no SUS;
  - Dados Estatísticos;
  - BVS;
  - Programa IberBLH.

**Prática 3: Processamento do Leite Humano Ordenhado (15h)****Consultores responsáveis:** *Danielle Aparecida da Silva*

- Atividades em grupo:**
- Seleção e Classificação do LHO;
  - Análise de Acidez Dornic do LHO;
  - Análise de Crematócrito do LHO;
  - Curva de Penetração de calor;
  - Pasteurização;
  - Resfriamento;
  - Controle de Qualidade Microbiológico.

**3.6. Sistema de Avaliação**

O aluno será avaliado em relação ao seu desempenho durante o processamento do LHO, com foco na aplicação e manuseio das técnicas e tecnologias usadas para a garantia e controle da qualidade do LH.

Terá direito ao certificado de conclusão do curso de atualização o aluno que se mostrar capaz de realizar todas as atividades relacionadas ao processamento e controle de qualidade do leite humano e que tiver 100% de freqüência.

#### 4. Orçamento e financiamento

O corpo docente é composto por profissionais que integram a RedeBLH e, portanto, não demandam pagamento de hora/aula. As demais despesas, a exemplo de diárias e passagens, quando necessárias serão financiadas com recursos extra-orçamentários provenientes do Ministério da Saúde, Ministério das Relações Exteriores e organismos internacionais como UNICEF e OPS. (\*)

##### 4.1. Departamentos, entidades, áreas, setores ou similares envolvidos com o desenvolvimento do curso:

Serviço(s) ou Laboratório (s) do Icict: Centro de Tecnologia e Informação de Bancos de Leite Humano e Aleitamento Materno

Total de horas/aula previstas: \_\_\_\_\_

Número de docentes previstos: \_\_\_\_\_

Unidade (s) da FIOCRUZ: Icict e IFF

Total de horas/aula previstas: \_\_\_\_\_

Total de docentes previstos: \_\_\_\_\_

Outra instituição : \_\_\_\_\_

Total de horas/aula previstas: \_\_\_\_\_

Total de docentes previstos: \_\_\_\_\_

Pagamento de horas/aula, diárias e deslocamento:

a cargo do Icict -R\$ \_\_\_\_\_

a cargo da instituição - R\$ \_\_\_\_\_

outros - R\$ \_\_\_\_\_

##### 4.2. Previsão Orçamentária (\*)

Icict – R\$ \_\_\_\_\_

Externa - R\$ \_\_\_\_\_ Instituição financiadora: \_\_\_\_\_

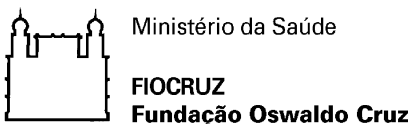
Icict + Externa: total R\$ \_\_\_\_\_

#### 5. Corpo Docente:

Servidor	Instituição	Formação	Tempo de dedicação ao CTBLH (%)
Danielle Aparecida da Silva	Fiocruz	Doutor em Saúde Coletiva	70%
Franz Reis Novak	Fiocruz	Doutor em Microbiologia Médica	20%
Isis Gorete da Silva	Fiocruz	Mestre em Saúde Coletiva	50%

de Azevedo			
João Aprígio Guerra de Almeida	Fiocruz	Doutor em Saúde Coletiva	70%
Kátia Sidrônio de Souza	Fiocruz	Doutor em Saúde Coletiva	20%
Paulo Ricardo da Silva Maia	Fiocruz	Doutor em Saúde Coletiva	50%
Euclides Etienne Miranda Arreguy	Fiocruz	Mestre em Tecnologia Educacional	100%

ANEXO C- Formulário de aprovação e acompanhamento do curso de Atualização em Gestão e Informação em Banco de Leite Humano I - Fundamentos e Práticas (BLH 103)



FORMULÁRIO DE APROVAÇÃO E ACOMPANHAMENTO DE CURSOS  
**Credenciamento**

1. Identificação do Curso

**1.7. Nome do curso: Atualização em Gestão e Informação em Banco de Leite Humano I – Fundamentos e Práticas (BLH 103)**

**1.8. Identificação do Coordenador do Curso:**  
(Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9193103361359168>)


Nome completo do coordenador: João Aprígio Guerra de Almeida

**Titulação: Doutor em Saúde Coletiva**

Instituição de Formação: Instituto Fernandes Figueira - Fiocruz

Depto: Banco de Leite Humano

@ joaoaprigio@globocom

 Trabalho: 2554 -1703

**1.9. Área de Conhecimento:**

Comunicação

Informação

Outra – Especificar: Saúde Coletiva

**1.10. Nível:**

Especialização  Aperfeiçoamento  Atualização

Capacitação Profissional em Serviço

Outra. Especificar: \_\_\_\_\_

**1.11. Modalidade:**

Presencial  À Distância

**1.12. Carga horária:** 45 horas

1.7. Local de realização do curso:

prédio da Expansão

outro local - Especificar: **O curso será realizado de forma descentralizada, sem local fixo, sendo assumido por docentes (mestres/doutores) vinculados ao Centro de Referência Nacional da Rede Brasileira de Bancos de Leite Humano - RedeBLHBr.**

### 1.8. Infra-estrutura necessária:

Salas:

---

Equipamentos:

TV  DVD  computadores  data-show  retroprojektor

outros – Especificar: \_\_\_\_\_

## 2. Condições de Oferta do Curso

### 2.1. Início do curso:

- O curso é oferecido por demanda do Ministério da Saúde e das Secretarias de Estado de Saúde. Está prevista a realização do primeiro curso na primeira quinzena de março de 2011.

### 2.2. Término do curso:

- Como a duração do curso é de 5 dias, o término do curso está previsto para a segunda quinzena de março de 2011.

### 2.3 Previsão de periodicidade:

**curso único**

**semestral**

**anual**

**bianual**

**outros – Especificar:**

Trimestral

---

**2.4. Número de vagas:** 15 vagas



## 2.5. Regime de funcionamento:

O curso será ministrado durante 5 dias, em horário integral.

## 2.6. Processo de seleção: Carta de Interesse Institucional e análise de currículo.

A carta de interesse institucional deverá ser apresentada em papel timbrado e assinado pelo responsável pelo Banco de Leite Humano credenciado à RedeBLHBr. O conteúdo da carta deverá expressar o interesse institucional de que o profissional seja atualizado com conhecimentos que fundamentam a prática de gestão do trabalho realizado em Banco de Leite Humano, liberando-o para o comparecimento às aulas.

O currículo apresentado deverá comprovar a vinculação/atuação profissional em Banco de Leite Humano credenciado à RedeBLHBr e a graduação em Assistência Social, Biologia, Biomedicina, Enfermagem, Engenharia de Alimentos, Farmácia, Fonoaudiologia, Medicina, Medicina Veterinária, Nutrição, Psicologia, Terapia Ocupacional ou em outros cursos da área da saúde.

## 2.7. Perfil dos alunos:

Profissional vinculado/atual em BLH, com graduação em Assistência Social, Biologia, Biomedicina, Enfermagem, Engenharia de Alimentos, Farmácia, Fonoaudiologia, Medicina, Medicina Veterinária, Nutrição, Psicologia, Terapia Ocupacional ou em outros cursos da área da saúde.

**2.8. Período de inscrição previsto:** Fluxo contínuo, por demanda do Ministério da Saúde e das Secretarias de Estado da Saúde.

**2.9. Período de seleção previsto:**

Os participantes serão pré-selecionados e orientados para realizarem a inscrição com duas semanas de antecedência à data de início do curso.

#### **2.10. Data prevista do resultado da seleção:**

Os participantes serão informados até um dia antes do período de matrícula.

#### **2.11. Período da matrícula previsto:**

O período previsto para a matrícula será de uma semana antes do início do curso.

### **3. Projeto Pedagógico do Curso**

#### **3.1. Justificativa da oferta do curso**

A rede de Bancos de Leite Humano vem se consolidando como uma estratégia eficaz de qualificação da atenção neonatal, em termos de segurança alimentar e nutricional, tanto no Brasil como no exterior. O emprego de tecnologias moderadas, de baixo custo e alta efetividade se configura como elemento determinante para o êxito do modelo em questão, que por sua vez é integralmente dependente da gestão de informações necessárias à tomada de decisão.

Este curso advém da necessidade de qualificar profissionais para a gestão no âmbito da RedeBLH em seus distintos níveis de complexidade. Para tanto, faz-se necessário desenvolver no profissional habilidades que permitam transformar dados em informação, construir indicadores, operar ferramentas e elaborar planejamentos que permitem a certificação de produtos e processos.

A presente proposta foi elaborada com o objetivo de viabilizar a transferência de tecnologia no âmbito de funcionamento dos bancos de leite humano. Desenvolvida pelo Ctblh do Icict, dá ênfase a permanente modernização do modelo de gestão

da RedeBLH, com base no desenvolvimento de um sistema integrado de gestão da informação em suas múltiplas formas de abordagem.

### **3.2. Concepção pedagógica do curso**

Trata-se de um curso teórico com aulas expositivas dialogadas.

### **3.3. Perfil do Egresso**

Profissional sensibilizado e capaz de realizar a gestão de um BLH.

### **3.4. Objetivo**

Contribuir para o aprimoramento do desempenho das instituições integrantes do SUS e daquelas voltadas para a ciência e tecnologia em saúde, por meio da capacitação teórica em gestão de Banco de Leite.

### **3.5. Estrutura curricular**

**Carga horária total: 45h**

**Tema 1:** Gestão de Banco de Leite Humano: aspectos gerais (4h)

**Ementa:**

**Tema 2:** Gestão de Banco de Leite Humano: gestão de informação (4h)

**Ementa:**

**Tema 3:** Sistema de gestão para BLH (4h)

**Ementa:**

- Níveis (local, regional, nacional)
- O sistema de gestão como estratégia de qualificação da Atenção Neonatal e de segurança alimentar e nutricional

#### **Tema 4: Fundamentos/bases teórico-conceituais da gestão (4h)**

##### **Ementa:**

- Gestão pela Qualidade
  - Controle retrospectivo da qualidade
  - Controle preventivo da qualidade
  - Controle dinâmico da qualidade

#### **Tema 5: Gestão do BLH (5h)**

##### **Ementa:**

- O que gerenciar: pessoas, processos, instalações, equipamentos, materiais
- Aspectos práticos da gestão
- Indicadores e ferramentas
- Macroprocessos
  - identificação dos macroprocessos, especificidades, referencial, indicadores
- Processamento do Leite humano
  - Rotina
  - Produção
  - Controle de qualidade – rotina int. e ext.
  - RH
  - Indicadores
- Aleitamento Materno
  - Distribuição

- Leite humano funcional

- Indicadores: tempo de internação, prevalência da amamentação na alta hospitalar dos receptores, infecções e intercorrências na internação

**Tema 6: Gestão da RedeBLH (4h)****Ementa:**

- Visão ao nível central
- Interdependência das unidades

**Tema 7: Sistema de Gestão da RedeBLH (4h)****Ementa:**

- Sistema de informação (cadastro, condições ambientais, equipamentos, RH, controle da produção)
- BLHWeb
- PCQBLH

**Tema 8: Doadoras e Doações/Captação (4h)****Ementa:**

- Campanhas
- Experiências exitosas

**Tema 9: Comunicação (4h)****Ementa:**

- Intra BLH, BLH-instituicao, canais/veículos, intra-rede

**Tema 10: Planejamento (4h)**

- Oportunidade de melhoria, missão, visão, objetivos estratégicos, meta

### **Tema 11: Certificação (4h)**

#### **Ementa:**

- O que é
- Elementos necessários
- Vantagens

### **3.6. Sistema de Avaliação**

Durante o curso serão realizados exercícios individuais e em grupo que servirão para a verificação do aproveitamento da turma.

Terá direito ao certificado de conclusão do curso o aluno que participar de todos os exercícios e obtiver conceito 7 ao final do curso, e tiver 100% de freqüência.

## **4. Orçamento e financiamento**

O corpo docente é composto por profissionais que integram a RedeBLH e, portanto, não demandam pagamento de hora/aula. As demais despesas, a exemplo de diárias e passagens, quando necessárias serão financiadas com recursos extra-orçamentários provenientes do Ministério da Saúde, Ministério das Relações Exteriores e organismos internacionais como UNICEF e OPS. (\*)

4.1. Departamentos, entidades, áreas, setores ou similares envolvidos com o desenvolvimento do curso:

**Serviço(s) ou Laboratório (s) do Icict: Centro de Tecnologia e Informação de Bancos de Leite Humano e Aleitamento Materno**

Total de horas/aula previstas: \_\_\_\_\_

Número de docentes previstos: \_\_\_\_\_

**Unidade (s) da FIOCRUZ:** \_\_\_\_\_ Icict e IFF \_\_\_\_\_

Total de horas/aula previstas: \_\_\_\_\_

Total de docentes previstos: \_\_\_\_\_

**Outra instituição :** \_\_\_\_\_

Total de horas/aula previstas: \_\_\_\_\_

Total de docentes previstos: \_\_\_\_\_

Pagamento de horas/aula, diárias e deslocamento:

a cargo do Icict - R\$ \_\_\_\_\_

a cargo da instituição - R\$ \_\_\_\_\_

outros - R\$ \_\_\_\_\_

#### 4.2. Previsão Orçamentária:

Icict – R\$ \_\_\_\_\_

Externa - R\$ \_\_\_\_\_ Instituição financiadora: \_\_\_\_\_

Icict + Externa: total R\$ \_\_\_\_\_

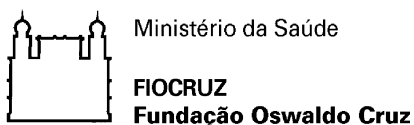
#### 5. Corpo Docente:

Servidor	Instituição	Formação	Tempo de dedicação ao CTBLH (%)
Danielle Aparecida da Silva	<b>Fiocruz</b>	Doutor em Saúde Coletiva	70%
Franz Reis Novak	<b>Fiocruz</b>	Doutor em Microbiologia Médica	20%

Isis Gorete da Silva de Azevedo	<b>Fiocruz</b>	Mestre em Saúde Coletiva	50%
João Aprício Guerra de Almeida	Fiocruz	Doutor em Saúde Coletiva	70%
<b><i>Kátia Sidrônio de Souza</i></b>	Fiocruz	Doutor em Saúde Coletiva	20%
Paulo Ricardo da Silva Maia	Fiocruz	Doutor em Saúde Coletiva	50%
Euclides Etienne Miranda Arreguy	Fiocruz	Mestre em Tecnologia Educacional	100%



ANEXO D- Formulário de aprovação e acompanhamento do curso de Atualização em Gestão e informação em Banco de Leite Humano II: ferramentas de gestão para certificação (BLH 104)



**FORMULÁRIO DE APROVAÇÃO E ACOMPANHAMENTO DE CURSOS  
Credenciamento**

**1. Identificação do Curso**

**Nome do curso:** Gestão e informação em Banco de Leite Humano II: ferramentas de gestão para certificação (BLH 104)

**1.13. Identificação do Coordenador do Curso:**

(Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9193103361359168>)

Nome completo do coordenador: João Aprígio Guerra de Almeida

Titulação: Doutor em Saúde Coletiva

Instituição de Formação: Instituto Fernandes Figueira - Fiocruz

Depto: Banco de Leite Humano

@ joaoaprigio@globocom

  Trabalho: 2554 -1703

**1.14. Área de Conhecimento:**

Comunicação

Informação

Outra – Especificar: Saúde Coletiva

**1.15. Nível:**

Especialização  Aperfeiçoamento  Atualização

Capacitação Profissional em Serviço

Outra. Especificar: \_\_\_\_\_

**1.16. Modalidade:**

Presencial     À Distância

**1.17. Carga horária: 45 horas****1.7. Local de realização do curso:**

prédio da Expansão

outro local - Especificar: O curso será realizado de forma descentralizada, sem local fixo, sendo assumido por docentes (especialista/mestre/doutor) vinculados ao Centro de Referência Nacional da Rede de Bancos de Leite Humano - RedeBLH.

**1.8. Infra-estrutura necessária:**

Salas:

---

Equipamentos:

TV  DVD  computadores  data-show  retroprojeto

outros – Especificar:

---

**2. Condições de Oferta do Curso****2.1. Início do curso:**

- O curso é oferecido por demanda do Ministério das Relações Exteriores, do Ministério da Saúde e das Secretarias de Estado de Saúde do Brasil. Está prevista a realização do primeiro curso na última semana do mês de julho de 2011.

**2.2. Término do curso:**

- Como a duração do curso é de 5 dias.

**2.3 Previsão de periodicidade:**

curso único

semestral

anual

bianual

outros – Especificar:

trimestral

---

**2.4. Número de vagas: 15 vagas**

**2.5. Regime de funcionamento:**

O curso será ministrado durante 5 dias, em horário integral.

**2.6. Processo de seleção:** Carta de indicação da instituição a qual o profissional está vinculado.

A carta de indicação deverá ser apresentada em papel timbrado e assinado pelo responsável pelo Banco de Leite Humano credenciado à RedeBLH. O conteúdo da carta deverá expressar o interesse institucional de que o profissional seja atualizado em conhecimentos que fundamentam o trabalho da Atenção ao Aleitamento Materno em Banco de Leite Humano, liberando-o para o comparecimento às aulas.

**2.7. Perfil dos alunos:**

Profissionais graduados em Assistência Social, Biologia, Biomedicina, Enfermagem, Engenharia de Alimentos, Engenharia Agrônoma, Farmácia, Fonoaudiologia, Medicina, Medicina Veterinária, Nutrição, Psicologia, Terapia Ocupacional ou em outros cursos da área da saúde, que atuam em Banco de Leite Humano.

**2.8. Período de inscrição previsto:**

Fluxo contínuo, por demanda do Ministério das Relações Exteriores, do Ministério da Saúde e das Secretarias de Estado da Saúde do Brasil.

**2.9. Período de seleção previsto:**

Os participantes serão pré-selecionados e orientados para realizarem a inscrição com duas semanas de antecedência à data de início do curso.

**2.10. Data prevista do resultado da seleção:**

Os participantes serão informados até um dia antes do período de matrícula.

**2.11. Período da matrícula previsto:**

O período previsto para a matrícula será de uma semana antes do início do curso.

**3. Projeto Pedagógico do Curso****3.1. Justificativa da oferta do curso**

Desde a sua criação, a RedeBLH-BR vem se expandindo e se consolidando, sustentada pelos trabalhos de pesquisa e de desenvolvimento tecnológico, voltados para otimização das condições operacionais dos BLH e caracterizada

pela busca da qualidade associada à experiência e conhecimentos acumulados tanto pelo Banco de Leite do Instituto Fernandes Figueira, como pelo Centro de Tecnologia e Informação de Bancos de Leite Humano e Aleitamento Materno do Iciict.

A necessidade de garantia de um maior rendimento associado a um contínuo aumento do nível de qualidade dos processos realizados nos BLH acarreta uma crescente expansão do nível de complexidade de sua atuação e, em consequência, da gestão da RedeBLH-BR e dos BLH. Nesse contexto, a chamada Tecnologia da Informação e da Comunicação (TIC) torna-se um pilar importante não apenas para coleta, gerenciamento e análise dos dados, como também na manutenção da padronização dos processos, no aumento da capacidade de supervisão, controle e avaliação, na dinamização do planejamento e da gestão dos processos de trabalho resultando na garantia da qualidade dos produtos e processos dos BLH. Não é por acaso que, desde a sua concepção, a implantação de um sistema nacional de monitoramento, retroalimentação técnica e difusão da informação vem sendo citado como objetivos da RedeBLH-BR.

Dessa forma, para a continuidade do sucesso que vem alcançando, nacional e internacionalmente, foi concebida uma parceira entre a RedeBLH-BR e o DATASUS, cujo objetivo é o de possibilitar a disseminação do uso das ferramentas de TIC, com ênfase nos componentes relacionados à qualidade dos processos e produtos dos BLH, além de centralizar e oferecer alternativas e soluções de TIC que atendam aos anseios e necessidades no âmbito da Rede. Tenta-se, com isso, minimizar os problemas sentidos pela gestão da RedeBLH-BR, principalmente quando se necessita de agilidade no atendimento das demandas sejam elas o desenvolvimento de novos aplicativos, a manutenção/atualização das ferramentas atualmente existentes e até no atendimento de solicitações simples, como o suporte ao uso de determinadas aplicações.

Importante citar também que, dando seguimento às iniciativas de divulgação iniciadas parcialmente em 2009, é necessária a criação de uma estratégia de

divulgação e de difusão do uso do sistema BLHWEB no Brasil. Parte importante dessa estratégia, além de disseminar o sistema pelos BLHs já existentes, é possibilitar a adoção do BLHWEB pelos bancos já existentes a também pelos novos Bancos de Leite Humano da Amazônia Legal e do Nordeste e também no exterior. Para isso é fundamental garantir a formação de massa crítica necessária a operação da RedeBLH no Brasil e exterior, com a perspectiva da oportunidade contínua de melhoria da qualidade.

Neste contexto, vale ressaltar que o presente curso foi concebido com a perspectiva de ampliar a possibilidade de acesso a estratégias que permitam a certificação de produtos e processos sob a responsabilidade dos BLHs. O BLHWeb, objeto do presente curso, se configura no sistema de gestão e informação necessário a viabilizar o processo de certificação.

### **3.2. Concepção pedagógica do curso**

Trata-se de um curso teórico-prático, com aulas expositivas dialogadas e uso prático do sistema BLHWeb.

### **3.3. Perfil do Egresso**

Profissional com ampla visão gerencial do BLH, capaz de operar e utilizar o sistema BLHWeb como fonte de informação para a tomada de decisão gerencial.

### **3.4. Objetivo**

- Discutir aspectos que possibilitem instituir sistemas de gestão da informação necessária à tomada de decisão nos diferentes níveis de complexidade no âmbito dos BLH;
- Apresentar oportunidades de operar com sistemas de Controle Interno e Controle Externo da Qualidade dos processos e produtos gerenciados pelos BLHs;
- Apresentar as funcionalidades do BLHWeb para a geração das informações necessárias à tomada de decisão no cumprimento da Política Pública de Saúde;
- Possibilitar aos profissionais a utilização do BLHWeb como estratégia de certificação da qualidade em Bancos de Leite Humano.
- Promover a avaliação da performance dos BLHs na perspectiva de gerar as adequações necessárias frente aos novos desafios que se configuram no âmbito da atenção neonatal em termos da segurança alimentar e nutricional.

### **3.5. Estrutura curricular**

**Carga horária total: 45h**

**Tema 1:** Reflexão sobre a prática de gestão do BLH

- Ementa:**
- Onde os dados são gerados
  - Quais dados são observados
  - Como interpretar os dados

**Tema 2:** Transformando dado em informação

- Ementa:**
- Observação da série histórica
  - Observação dos processos
  - Atribuição de valor
  - Informação técnica e informação gerencial
  - O BLHWeb como elemento para certificação do BLH

**Tema 3:** O BLHWeb e suas funcionalidades

- Ementa:**
- Procedimentos básicos
  - Cadastro
  - Parecer da doadora
  - Coleta
  - Recepção
  - Produto
  - Estoque
  - Distribuição
  - Perdas
  - Relatórios

**Tema 4:** BLHWeb: da instalação do sistema à geração de relatórios

- Ementa:**
- BLHWeb e Sistemas operacionais
  - BLHWeb e Navegadores
  - Atividade Prática de registro de dados
  - Atividade Prática de interpretação de dados e geração de relatórios

**3.6. Sistema de Avaliação**

O aluno será avaliado em relação ao conteúdo assimilado por meio de aplicação de questionário elaborado com base no material didático distribuído.

Terá direito ao certificado de conclusão do curso de atualização o aluno que acertar, pelo menos, 90% do questionário e tiver frequência integral.

**4. Orçamento e financiamento**

O corpo docente é composto por profissionais que integram a RedeBLH e, portanto, não demandam pagamento de hora/aula. As demais despesas, a exemplo de diárias e passagens, quando necessárias serão financiadas com recursos extra-orçamentários provenientes do Ministério da Saúde, Ministério das Relações Exteriores e organismos internacionais como UNICEF e OPS. (\*)

#### 4.1. Departamentos, entidades, áreas, setores ou similares envolvidos com o desenvolvimento do curso:

Serviço(s) ou Laboratório (s) do Icict: Centro de Tecnologia e Informação de Bancos de Leite Humano e Aleitamento Materno

Total de horas/aula previstas: \_\_\_\_\_

Número de docentes previstos: \_\_\_\_\_

Unidade (s) da FIOCRUZ: Icict e IFF

Total de horas/aula previstas: \_\_\_\_\_

Total de docentes previstos: \_\_\_\_\_

Outra instituição : \_\_\_\_\_

Total de horas/aula previstas: \_\_\_\_\_

Total de docentes previstos: \_\_\_\_\_

Pagamento de horas/aula, diárias e deslocamento:

a cargo do Icict - R\$ \_\_\_\_\_

a cargo da instituição - R\$ \_\_\_\_\_

outros - R\$ \_\_\_\_\_

#### 4.2. Previsão Orçamentária: (\*)

Icict – R\$ \_\_\_\_\_

Externa - R\$ \_\_\_\_\_ Instituição financiadora: \_\_\_\_\_

Icict + Externa: total R\$ \_\_\_\_\_

#### 5. Corpo Docente:

Servidor	Instituição	Formação	Tempo de dedicação ao CTBLH (%)
Claudio Decaro Berrondo	Fiocruz	Especialista em Inovação e Difusão	15%
Danielle Aparecida da Silva	Fiocruz	Doutor em Saúde Coletiva	50%
Franz Reis Novak	Fiocruz	Doutor em Microbiologia	50%
João Aprígio Guerra de Almeida	Fiocruz	Doutor em Saúde Coletiva	50%
José Henrique Fatia da Silva	Fiocruz	Mestre em Saúde Pública	20%
Paulo Ricardo da Silva Maia	Fiocruz	Doutor em Saúde Coletiva	50%

ANEXO E- Formulário de aprovação e acompanhamento do curso de Atualização “O modelo brasileiro de BLH: organização e ações práticas (BLH106)”

**Curso de Atualização: “O modelo brasileiro de BLH: organização e ações práticas”**

**Nome do Curso**

**“O modelo brasileiro de BLH: organização e ações práticas (BLH106)”**

**Apresentação**

Devido aos resultados obtidos pela Rede de Bancos de Leite Humano (rBLH) na redução da mortalidade neonatal, e ao seu modelo de trabalho de proteção, promoção e apoio ao aleitamento materno, o Centro de Referência Nacional de Bancos de Leite Humano (CRNBLH) sediado no Instituto Nacional de Saúde da Mulher, da Criança e do Adolescente “Fernandes Figueira” (IFF) vem recebendo uma grande demanda de profissionais, do país e do exterior, que solicitam conhecer o trabalho realizado pelos Bancos de Leite Humano que compõem a Rede Brasileira de Bancos de Leite humano (rBLH-BR).

No sentido de atender a essa demanda específica, optou-se por buscar uma atividade que ao mesmo tempo proporcionasse uma visão geral do trabalho técnico, gerencial e assistencial realizado pelo BLH e oportunizasse a troca de experiências e de modos de ação entre os profissionais visitantes e os do próprio BLH.

**Objetivos**

- Conhecer o modelo brasileiro de Banco de Leite Humano, assim como sua estrutura;
- Favorecer a troca de experiências técnica, assistencial, gerencial e de pesquisa entre profissionais do BLH e aqueles que atuam ou irão atuar em Bancos de Leite Humano, no país ou no exterior.

**Metodologia**

Trata-se de uma atividade do Programa de Ensino da rBLH que se caracteriza pela observação de procedimentos técnicos, assistenciais, gerenciais e de pesquisa que não envolvem a manipulação direta de materiais, equipamentos e atendimento ao paciente.

**Público:** profissionais brasileiros ou estrangeiros, que atuam na área da saúde, preferencialmente na rBLH.

**Avaliação**

Terá direito ao certificado de conclusão do curso o aluno que cumprir toda a programação e tiver 100% de frequência.



**Duração:** Uma ou duas (2) semanas consecutivas, com carga horária de 40h/semanais, de segunda a sexta-feira.

**Periodicidade**

Semestral, podendo ocorrer em menor período para atendimento da demanda.

**Nível**

Atualização

**Coordenador do curso**

João Aprígio Guerra de Almeida

**Endereço** - Av. Rui Barbosa, 716 - Flamengo, Rio de Janeiro - RJ. Tel: 2554.1832

**Páginas internas**

*Classes*

**Nome do curso** “O modelo brasileiro de BLH: organização e ações práticas”  
(BLH106)

**Nº de vagas** – 5 vagas

**Regime de funcionamento** - presencial

**Perfil da clientela** - profissionais brasileiros ou estrangeiros, que atuam na área da saúde, preferencialmente na rBLH

**Titulação** - Profissional atualizado em conhecimentos sobre o modelo brasileiro de Bancos de Leite Humano, sua organização e ações práticas.

**Inscrição** – A inscrição é descentralizada, assumida pelos Centros de Referência de Bancos de Leite Humano, Secretarias Estadual e Municipal de Saúde, Coordenadores de Unidade de Saúde dos países cooperantes.

**Data da seleção** – O Processo de Seleção é descentralizado, à critério dos Centros de Referência de Bancos de Leite Humano, Secretarias Estadual e Municipal de Saúde, Coordenadores de Unidade de Saúde dos países cooperantes.

**Processo Seletivo** - Processo seletivo fechado, atendendo à demanda de formação de profissionais que atuam na rBLH, em instituições que prestam serviço ao SUS ou ao Sistema de Saúde dos países cooperantes.

**Matrícula**

**Modalidade** - Atualização

**Data de início** – 1ª turma: 02/12/2013

**Data de término** – 1ª turma: 06/12/2013

**Coordenador** – João Aprígio Guerra de Almeida  
*Unidades de aprendizagem*

### **Módulo teórico**

Professores responsáveis: João Aprígio Guerra de Almeida, Danielle Aparecida da Silva, Alejandro Guilherme Rabuffetti, Renata Ribeiro

### **Objetivos**

- Conhecer o modelo brasileiro de Banco de Leite Humano, assim como sua estrutura;
- Favorecer a troca de experiências técnica, assistencial, gerencial e de pesquisa entre profissionais do BLH e aqueles que atuam ou irão atuar em Bancos de Leite Humano, no país ou no exterior.

**Pré-requisito:** Vínculo formal de trabalho em instituição que compõe, ou pretende fazer parte da rBLH.

**Seleção:** Análise da solicitação da instituição, tendo como base a avaliação do seu efeito para o fortalecimento das ações da rBLH; e a capacidade de absorção da demanda por parte do setor a ser visitado.

**Documentos Exigidos:** Diploma de graduação, ficha do aluno, 1 foto 3x4 colorida e recente, copia da identidade, copia do CPF, carta de apresentação da instituição ao qual o profissional está vinculado.

Para estrangeiros, a copia do passaporte substitui a copia da identidade e do CPF.

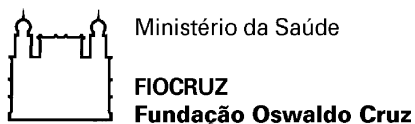
### **Programação**

A Programação, em geral, contempla:

- Recepção pela direção do IFF
- Conhecendo o BLH do IFF
  - Ações de atenção ao Aleitamento Materno
    - Grupo de mães
    - Aconselhamento
    - Assistência
  - Processamento e Controle de Qualidade do Leite Humano
  - Sistema de Informação

- Conhecendo o Laboratório de Banco de Leite Humano
- TeleSaúde-rBLH : organização e funcionamento
- Visita a BLHs da Rede de Bancos de Leite Humano do RJ
  - Maternidade Escola da UFRJ
  - Hospital Universitário Antonio Pedro
  - Maternidade Herculano Pinheiro
  - Posto de Saúde Sereno - Posto de Coleta de LH e Apoio a Amamentação
  
- Programa Iberoamericano de Bancos de Leite Humano – ICICT
  - Cooperação Internacional
  - Área de Comunicação e Informação
  - Núcleo de Ensino

ANEXO F- Formulário de aprovação e acompanhamento do curso de Atualização em Amamentação: A relação entre o biológico e o social na perspectiva da comunicação (BLH 202)



## FORMULÁRIO DE APROVAÇÃO E ACOMPANHAMENTO DE CURSOS Solicitação de Credenciamento

### 1. Identificação do Curso

- **Nome do curso:** Amamentação: A relação entre o biológico e o social na perspectiva da comunicação (BLH 202)

- **Identificação do Coordenador:**  
(Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9193103361359168>)

Nome completo do coordenador: João Aprígio Guerra de Almeida

Titulação: Doutor em Saúde Coletiva

Instituição de Formação: Instituto Fernandes Figueira - Fiocruz

Depto: Banco de Leite Humano

E-mail: @joaoaprigio@globo.com

  Trabalho: 2554 -1703

Trabalho: ICICT

- **Área de Conhecimento:**

Comunicação

Informação

Outra – Especificar: Saúde Coletiva

- **Nível:**

Especialização  Aperfeiçoamento  Atualização

Capacitação Profissional em Serviço

Outra. Especificar:

- **Modalidade:**

Presencial     À Distância

- **Carga horária: 45 horas**

**1.7. Local de realização do curso:**

prédio da Expansão

outro local - Especificar: \_\_\_\_\_

**1.8. Infra-estrutura necessária:**

Salas: 1 sala com capacidade para 20 ou mais pessoas;

Equipamentos:

TV  DVD  computadores  data-show  retroprojektor

outros – Especificar: caixas de som p/ computador

## **2. Condições de Oferta do Curso**

**2.1. Início do curso: 26/11/2012**

**2.2. Término do curso: 30/11/2012**

**2.3 Previsão de periodicidade:**

curso único

semestral

anual

bianual

outros – Especificar:

---

**2.4. Número de vagas: 10**

**2.5. Regime de funcionamento:**

2ª a 6ª feira – 08:30 às 17:30

**2.6. Processo de seleção:**

---

Processo seletivo fechado, atendendo à demanda de formação de profissionais que atuam na RedeBLH, em instituições que prestam serviço ao SUS.

**2.7. Perfil dos alunos:**

Preferencialmente profissionais que trabalham em Banco de Leite Humano, com graduação em qualquer área/faculdade, prioritariamente da saúde, comunicação (jornalismo e cinema), letras, artes.

**2.8. Período de inscrição previsto:** -----

**2.9. Período de seleção previsto:** -----

**2.10. Data prevista do resultado da seleção:** -----

**2.12. Período da matrícula previsto:** 01/10/12 a 10/10/12

### **3. Projeto Pedagógico do Curso**

#### **3.1. Justificativa da oferta do curso**

Dependendo do momento histórico e da intencionalidade atribuída ao ato de amamentar, os aspectos relacionados à natureza e à cultura, ou seja, à biologia e à sociedade, ora se separam, ora se mesclam. A abordagem compreensiva da amamentação permite perceber, por vezes, que um hábito cultural, para ser assimilado, foi tratado como instintivo, natural e biológico, ao qual não cabe nenhum tipo de questionamento. Em outras oportunidades, particularmente no curso das duas últimas décadas, o tradicional reducionismo biológico vem observando uma progressiva tendência de substituição, cedendo lugar a interpretações culturais que não reduzem o ser humano à condição de um mamífero qualquer. Focada sob este prisma, a amamentação, além de biologicamente determinada, é socioculturalmente condicionada, tratando-se, portanto, de um ato impregnado de ideologias e determinantes que resultam das condições concretas de vida. Na configuração real, um processo aparentemente tão natural, tão carregado de afeto e emoção, em verdade congrega os mais agressivos interesses mercadológicos, muitas vezes mascarados de conhecimentos científicos e travestidos de dispositivos para a saúde.

A amamentação focada como um híbrido natureza-cultura simboliza mudanças teórico-metodológicas e um aprofundamento nos processos interdisciplinares, que permeiam essa prática. Assim, iluminar essa abordagem da temática com os referenciais da comunicação e informação em saúde representa a oportunidade

de gerar novas formas de apropriação de valores culturais para distintos segmentos focais.

### **3.2. Concepção pedagógica do curso**

Trata-se de um curso teórico, com aulas expositivas dialogadas.

### **3.3. Perfil do Egresso**

Profissional atualizado nos conceitos teóricos apresentados na disciplina.

### **3.4. Objetivos**

Contribuir na perspectiva da comunicação para a construção de uma nova síntese teórica das inter-relações entre o biológico e o social no cenário da amamentação, categorizando-a com um híbrido natureza-cultura.

### **3.5. Ementa**

- A relação natureza-cultura no cenário da amamentação: ciência, sociedade e amamentação;
- Correntes de pensamento em amamentação no contexto da política nacional de saúde;
- Bancos de leite Humano e assistência neonatal, saúde mental e amamentação;
- A amamentação e o cotidiano feminino sobre o modelo assistencial vigente;
- Amamentação, informação, educação e qualidade;
- Referenciais metodológicos para a pesquisa em amamentação; Interacionismo simbólico;
- História oral;
- Representações sociais e fenomenologia, estudos de tendências em amamentação, revisão sistemática, modelagem matemática;
- Amamentação, ética e legalidade.

### **3.6. Bibliografia**

1. Almeida JAG. Amamentação: um híbrido natureza-cultura. Rio de Janeiro: FIOCRUZ; 1999.
2. \_\_\_\_\_. Leite fraco: um problema da mama ou da cultura. Masto-Magazine. 1998;2:2.
3. Costa JF. Ordem médica e norma familiar. Rio de Janeiro: Graal; 1983.
4. Silva IA. Amamentar: uma questão de assumir riscos ou garantir benefícios. São Paulo: Robe Editorial; 1997.

5. Almeida JAG, Gomes R. Amamentação: um híbrido naturezicultura. Revista Latino-Americana de Enfermagem. 1998;6:71-5.
6. Orlandi OV. Teoria e prática do amor à criança: introdução à pediatria social no Brasil. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; 1985.
7. Monson MRR. Os bancos de leite e a política de aleitamento materno na década de oitenta no Brasil (filme-vídeo). 1 cassete VHS, 34min., color., sonoro. Rio de Janeiro: Núcleo de Vídeo - CICT/Fundação Oswaldo Cruz; 1992.
8. Nakano AMS. O Aleitamento materno no cotidiano feminino [tese]. Ribeirão Preto: Universidade de São Paulo; 1996.
9. Silva AAM. Amamentação: fardo ou desejo? Estudo históricossocial dos saberes e práticas sobre aleitamento materno na sociedade brasileira [dissertação]. Ribeirão Preto: Universidade de São Paulo; 1990.
10. Latour B. Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica. Rio de Janeiro: 34 Literatura S/C Ltda; 1994.
11. Badinter E. Um amor conquistado: o mito do amor materno. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; 1985.
12. Ewbank T. Vida no Brasil ou diário de uma visita à terra do cacauero. São Paulo: Edusp; 1976.
13. Linton R. O Homem: uma introdução à antropologia. São Paulo: Martins Fontes; 1981.
14. Almeida JAG. Aleitamento materno: uma visão sócio-cultural. In: Anais do I Congresso do Cone Sul de Aleitamento Materno [Compact disc data storage]. 1 CD, colorido, sonoro. Joinville: Videolar - Grupo Origem; 1996.
15. Goldemberg P. Repensando a desnutrição como questão social. Campinas: Editora Unicamp; 1988.
16. Goldemberg P, Tudisco ES. Desnutrição: a penetração do leite em pó através da propaganda. Ciência Hoje 1983;1:76-9.
17. Souza LMBM. Do leite fraco à biologia da excepcionalidade . as múltiplas faces da mesma moeda [tese]. Rio de Janeiro: Instituto Fernandes Figueira/FIOCRUZ; 2003.
18. Minayo MCS. O Desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: HUCITEC; 1994.

### **3.6. Sistema de Avaliação**

O aluno será avaliado em relação ao conteúdo assimilado por meio da elaboração de trabalho escrito.

## **4. Orçamento e financiamento**



**4.1. Departamentos, entidades, áreas, setores ou similares envolvidos com o desenvolvimento do curso:**

Serviço(s) ou Laboratório (s) do Ict: Rede Brasileira de Banco de Leite Humano

Total de horas/aula previstas: \_\_\_\_\_

Número de docentes previstos: \_\_\_\_\_

Unidade (s) da FIOCRUZ: \_\_\_\_\_

Total de horas/aula previstas: \_\_\_\_\_

Total de docentes previstos: \_\_\_\_\_

Outra instituição : XXXXXXXXX \_\_\_\_\_

Total de horas/aula previstas: \_\_\_\_\_

Total de docentes previstos: \_\_\_\_\_

Pagamento de horas/aula, diárias e deslocamento:

 a cargo do Ict - R\$ nulo \_\_\_\_\_ a cargo da instituição - R\$ nulo \_\_\_\_\_ outros - R\$ \_\_\_\_\_**4.2. Previsão Orçamentária:**

Ict - R\$ \_\_\_\_\_

Externa - R\$ \_\_\_\_\_ Instituição financiadora: \_\_\_\_\_

Ict + Externa: total R\$ \_\_\_\_\_

**5. Previsão de Produtos acadêmicos concordantes com o sistema Lattes:**

## ANEXO G- Formulário de aprovação e acompanhamento do curso de Atualização em Aconselhamento e Atenção em Aleitamento Materno em Bancos de Leite Humano

### **Nome do curso**

**Aconselhamento e Atenção em Aleitamento Materno em Bancos de Leite Humano**

### **Apresentação**

O aleitamento materno é fundamental para o crescimento e desenvolvimento dos bebês e exerce uma importante influência na saúde tanto da mãe como da criança. No entanto, apesar das ações voltadas para o incentivo ao aleitamento materno, o índice de desmame precoce vem se mantendo em níveis elevados.

Os profissionais de saúde, que assistem o binômio mãe-filho, têm um papel fundamental para a promoção e manutenção do aleitamento materno. Porém, os currículos de formação acadêmica dos profissionais de saúde pouco abordam as questões de aconselhamento em amamentação e as habilidades de apoio à mulher grávida ou nutriz.

Considerando o Banco de Leite Humano um serviço especializado, responsável pela Atenção ao Aleitamento Materno e pelo Processamento e Controle de Qualidade do Leite Humano, se faz necessário ampliar as habilidades de seus profissionais para uma atenção integral às necessidades das mulheres grávidas e das nutrizas.

Nesse sentido, o principal propósito deste curso de atualização de profissionais de saúde em Aconselhamento e Atenção em Aleitamento Materno em Banco de Leite Humano é de oportunizar a incorporação de conteúdos e práticas que proporcionem ao profissional de saúde uma compreensão ampliada da mulher e de sua vivência no processo de amamentar.

### **Objetivo**

Atualizar o conhecimento dos profissionais de saúde em Aconselhamento e Atenção em Aleitamento Materno em Banco de Leite Humano, oportunizando a incorporação de conteúdos e práticas que proporcionem uma compreensão ampliada da mulher e de sua vivência no processo de amamentar.

### **Metodologia**

Trata-se de um curso teórico-prático, com aulas expositivas dialogadas, dramatização, dinâmicas de grupo e atividades práticas aliando avaliação clínica, técnicas de aconselhamento, comunicação e linguagem compreensível.

As atividades teóricas e de simulação são realizadas em sala de aula. As atividades práticas de Aconselhamento e Manejo são realizadas no Ambulatório de Pré-Natal e no Alojamento Conjunto.

### **Público-alvo**

Profissionais de saúde de BLH, de hospitais e Unidades Básicas de Saúde que atuam na assistência da mulher no ciclo gravídico-puerperal.

**Avaliação**

A avaliação é realizada durante o desenvolvimento de todas as atividades. O aluno é avaliado em relação ao conteúdo assimilado por meio da aplicação de pré-teste e pós-teste, além do desempenho demonstrado nas atividades práticas.

Terá direito ao certificado de conclusão do curso de capacitação o aluno que tiver 100% de frequência, com participação efetiva nas aulas teóricas e práticas, dinâmicas e dramatizações.

**Carga horária**

Teórica: 28h

Prática: 17h

Total: 45h

**Periodicidade**

Semestral

**Nível**

Atualização

**Coordenador do curso**

João Aprígio Guerra de Almeida

**Endereço** - Av. Rui Barbosa, 716 - Flamengo, Rio de Janeiro - RJ. Tel: 2554.1832

**Páginas internas***Classes*

**Nome do curso - Aconselhamento e Atenção em Aleitamento Materno em Bancos de Leite Humano**

**Nº de vagas** – 20 (vinte)

**Regime de funcionamento** - presencial

**Perfil da clientela** - Profissionais de saúde de BLH, de hospitais e Unidades Básicas de Saúde que atuam na assistência da mulher no ciclo gravídico-puerperal

**Titulação** - Profissional capacitado para atuar no aconselhamento e na atenção ao aleitamento materno em Bancos de Leite Humano.

**Inscrição** – A inscrição é descentralizada, assumida pelos Centros de Referência de Bancos de Leite Humano, Secretarias Estadual e Municipal de Saúde, Coordenadores de Unidade de Saúde dos países cooperantes.

**Data da seleção** – O Processo de Seleção é descentralizado, à critério dos Centros de Referência de Bancos de Leite Humano, Secretarias Estadual e Municipal de Saúde, Coordenadores de Unidade de Saúde dos países cooperantes.

**Processo Seletivo** - Processo seletivo fechado, atendendo à demanda de formação de profissionais que atuam na rBLH, em instituições que prestam serviço ao SUS ou ao Sistema de Saúde dos países cooperantes.

### **Matrícula**

**Modalidade** - Atualização

**Data de início** -

**Data de término** -

**Coordenador** – João Aprígio Guerra de Almeida

*Unidades de aprendizagem*

### **Módulo teórico-prático**

Professor responsável: João Aprígio Guerra de Almeida, Isis Gorete S. Azevedo, Nina Aurora Mello Savoldi

### **Objetivo**

Atualizar o conhecimento dos profissionais de saúde em Aconselhamento e Atenção em Aleitamento Materno em Banco de Leite Humano, oportunizando a incorporação de conteúdos e práticas que proporcionem uma compreensão ampliada da mulher e de sua vivência no processo de amamentar.

### **Ementa**

#### **Tema 1: O papel do BLH no contexto político da Atenção em Aleitamento Materno (4h)**

Ementa:

- Acolhimento, integração, levantamento das expectativas; acordo de convivência;
- Estratégia global, sobrevivência infantil e o papel do aleitamento materno (AM): Políticas Mundial e Local de AM e a interface com as metas do milênio;
- Legislação e normas para a proteção do aleitamento materno;
- A rBLH e a preocupação com a promoção, apoio proteção com o aleitamento materno.
- A visão do BLH na Atenção ao Aleitamento Materno;
- Planejamento das ações do BLH para a Atenção ao Aleitamento Materno.

#### **Tema 2: Habilidades de Aconselhamento (20h)**

Ementa:

- Conceito de Aconselhamento;
- Habilidade de ouvir e compreender;

- Comunicação não verbal útil;
- Habilidade de desenvolver confiança;
- Aplicação dos princípios de aconselhamento em situações especiais;
- Simulação de Prática de Aconselhamento/Manejo em sala de aula.
- Prática de Aconselhamento da habilidade ouvir e aprender;
- Prática de Aconselhamento para desenvolver a confiança e proporcionar apoio à mãe;

### **Tema 3: Habilidades Clínicas (4h)**

Ementa:

- Anatomia e fisiologia da amamentação;
- Atenção às mulheres com intercorrências de mama puerperal;
- Aplicação dos princípios de aconselhamento nas situações em que a mulher apresenta problemas nas mamas;

### **Tema 4: Habilidades de Manejo (9h)**

Ementa:

- Pega e posição do bebê ao seio;
- Avaliação da mamada;
- Ordenha e armazenamento do leite humano;
- Saúde materna e amamentação: contra-indicação formal;
- Agindo em situações especiais;

### **Tema 5: Práticas de Aconselhamento e Atenção ao AM (8h)**

Ementa:

- Prática de Aconselhamento com gestantes no Ambulatório de Pré-natal;
- Prática de Aconselhamento/Manejo com nutrízes no Alojamento Conjunto e Enfermarias.

### **Bibliografia**

- ALMEIDA, João Aprígio Guerra de Amamentação: um híbrido Natureza-Cultura. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2002. 120 p.
- AZEVEDO, Isis Gorete da Silva Aconselhamento aplicado ao assistir em amamentação: uma análise da proposta oficial. Rio de Janeiro; s.n; 2004. xii,98 p. Dissertação de Mestrado.
- OMS/UNICEF, 1997. Guia do Coordenador. (c) Aconselhamento em Amamentação: Um Curso de Treinamento. Ano: 1997 Título Original: Breastfeeding Counselling: A Director's Guide. Tradução: Cristina Maria Gomes do Monte, (U.F.C). Edição revisada: maio 1995. 53 páginas.
- \_\_\_\_\_, 1997. Guia do Treinador.(a) Aconselhamento em Amamentação: Um curso de Treinamento. Ano: 1997. Título original: Breastfeeding counselling: A Trainer's Guide. Tradução: Cristina Maria Gomes do Monte(U.F.C.) Setembro 1995. Edição revisada: maio 1997. 422 páginas.
- \_\_\_\_\_, 1997. Guia do Participante. (b) Aconselhamento em Amamentação: Um Curso de Treinamento. Ano: 1997 Título Original: Breastfeeding Counselling: A Training Course. Participants' Manual. Tradução: Cristina Maria Gomes do Monte, (U.F.C). Edição revisada: maio 1997. 186 páginas

- ROGERS, C. R., 1977. *A Pessoa Como Centro*. São Paulo. Editora Pedagógica e Universitária. EPU.
- \_\_\_\_\_, 1992. *Terapia Centrada no Cliente*. São Paulo. Editora Martins Fontes.
- SCHEEFFER, R., 1987. *Aconselhamento Psicológico: Teoria e Prática*. São Paulo. Editora Atlas.

ANEXO H- Relatório do Curso de atualização em Processamento e Controle de Qualidade do Leite Humano: teoria e prática em diálogo (modalidade a distância)

**RELATÓRIO DOS CURSOS DE ATUALIZAÇÃO DO DE/IFF**

**1. IDENTIFICAÇÃO DO CURSO**

**Nome do curso:** Curso de atualização em Processamento e Controle de Qualidade do Leite Humano: teoria e prática em diálogo (modalidade a distância)

**Coordenador do curso:** João Aprígio Guerra de Almeida

**Área de conhecimento:** Saúde Coletiva

**Pré-requisito:** graduação; atuação em Banco de Leite Humano pertencente à Rede de Bancos de Leite Humano (RedeBLH).

**Perfil da clientela:** Profissional de nível superior, atuante em Banco de Leite Humano da RedeBLH.

**Perfil do Egresso:** Profissional atualizado nos conceitos teóricos necessários para a implementação e o funcionamento de um Banco de Leite Humano no que tange ao processamento e o controle de qualidade do leite humano, nos termos definidos pela RDC 171 da Agência Nacional de Vigilância Sanitária - ANVISA.

**Local de realização do curso:** O curso será realizado em Ambiente Virtual Moodle, de forma totalmente a distância.

**Departamento:** Atenção à Saúde

**Serviço/Setor:** Banco de Leite Humano (BLH)

**Nº de vagas:** ilimitado, respeitando o pré-requisito.

**Nº de vagas para servidores do IFF:** ilimitado, respeitando o pré-requisito.

## **2. REALIZAÇÃO DO CURSO**

**Período de realização:**

- Atividade a distância: duração de no máximo 2 meses.

**Periodicidade:** mensal

**Regime de duração:** até 2 meses de atividades na Plataforma Moodle.

## **3. SELEÇÃO**

**Documentos exigidos:** Carta de Interesse da instituição de origem do candidato, currículo, carta de intenção do candidato, CPF, Carteira de Identidade, Diploma de Graduação, foto 3X4 colorida e recente.

A carta de interesse da instituição de origem deverá ser apresentada pelo candidato, referendada pela Comissão de Bancos de Leite Humano e/ou pelo Centro de Referência de Bancos de Leite Humano da região de



atuação do profissional postulante a vaga. O conteúdo da carta deverá expressar o interesse institucional de que o profissional realize o curso de Processamento e Controle de Qualidade do Leite Humano: teoria e prática em diálogo para atender a demanda de formação de sua região e da RedeBLH.

O currículo apresentado deverá comprovar a formação superior com a inscrição no respectivo conselho de classe com suas competências atribuídas por lei, a vinculação/atuação profissional em Banco de Leite Humano na região de origem, credenciado à RedeBLH e legalmente habilitado.

A carta de intenção do candidato deverá apresentar as motivações que o levam a buscar o curso, a disponibilidade para realizar um curso a distância e que possui as condições tecnológicas suficientes para a realização do curso (possuir: acesso à Internet; computador com kit multimídia e configuração capaz de acessar e abrir vídeos na Internet, abrir arquivos com extensão pdf, doc, ppt e excell).

**Inscrição:** A inscrição é descentralizada, assumida pela Rede de Bancos de Leite Humano e pelo Programa Ibero-americano de Bancos de Leite Humano.

**Data da seleção:** o processo de seleção da 1ª turma ocorrerá durante a primeira quinzena do mês de agosto de 2014: 01 a 15/08/2014.

**Processo Seletivo:** Processo seletivo fechado, atendendo a demanda do Ministério da Saúde, das Secretarias de Estado da Saúde, da Rede Brasileira de Bancos de Leite Humano e do Programa Iberoamericano de Bancos de Leite Humano.

**Resultado da Seleção:** O resultado será divulgado no dia 18/08/2014.

**Matrícula:** 18 a 20/08/2014

#### **4. INVESTIMENTOS E RECURSOS:**

**Infraestrutura física, tecnológica e apoio logístico:**

Para os estudos a distância, o profissional deve possuir um equipamento que permita acesso à Internet e a assistir os vídeos que estão colocados em site na Internet.

**Orçamento:** Não há cobrança.

**Taxa de inscrição:** Não há cobrança.

**Taxa de matrícula:** Não há cobrança.

**Mensalidade:** Não há cobrança.

#### **5. PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO**

**Carga Horária:**

Modalidade Ensino a Distância: 135h.

Teórica total: 135h.

**Justificativa:** A Rede Brasileira de Bancos de Leite Humano (RedeBLH) está presente em todos os Estados brasileiros e vive um franco processo de expansão. Atualmente, conta com mais de duzentas unidades em operação no Brasil e observa uma projeção de crescimento quali-quantitativo à razão de 25% ao ano; cabendo destacar que por exigência legal, nos termos previstos na RDC-171 da Agência Nacional de Vigilância Sanitária, é obrigatório que todo profissional que atue em um Banco de Leite Humano faça o curso de Processamento e Controle de Qualidade do Leite Humano: teoria e prática em diálogo.

No cenário internacional, a RedeBLH alcança 23 países nas regiões da América Latina, Caribe, Península Ibérica e África, observando o mesmo modelo operacional e, por sua vez, demandantes do curso de Processamento e Controle de Qualidade do Leite Humano para a qualificação de seus profissionais.

Face ao exposto, a presente proposta de curso para formação de profissionais em Processamento e Controle de Qualidade do Leite Humano se configura em uma ação estratégica para o equacionamento da demanda de qualificação de recursos humanos para o setor.

**Objetivo Geral:** Contribuir para o aprimoramento de conhecimentos e competências do profissional que atua em processamento e controle da qualidade do

leite humano visando a melhoria do desempenho das instituições integrantes da RedeBLH.

**Objetivo Específico:** Desenvolver habilidades e competências necessárias para a implementação e o funcionamento de um Banco de Leite Humano no que tange ao processamento e o controle de qualidade do leite humano.

**Metodologia:**

O curso se volta para o fortalecimento de competências necessárias à atuação em processamento e controle de qualidade do leite humano nos termos observados pela ANVISA e seguidos pela RedeBLHBr e pelo Programa Ibero-americano de Bancos de Leite Humano. Para tanto, do ponto de vista metodológico, o curso está estruturado na Plataforma Moodle, no formato auto-instrucional, com o propósito do domínio do conteúdo teórico - o saber - que sustenta a prática do profissional em processamento e controle de qualidade do leite humano em um Banco de Leite Humano. (Plataforma Moodle - modalidade Ensino a Distância)

**Descrição:**

**Fase I:** Estabelecimento da relação teoria e prática - o saber. (carga horária total: 135h)

Trabalhado na plataforma de ensino a distância Moodle, o conteúdo desta fase está organizado em 21 Temas que correspondem a todos os aspectos teóricos e práticos a serem apropriados pelos alunos com o objetivo de coletar, processar, controlar a qualidade e distribuir o leite humano observando as

instruções normativas e os procedimentos técnicos que permitem o Banco de Leite Humano atuar como estratégia de segurança alimentar e nutricional.

Textos, vídeos, video-aulas produzidos no âmbito da RedeBLH compõem o material didático que permite ao aluno uma visão ampliada de cada um dos Temas.

**Tema 1:** Histórico, Evolução e Perspectivas dos Bancos de Leite Humano no Brasil.

**Conteúdo Programático:**

- Bancos de Leite Humano: O estabelecimento de um novo paradigma;
- De 1943 a 1985: As amas-de-leite do século XX;
- O Banco de Leite Humano do Instituto Fernandes Figueira: o mais antigo do País;
- O Banco de Leite IFF/Fiocruz a partir de 1985;
- Surge um novo modelo para os bancos de leite humano;
- Resultados do novo modelo;
- Perspectivas para um novo milênio.

**Tema 2:** Gênese e Evolução da Rede de Bancos de Leite Humano na Iberoamérica e África

**Conteúdo Programático:**

- Estudo de Caso da OPS/OMS. Um modelo de cooperação horizontal: a Rede Iberoamericana de Bancos de Leite Humano;
- Resumo executivo;
- Contexto e Antecedentes;
- O desenvolvimento da Cooperação sul-sul (CSS): recuperando espaços para a promoção do aleitamento materno;
- Desafios chaves;
- Lições aprendidas.

### **Tema 3:** Leite Humano e Segurança Alimentar

#### **Conteúdo Programático:**

- Convite a reflexão;
- Ação probiótica: Como o LH cumpre esse papel?;
- Leite Humano e sua função protetora.

### **Tema 4:** Leite Humano: Qualidade e Controle

#### **Conteúdo Programático:**

- A rede sociobiológica desenhada pelo Leite Humano;
- Qualidade a base de um novo olhar;
- A perspectiva de um novo desenho biológico;
- Fração Emulsão;
- Fração Suspensão;

- Fração Solução;
- Síntese do leite: aspectos da fisiologia da lactação;
- Outros movimentos regulatórios da fisiologia da lactação;
- Fome e saciedade: quando o bebê pára de mamar?;
- Leite ralo, marrom, verde: qual a origem da cor?;
- Leite Salgado: qual o significado do sabor?;
- Para produzir leite é preciso tomar leite?;
- A Rede sociobiológica e o novo modelo.

#### **Tema 5: Ecologia Microbiana**

##### **Conteúdo Programático:**

- Os microrganismos e o Leite Humano;
- A doadora;
- Fontes de contaminação primárias;
- Contaminação secundária.

#### **Tema 6: Modificações Físico-químicas**

##### **Conteúdo Programático:**

- Introdução;
- Propriedades físico-químicas do leite humano ordenado;

- Fatores promotores de modificação;
- Principais alterações físico-químicas do leite humano ordenhado;
- Mudanças na viscosidade do leite humano ordenhado;
- Acidez;
- Considerações sobre o crescimento bacteriano e suas implicações para o leite humano ordenhado;
- Cor;
- Flavor;
- Ransificação;
- Proteólise;
- Coagulação e floculação.

**Tema 7:** Obtenção Higiênico Sanitária do Leite Humano

**Conteúdo Programático:**

- Organização do Banco de Leite e do Posto de Coleta;
- Recursos Humanos;
- Infraestrutura física;
- Equipamentos e Instrumentos;
- Higiene, conduta, segurança e saúde do trabalhador;
- Processo de artigos e superfícies;
- Embalagem e rotulagem;



- Amamentação e doenças maternas;
- Doadoras e doações;
- Ordenha e Coleta;
- Transporte;
- Emprego do Frio: aspectos teóricos e práticos.

**Tema 8:** Recepção do LHO Cru em Bancos de Leite Humano

**Conteúdo Programático:**

- Norma Técnica 21.11 - Recepção do LHO Cru em Bancos de Leite Humano.

**Tema 9:** Degelo do Leite Humano Ordenhado Cru

**Conteúdo Programático:**

- Norma Técnica BLH-IFF/NT - 24.11 - Degelo do Leite Humano Ordenhado Cru.

**Tema 10:** Seleção e Classificação do Leite Humano Ordenhado Cru

**Conteúdo Programático:**

- Norma Técnica BLH-IFF/NT - 29.11 - Seleção e Classificação do Leite Humano Cru.

**Tema 11:** Determinação da Cor

**Conteúdo Programático:**

- Norma Técnica BLH-IFF/NT - 25.11 - Leite Humano Ordenhado Determinação da Cor.

**Tema 12:** Leite Humano Ordenhado: Determinação de *Off-flavor* - Método Sensorial.

**Conteúdo Programático:**

- Norma Técnica BLH-IFF/NT - 26.11 - Leite Humano Ordenhado: Determinação de Off-Flavor - Método Sensorial.

**Tema 13:** Leite Humano Ordenhado: verificação da Sujidade

**Conteúdo Programático:**

- Norma Técnica BLH-IFF/NT - 27.11 - Leite Humano Ordenhado: Verificação da Sujidade.

**Tema 14:** Verificação da Embalagem para o Leite Humano Ordenhado Cru

**Conteúdo Programático:**

- Norma Técnica BLH-IFF/NT - 28.11 - Verificação da Embalagem para o Leite Humano Ordenhado Cru.

**Tema 15:** LHO: Determinação da Acidez Titulável - Método Dornic

**Conteúdo Programático:**

- Norma Técnica BLH-IFF/NT - 29.11 - Leite Humano Ordenhado: Determinação da Acidez Titulável - Método Dornic.

**Tema 16:** LHO: Determinação do Crematócrito

**Conteúdo Programático:**

- Norma Técnica BLH-IFF/NT - 30.11 - Leite Humano Ordenhado: Determinação do Crematócrito.

**Tema 17:** Acondicionamento do LHO

**Conteúdo Programático:**

- Norma Técnica BLH-IFF/NT -32.11 - Acondicionamento do Leite Humano Ordenhado.

**Tema 18:** Pasteurização do LHO

**Conteúdo Programático:**

- Norma Técnica BLH-IFF/NT - 34.11 - Pasteurização do LHO.

**Tema 19:** Determinação do Tempo de Pré-aquecimento do Leite Humano Ordenhado na Pasteurização

**Conteúdo Programático:**

- Norma Técnica BLH-IFF/NT - 35.11 - Determinação do Tempo de Pré-aquecimento do LHO na Pasteurização.

**Tema 20:** Controle de Qualidade Microbiológica do Leite Humano Ordenhado

**Conteúdo Programático:**

- Norma Técnica BLH-IFF/NT - 40.11 - Teste Simplificado para Determinação de Coliformes Totais.

**Tema 21:** Distribuição

**Conteúdo Programático:**

- Relação entre Requisitos de Qualidade do Receptor X Atributos de Qualidade do Leite Humano;

- Critérios de distribuição do LHOp;

- Distribuição do leite pasteurizado para o domicílio.

### **3.6. Sistema de Avaliação**

O aluno será avaliado em relação ao conteúdo assimilado por meio da aplicação de questionário elaborado com base na RDC 171/ANVISA.

Terá direito ao certificado de conclusão do curso de atualização o aluno que acertar no mínimo 50% do questionário nos Temas 1 e 2, e 70% nos demais temas, no tempo de até 2 meses de duração do curso.

**Professor Responsável:** João Aprigio Guerra de Almeida, Danielle Aparecida Silva, Franz Reis Novak.

## **Bibliografia**

- ALMEIDA, João Aprígio Guerra de - Amamentação: um híbrido Natureza-Cultura. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2002. 120 p.

- ALMEIDA, João Aprígio Guerra de; NOVAK, Franz Reis; e GUIMARÃES, Vander. Recepção do LHO Cru em Bancos de Leite Humano - BLH-IFF/NT- 21.11, Instituto Fernandes Figueira, Fundação Oswaldo Cruz, 2011.

- ALMEIDA, João Aprígio Guerra de; NOVAK, Franz Reis; e GUIMARÃES, Vander. Recepção do LHO Cru em Bancos de Leite Humano - BLH-IFF/NT- 21.11, Instituto Fernandes Figueira, Fundação Oswaldo Cruz, 2011.

\_\_\_\_\_. Seleção e Classificação do Leite Humano Ordenhado Cru - BLH-IFF/NT- 23.11, Instituto Fernandes Figueira, Fundação Oswaldo Cruz, 2011.

\_\_\_\_\_. Degelo do Leite Humano Ordenhado Cru - BLH-IFF/NT- 24.11, Instituto Fernandes Figueira, Fundação Oswaldo Cruz, 2011.

\_\_\_\_\_. Leite Humano Ordenhado: Determinação da Cor - BLH-IFF/NT- 25.11, Instituto Fernandes Figueira, Fundação Oswaldo Cruz, 2011.

\_\_\_\_\_. Leite Humano Ordenhado: Determinação de Off-flavor - Método Sensorial - BLH-IFF/NT- 26.11, Instituto Fernandes Figueira, Fundação Oswaldo Cruz, 2011.

\_\_\_\_\_. Leite Humano Ordenhado: Verificação de Sujidades - BLH-IFF/NT- 27.11, Instituto Fernandes Figueira, Fundação Oswaldo Cruz, 2011.

\_\_\_\_\_. Verificação da Embalagem para o Leite Humano Ordenhado Cru - BLH-IFF/NT- 28.11, Instituto Fernandes Figueira, Fundação Oswaldo Cruz, 2011.

\_\_\_\_\_. Leite Humano Ordenhado: Determinação da Acidez Titulável - Método Dornic - BLH-IFF/NT- 29.11, Instituto Fernandes Figueira, Fundação Oswaldo Cruz, 2011.

\_\_\_\_\_. Leite Humano Ordenhado: Determinação do Crematócrito - BLH-IFF/NT- 30.11, Instituto Fernandes Figueira, Fundação Oswaldo Cruz, 2011.

\_\_\_\_\_. Acondicionamento do Leite Humano Ordenhado - BLH-IFF/NT- 32.11, Instituto Fernandes Figueira, Fundação Oswaldo Cruz, 2011.

\_\_\_\_\_. Pasteurização do Leite Humano Ordenhado - BLH-IFF/NT- 34.11, Instituto Fernandes Figueira, Fundação Oswaldo Cruz, 2011.

\_\_\_\_\_. Determinação do Tempo de Pré-aquecimento do LHO na Pasteurização - BLH-IFF/NT- 35.11, Instituto Fernandes Figueira, Fundação Oswaldo Cruz, 2011.

\_\_\_\_\_. Teste Simplificado para Detecção de Coliformes Totais - BLH-IFF/NT- 40.11, Instituto Fernandes Figueira, Fundação Oswaldo Cruz, 2011.

- APRILE, Marisa da Matta - Crescimento de recém-nascidos de muito baixo peso alimentados com leite de banco de leite humano selecionado segundo o valor calórico e protéico, Dissertação de Mestrado, USP, São Paulo, 2006.

- BRASIL. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Banco de leite humano: funcionamento, prevenção e controle de riscos - Brasília : Anvisa, 2008, 160 p.
- CÁNEPA, Mariela Analía - Estudo de Caso da OPS/OMS. Um modelo de cooperação horizontal: a Rede Iberoamericana de Bancos de Leite Humano, 2011.
- VEIGA, Álvaro José Martins de Oliveira -Avaliação da presença e atividade biológica de citocinas hematopoiéticas no colostro humano, Tese de Doutorado, Instituto Fernandes Figueira, Fundação Oswaldo Cruz, 2003.

## ANEXO I- Manual para usuários do Sistema de Produção da RedeBLH



Fundação Oswaldo Cruz  
Rede Brasileira de Bancos de Leite Humano

### Manual para usuários do Sistema de Produção da RedeBLH

O Sistema de Produção da RedeBLH é uma ferramenta de gerenciamento importante para os Bancos de Leite Humano (BLH) e para as Coordenações Estaduais e Nacional.

Os dados cadastrais e de produção dos Bancos de Leite Humano e Postos de Coleta são reunidos neste sistema que com suas funcionalidades facilita a manutenção dos dados atualizados, possibilitando a difusão a todos que acessam o Portal da RedeBLH.

O cadastramento do Banco de Leite no Sistema de Produção é realizado pela equipe do Núcleo de Gestão e Informação da RedeBLH após ter recebido um formulário próprio com dados do BLH e sua Mantenedora.

O(a) coordenador(a) de cada Banco de Leite Humano é um ator importante para o funcionamento do Sistema de Produção porque realiza o gerenciamento das informações sobre funcionários, equipamentos, condições ambientais e dados de produção, tudo isso via Web. Sendo responsável pelas informações dos dados correspondentes ao seu BLH/Posto de Coleta.

Após o Banco de Leite Humano ser cadastrado no Sistema de Produção, o coordenador(a) torna-se usuário desse Sistema.



## Passos que o coordenador(a) deverá seguir para ter acesso ao Sistema de Produção:

### 1- Acessar o Sistema de Produção

através do Portal da RedeBLH;


Conheça as variáveis do relatório de produção clicando neste local

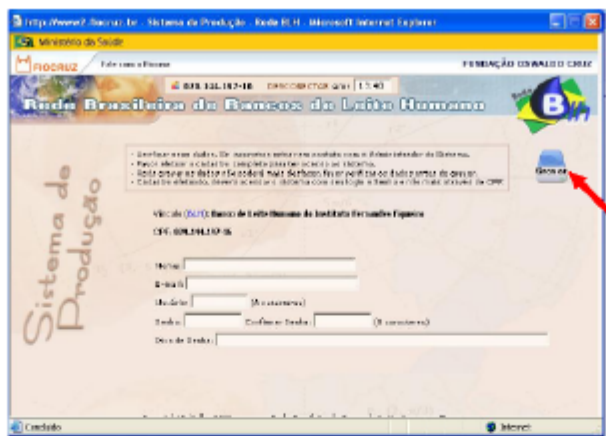


### 2- No primeiro acesso é necessário usar o e-mail cadastrado pelo coordenador(a) do BLH;


Campo para o 1º acesso


Campo para os acessos subsequentes


 3- No 1º acesso devem ser criados USUÁRIO e SENHA;




OBS: Preencha o formulário e clique em **GRAVAR**

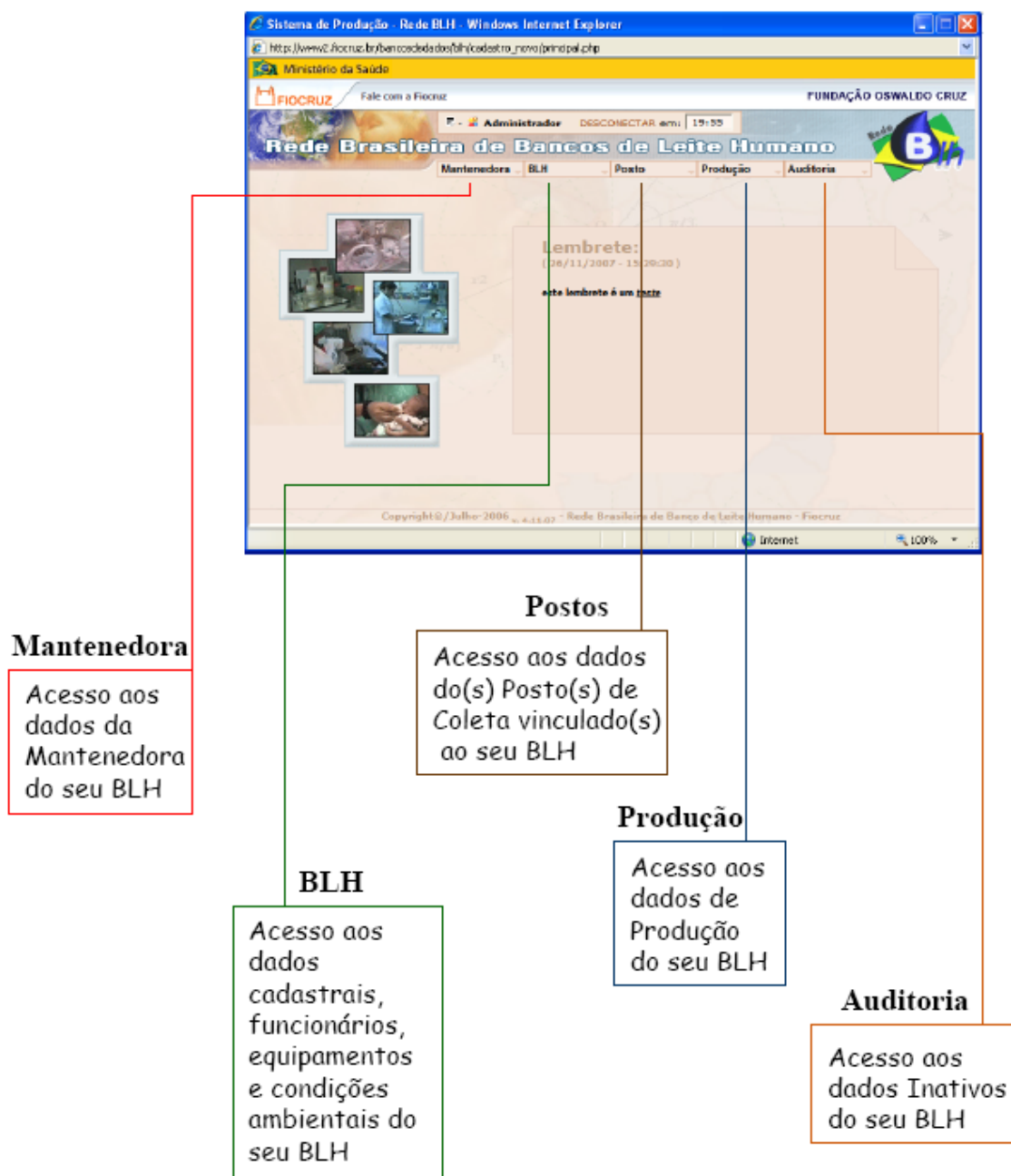
 4- Nos próximos acessos somente serão utilizados E-MAIL CADASTRADO e SENHA criada;

 5- Após ter acesso ao Sistema, o coordenador(a) pode iniciar a inserção dos dados de produção do BLH;

 6- O(a) coordenador(a) deve cadastrar funcionários, equipamentos e condições ambientais do BLH;

 7- O(a) coordenador(a) deve cadastrar o(s) Posto(s) de Coleta vinculado(s) ao seu BLH, assim como, os funcionários, equipamentos e condições ambientais do Posto;

## Os módulos do Sistema de Produção



## Área de Lembrete



Funcionando como início de interatividade, a **Área de Lembrete** é destinada à mensagens do Núcleo de Gestão e Informação da RedeBLH para os usuários do Sistema de Produção.

Fique sempre atento às mensagens.

Antes de acessar cada módulo do Sistema,  
é importante conhecer os símbolos que são encontrados.

Os símbolos indicam o local certo para cada ação  
que o usuário pode realizar.

### Fique atento aos símbolos:

Incluir



Clicando no símbolo Incluir é possível realizar os cadastros nos módulos **BLH** e **Posto**.

Alterar



O símbolo Alterar é encontrado nos módulos **BLH** e **Posto**.

Clique nele para fazer as modificações necessárias.

Excluir



Nos módulos **BLH** e **Posto**, ao clicar no símbolo Excluir o item selecionado será excluído do local e transferido para o módulo **Auditoria**.

Enquanto que no módulo **Auditoria** o clique em Excluir indica que o item selecionado será excluído definitivamente do Sistema de Produção.

Detalhes



Clicando no símbolo Detalhes é possível conferir as informações. Este símbolo está presente nos módulos **Mantenedora**, **BLH**, **Posto** e **Auditoria**.

Tornar Ativo



O símbolo Tornar Ativo é encontrado no módulo **Auditoria**.

Clique nele quando desejar que o item se torne novamente ativo e retorne ao seu local de origem no Sistema.

Gravar



Este símbolo está presente nos módulos **BLH** e **Posto**. Clique nele após realizar uma alteração.

No módulo **Produção** o símbolo Gravar deve ser clicado sempre que os dados de produção forem incluídos ou alterados.

← Voltar

Clique no símbolo Voltar para retornar a tela anterior.

Por medida de segurança o Sistema controla o tempo que o usuário está conectado e não está inserindo dados.

Veja no topo da tela um cronômetro

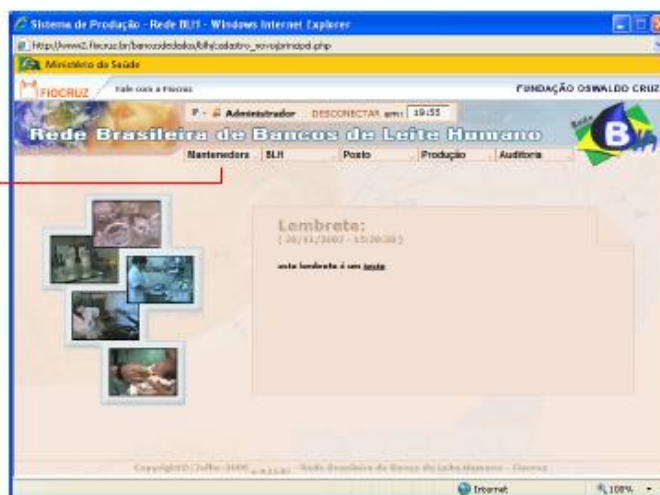


Fique atento, pois ao decréscimo total deste tempo, sua sessão irá expirar e você terá perdido todos os dados que ainda não tiverem sido gravados.

Vamos conhecer melhor cada módulo:

**Mantenedora**

Acesso aos dados da Mantenedora do seu BLH.

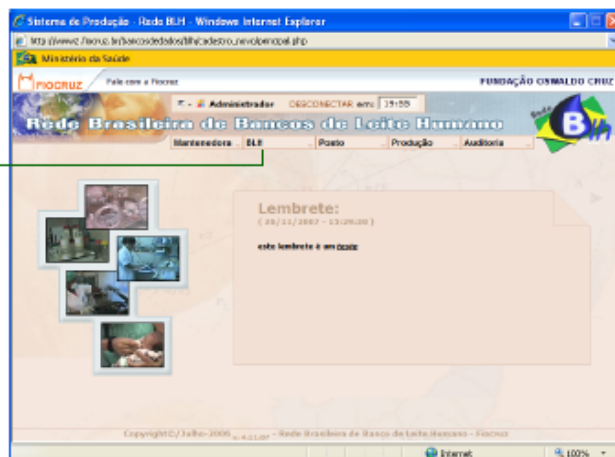


Clicando em **Mantenedora** os dados da Mantenedora do BLH podem ser conferidos.

Sempre que houver alguma modificação a ser feita, o Coordenador deve informar ao Núcleo de Gestão e Informação da RedeBLH através do fale conosco.

BLH

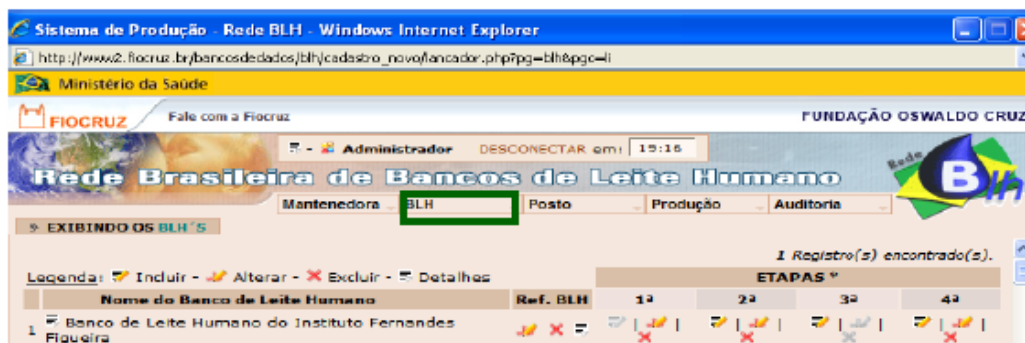
Acesso aos dados cadastrais, funcionários, equipamentos e condições ambientais do seu BLH.



Clicando em **BLH** os dados do BLH podem ser conferidos, inseridos, alterados e excluídos.

Aqui o coordenador cadastra horário de funcionamento, funcionários, equipamentos e condições ambientais do BLH.

### Como utilizar o módulo BLH?



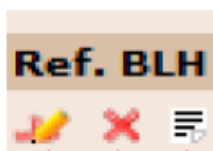
Dados cadastrais do BLH

1ª - Horário de Funcionamento do BLH

2ª - Recursos Humanos do BLH

3ª - Condições Ambientais do BLH

4ª - Equipamentos do BLH



Aqui você altera os dados cadastrais do seu Banco de Leite

**Atenção:** Aqui você exclui seu Banco de Leite

Aqui você vê informações do seu Banco de Leite

## Dados cadastrais do BLH

Os dados cadastrais do Banco de Leite Humano são inseridos no Sistema pelo Núcleo de Gestão e Informação da RedeBLH no momento do seu cadastro e de acordo com as informações enviadas pelo Coordenador do BLH.

Clique no símbolo Gravar sempre que realizar alteração.

## Etapas 1ª, 2ª, 3ª e 4ª

Em todas estas quatro etapas o Coordenador do BLH é o responsável por incluir, alterar e/ou excluir as informações sobre horário de funcionamento, recursos humanos, condições ambientais e equipamentos do BLH.

Lembre-se de que é preciso clicar no símbolo que representa a ação que vai ser realizada.

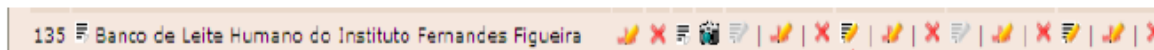



Para que seus dados fiquem no Sistema, clique no símbolo Incluir assim que concluir a inclusão de dados.



Na 2ª etapa - **Recursos Humanos**

O coordenador cadastra seus funcionários informando entre outros dados sua(s) área(s) de atuação e os cursos realizados por eles.



Clique no símbolo  para incluir Funcionário.

Administrador DESCONECTAR em: 18:57

## Rede Brasileira de Bancos de Leite Humano

Mantenedora: BLH | Posto: Produção | Auditoria

**INCLUIR DADOS DE FUNCIONÁRIOS - BLH** ← Voltar

Nome:  Ingresso:  Nível Escolar: ...

CPF:  RG:  Órgão Emissor:  Expedida em:

Telefone:  ( 00-0101-0101 ) E-mail:


Atividades:

Apoio  Administrativa  Assistência  Coleta  Processamento  Cont. Qualidade  Ensino

Ensino Médio: ... Ensino Superior: ...




Mestre em:  Título da Dissertação:

Doutor em:  Título da Tese:

 **Incluir**

---

**Pertencentes ao BLH Banco de Leite Humano do Instituto Fernandes Figueira** 12 Registro(s) encontrado(s).

	Funcionário(s)	Data de Ingresso	Nível Escolar	CURSOS
1	Aldair de Araújo Junior	01/01/1988	Ensino Médio	   (12)
2	Ana Carmem Machado B. Vianna	10/10/1996	Ensino Superior	   (1)
3	Annala Muniz Resaca	07/01/1987	Ensino Médio	   (0)


Preencha o formulário e clique em Incluir.

Para incluir curso, selecione o funcionário já cadastrado e

clique no símbolo

- incluir curso -



Clique no símbolo  para visualizar informações sobre curso.

Alterar

Para alterar dados do funcionário clique em 

Sempre que for necessário alterar dados sobre curso do funcionário, clicar no círculo correspondente ao nome e no símbolo alterar



Não esquecendo de clicar em Gravar

### Funcionário Inativo

Quando o funcionário deixar de exercer atividades no BLH ele deve ser excluído.

Clique ao lado do nome e no símbolo Excluir.



Funcionário(s)	Nível Escolar	Ações
<input type="checkbox"/> Aldir de Araújo Junior	Ensino Médio	X   P (12)
<input type="checkbox"/> Ana Carmem Machado S. Vianna	Ensino Superior	X   P (1)
<input type="checkbox"/> Angela Nuno Sees	Ensino Médio	X   P (8)
<input type="checkbox"/> Cláudia Maria Martins Duarte	Ensino Médio	X   P (2210)
<input type="checkbox"/> Danielle Aparecida de Silva	Ensino Superior	X   P (4)
<input type="checkbox"/> Franz Reis Novak	Doutorado	X   P (1610)

Os dados desse funcionário serão transferidos para o cadastro de Inativos.

A 3ª etapa é referente as **Condições Ambientais** do Banco de Leite.  
Há uma relação de áreas físicas e, o coordenador deve assinalar se o BLH possui ou não cada uma delas.  
Quando sim, a metragem e os revestimentos deverão ser informados.

Ao clicar no símbolo Incluir correspondente a 3ª etapa, surge na tela o formulário:

ETAPAS *				
Ref. BLH	1a	2a	3a	4a

Não esqueça de clicar em Gravar após o preenchimento.

Rede Brasileira de Bancos de Leite Humano

Administrador DESCONECTAR em: 13:48

Manutenção BLH Posto Produção Auditoria

INCLUIR OS ITENS DE CONDIÇÕES AMBIENTAIS - BLH

Observar a forma de preenchimento dos Campos - Completar e salvar (Novo, At - Consultar e Equipamentos) após clicar em Gravar.

Gravar

Condição Ambiental:	Área Física	Presença	Medidas Químicas	Revestimentos (pisos, paredes, etc.)
Área para registro e triagem de doadoras		<input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não		
Sala de preparo da doadora		<input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não		
Área de coleta externa		<input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não		
Arquivo de doadoras		<input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não		
Sala para coleta		<input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não		
Sala para processamento, estocagem e distribuição de leite		<input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não		
Laboratório de Controle de Qualidade		<input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não		
Sala para lactantes acompanhantes		<input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não		

Copyright © Julho 2009 - L.L.L.L.L. Rede Brasileira de Bancos de Leite Humano - Páccos

#### 4ª Etapa - Equipamentos itens essenciais do BLH:

Para descrever os equipamentos e os itens essenciais, clique no Incluir da 4ª etapa.

Rede Brasileira de Bancos de Leite Humano

Administrador DESCONECTAR em: 13:48

Manutenção BLH Posto Produção Auditoria

INCLUIR DADOS DE EQUIPAMENTOS - BLH

Equipamento:

Marca:  Modelo:  Ano de fabricação:

Incluir

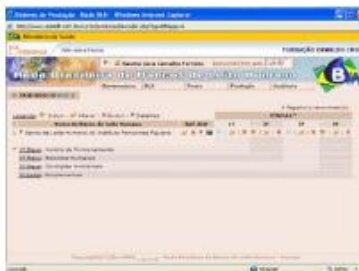
Após a inclusão de um equipamento clicar em Incluir.

Surge na tela o formulário limpo para a inclusão de mais um equipamento, se desejar.

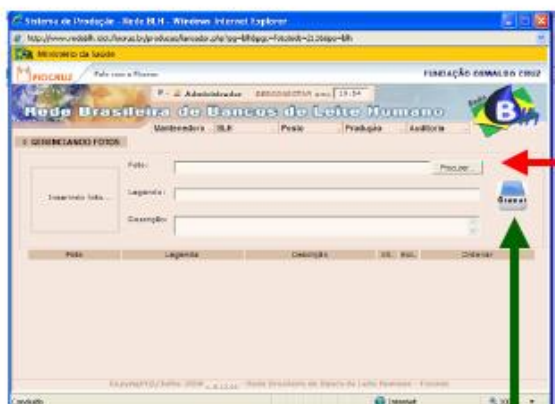
#### O que cadastrar aqui?

O coordenador deve cadastrar todos os equipamentos e itens essenciais utilizados na rotina do trabalho desenvolvido no seu Bancos de Leite.

Inclua imagens/fotos do Banco de Leite Humano.



Clique na na imagem da máquina fotográfica



Clique em procurar e escolha em seus arquivos a imagem que deseja incluir.

Digite a legenda.

Digite uma descrição para a imagem.

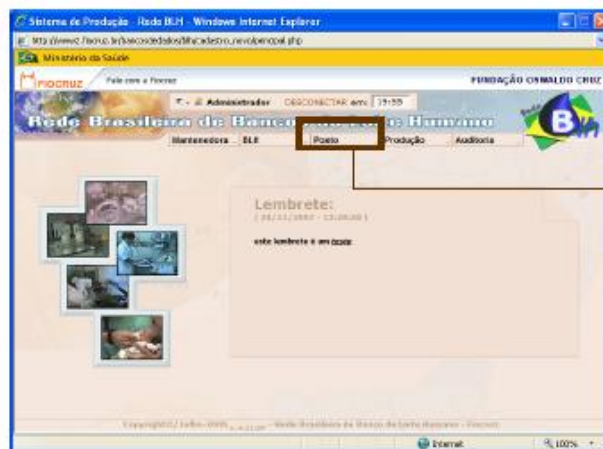
Não esqueça de clicar em Gravar.

Você poderá incluir até 8 imagens.

As imagens incluídas serão visualizadas no Portal da RedeBLH.

As imagens podem ser incluídas também para os Postos de Coleta.

	JAN	FEV	MAR	ABR	MAY	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	TOTAL
Apoio em Grupo	24	93	103	61	55	66	45	109					634
Apoio Individual	1088	1284	1170	1379	1325	1050	884	942					8000
Visita Domiciliar	340	285	284	308	338	351	312	303					2500



Postos

Acesso aos dados do(s) Posto(s) de Coleta vinculado(s) ao seu BLH

Quando o Banco de Leite possui vínculo com Posto(s) de Coleta, o Coordenador realiza o seu cadastramento.



Clicando em **Posto e Incluir**

Surge o formulário abaixo

**INCLUIR UM POSTO DE COLETA**

- Preencher todos os Campos Obrigatórios do Cadastro.
- Observar a forma de preenchimento dos Campos.
- Completar o cadastro (Número, RM, Cond. Ambiental e Equipamento) após clicar em Gravar.

Nome do BLH ao qual o Posto de Coleta será vinculado:

Nome do Posto de Coleta:

Endereço:  Número:  Complemento:  Bairro:

Cidade:  UF:  CEP:   Igual ao BLH.

Telefone:  (00-0000-0000) DDD:  Fax:  (00-0000-0000) Tem acesso a Internet:  Sim  Não

E-mail:

Copyright © Julho 2005 - 4.1.1.02 - Rede Brasileira de Bancos de Leite Humano - Flórida

Nele são incluídos os dados do Posto de Coleta.

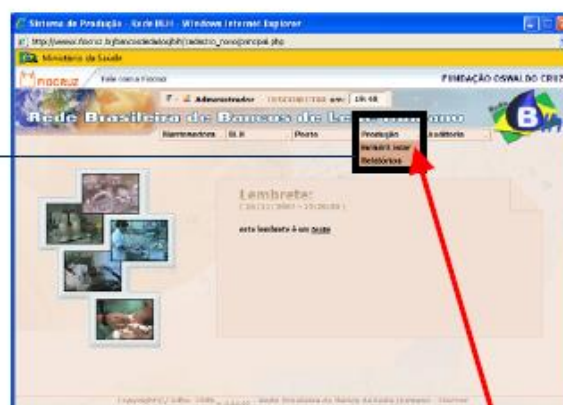
Não esqueça de clicar em Gravar após o preenchimento.



O módulo **Posto** contém as mesmas etapas do módulo BLH, por isso, para incluir, alterar ou excluir os dados, as orientações são iguais as do módulo BLH.

## Produção

Acesso aos dados de Produção do seu BLH



No módulo **Produção** o Coordenador inclui, altera ou exclui, além de poder visualizar os dados de produção do BLH através de relatórios.

Os dados são incluídos mês a mês através do formulário que aparece na tela ao clicar Incluir.

Nesta tela é escolhido se os dados são do BLH ou do Posto, o ano e o mês correspondente.



Na tela seguinte os dados são incluídos ou alterados.

**Atenção:**

Os volumes de leite são informados em litros com uma casa decimal, utilizando a vírgula como separador.

Para incluir o leite transferido clique no sinal **+**

Uma tela é aberta e deve ser informado se o leite humano foi transferido para um BLH ou para um Posto de Coleta.


1 - Selecione o nome do BLH ou Posto;


2 - Indique a quantidade em litros com uma casa decimal, utilizando a vírgula como separador;

3 - Clique em Incluir;

4 - Clique em fechar.

O **leite recebido** não é incluído, ele pode ser visualizado imediatamente após ter sido informado pelo BLH ou Posto de Coleta que o transferiu.

Para visualizar o leite recebido clique no sinal 

Ao término da inclusão ou alteração dos dados clique em Gravar 

## Relatórios

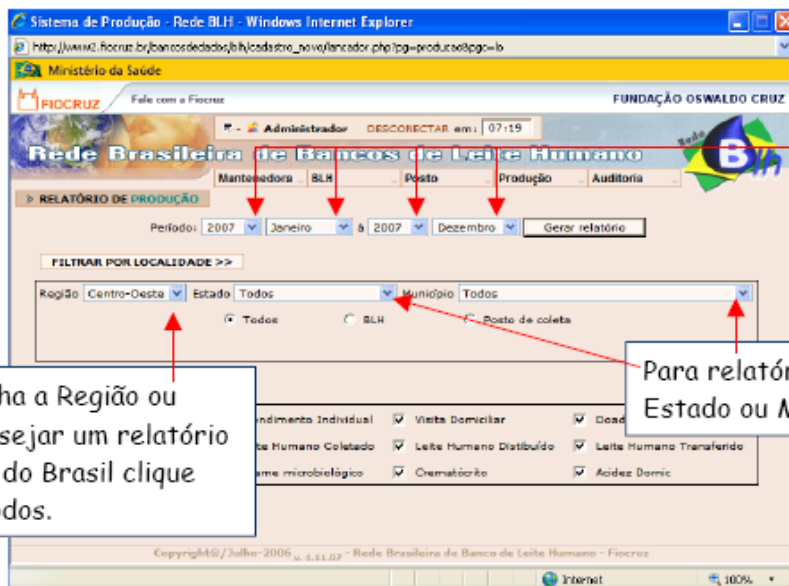
No módulo **Produção** é possível acessar os dados de produção através de relatórios.



Clique em **Relatórios**

E faça suas escolhas na tela que se abre

É possível criar relatórios por Região, Estado, Município, Banco de Leite, Posto de Coleta ou total Brasil.



Selecione o período desejado

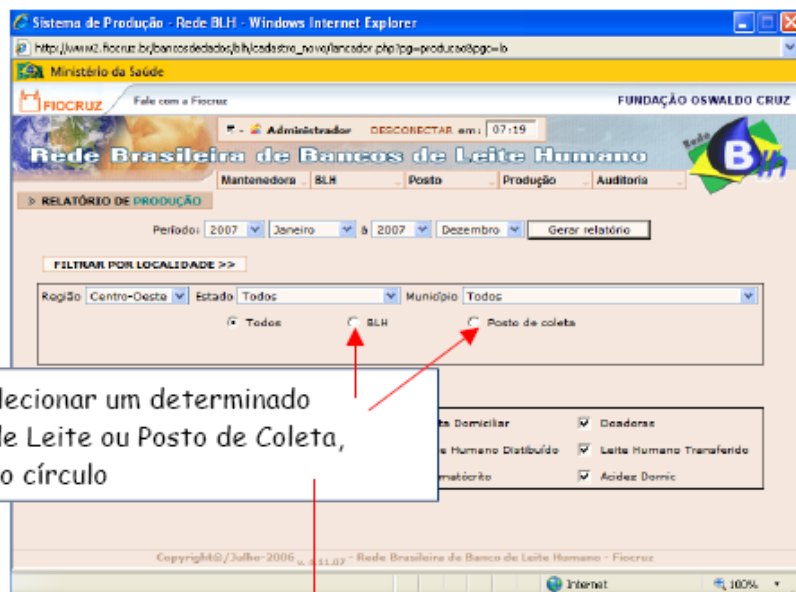
Clique nas setas e escolha ano e mês.

Escolha a Região ou se desejar um relatório geral do Brasil clique em todos.

Para relatórios por Estado ou Município



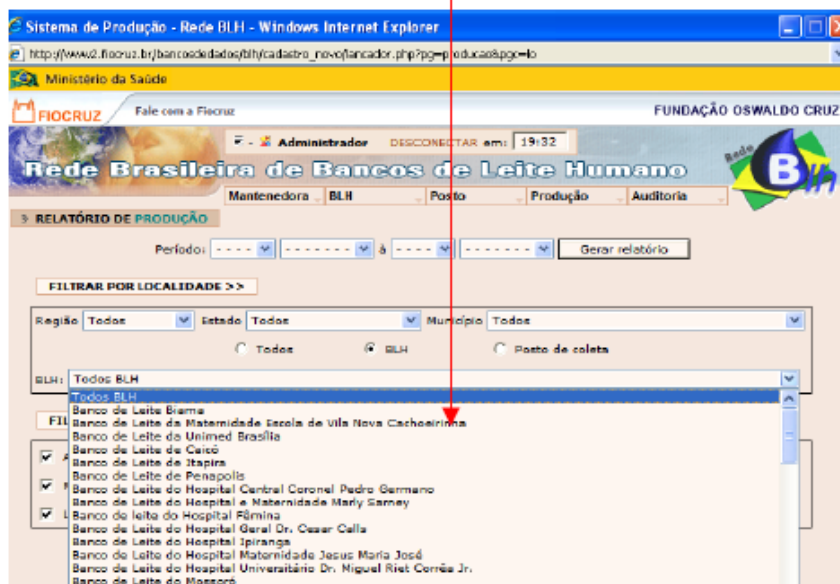
## Relatórios



Para selecionar um determinado Banco de Leite ou Posto de Coleta, clique no círculo

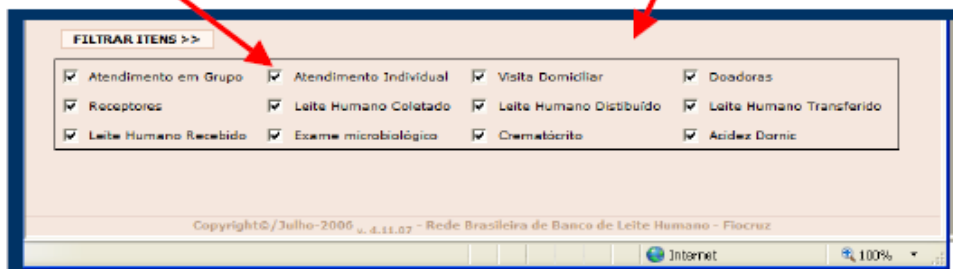
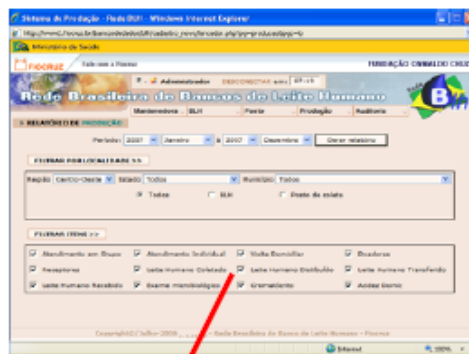
Surge uma relação de Bancos de Leite ou Postos de Coleta.

Selecione clicando na opção desejada

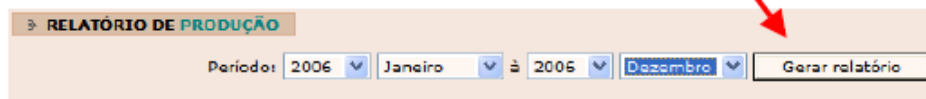


Os Relatórios podem ser gerados contendo todos os itens ou apenas os selecionados pelo usuário.

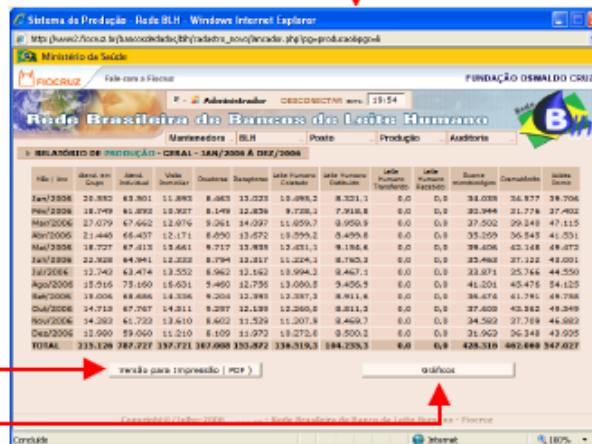
Para escolher os itens marque aqueles que deseja.



Após fazer suas opções para o Relatório clique em **Gerar Relatório**



O Relatório é imediatamente gerado na tela

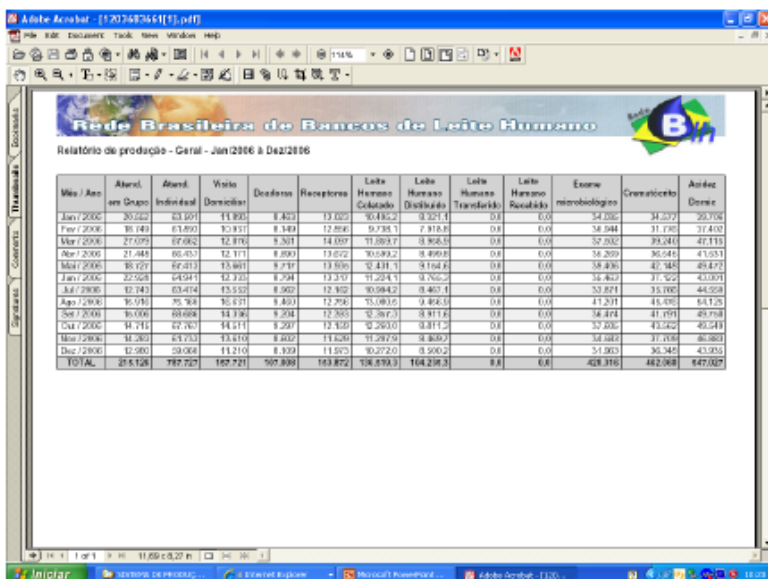


O mesmo Relatório pode ser visualizado no formato pdf,

Tabela e Gráfico

No formato pdf os Relatórios são salvos ou impressos com facilidade.

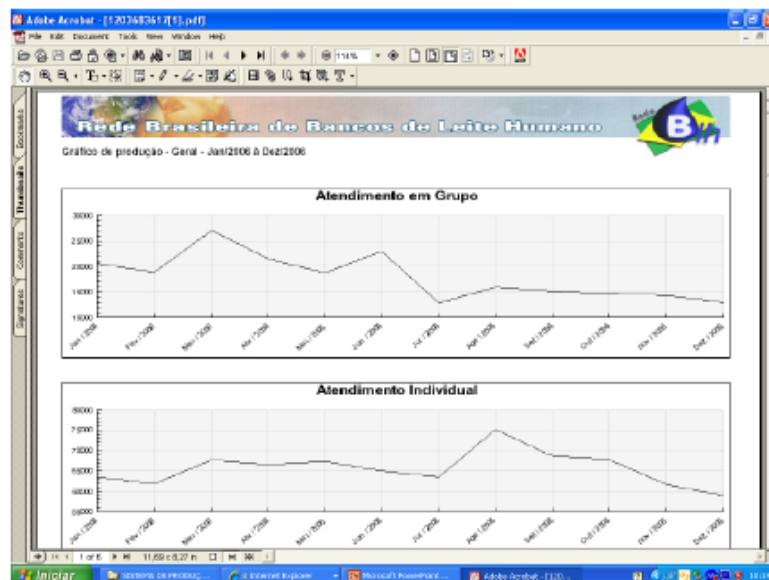
**Tabela** →



Relatório de produção - Geral - Jan/2006 a Dez/2006

Mês / Ano	Atend. em Grupo	Atend. Individual	Visão	Doadores	Receptores	Leite Humano Colado	Leite Humano Distribuído	Leite Humano Transferido	Leite Humano Recebido	Exame microbiológico	Gravidade	Atend. Domic
Jan/2006	20.222	63.191	11.805	8.423	13.025	30.482,2	9.321,9	0,0	0,0	34.086	34.207	26.705
Feb/2006	35.149	61.690	32.937	8.149	12.856	59.735,7	7.918,8	0,0	0,0	38.044	31.795	27.410
Mar/2006	27.099	57.662	32.876	8.301	14.097	11.889,7	8.968,5	0,0	0,0	32.067	39.446	47.715
Abr/2006	21.448	66.053	12.171	8.669	13.622	90.892,2	8.496,8	0,0	0,0	34.209	36.046	41.031
Mai/2006	35.727	67.413	35.861	9.717	13.536	32.411,3	9.164,6	0,0	0,0	38.436	47.345	49.472
Jun/2006	22.568	64.941	32.334	8.294	13.337	11.294,3	9.766,5	0,0	0,0	34.462	37.522	43.001
Jul/2006	42.143	63.414	45.552	8.262	12.922	90.984,2	8.463,4	0,0	0,0	32.821	35.702	44.258
Ago/2006	35.976	75.784	36.071	8.403	12.298	73.081,6	9.424,4	0,0	0,0	41.201	48.076	54.125
Set/2006	36.000	68.669	34.136	9.264	12.885	32.387,3	9.911,6	0,0	0,0	34.474	41.191	49.778
Out/2006	34.715	67.767	44.411	9.297	12.420	32.283,0	9.811,5	0,0	0,0	32.006	43.442	46.243
Nov/2006	31.265	67.733	34.106	8.602	11.620	11.297,9	8.869,2	0,0	0,0	34.087	37.036	46.860
Dez/2006	42.061	59.044	11.216	8.199	11.673	80.272,0	8.500,2	0,0	0,0	31.063	36.345	43.035
<b>TOTAL</b>	<b>25.5128</b>	<b>782.727</b>	<b>162.721</b>	<b>107.898</b>	<b>163.872</b>	<b>738.876,3</b>	<b>164.236,3</b>	<b>0,0</b>	<b>0,0</b>	<b>428.316</b>	<b>482.048</b>	<b>547.027</b>

→ **Gráfico**



Sistema de Produção - Rede BLH - Windows Internet Explorer  
http://www2.fiocruz.br/bancosdedados/blh/cadastro/principal.php

Ministério da Saúde  
FIOCRUZ Fale com a FioCruz FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ

Administrador DESCONECTAR em: 17:34

Rede Brasileira de Bancos de Leite Humano

Mantenedora BLH Posto Produção Auditoria

Incluir/Excluir  
Relatórios  
Gráficos

Lembrete:  
( 00/00/2000 - 00:01:00 )

Ola!

Você já cadastrou seus funcionários? E seus Pontos de Coleta?

Que tal atualizar os dados do seu Banco de Leite Humano e Posto de Coleta e lembrar aos outros coordenadores do seu Estado que façam o mesmo?

Copyright © Julho 2000 - 2003 - Rede Brasileira de Bancos de Leite Humano - FioCruz

http://www2.fiocruz.br/bancosdedados/blh/cadastro/principal.php?pg=grafic

Gráficos  
Comparativos

No módulo **Produção**  
é possível fazer  
**comparações** entre  
BLH, Município,  
Estado e Região.

Clique em **GRÁFICOS**

E faça suas escolhas na próxima tela

## Gráficos Comparativos

É possível comparar os dados por Região, Estado, Município, Banco de Leite, Posto de Coleta e total Brasil

Seleção de período desejado

Escolha um dos modos mensal ou consolidado

Seleção de Região, Estado, Município e BLH ou Posto de Coleta.

Para incluir - clique 2 vezes sobre o item

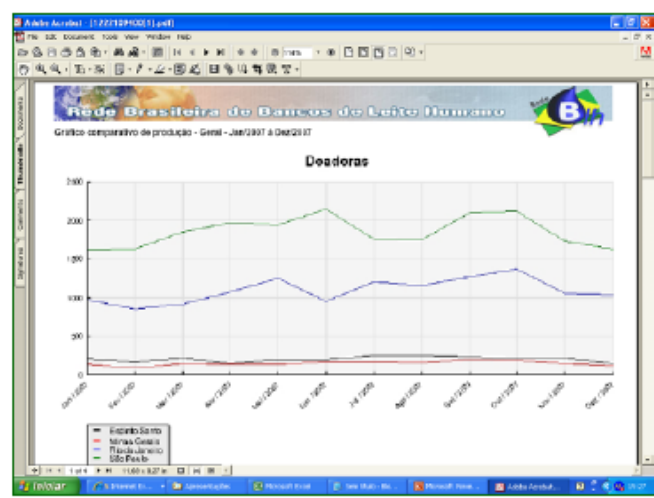
Os selecionados surgem na janela logo abaixo

Marque o item do relatório que deseja

Após fazer suas opções para o gráfico clique em **Gerar Gráfico**

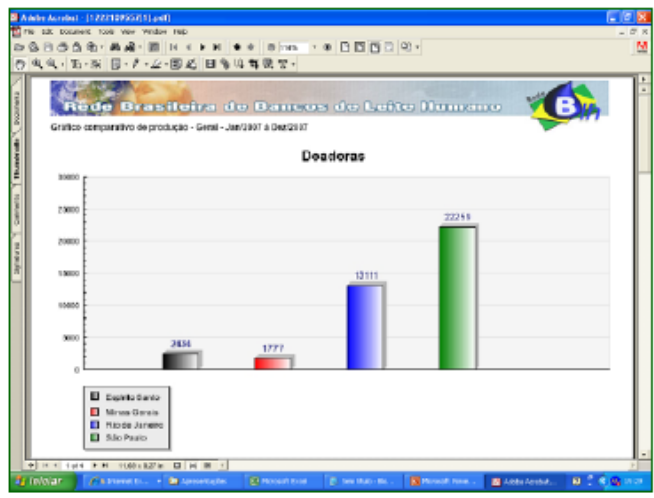
Os Gráficos são gerados em pdf

Com 2 formatos



← MENSAL

CONSOLIDADO →



## Auditoria

Acesso  
aos dados  
Inativos  
do BLH



Esse módulo mostra os funcionários que foram excluídos.



### Fique atento aos símbolos

Clique no símbolo  
Tornar Ativo quando o  
funcionário retornar ao  
BLH ou Posto de Coleta.

Exclusão  
definitiva  
do Sistema.

Visualizar  
detalhes do  
cadastro do  
funcionário.

Descreva a data do  
retorno do funcionário  
e clique em Gravar

Imediatamente os  
dados desse funcionário  
retornam ao cadastro  
de Recursos Humanos  
do BLH ou Posto.



O Relatório de Produção apresenta dados mensais e um total que é a soma automática dos meses incluídos.

**Como totalizar a produção para incluir cada variável do relatório?**

VAMOS ANALISAR CADA VARIÁVEL DO RELATÓRIO DE PRODUÇÃO:

### 1 - ATENDIMENTO EM GRUPO

O QUE SIGNIFICA?

Atividade realizada **por profissional do BLH/Posto de Coleta**, seja de nível médio ou superior, **sob a forma de grupo**. Essa atividade pode ser realizada fora do ambiente do Banco de Leite.

COMO TOTALIZAR O MÊS?

O nº de "ATENDIMENTO EM GRUPO" representa a soma de clientes que participaram de cada grupo realizado. Sendo assim, devemos contar a cada grupo realizado o número de participantes e **no final do mês somar todos os participantes daquele mês**.

### 2- ATENDIMENTO INDIVIDUAL

O QUE SIGNIFICA?

Atividade realizada por **profissional do BLH/Posto de Coleta**, seja de nível médio ou superior, **de forma individual a mulher e/ou a criança**. Podendo ser uma consulta, orientação ou um procedimento.

COMO TOTALIZAR O MÊS?

O nº de "ATENDIMENTO INDIVIDUAL" representa a soma desses atendimentos, independente de ter sido realizado para a mesma pessoa em momentos diferentes. No atendimento individual um profissional do BLH dedicou-se na assistência de uma mulher ou uma criança ou ainda, uma dupla mãe e filho. Então, devemos contar cada atendimento como um (seja mulher; criança ou mãe e filho) e **no final do mês somar todos os atendimentos individuais**.



### 3 - VISITA DOMICILIAR

#### O QUE SIGNIFICA?

Visita domiciliar à doadora **realizada por profissional ou parceiro do BLH/Posto de Coleta.**

#### COMO TOTALIZAR O MÊS?

O nº de "VISITA DOMICILIAR" representa a soma das visitas realizadas no mês, independente de ter ocorrido no domicílio da mesma doadora. Para totalizar devemos contar quantas visitas domiciliares foram feitas a cada dia e **no final do mês somar todas as visitas.**

### 4 - DOADORAS

#### O QUE SIGNIFICA?

Nutrizes **doadoras que doaram leite humano para o BLH/Posto de Coleta no mês.**

#### COMO TOTALIZAR O MÊS?

O nº de "DOADORAS" representa a soma das doadoras do BLH/Posto de Coleta que doaram leite humano no mês, independente do número de vezes e do volume doado. Portanto, refere-se ao número de doadoras e não de doação. Sendo assim, devemos **contar cada doadora como uma e no final do mês somar todas que doaram naquele período.**

## 5 - RECEPTORES

### O QUE SIGNIFICA?

Receptores são **crianças que receberam leite humano pasteurizado no BLH.**

Consideramos também que receptores são **crianças que recebam leite humano cru, exclusivamente doado por sua própria mãe em ordenha conduzida em condições controladas e sob a responsabilidade do Banco de Leite Humano.**

### COMO TOTALIZAR O MÊS?

O nº de "RECEPTORES" representa a soma das crianças que receberam naquele mês leite humano pasteurizado ou leite humano cru da sua própria mãe, independente do número de vezes e do volume recebido. Sendo assim, devemos **contar cada receptor como um e no final do mês somar todos que receberam leite humano naquele período.**

## 6 - LEITE HUMANO COLETADO

### O QUE SIGNIFICA?

Leite Humano Ordenhado Cru (LHOC) **coletado sob a responsabilidade do BLH/Posto de Coleta**, em ambiente interno ou externo ao BLH/Posto de Coleta.

### COMO TOTALIZAR O MÊS?

"LEITE COLETADO" representa o **volume total, em litros, de Leite Humano Ordenhado Cru coletado** naquele mês sob a responsabilidade do BLH/Posto de Coleta. Para totalizar devemos somar os volumes doados naquele mês.

## 7 - LEITE HUMANO DISTRIBUÍDO

### O QUE SIGNIFICA?

O volume de Leite Humano Ordenhado Pasteurizado (LHOP) distribuído para um receptor do BLH/Posto de Coleta.

Consideramos também nessa variável o Leite Humano Ordenhado Cru (LHOC) distribuído da mãe (doadora exclusiva do BLH/Posto de Coleta) para seu próprio filho (receptor do BLH/Posto de Coleta), desde que a ordenha tenha sido conduzida em condições controladas e sob a responsabilidade do Banco de Leite Humano/Posto de Coleta.

### COMO TOTALIZAR O MÊS?

O volume de "LEITE DISTRIBUÍDO" representa o volume total, em litros, de leite humano distribuído no mês, para receptor cadastrado no BLH/Posto de Coleta. Para totalizar devemos somar os volumes distribuídos naquele mês.

## 8 - LEITE HUMANO TRANSFERIDO

### O QUE SIGNIFICA?

Trata-se do Leite Humano Ordenhado Cru (LHOC) coletado sob a responsabilidade do BLH/Posto de Coleta e transferido para um Banco de Leite Humano para ser processado.

Consideramos também o Leite Humano Ordenhado Pasteurizado (LHOP) transferido de um BLH para outro BLH ou Posto de Coleta com a finalidade de ser distribuído.

### COMO TOTALIZAR O MÊS?

O volume de "LEITE TRANSFERIDO" representa o volume total, em litros, de leite humano coletado e transferido para um BLH ou Posto de Coleta. Esta variável é incluída no Sistema discriminado por BLH/Posto Coleta que recebeu o leite humano. O Sistema totaliza e mostra o resultado.

## 9 - LEITE HUMANO RECEBIDO

### O QUE SIGNIFICA?

Trata-se do Leite Humano Ordenhado Cru (LHOC) recebido em um BLH para ser processado, vindo de outro BLH ou de Posto de Coleta.

Consideramos também o Leite Humano Ordenhado Pasteurizado (LHOP) recebido em um BLH/Posto de Coleta, vindo de outro BLH para ser distribuído.

### COMO TOTALIZAR O MÊS?

O volume de "LEITE RECEBIDO" representa o volume total, em litros, de leite humano recebido no mês em um BLH/Posto de Coleta. Esta variável não é incluída no Sistema pela BLH/Posto de Coleta que recebeu o leite humano. O Sistema faz esta inclusão de forma automática a partir do dado do BLH/Posto de Coleta que transferiu o leite humano.

## 10 - EXAME MICROBIOLÓGICO

### O QUE SIGNIFICA?

Trata-se de teste simplificado para detecção de coliformes totais. Realizado com amostra (4ml) coletada de cada frasco de LHO pasteurizado.

### COMO TOTALIZAR O MÊS?

O número de "EXAME MICROBIOLÓGICO" representa a soma de testes microbiológicos realizados. Para totalizar devemos somar cada teste ocorrido no mês.

## 11 - CREMATÓCRITO

O QUE SIGNIFICA?

**Técnica analítica para determinação do teor de creme**, que permite o cálculo do teor de gordura e do conteúdo energético do leite humano ordenhado. Realizada com amostra coletada de cada frasco de LHO cru.

COMO TOTALIZAR O MÊS?

O número de "CREMATÓCRITO" representa a soma de amostras analisadas. A triplicada é um procedimento analítico referente a uma amostra e não significa três análises, apenas uma. Sendo assim, **devemos somar o número de amostras analisadas.**

## 12 - ACIDEZ DORNIC

O QUE SIGNIFICA?

**Técnica para determinação da acidez titulável, método Dornic.** Realizada com amostra coletada de cada frasco de LHO cru.

COMO TOTALIZAR O MÊS?

O número de "ACIDEZ DORNIC" representa a soma de amostras analisadas. A triplicada é um procedimento analítico referente a uma amostra e não significa três análises, apenas uma. Sendo assim, **devemos somar o número de amostras analisadas.**

---

Esse manual foi confeccionado para auxiliar no uso do Sistema.

Em caso de dúvida entre em contato com o Núcleo de Informação e Gestão da RedeBLH.

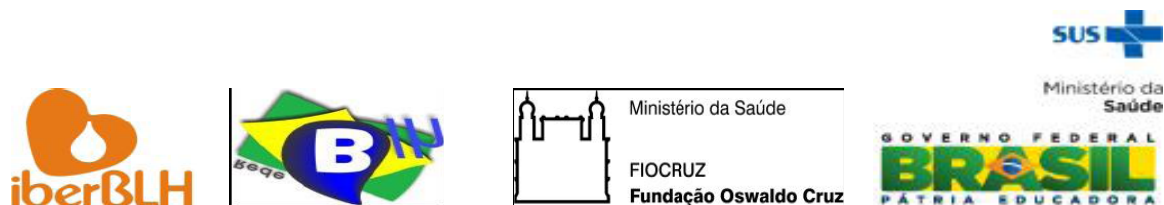
**Nossos contatos:**

"FALE CONOSCO" - acessando o portal da RedeBLH <http://www.redeblh.fiocruz.br>

E mail: [redelbh@fiocruz.br](mailto:redelbh@fiocruz.br)

Telefone: 21- 2554-1889

## ANEXO J – Edital de Convocação do Credenciamento de Bancos de Leite Humano-2015



Rio de Janeiro, 23/03/2015

Programa de Credenciamento de Bancos de Leite Humano - 2015

## **Edital de Convocação do Credenciamento**

### **1. Do Objeto**

Credenciamento de Bancos de Leite Humano no Programa Ibero-americano de Bancos de Leite Humano (IBERBLH).

### **2. Da proposta de credenciamento**

2.1 - Para se habilitar ao credenciamento, o BLH interessado deverá ter sido cadastrado no Sistema de Produção da rBLH-Br, até dezembro de 2014.

2.2 - O Centro de Referência Estadual para Bancos de Leite Humano deverá encaminhar para o e-mail da rBLH-Br (redebhlh@fiocruz.br), **até 30/04/2015**, a relação dos BLH de seu Estado que irão participar do processo de credenciamento.

2.3 - Cumprida a etapa 2.2, o Núcleo de Gestão e Informação da rBLH-Br vai encaminhar para as Referências Estaduais, por meio eletrônico, uma análise da situação cadastral, junto ao Sistema de produção, de cada BLH indicado para o processo de credenciamento. Tal documento vai apontar as informações cadastrais que necessitam de correção e/ou preenchimento no sistema.

### **3. Da Habilitação**

3.1 - Habilitação ocorrerá mediante a avaliação das informações registradas no Sistema de Informação da rBLH-Br durante os meses de: **Julho de 2014 a Junho de 2015**. Para tanto o BLH deverá:

3.1.1 - Ter preenchido todas as informações relativas ao módulo de cadastro no Sistema de Produção da rBLH-Br - ver manual de instruções em:

**<http://www.redeblh.fiocruz.br/media/msirblh.pdf>**


3.1.2 - Ter preenchido todas as informações relativas à produção para os meses de **Julho de 2014 a Junho de 2015** - ver manual de instruções em:

**<http://www.redeblh.fiocruz.br/media/msirblh.pdf>**

#### **4. Da Homologação**

4.1 - Serão homologados os Bancos de Leite Humano que apresentarem frequência de preenchimento e consistência das informações no período estabelecido neste edital. Os Bancos de Leite homologados serão credenciados nas categorias: A = Ouro, B = Prata ou C = Bronze.

4.2 - O credenciamento será homologado com a entrega de um certificado emitido pelo Programa Ibero-americano de Bancos de Leite Humano. A formalização do credenciamento ocorrerá no mês de setembro de 2015. A ocorrência de situação não prevista nesse edital será encaminhada, para deliberação, ao Comitê Gestor do Credenciamento 2015, indicado pela Comissão Nacional de Bancos de Leite Humano.



João Aprígio Guerra de Almeida  
Coordenador da rBLH-Br  
Coordenador do Programa IberBLH